

# Latinidade

Revista do Núcleo de Estudos das Américas

Volume 12 • Número 1 • Janeiro – Julho 2020



## DOSSIÊ

*Sistema Mundo y el fascismo energético*

Dejan Mihailovich

## RESENHA

*Flor y canto de Metzxicco.*

Óscar Barboza Lizano

# Latinidade

Revista do Núcleo de Estudos das Américas

Volume 12 • Número 1 • Janeiro – Junho 2020

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**Reitor**

Ricardo Lodi Ribeiro

**Vice-reitor**

Mário Sérgio Carneiro

**Pró-reitoria de Graduação – PR1**

Lincoln Tavares Silva

**Pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa – PR2**

Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

**Pró-reitora de Extensão e Cultura – PR3**

Cláudia Gonçalves de Lima

**Pró-reitoria de Políticas e Assistência Estudantis – PR4**

Catia Antonia da Silva

**Centro de Ciências Sociais – CCS**

**Diretor**

Dirce Eleonora Nigro Solis

**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH**

**Diretor**

Jaime Antunes da Silva

**Faculdade de Direito**

**Diretora**

Heloisa Helena Gomes Barboza

**Núcleo de Estudos das Américas – NUCLEAS**

**Coordenadores**

Maria Teresa Toribio B. Lemos

Alexis T. Dantas

Paulo Roberto Gomes Seda

CATALOGAÇÃO NA FONTE

UERJ/REDE SIRIUS/CCS/A



L357      **Latinidade. – Janeiro-Junho 2020 – Rio de Janeiro : UERJ. IFCH.**  
            **Nucleas, 2020**  
            v. ; il.  
            288 p.  
  
            Semestral  
            Inclui bibliografia

1. América Latina – Periódicos. 2. Ciências sociais – Periódicos.  
I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e  
Ciências Humanas. Núcleo de Estudos das Américas.

CDU 3(05)

**Editor Responsável:**

Maria Teresa Toribio B. Lemos

**Conselho Editorial:**

Alexis T. Dantas – UERJ  
Carlos Juárez Centeno – UNC  
Dejan Mihailovic – TEC/Monterrey  
Katarzyna Dembicz – CESLA  
Lená Medeiros de Menezes – UERJ  
Johannes Maerk -Ideaz Institute – Viena  
Mauricio Mota – UERJ  
Nilson Alves de Moraes – UNIRIO  
Tania Maria Carvalho Netto – UERJ  
Óscar Barboza Lizano – Facultad de Artes Liberales y Liberales – UW  
Zdzislaw Malczewskis – Scr. – Paraná

**Conselho Consultivo**

Raimundo Lopes Matos – UESB  
Paulo Roberto Gomes Seda – UERJ  
Andre Luis Toribio Dantas – UERJ/FAETEC  
Eduardo Antonio Parga – UGF  
Fernando Rodrigues – USS  
Alexandre Dumans – UCAM  
Maria Medianeira Padoin – UFSM  
Marianna Abramova – Academia Financeira/Gov. Moscou  
Sergey V. Ryazantsev – ISPR/RAS/Moscou  
Adalberto Santana – UNAM  
Irina Vershinina – Inst. Latinoamericano/Universidad Lomonosov  
Henrique Shaw – UNC

**Editoração Eletrônica**

Ana Luiza da Silva Vieira Novo – Bolsista PIBIT – NUCLEAS/UERJ

**Revisão:** A revisão dos textos é de  
responsabilidade dos autores.

**CAPES**

Coordenação de  
Aperfeiçoamento de Pessoal de  
Nível Superior

Beneficiário de auxílio financeiro da  
CAPES – Brasil  
Programa de Apoio a Projetos  
Institucionais com a Participação de  
Recém-Doutores (PRODOC)



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



## **Apresentação**

A Revista *Latinidade* se caracteriza pelos estudos das sociedades americanas, priorizando as linhas de pesquisa Política e Cultura, Política e sociedade, Economia e Relações Internacionais, além de Saúde e Educação. Os estudos sobre cultura política atendem aos Grupos de trabalho/ GT do Núcleo de Estudos das Américas/Nucleas, do Laboratório de Estudos das Américas/LEPAS e dos latinoamericanistas do país e do exterior.

A Revista *Latinidade* é assessorada por pareceristas, professores da UERJ/Universidade do Estado do Rio de Janeiro e colaboradores de outras universidades do Estado do Rio de Janeiro e do país, como professores da UFRJ/Universidade Federal do Rio de Janeiro; UNIRIO/ Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; UFSM/Universidade Federal de Santa Maria, entre outras instituições de ensino superior. Destacam-se entre os pareceristas os professores Drs. Elias Marco Kalil Jabbour (UERJ), Nilson Moraes (UNIRIO), Luiz Carlos Borges (MAST), Dejan Mihailovic (TEC/Monterrey), André Luis Toribio Dantas (UERJ/FAETEC) e Ximena Antonia Diaz Merino (UFRRJ).

No final dos artigos encontram-se as datas de recebimento e aprovação dos textos entregues para publicar.

Os volumes da Revista *Latinidade* publicados a partir de 2012 apresentam alterações em sua estrutura. Foram acrescentados à publicação: dossiê, resenha, comunicações e estudos de caso, além do Sistema de Editoração Eletrônica.

Maria Teresa Toribio Brittes Lemos  
Alexis T. Dantas  
Organizadores



## **Linha Editorial**

A Revista LATINIDADE é uma publicação do Núcleo de Estudos das Américas (NUCLEAS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Está indexada ao LATININDEX desde 2012. Reúne textos de pesquisadores, professores, alunos de pós-graduação e estudiosos latinoamericanistas, do país e do exterior. A Revista mantém circulação semestral e mais um número Especial, por ano.

A Linha Editorial atende aos Grupos de Trabalho –GT do NUCLEAS e segue às Linhas de Pesquisa cadastradas nos Grupos de pesquisa – GRpesq do CNPq, como Política e Cultura, Política e Sociedade, Sociedade e Economia, Saúde e Educação, Relações Internacionais e Economia e Integração.

A Revista possui, além da Comissão Científica e Conselho Editorial, um corpo de professores pareceristas da universidade e externos, vinculados às demais instituições do país. A partir do primeiro semestre de 2012 sofreu alterações em sua estrutura com acréscimo de um dossiê e uma resenha, que além de complementar a proposta acadêmica, garante o rigor epistemológico da produção. A partir de 2014 a Revista também apresenta o Sistema de Editoração Eletrônica: Site <http://www.nucleasuerj.com.br/home/latinidade/index.php> e Portal da UERJ.

## Sumário

Apresentação	05
Linha Editorial	07
<b>DOSSIÊ</b>	
Sistema Mundo y el fascismo energético <i>Dejan Mihailovich</i>	11
<b>RESENHA</b>	
BERTOLINI MIRANDA, Humberto (Cipaktonaltzin). <i>Flor y canto de Metzxikko.</i> Óscar Barboza Lizano	29
<b>ARTIGOS</b>	
Determinantes de la competitividad de las ciudades en las cadenas globales de valor en el contexto de Centroamérica <i>Alvaro Martín Parada Gómez</i>	35
Novas abordagens geopolíticas em tempos de globalização: considerações sobre a gestão do petróleo no Brasil <i>Ciro Marques Reis</i>	61
Gestão escolar e a identidade negra: os desafios da implementação da Lei 10.639/2003 em tempos de incerteza <i>Isabela Regina Gonçalves</i>	113

**A invenção das tradições: a nordestinidade e suas representações** 131

*José Severino da Silva*

*Renato da Silva*

**Continuidades y rupturas en los centros y periferias historiográficas desde los años 90** 159

*Juan Manuel Santana*

*Israel Sanmartín*

**A disputa pelo habitar na cidade do Rio de Janeiro pelo viés da interseccionalidade -PUC/RJ** 199

*Manuela de Carvalho Meireles*

*Mariana Imbelloni Braga Albuquerque*

*Ana Carolina Brito Brandão*

*Élida de Oliveira Lauris dos Santos*

*Carolina Câmara Pires Santos*

*Caroline Rocha dos Santos*

**Autonomia na gestão escolar da rede pública municipal de ensino de São Mateus/ES** 245

*Sebastião Pimentel Franco*

*Roseli dos Santos Celestino*



## DOSSIÊ

### Sistema Mundo y el fascismo energético

**Dejan Mihailovich**  
TEC/Monterrey/Me

La creciente competencia por los recursos y los conflictos que de ella derivan marcarán el curso de las tendencias globales en el presente siglo. Sin embargo, ése no será el único factor a tomar en cuenta para explicar el origen de la inestabilidad y la crisis mundial generalizada. Rivalidades interétnicas, injusticias sociales, desigualdades económicas, fenómenos migratorios, diferentes formas de discriminación y marginación y, sobre todo, la explotación frenética de la mano de obra en escala global seguirán siendo las principales causas de un orden internacional altamente vulnerable a las amenazas de seguridad en todos los niveles. Es un panorama sombrío, poco alentador y sin mucha esperanza para el futuro. A continuación abordaré algunas premisas que nos obligan a redefinir las estrategias que hasta hoy no han podido enfrentar con éxito el daño masivo causado por la prolongada crisis del capitalismo contemporáneo.

1.- El régimen energético del sistema-mundo capitalista basado en la explotación de los recursos fósiles no renovables está en un franco declive. El mercado mundial de la geoconomía y el poder político-militar se conjugan geopolíticamente y con eso ponen en evidencia el progresivo deterioro de la democracia en los espacios institucionales del sistema internacional. La fusión acelerada de los poderes militares con los intereses corporativos de las grandes transnacionales carente de toda legitimidad genera la sensación de un viejo sueño de Mussolini hecho realidad: un

“mercado libre” cercado militarmente. Se trata de un proceso complejo cuya asombrosa continuidad se convirtió en una nueva “gran transformación” (Polanyi, una vez más) ocasionando: a) el desmantelamiento definitivo del Estado de Bienestar y su modelo de gestión político, económico y social; b) como consecuencia de lo anterior, el fin del concepto tradicional de soberanía protagonizada por el estado-nación; c) un giro conservador con respecto a la democracia y su reducción a la “ingeniería electoral” al servicio del gran capital y los intereses ajenos al *demos* tanto local como globalmente. Al mismo tiempo, transcurría la progresiva privatización de los bienes públicos en todas las escalas (local, estado-nacional, regional y global) afectando significativamente la seguridad humana y su relación con el desarrollo humano y los derechos humanos. Hoy en día existen, por lo menos, seis grandes amenazas a la seguridad humana cuyo denominador común son la competencia por los recursos naturales y el trasfondo geopolítico global. En primer lugar, se consideran las amenazas socioeconómicas que incluyen fenómenos como la pobreza, la migración, las enfermedades infecciosas y la degradación ambiental; el segundo lugar lo ocupan los conflictos interestatales, la mayoría de ellos latentes pero no por eso menos peligrosos; las tensiones internas con las más graves manifestaciones que incluyen desde la guerra civil, los crímenes de lesa humanidad hasta el genocidio, aparecen en el tercer lugar; el cuarto puesto pertenece a la industria armamentista y su correspondiente, cada vez menos controlada, compra-venta de armas de destrucción masiva; el terrorismo y su proyección global reservan el quinto lugar para, finalmente, cerrar la lista con el crimen organizado internacional a menudo alentado por la ausencia de un sistema de Estado de derecho en varios países. En suma, las guerras por los recursos y su escenario geopolítico seguirán afectando en las próximas décadas a los ámbitos de la

política internacional, la economía global y el sistema financiero mundial, siendo al mismo tiempo, el principal obstáculo para lograr el deseado equilibrio entre el desarrollo humano, la seguridad humana y los derechos humanos.

2.- Las consideraciones geoestratégicas para asegurar la provisión de los recursos estratégicos a largo plazo incluyen: el control de las regiones donde se extraen los mismos; el control de la cantidad ofertada en los mercados energéticos; el control de la logística y de las vías de transporte de los países productores a los países consumidores (principalmente oleoductos, gasoductos, buques petroleros y otros medios de transporte) y, finalmente; la influencia sobre los precios y la moneda utilizada para la facturación. Se trata de influir sobre cada uno de estos factores; los conflictos armados se realizan con el objetivo de garantizar, a largo plazo, el abastecimiento de los países industrializados a precios aceptables. Ocasionalmente, las guerras por los recursos aparecen disfrazadas de enfrentamientos internos debido a las diferencias político-ideológicas, étnicas o religiosas de carácter local. Esto a veces obliga a los países industrializados crear proyectos multilaterales incorporando también a los países productores, con el objetivo de diseñar nuevas estrategias de seguridad auspiciadas por los marcos institucionales de orden internacional ya existentes. En ese sentido habría que relacionar algunos ejemplos como la creación de la Agencia Internacional de Energía, surgida después de la famosa “crisis del petróleo” de 1973, con la nueva estrategia de seguridad de la OTAN en 1999 (guerra de Kosovo), y la formación de la alianza contra el terrorismo global a partir de 2001 (guerra de Afganistán). Sin embargo, en algunos casos las potencias occidentales (Estados Unidos, principalmente) se adjudican el derecho de preservar su seguridad energética mediante

estrategias completamente unilaterales<sup>1</sup>. Dichas prácticas aumentarán la posibilidad de un enfrentamiento cada vez más pronunciado (aunque no necesariamente militar) entre las superpotencias y los bloques hegemónicos para asegurarse las ventajas que les permitieran, en última instancia, gobernar el mundo. En ese sentido la seguridad energética se tornará el punto crucial de la seguridad nacional para los países potencias, de modo que los mismos se verán obligados a regular el nivel de la demanda para, de esta manera, enfrentar las carencias. Todo indica que en un futuro no tan lejano asistiremos a la intensificación de la rivalidad energética entre, los Estados Unidos y sus aliados europeos en contra de China, India, Rusia y algunas potencias regionales en ascenso.

3.- El actual modelo hegemónico estadounidense está destinado al fracaso. Una estrategia bifronte que contempla la necesidad de asegurarse más recursos energéticos, petróleo sobre todo y, al mismo tiempo, ampliar y afinar la capacidad de intervenciones militares resulta cada vez más difícil de sostener. La estrategia combina las preocupaciones energéticas con el aspecto de la seguridad nacional, pero su objetivo final es la instauración y consolidación de un modelo hegemónico absoluto. Esto no será posible debido a dos razones. La primera tiene que ver con los factores internos que, en últimas décadas, demostraron que Estados Unidos es una potencia en franco declive<sup>2</sup>. La irreversible pérdida de la supremacía estadounidense como potencia en la capacidad de producción material, su creciente fragilidad en cuanto al control absoluto

---

<sup>1</sup> Un ejemplo era la creación de *National Energy Policy Development Group* (NEPDG) en 2001, proyecto promovido por George W. Bush y dirigido por Dick Cheney.

<sup>2</sup> Uno de los análisis más completos y mejor argumentados lo hizo Immanuel Wallerstein en su *The Decline of American Power*, New York, New Press, 2003.

del sistema financiero mundial y la reducción de las ventajas en el área del comercio internacional, prácticamente obligaron a este país enfocar todo su esfuerzo en un ámbito único: el dominio militar. La segunda razón refiere a los factores externos, principalmente vinculados a las actuales tendencias de la política mundial. Entre ellas destacan: el fortalecimiento y la intensificación del fenómeno llamado *nuevo meridionalismo*<sup>3</sup> con el grupo BRICS a la cabeza; una serie de conflictos armados en los que la posición de Estados Unidos se ve debilitada o, más bien, limitada (Siria, Ucrania, regiones bajo el control del Estado islámico, algunos países africanos); la creciente presencia de Rusia y China en el escenario regional latinoamericano y caribeño; el brote de los flujos migratorios hacia el continente europeo y sus implicaciones en materia de seguridad internacional y; la continua vulnerabilidad de sus intereses estratégicos en Asia Central a pesar de una red consolidada de agrupamientos militares en la zona.

4.- Estamos nuevamente ante la tarea de reexaminar la relación entre el capitalismo y la democracia. Por un lado está el sistema de propiedades, la acumulación y la ganancia individualizada, por el otro, un procedimiento autogestionario, la legitimación y los derechos personales subordinados al bien común. El capital y su lógica nunca han

---

<sup>3</sup> Reconozco aquí la gran deuda que tengo con el reconocido geógrafo brasileño André Martín quien fue primero en introducir este concepto en el debate sobre la política mundial. Ambos coincidimos que el *nuevo meridionalismo* como un modelo de análisis y un fenómeno en expansión, con paso del tiempo, tendrá mayor impacto no sólo en los círculos académicos y la opinión pública mundial, sino también en el diseño de la política y la economía internacional en el contexto global. Más información al respecto puede encontrarse en mi texto *Geopolítica y Orden Global: posibilidades para un Nuevo Meridionalismo* (Mihailovic, 2007) y en el artículo escrito por geógrafo brasileño Edu Silvestre de Albuquerque *Teoría geopolítica meridionalista de André Martín* (Silvestre de Albuquerque, 2014).

sido compatibles con una democracia genuina. De ahí el nacimiento y la persistencia del modelo de la democracia liberal como forma idónea que permita el desarrollo y la reproducción de las modernas sociedades capitalistas. Pero si, en palabras de Robert Dahl, los ingresos, la riqueza y la posición económica también son recursos políticos y no se distribuyen de manera equitativa, ¿cómo entonces podemos esperar que los ciudadanos disfruten de la igualdad política (Dahl, 1987: 237)? La crisis del paradigma industrial-fordista generó grietas en las estructuras jerárquicas internacionales establecidas después de la Segunda Guerra Mundial y sancionadas por los acuerdos de Yalta y Bretton Woods. Medio siglo después, la transición al capitalismo desorganizado ya descrito en páginas anteriores, ha puesto de manifiesto una crisis de la democracia aún más aguda y desesperanzadora. La concentración y centralización de los poderes políticos, económicos y financieros carentes de toda legitimidad en manos de cada vez menos pero mayores monopolios, apartó a una buena parte de la ciudadanía mundial de los mecanismos de toma de decisiones relevantes tanto para su entorno inmediato como para la escala global. Para paliar los efectos negativos de esta tendencia y amortiguar cualquier posibilidad de un estallido social global, el sistema ofreció una nueva modalidad de aparente participación e inclusión: el capitalismo cognitivo. Se instauró un nuevo régimen de acumulación caracterizado por: a) el papel de los mercados financieros como motores de la acumulación por el lado del financiamiento de las inversiones y como núcleo sobre el cual se mueven los mecanismos de distribución de renta ( un auténtico proceso de financiarización como control biopolítico de la vida en sí); b) el papel de generación (aprendizaje) y difusión (red) de conocimiento como fuente principal de la valorización capitalista en escala global, que lleva a la

redefinición de la relación entre el trabajo vivo y el trabajo muerto ( es decir, un proceso de acumulación cognitivo-inmaterial como expropiación de la cooperación de “lo común”, aludiendo al término *general intellect* procedente del *Grundrisse* de Marx); c) la desagregación de la fuerza de trabajo en escala internacional, en la secuencia del establecimiento del valor de las diferencias de las subjetividades individuales en un contexto de división cognitiva del trabajo (en este caso, un proceso de precarización y el control de los excedentes cognitivos)<sup>4</sup>. El así llamado capitalismo cognitivo acabó con la promesa de una radical democratización de la esfera pública, del pluralismo mediático, de la descentralización del poder social, de la eliminación de la censura y la decomercialización de la cultura en un mercado sin monopolios. Al contrario, hoy más que nunca la humanidad entera padece de un espacio virtual concentrado en “las nubes”, rígidamente supervisado por unos cuantos monopolios corporativos en el que la publicidad basada en el constante monitoreo de usuarios/clientes se tornó el modelo a seguir para el mundo de los negocios. Prácticamente no existe ningún modelo de comunicación electrónica fuera del alcance de los servicios de inteligencia y sus variados modos de espionaje universal. Aquí nadie pone en duda las bondades de la innovación tecnológica que llegan a un importante, aunque aún reducido número de personas. Lo que se cuestiona es la gigantesca manipulación tecnológica para asegurar el estatus quo de una sociedad administrada<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Más sobre este tema se puede encontrar en el interesante compendio de textos coordinados por Andrea Fumagalli y Sandro Mezzadra bajo el título *Crisis in the Global Economy: Financial Markets, Social Struggles, and New Political Scenarios* (2010).

<sup>5</sup> Robert McChesney elaboró un amplio estudio sobre cómo el Internet fue utilizado por el capitalismo para frenar la necesidad de democratizar continuamente las sociedades contemporáneas (McChesney, *Digital*

Creemos que, en cada uno de los cuatro puntos analizados en este apartado, existen elementos suficientes para denunciar el gran peligro que conlleva la relación entre las guerras por los recursos, la seguridad internacional y las prácticas encubiertas o explícitas de un fascismo en ascendencia. El rol protagónico de un productor disciplinado del capitalismo fabril pasó al consumidor controlado de un capitalismo cognitivo. La geopolítica clásica y, posteriormente, la denominada crítica cedieron su lugar a una geopolítica posmoderna que convirtió el mundo entero un campo de batalla por los recursos agotables que aún siguen alimentando la idea de un crecimiento y desarrollo ilimitados. La negación de lo común es la negación del individuo y viceversa. ¿Tendrá el futuro la humanidad en la que tan pocos tienen tanto y tantos tan poco?

### **Consideraciones finales**

1.- En los más de cinco siglos de su existencia, el sistema-mundo capitalista jamás había llegado a ser tan amenazado por las contradicciones generadas en su interior. Hoy, más que nunca sobran evidencias respecto a la necesidad de un abandonar definitivamente la idea del capitalismo como un proyecto histórico insuperable: el fracaso es contundente y su onda expansiva no cesa. El proyecto de producir y consolidar el bienestar material generalizado mediante la constante ampliación de la acumulación capitalista acabó siendo toda una quimera generando, una gran decepción inclusive en las filas de los más arduos defensores de la ideología liberal. Por otro lado, la pretensión de universalizar el modelo de la democracia liberal a través de la promoción de los derechos y

---

*Disconnect: How Capitalism Is Turning the Internet Against Democracy*, (2013).

libertades individuales insertos en un marco institucional (a menudo impuesto), favoreció el egoísmo frente al bien común e individualismo posesivo (Macpherson) frente a la autonomía. En el plano internacional, la constante disposición de ejercer la autoridad recurriendo a medios de violencia y represión para imponer una especie de “ilustración posmoderna” en los lugares donde fuera necesario, prácticamente convirtió la guerra en una condición permanente y necesaria para la restauración del sistema capitalista mundial. La libre expansión de las fuerzas del mercado no sólo ocasionó un debilitamiento progresivo de las estructuras y los poderes territoriales fijos, sino también transformó significativamente las formas culturales tradicionales. La invasión de la lógica del capital en aquellas zonas de la vida histórica moderna que no tienen como objetivo la persecución de la plusvalía, generó un amplio abanico de dificultades sociales, políticas y económicas. Dos de ellas destacan por su carácter emergente y el peligro que implicaría ignorarlas: ecología y economía de guerra. Ambas actúan como un límite absoluto que disminuye progresivamente la posibilidad de que el capitalismo simplemente continúe tal y como lo ha hecho durante siglos. Estamos una vez más ante un escenario que propicia ideas y prácticas revolucionarias. ¿De qué tipo? Para responder a esta pregunta una vieja frase de Walter Benjamin podría ser de gran ayuda: “la revolución no es el tren que está fuera de control, sino el freno de emergencia con el que se intenta pararlo”.

2.- La naturaleza es una categoría social. La humanidad siempre ha visto en ella un asunto de utilidad, no de poder en sí mismo. El objetivo de tratar de descubrir las leyes autónomas de la naturaleza es someterlas a las necesidades humanas, como objeto de consumo o medio de producción. Marx sostuvo que cada modo de producción de la vida generaba un orden metabólico social-natural. El capitalismo no fue una excepción.

Pero, la diferencia específica del capitalismo con respecto a los modos de producción que lo antecedieron radica en la enorme contradicción entre, por un lado, sus fuerzas y relaciones de producción, y, el continuo agotamiento de las condiciones de la naturaleza exterior, por el otro. En palabras de Michael Löwy, “la protección de los equilibrios ecológicos del planeta, la preservación de un medio favorable para las especies vivientes - incluida la nuestra- son incompatibles con la lógica expansiva y destructiva del sistema capitalista” (Löwy, 2011:11). Es decir, cualquier intento de reestablecer el equilibrio metabólico entre la sociedad y la naturaleza, necesariamente tendría que estar acompañado con la transición a un nuevo patrón civilizatorio poscapitalista. Si las fuerzas anti-sistémicas logran desanclar la producción capitalista de la adicción a los recursos naturales fósiles, no renovables, rompiendo el cerco de un sistema energético mundial cerrado y si en un futuro el sistema productivo se reorienta hacia el uso exclusivo de recursos no fósiles renovables y mediante un sistema energético abierto y democrático, asistiremos al “fin del capitalismo tal y como fue conocido” (Altvater).

3.- Si bien es cierto que la globalización económica ha transformado al estado-nación en un mero instrumento del capital global, esto tampoco implica la desaparición del poder político. La omnipresencia de los poderes corporativos que concentran la gran masa del capital mundial sigue dependiendo de los aparatos político-militares de los estados que continúan protegiendo a los procesos de acumulación de la riqueza y del poder en sí. Durante las últimas décadas las potencias hegemónicas han recurrido a medios violentos para establecer el control sobre el grifo global del petróleo y algunos otros recursos estratégicos con el fin de lograr el dominio absoluto de la economía global. Se trata de una disputa cuya intensidad es directamente proporcional a la dependencia de

unos recursos que posibilitan el funcionamiento de las sociedades modernas. Las guerras por los recursos rompen el esquema del imperialismo como una fusión contradictoria de dos elementos: “la política estado-imperial” y “los procesos moleculares de acumulación de capital en el espacio y en el tiempo” (Harvey). De hecho, la misma contradicción desaparece al instante. Los poderes políticos estatales se acoplan perfectamente a la lógica expansionista de los capitales que no reconocen límites o barreras físico-naturales. Es por eso que las guerras por los recursos representan la mayor amenaza a la humanidad en este momento. Su potencial destructivo tendrá repercusiones incalculables tanto para la sociedad como para la naturaleza. De ahí el principal imperativo que el mundo de hoy tiene que enfrentar: la supresión del fundamentalismo del mercado a través de una regulación democrática y la sujeción del capital al control social con el fin de evitar que las transformaciones globales se conviertan en catástrofes sociales y ecológicas.

4.- Con el propósito de reafirmar su infinita adaptabilidad, el capitalismo concentra todas sus fuerzas en convertir la ecología en un nuevo campo de inversión y competencia en el mercado. Sin embargo, la propia naturaleza de ese riesgo excluye esencialmente una solución mercantil dado el hecho que el capitalismo solo puede actuar en unas condiciones sociales muy precisas: la firme confianza en un mecanismo auto-regulado y guiado por una “mano invisible” que necesariamente hace que la competición de los egoísmos individuales desemboque en el bien común; lejos de ser realidad, esa tendencia pseudo-natural provoca antagonismos que continuamente transforman el capitalismo en un agente socialmente destructivo y naturalmente depredador. Sea como un *imperialismo nuevo* (entendido por Harvey como acumulación por desposesión) o como un *imperio* (condición

generada por los poderes deseterritorializados omnipresentes en la clave de Hardt y Negri) el capitalismo se encuentra hoy en día, contrariamente a lo que predicen sus defensores, ante el mayor desafío en su historia: ser transformado (con o sin fuerza) en un proceso de revolución permanente. Sería una revolución de dos vías simultáneas: una que busca la emancipación (lucha de la libertad de la identidad) y la otra que procura la liberación (libertad de la auto-determinación y auto-transformación). En ambos casos el dicho proceso implicaría la creación de una nueva humanidad. Una alianza definitiva entre los poderes contra-hegemónicos y los movimientos anti-sistémicos podría ser la señal de que la lucha está por comenzar.

5.- Nos encontramos ante una crisis sistémica de larga duración. En el capitalismo la crisis ha sido ajustada a una modalidad que sirve para subordinar el orden político-social a las lógicas del mercado y la dinámica de la razón económica. El frenesí neoliberal de las últimas décadas difícilmente podrá ser detenido con las medidas intervencionistas neokeynesianas. Por el momento, la única salida viable está marcada por una recuperación económica inscrita en las estrategias geopolíticas adoptadas por algunos agentes que dominan el espacio de la configuración de los poderes globales. Los escenarios posibles a mediano plazo podrían ser estos tres:

a) La rivalidad creciente entre Estados Unidos y China, principalmente por el control del comercio mundial, el reposicionamiento estratégico para asegurar el mayor aprovisionamiento de los recursos naturales en diferentes partes del mundo y, finalmente, la disputa/pacto de carácter financiero y monetario reflejada en la paridad dólar-yuan.

b) El aumento de la tensión entre Rusia y las potencias euro-occidentales (apoyadas tácitamente por los Estados Unidos), sobre todo por la, cada vez más visible, confrontación entre el proyecto expansionista de la Unión Europea (liderado

por la alianza franco-alemana) y la pan-idea euroasiática con Rusia a la cabeza. La ampliación de la OTAN incorporando espacios de la tradicional influencia ex soviética acorralando a Rusia por un lado, y el protagonismo político-militar ruso en las crisis de Ucrania y Siria por el otro, harán del mundo un escenario aún más vulnerable a los conflictos de gran escala.

c) La intensificación de los factores desequilibrantes que, en un futuro no tan lejano, podrían deslegitimar por completo al actual sistema-mundo convirtiéndolo en un espacio ingobernable. Continuo debilitamiento de los Estados-nación en la mayor parte del mundo, la crónica ausencia de una regulación global de los flujos migratorios, los conflictos interétnicos, religiosos y sociales, los irreversibles efectos de la devastación ecológica, la insostenible tiranía de los capitales financieros provocando enormes desigualdades, marginación, pobreza y exclusión de todo tipo solo son algunos entre muchos otros elementos que tendrán ser debatidos y resueltos con urgencia.

La existencia de la humanidad significa sencillamente: que vivan hombres. El siguiente mandato es que vivan bien. El imperativo ontológico es el mandamiento de que debe seguir habiendo humanidad.

Hans Jonas, *Principio responsabilidad*.

Se verá..., que desde hace mucho tiempo el mundo posee el sueño de una cosa de la que tan sólo le falta tener conciencia para poseerla realmente.

Karl Marx, Carta a Ruge, septiembre, 1843.

## Bibliografía

Altvater, E., Mahnkopf, B. (2002) *Las limitaciones de la globalización. Economía, ecología y política de la globalización*. México: Siglo XXI.

Altvater, E. (2005) Hacia una crítica ecológica de la economía política. *Mundo Siglo XXI*, 1 (2), 9-27.

Altvater, E. (2006) ¿Existe un marxismo ecológico? En Boron, A., Amadeo, J., González, S. (Eds.) *La teoría marxista hoy: problemas y perspectivas* (pp. 341-363). Buenos Aires: CLACSO.

Altvater, E. (2011) *El fin del capitalismo tal y como lo conocemos*. Barcelona: El Viejo Topo.

Amin, S. (1999) *El capitalismo en la era de la globalización*. Barcelona: Paidós.

Amin, S. (2003) *Más allá del capitalismo senil*. Buenos Aires: Paidós.

Arrighi, G., Silver Beverly J. (2001) *Caos y el orden en el Sistema-mundo moderno*. Madrid: AKAL.

Begon, M. (ed.) (2006) *Ecology. From Individuals to Ecosystems*. Malden: Blackwell Publishing.

Bellamy Foster, J. (2000) *Marx's Ecology. Materialism and nature*. New York: Monthly Review Press.

Bellamy Foster, J., Clark, B., York, R. (2010) *The Ecological Rift. Capitalism's War on the Earth*. New York: Monthly Review Press.

Bellamy Foster, J., Clark, B. (2004) Imperialismo ecológico: la maldición del capitalismo. En Panitch, L., Leys, C. (Eds.), *Socialist Register: el Nuevo desafío imperial* pp. (231-250). Buenos Aires: CLACSO.

Benton, T. (ed.) (1996) *The Greening of Marxism*. New York: The Guilford Press.

Braudel, F. (1977) *Afterthoughts on material civilization and capitalism*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.

Dahl, R. (1987) *Democracy and Its Critics*. New Haven: Yale University Press.

Dussel, E. (1998) *Ética de la Liberación*. Madrid: Trotta.

- Eagleton, T. (2011) *¿Por qué Marx tenía razón?* Barcelona: Península.
- Foster, J. B. (2004) *La ecología de Marx. Materialismo y naturaleza.* Barcelona: El Viejo Topo.
- Foster, J.B., Clark, B., York, R. (2010) *The Ecological Rift. Capitalism 's War on the Earth.* New York: Monthly Review Press.
- Fumagalli, A., Mezzadra, S. (Eds.) (2010) *Crisis in the Global Economy: Financial Markets, Social Struggles, and New Political Scenarios.* Los Angeles: Semiotext.
- Gunder Frank, A. (1991) *El subdesarrollo del desarrollo: un ensayo autobiográfico.* Caracas: Nueva Sociedad.
- Hardt, M., Negri, T. (2004) *Multitud.* Barcelona: Debate.
- Harvey, D. (2003) *Espacios de esperanza.* Madrid: AKAL.
- Harvey, D. (2014) *Diecisiete contradicciones y el fin del capitalismo.* Madrid: Instituto de Altos Estudios Nacionales del Ecuador; Traficantes de sueños.
- Klare, K. 2003. *Guerras por los recursos. El futuro escenario del conflicto global.* Barcelona: Urano.
- Krutzen, P., Stroemer, E. (2000) The Anthropocene. *Global Change Newsletter*, 41. The International Geosphere-Biosphere Programme (IGBP): A Study of Global Change of the International Council for Science (ICSU).
- Lacoste, I. (2009) *Geopolítica. La larga historia del presente.* Madrid: Síntesis.
- Lash, S., Urry, J. (1987) *The End of Organized Capitalism.* Malden, MA: Polity Press.
- Löwy, M. (2011) *Ecosocialismo. La alternativa radical a la catástrofe ecológica capitalista.* Buenos Aires: Ediciones Herramienta-Editorial el Colectivo.
- Marx, K. (1985) *Manuscritos económico-filosóficos.* Barcelona: Grijalbo.
- Marx, K. *El Capital*, 3 tomos. México: Fondo de Cultura Económica.
- Mann, M. (2004) *El imperio incoherente.* Barcelona: Paidós.

## Latinidade

Martínez Alier, J. (2002) *The Environmentalism of the Poor: A study of ecological conflicts and valuation*. Northampton, MA: Edward Elgar.

McChesney, R. (2013) *Digital Disconnect: How Capitalism Is Turning the Internet Against Democracy*. New York: The New Press.

Meiksins Wood, E. (2003) *El imperio del capital*. Barcelona: El Viejo Topo.

Meszaros, I. (2012) *La crisis estructural necesita de una transformación estructural*. México: Ediciones CDAM-ECG. Recuperado en <http://www.rebelion.org/docs/158368.pdf>

Meysan, T. (2002) *La terrible impostura. Ningún avión se estrelló sobre el Pentágono*. Buenos Aires: El Ateneo.

Mihailovic, D. (2003) De la globalización neoliberal a la geopolítica de *Mad Max 2*. En Mihailovic, D., González, M. (Eds.) *Pulsos de la Modernidad. Diálogos sobre la democracia actual* (pp. 47-64). México: Plaza & Valdés.

Mihailovic, D. (2007) Geopolítica y orden global: posibilidades de un nuevo meridionalismo. En Mihailovic, D., Toribio Dantas, A. (Eds.) *Desarrollo e Integración. La nueva geopolítica de la economía global* (pp. 69-87). México: Miguel Ángel Porrúa.

Milanovic, B. (2011) *The Haves and the Have-Nots: A Brief and Idiosyncratic History of Global Inequality*. New York: Basic Books.

Moore, J. (2011) Ecology, Capital, and the Nature of Our Times: Accumulation and Crisis in the Capitalist World-Ecology, *Journal of World-Systems Research* 17(1), 108-147.

Moore, J. (2014) De objeto a Oikeios: la construcción del ambiente en la ecología-mundo capitalista. *Revista Sociedad y cultura*. 2, 87-107.

*NATO Crimes in Yugoslavia. Documentary Evidence. Federal Republic of Yugoslavia*. Belgrade: Federal Ministry of Foreign Affairs, 1999.

O' Connor, J. (2001) *Causas naturales: ensayos de marxismo ecológico*. México: Siglo XXI.

Pikety, T. (2014) *El Capital en el siglo XXI*. México: Fondo de Cultura Económica.

Polanyi, K. (1992) *La gran transformación*. México: Fondo de Cultura Económica.

Ricklefs, R., Miller, G.L. (1999) *Ecology* (New York: Freeman).

Silvestre de Albuquerque, E. (2014) A Teoría geopolítica meridionalista de André Martín. *Revista de Geopolítica* 5(2), 5-18.

Simic, V. (2014) *Kosovo - neocon ground zero of the international political order & neoliberal license to pillage*. México City: RAS - The International Serbian Organization.

Smith, N. (2006) Nature as accumulation strategy. En Panitch, L., Leys, C. (Eds.), *Socialist Register 2007: Coming to terms with nature* (pp. 16-36) London: Merlin Press.

Taylor, P., Flint, C. (2002) *Geografía política: economía-mundo, estado nación y localidad*. Madrid: Trama.

Wallerstein, I. (1974) *The Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press.

Wallerstein, I. (1988) *El capitalismo histórico*. México: Siglo XXI.

Wallerstein, I. (2004) *Capitalismo histórico y movimientos antisistémicos. Un análisis de sistemas-mundo*. Madrid: AKAL.

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.



## RESENHA

Autor:

Óscar Barboza Lizano - Académico Universidad Nacional,

BERTOLINI MIRANDA, Humberto (Cipaktonaltzin). *Flor y canto de Metzxikko*. Primera edición, San José, Costa Rica. 101 p. Distribución y promoción. Editorial.: Fundación, 2016.

El libro “Flor y canto de Metzxikko”, del escritor Humberto Bertolini Miranda es “una flor en el ojal” que se ha puesto el escritor. Este libro publicado en el 2016 bajo el respaldado y distribución de la Editorial de la Fundación Profesor Andrzej Dembicz. Esta de acceso libre en su sitio web: [www.dembicz.org](http://www.dembicz.org).

“Flor y canto de Metzxikko” adquiere gran vigencia cuatro años después de su publicación. En estos momentos la humanidad inicia su transitar por la tercera década del milenio. Década que se define en medio de la gran encrucijada que tienen que enfrentar todos los pueblos del mundo.

En esta época se define la existencia del planeta y todos los seres vivos que en ella habitan. El libro de Bertolini Miranda (Cipaktonaltzin) es una guía clara de las decisiones que deben tomarse siguiendo la tradición de la gran cultura de Metzxikko. Simón Bolívar en el documento definitorio de la gran nación americana titulado: *Contestación de un Americano Meridional a un caballero de esta isla*, conocido como “La Carta de Jamaica” (1815), era enfático en promover que debiese la nueva y gran nación construir su identidad y organización basándose

en la cultura nahual de los Metzikkas. Ese era el referente para Bolívar y otros pensadores de nuestra América.

El escritor Bertolini Miranda, con su sorprendente arte para la síntesis nos regala en su escrito la reflexión profunda de: cómo debemos organizándonos postpandemia y lo que hay que hacer en esta gran encrucijada de la humanidad en sólo 101 páginas y cuatro capítulos.

El primer capítulo se titula: “Tradición Metzixikko” en este se aborda la sociedad nahua de forma magistral. Bertolini la conoce a fondo desde su época de estudiante de ingeniería agronómica en el Instituto Tecnológico de Monterey y luego en su paso por la montaña sagrario de Ocuilan en el círculo de Danza del Sol donde llegó años después de concluir sus estudios. Su conocimiento empírico y teórico se refleja en este capítulo. Logra la perfecta conjunción, aunque insiste en que él se aparta de lo académico. Diríamos que logra esa combinación entre lo académico y la vivencia. Desde el conocimiento de los términos nahuas, desarrolla y nos explica pedagógicamente los conceptos de la tradición. Traducción que es un gran aporte para entender mejor las sociedades antiguas y presentes mesoamericanas. Su síntesis esclarecedora de las investigaciones de León Portilla es magistral y nos ayuda a entender mejor la tradición.

El segundo capítulo, titulado “Los Kalpullis”, se describe la organización socio, económica y política de Metzixikko. Organización que incluso fue llevada a la China de Mao para organizar la revolución agraria y cultural china. La base es la solidaridad comunitaria. Por lo tanto, es necesario el estudiar a fondo este capítulo para lograr retomar los valores solidarios comunitarios perdidos en la larga noche neoliberal en que se hundió occidente. En este capítulo se aborda como mejor organización bajo el derecho tradicional de propiedad colectiva, el pago de tributos por grupos de los Kalpullis. Esto

resuelve el problema fiscal. Además, explica que los Kalpullis rurales y agrarios con plena autonomía se federan, logrando la evolución social y de organización que se ha planteado durante siglos. Organización que Bolívar insistía en realizar para nuestra América. Por lo tanto, el capítulo nos brinda luz de la organización perfecta de los Estados, así desde los Kalpullis rurales y urbanos se forjan Estados que se federan donde hay un poder central en cada uno de ellos y mantienen la unidad por medio de la noción de la fraternidad.

Las jerarquías se organizan por medio de la educación, cuya base principal es la del respeto a sus mayores, servir y obedecer a la tradición. Se debe dividir la instrucción educativa por género y se construyen en algunas etapas una instrucción mixta con el propósito de compartir el conocimiento supremo de la colectividad. En cada barrio y kalpulli debe haber mujeres gobernantes. La organización religiosa con sentido social debe construir por medio de la tradición pensamiento de fuertes convicciones. De esta manera la jerarquía suprema recae en las Asambleas que se rigen bajo el principio de la costumbre de la enseñanza de comportamiento social, obediencia y un sentido de la cosa común.

El tercer capítulo y el más importante, según nuestro criterio, se titula: “Humanización Náhuatl”. Es toda una propuesta de un humanismo autóctono de los pueblos originarios que, sin duda, debate y elimina cualquier propuesta occidentalizada del humanismo. Así Bertolini supera a los teóricos humanistas occidentales. Este esfuerzo que se refleja en el capítulo se debe a su formación en las escuelas y colegios jesuitas. Sin duda, Bertolini Miranda construye desde el Humanismo Náhuatl el paraíso en la tierra que durante siglos han buscado los jesuitas. Sólo que Cipaktonaltzin descubre que no es desde los jesuitas para con sus protegidos en las misiones, sino desde la profunda tradición originaria. En la

encrucijada que nos enfrentamos en la tercera década del tercer milenio: llegó el momento de universalizar la humanización de los pueblos originarios y salvar el planeta en que habitamos. Para lograrlo propone un método desde lo esotérico hacia lo exotérico. Sólo así se alcanza la “super conciencia que encarna el ministerio de la Naturaleza” (p.59). Por lo tanto, nos propone Cipak: pasar los seis espejos para alcanzar esa humanización.

En el cuarto capítulo titulado: Un caso actual ¿Escuela de pensamiento o feria lunar? Bertolini, es valiente y confronta a la tradición versus el modismo de la nueva era. Algo que hace en su libro: “Danzantes del Sol” (2012) y lo reitera en este nuevo escrito. Revela en este capítulo que el libro “La pipa de Obsidiana Danza de Luna” (2007), es de su coautoría, el cual es todo un protocolo ceremonial de la Danza de Luna, que buscaba formar una escuela iniciática pegada a la tradición Metzxicca. Al esparcirse la Danza por diferentes latitudes se ha creado un movimiento de danzantes, los cuales deben realizar un estudio riguroso de la tradición y de los libros propuestos por Bertolini, para entender mejor la tradición y la nueva humanidad que se debe construir. Por ello propone el autor la necesidad de la apertura de la Escuela de pensamiento. De allí su preocupación al escribir claramente en este capítulo que los movimientos de danza y círculos están lejos de llegar a la tradición de la Escuela y la organización real de los Kalpullis. Preocupación y crítica que aparece en el capítulo final del libro Flor y Canto de Metzxicco, pero que realmente es la justificación del porque decidió escribir los tres capítulos anteriores.

Las conclusiones son contundentes, tanto las danzas del sol como de la luna, tienen su origen en tierra Lakota. Por ello, deben de profundizarse la Escuela de pensamiento, la investigación sobre la tradición de Metzxicco, la que está en códigos, evitar las malas interpretaciones y filtraciones de la

mezcla de tradiciones y costumbres del movimiento de la nueva era que sólo comercializa estos eventos. Nos dice el autor: “La única forma de revertir esto es hacer escuela, con documentos sólidos de la tradición Metzxicco y enseñar orden-jerarquía” (p. 81). Provoca de esta manera a todos los círculos de danza del continente y el mundo. Les pregunta: “¿Quieren una escuela de pensamiento o una feria lunar? ¿O solo dar vueltas en un círculo, rezar unas pipas y entregar muchas plumas en un campamento ferial?” (p. 83) Lo interesante del capítulo es que no de queda sólo en los cuestionamientos, sino que establece grados iniciáticos para lo que se integran a cada círculo para cumplir una serie de pautas y reglas desde la A hasta la Z basadas en la real tradición.

Por último, nos regala un epílogo característico de su excelente pluma. Destacable cada una de las oraciones que ahí se desarrollan. Es contundente con su flecha para que el lector entienda que la nueva organización social, económica y política de la humanidad basada en la tradición debe poseer: “leyes prácticas, costumbres, tradiciones, colectividad social, moral y honor. Las determinantes bases de la comunidad colectiva.” (p. 97). Estas propuestas de Bertolini deben tomarse seriamente, tanto por el movimiento de los círculos de danzantes del *Ixachilan* y todos los habitantes. **Es el momento de reconstruirnos.**

## *Latinidade*

Para acceder gratuitamente a la colección de libros de Humberto Bertolini Miranda dedicados a la tradición Metzxikka: <http://dembicz.org/web/es/nasze-publikacje>

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020

# Determinantes de la competitividad de las ciudades en las cadenas globales de valor en el contexto de Centroamérica.

Alvaro Martín Parada Gómez<sup>1</sup>  
UNA

## 1. Introducción

La competitividad ha sido un concepto bastante discutido por distintos investigadores. Algunos afirman que es el conjunto de capacidades que desarrollan las empresas, los sectores, los países y las regiones para posicionarse exitosamente en los mercados (Tvaronaviciene y Balkyte 2010). Desde el enfoque de cadenas globales de valor, se afirma que la fuerza motriz o estructura de control afecta el posicionamiento de las empresas en el mercado debido a presencia de imperfecciones de mercado y distorsiones introducidas por la política pública (Gereffi 1994). Adicionalmente, la competitividad es dinámica y no estática enmarcada dentro de lo que Porter ha planteado como el diamante de la competitividad, señalando que las condiciones de demanda, las industrias relacionadas, las condiciones factoriales y las condiciones de rivalidad determinan la posición competitiva (Porter 1990). En este contexto, cabe plantearse la interrogante ¿Cuáles son los determinantes que fortalecen el posicionamiento de las ciudades en las cadenas globales de valor?. El propósito de esta ponencia recae en explicar sustancialmente la función de los determinantes de la competitividad de las ciudades en la generación de valor. En la segunda sección, se explican los determinantes de la competitividad desde una perspectiva teórica. En la tercera sección se expone la dinámica productiva general de las

---

<sup>1</sup> Escuela de Economía. UNA. Costa Rica.  
Email: agomez@una.cr

ciudades de Centroamérica. En la cuarta sección, se relacionan los determinantes de la competitividad de las ciudades con la cadena global de valor. Finalmente, se muestran las conclusiones finales.

## **2. Determinantes de la competitividad en las ciudades según enfoques teóricos.**

La competitividad es un concepto asociado a las empresas, sectores productivos y países. Si este se asocia a las empresas se define como el conjunto de condiciones internas a la empresa que repercuten en la productividad y calidad de los bienes y servicios producidos, efecto que se refleja en los costos y precios (Porter 1990). Si este se relaciona con los sectores productivos se refiere a los factores que afectan la producción, el empleo, la inversión, entre otras variables en el nivel agregado, normalmente, se habla de la industria, la agricultura, el comercio, y se les califica como sectores de baja o alta competitividad. Para el caso de Centroamérica, los distintos gobiernos generaron estudios sectoriales de competitividad en inicio de los años noventa, estos se basaron en el enfoque de cadena de valor desarrollado por Michael Pórtner. Si la competitividad se asocia a un país, se refiere al posicionamiento de estos en el nivel global. Fundamentalmente, se utilizan índices como el índice global de competitividad del Banco Mundial, el cual mide factores que afectan la actividad económica en cada país, los resultados permiten ordenar los países del más al menos competitivo. Este define la competitividad como el conjunto de instituciones, políticas, y factores que determina el nivel de productividad de un país (Banco Mundial 2010). En este contexto, se tiene el propósito de conceptualizar la competitividad en las ciudades porque esto explicaría en parte la decisión de grandes empresas de localizarse para operar o producir en algunas ciudades. Por lo tanto, explicar los determinantes que hacen atractivo a las

ciudades es relevante para conocer si estos coinciden o difieren con definiciones o conceptualizaciones realizadas y aplicadas a empresas, sectores y países.

Las ciudades son espacios geográficos que concentran normalmente población urbana, instituciones públicas, actividades económicas relacionadas con el comercio y los servicios así como la industria. Además, concentran actividades culturales y centros de entretenimiento a gran escala como cinemas y teatros. Recientemente, con la descentralización de las funciones de los gobiernos centrales hacia los gobiernos municipales, los políticos (alcaldes) discursivamente señalan que la “competitividad de la ciudad” es relevante para el mejoramiento del bienestar de los ciudadanos. No obstante, la conceptualización y determinantes de esta competitividad no aparece formalizada ni sistematizada. En el forjamiento de esta competitividad persiste el clientelismo político, es decir, los políticos ofrecen hacer una ciudad más competitiva a cambio de los votos que los ciudadanos emiten en cada elección cada cinco años. Normalmente, se ofrecen obras de infraestructura como carreteras, puentes, escuelas, hospitales, entre otros, con el propósito de convencer al votante. Este fenómeno, con lleva a que el factor político sea un determinante de la competitividad de la ciudad porque es la figura del alcalde quien concentra el poder y decide la orientación en materia de infraestructura, la cual afecta el bienestar de los ciudadanos, las empresas y sectores productivos en general. Desde el enfoque de competitividad sistémica se reconoce el desempeño de actores sociales y políticos en la definición de la competitividad, siendo integrados en el nivel meso (Esser 1994, Messner y Staymer 1994). Desde el enfoque de cadenas globales de valor se introduce la dimensión institucional que incluye el conjunto de políticas públicas y privadas que el marco institucional público y privado formulan y ejecutan a través de normas, directrices y leyes para orientar el desarrollo económico, social,

ambiental, político y cultural. Por lo tanto, lo institucional determina la competitividad de las ciudades, indicándose que persisten procesos de clientelismo político que no se pueden aislar en el ejercicio del poder que sustentan los alcaldes y hacedores de política municipal en las ciudades. Lo anterior, es bastante evidente cuando un alcalde ha realizado una labor satisfactoria y el partido que lo respalda políticamente considera que puede acceder a la presidencia del país, en este caso, el clientelismo político se fortalece y acentúa considerablemente, incluso, es normal observar que el presidente municipal, pasa a ser alcalde y posteriormente diputado.

Las ciudades son orientadas en el desarrollo económico a través políticas sectoriales que tienen el objetivo de incrementar la inversión local y extranjera, generación de oportunidades de empleo y fortalecimiento de la infraestructura. Desde la perspectiva económica, el limitante principal es la dotación de recursos financieros para cubrir las infinitas necesidades de la ciudad. Los egresos normalmente superan a los ingresos, generando condiciones deficitarias para suplir servicios públicos de la más alta calidad. Es evidente en la infraestructura de acceso a las ciudades desde las áreas periféricas, donde el acceso es costoso en términos de tiempo y dinero porque la red vial se satura en los tiempos de mayor tránsito vial. En este caso, es evidente que el transporte público y privado en exceso conlleva a que el diseño y dotación vial sea insuficiente. Los costos económicos de la insuficiente red vial afecta la economía de la ciudad por los altos costos de transportación y contaminación que deben asumir, los cuales se profundizan en el tiempo porque la respuesta institucional (municipios de la ciudad) disponen de escasos recursos para inversión y no tienen la programación y planificación adecuada a las demandas de la ciudadanía.

En el contexto de las cadenas globales de valor la infraestructura pública es un determinante de la

competitividad porque es soporte y apoyo a las empresas que operan en eslabones que la componen como el de materias primas, la producción y la comercialización. En el ámbito de un país la infraestructura básica se define por muelles, aeropuertos, almacenamiento de hidrocarburos, red vial, así como servicios estratégicos como electricidad, telecomunicaciones y agua potable. En el ámbito de la ciudad, la infraestructura básica del país es esencial pero la infraestructura pública de servicios toma mayor relevancia, concentrándose en aquellos relacionados con el sector financiero, los seguros y las telecomunicaciones, entre otros más. Además, se desarrolla infraestructura de índole secundaria para la ciudad como centros deportivos, centros de recreación y esparcimiento, plazas públicas para la realización de eventos populares, parques, teatros, entre otros. En su conjunto tanto la infraestructura primaria como secundaria se complementan integralmente para que la ciudad sea el espacio territorial adecuado en el cual las empresas y los ciudadanos puedan desarrollarse.

Las ciudades no están aisladas de las contradicciones sociales que se presentan entre los distintos grupos sociales que intervienen en los procesos de generación de bienes y servicios. Por lo tanto, la estabilidad social y política se constituye en un determinante de la competitividad de la ciudad. Autores como Kochan y otros teóricamente afirman que las estrategias de negocios de las empresas son afectadas por las relaciones industriales donde median la sociedad, los trabajadores y los sindicatos, grupos o gremios (Kochan y otros 1994). Las fuerzas de mercado que asignan los recursos según la determinación de los precios no están blindadas ante las contradicciones sociales, por lo contrario, los mercados se vuelven vulnerables y muestran inestabilidad ante conflictos de poder entre grupos económicos que defienden intereses particulares. Estas contradicciones de índole social y político afectan la competitividad de las empresas que se localizan en

las ciudades y se constituyen en un factor externo que algunos autores marginalmente introducen en el análisis de cadenas globales de valor, definiéndolo como parte del ambiente externo a la cadena (Parada 2011). Normalmente, los grupos sociales que rivalizan o adversan posturas gubernamentales que les afecta particularmente o a los ciudadanos en general, desarrollan las actividades de fuerza y protesta en las ciudades, causando caos y afectaciones al buen desempeño de servicios estratégicos para las empresas o sectores específicos. Ante situaciones adversas, se busca el consenso social y político en el mejor de los casos y en el peor se profundizan las contradicciones sin lograr acuerdo alguno. En síntesis las ciudades constantemente experimentan procesos sociales y políticos donde las contradicciones de grupos afectan su posición competitiva en los mercados nacionales e internacionales.

Las ciudades que muestran satisfactorias condiciones de competitividad que las hacen atractivas a los inversores tanto locales como internacionales se fortalecen por factores que generan competitividad sucia o espuria. Factores como el acceso preferencial a mercados, exoneraciones a la renta y apoyo gubernamental en infraestructura básica, causan de manera general abaratamiento en las materias primas, garantiza acceso unilateral a mercados e incrementa las utilidades, entre otros beneficios, teniendo como resultado un reforzamiento a la competitividad de las empresas que han logrado ser parte de regímenes especiales normalmente aplicados en zonas francas (Parada 2003). Adicionalmente, este tipo de competitividad se fortalece por el establecimiento de políticas económicas que devalúan y aprecian el tipo de cambio, fijan la tasa salarial a la baja, ejercen medidas fuertes para reducir la tasa de interés, entre otras. Este conjunto de medidas terminan beneficiando a empresas que operan en mercados donde obtienen ventajas que no son capaces de crear y que son inducidas por gobiernos que orientan la política

económica en función de intereses particulares, este tipo de competitividad no es sostenible en el tiempo (Porter 1990, Vargas 1997, Parada 2001). Las ciudades en ciertas condiciones son objeto de este tipo de políticas inducidas por los gobiernos locales o municipios, donde el interés de generar empleo y producción induce a generar condiciones positivas para que grupos de empresas se afinquen en las ciudades.

Las cadenas globales de valor son amplias redes de trabajo que inician con la apropiación de materias primas, avanzando a la producción, continuando hacia el mercadeo y comercialización, finalizando en el consumo final del bien o servicio que se predefinió elaborar (Gereffi 1994). En estas redes se genera valor producto de la adición de las distintas actividades que realizan los actores sociales. Las cadenas se analizan en base a distintas dimensiones que las conforman, estas son el insumo producto, lo geográfico, la fuerza motriz y lo institucional (Pelupessy 2001). Las empresas son las que dinamizan las cadenas a través de los mercados que las componen, tales como el mercado de trabajo, mercado de productos, mercado financiero. En estas cadenas se articula el flujo general de la economía donde la dinámica interna o doméstica interactúa con el contexto internacional a través del intercambio comercial, prácticamente las cadenas de bienes y servicios tienen componentes de elaboración local e importada. Por ejemplo, en la cadena de producción de piña de Costa Rica, los agroquímicos son en su mayoría importados (Parada y Meneses 2006).

Las ciudades se relacionan con las cadenas porque son grandes centros de concentración de actividades económicas mediadas por mercados donde se asignan los factores productivos. Sin embargo, los análisis de cadenas se han centrado más en las empresas y los sectores que en las ciudades. Es en las ciudades donde transcurren una serie de procesos que afectan el desempeño de las empresas y los sectores en los mercados. Por ejemplo, el marco institucional público opera

en las ciudades, incluso, el conjunto de requerimientos representado por normas que las empresas deben cumplir para funcionar en los mercados se formaliza y resuelve en instituciones físicamente localizadas en las principales ciudades. Por lo tanto, el desarrollo de la ciudad directa e indirectamente afecta el funcionamiento de las empresas en las cadenas. Investigadores han mostrado como los procesos de tramitología introducen costos de transacción en las empresas debido a la alta burocracia institucional, afectando a las grandes y pequeñas empresas en países en desarrollo (Benavides 2010).

El desarrollo de las cadenas globales de valor está influenciado por el contexto nacional e internacional, afectaciones que se originan en el aumento tendencial en el precio de hidrocarburos, incremento en la tasa de interés internacional, aumento en la tasa de desempleo y marginal crecimiento en la producción. Las ciudades no están excluidas de estas afectaciones y constantemente los gobiernos locales requieren de creatividad para tomar decisiones que combatan las amenazas y optimicen las oportunidades. Los gobiernos municipales son los que asumen la conducción en las ciudades, con el limitante de la poca descentralización de los gobiernos centrales hacia los municipales, procesos poco avanzados en países en desarrollo como Centroamérica. Recientemente, los gobiernos locales se han apropiado del concepto de “clusters” para integrar las actividades económicas en las ciudades (Condo 2004, Buitellar 2000 ). No obstante, la organización de las cadenas globales de valor serían mejor alternativa en función de la generación de mayor valor agregado, propuesta que se discutirá más adelante.

El ambiente externo en las ciudades se ha afectado por la inseguridad ciudadana, ahora las ciudades son más peligrosas que en el pasado. Esto se evidencia en el aumento de robos, asesinatos y homicidios. No menos grave, es la migración del campo a la ciudad generando anillos de pobreza y

profundizando el desempleo, lo cual es evidente en ciudades de América Latina como Brasil donde las “Fabellas” aglomeran la pobreza extrema así como los barrios pobres de la ciudad de Medellín en Colombia. Las anteriores manifestaciones introducen y refuerzan la inestabilidad social en las ciudades afectando el entorno de funcionamiento de las empresas que operan en estas.

Existen índices elaborados con fines de establecer posiciones entre las ciudades latinoamericanas. Este es el caso del ranking de ciudades elaborado por “América Economía Intelligence”. Operativamente el índice responde a ocho dimensiones que están compuestas por variables debidamente cuantificadas que en cada grupo asumen una ponderación que es justificada metodológicamente. Las dimensiones son las siguientes según ponderación:

Determinantes de la competitividad según variables y ponderación. 2010

DIMENSIÓN	Ponderación % y variables
Marco social y político	15%: Gobernabilidad política, institucionalidad, seguridad ciudadana, seguridad jurídica y desarrollo social.
Dinamismo económico	25%: Creación de riqueza, captación de inversiones, estabilidad económica, y de caracterización de los mercados de bienes, laboral y financiero.
Servicios a las empresas	10%: Costo de instalación y régimen de negocios, calidad y acceso a los servicios informacionales (telefonía e

	Internet) y bancarios, y calidad institucional de los gobiernos locales.
Servicios a ejecutivos	10%: Calidad de vida, calidad y costo de los servicios básicos: educacionales, hospitalarios, hoteleros y de restaurantes.
Infraestructura y conectividad	10%: calidad de la movilidad terrestre, marítima y aérea de las personas y de la carga comercial, complejos de inversión y de desarrollo de las infraestructuras pública y privada.
Capital humano	10%: Acreditación y cuantificación de la oferta educacional superior (fuerza de trabajo calificada) vinculada a los negocios e innovación.
Sustentabilidad ambiental	5%: Calidad de los recursos naturales que determinan la sanidad de la ciudad: contaminación del aire, tasa urbana de transporte público no contaminante, impacto que la urbe produce en el escenario medioambiental global.
Poder de marca	15%: Se elabora con base a una encuesta de ciudad que valora los negocios y la calidad de vida.

Fuente: América Economía Intelligence 2010.

Las valoraciones de la competitividad de las ciudades según distintos enfoques intentan ser integral. Los determinantes se relacionan con las afectaciones que pueden

causar algunos factores a las empresas, las familias, el gobierno, el sector financiero y la ciudadanía en general. Las ciudades son afectadas por el ambiente externo y otros factores relacionados con la infraestructura pública, marco institucional público, contradicciones socio políticas, entre otros. El enfoque de competitividad sistémica muestra dimensiones como lo macroeconómico y lo institucional que integran determinantes de la competitividad que son muy consecuentes con factores que afectan el desarrollo de las cadenas globales del valor (Esser 1996). Producto del cambio climático causado por las emisiones de CO<sub>2</sub> se ha incluido como parte de la competitividad algunos criterios relacionados con el ambiente. A esta preocupación se han sumado empresas e instituciones que formulan y ejecutan permanentemente programas de responsabilidad social en las ciudades. Además, se valora sustancialmente los servicios públicos, los cuales han trascendido de aquellos tradicionales como agua y electricidad hacia unos más modernos como lo son el acceso de internet, la telefonía celular, conectividad en los servicios bancarios, entre otros.

La competitividad de las ciudades al ser interpretada a través de índices generales de competitividad no permite integrar relaciones entre la dinámica de las empresas y los requerimientos de estas para posicionarse mejor en los mercados. La principal deficiencia de los índices radica en la falta de explicabilidad de la articulación de los encadenamientos productivos tanto hacia atrás como hacia adelante en la producción de un bien. La ausencia de articulación entre los distintos eslabones que conforman las cadenas de bienes y servicios no son considerados en la competitividad de las ciudades. Las razones que conllevan reside en que el desarrollo de las ciudades es orientado por la estructura municipal donde la prioridad es mantener los parques públicos, las carreteras locales, la limpieza y la seguridad ciudadana. La perspectiva de desarrollo de las

empresas no es asumido, imponiéndose posiciones políticas con prioridades clientelistas en la asignación de los recursos y atención de necesidades. Roberts y Stimson afirman que el análisis multisectorial en la competitividad incluye la estructura de gobierno en un sentido amplio, integrando la regulación, el clima de negocios, la autonomía local y el esquema de soporte a los negocios (Roberts y Stimson 1998).

Desde la perspectiva de la competitividad de los países el referente orientador en las valoraciones emitidas es el criterio del Foro Económico Mundial. Este foro hace énfasis en la necesidad de mejoramiento en la productividad de los factores, señalándose que las capacidades del factor trabajo es el determinante. Por lo tanto, los países deben mejorar la calidad de la educación y salud aunado a la innovación tecnológica (Foro Económico Mundial 2011). La valoración realizada de la región centroamericana según el índice de competitividad global señala que Costa Rica perdió 5 puestos, Nicaragua 9 y Guatemala 6, por lo contrario, Honduras ganó 5 y El Salvador 9 esto entre el 2010 y el 2011. Adicionalmente, se confirma que los países enfrentan la inseguridad como el principal problema que afecta la competitividad. Los índices no son interpretados por los hacedores de política sectorial industrial para reforzar el desarrollo. La usencia de política industrial pasa porque se ha cedido al mercado y la liberalización la orientación de la producción. Por lo tanto, las políticas sectoriales de reforzamiento de la competitividad no son tan activas (Pérez 1997).

### **3. Dinámica productiva en las ciudades de Centroamérica**

Centroamérica es una región compuesta por seis países que históricamente se han articulado a la economía internacional a partir de la exportación de productos tradicionales como café, banano, carne y caña de azúcar. Los factores productivos normalmente explotados es la

abundancia del trabajo, los recursos naturales y la fertilidad de la tierra. En el campo social los países experimentan problemas de pobreza extrema, inseguridad ciudadana, analfabetismo, entre otros. En el nivel ambiental persisten problemas de contaminación sónica, mantos acuíferos, tierras deforestadas, entre otros. En síntesis, la problemática es bastante compleja y evidencia la realidad de países en desarrollo con más profundidad en uno u otro país.

Las ciudades centroamericanas han fortalecido la infraestructura pública y continúan haciendo esfuerzos por hacer inversión en muelles, puertos, aeropuertos y en la red vial nacional. El desarrollo de la infraestructura explica la presencia de inversionistas que localizan grandes empresas en estos espacios geográficos. Esto ha sido evidente en el auge económico de Panamá, donde ante la ampliación del canal de Panamá y del aeropuerto internacional aunado a los incentivos preferenciales en zonas francas ha atraído sustancialmente a la inversión extranjera directa entre el año 2009 y 2011, obteniéndose tasas de crecimiento en la producción entre el 5% y 7% muy por encima del promedio del 4% mostrado por la región centroamericana.

En cada uno de los países de la región sobresalen ciudades por la dinámica económica que han consolidado producto de la dotación factorial y otras condiciones que atrae a la inversión extranjera directa. Por ejemplo, la firma internacional INTEL líder en la fabricación de componentes electrónicos en el mundo decidió establecerse en Costa Rica particularmente en la ciudad de San Antonio de Belén desde 1998. También, la actividad bursátil y financiera en Panamá ha sido consolidada en la ciudad de Panamá donde grandes bancos han constituido el más grande centro financiero de la región. La pregunta que surge es ¿Cuáles son las condiciones que muestran las ciudades para posicionarse como parte de las cadenas globales de valor? En seguida se muestra el análisis de tres ciudades que agresivamente se han integrado a cadenas globales de valor,

## Latinidade

estas son San Pedro Sula, Ciudad de Panamá y San Antonio de Belén.

### Factor de competición de las ciudades de Centroamérica

Centroamérica: Ciudades según localización y factor de competición

CIUDADES	Localización geografía	Factor de competición
San Pedro Sula	Extremo suroeste del Valle de Sula	La industria: abundancia de mano de obra.
Ciudad de Panamá	Orillas del golfo de Panamá en el Océano Pacífico, al este de la desembocadura del canal de Panamá	Lo financiero: infraestructura financiera.
San Antonio de Belén	Al norte se localiza la zona industrial La Ribera y la Asunción, la cual constituye un 18% del área de Belén.	Lo tecnológico: mano de obra calificada. Además, de servicios públicos altamente competitivos.

La fortaleza de la ciudad de Panamá radica en el sector bancario y financiero forjado durante las últimas dos décadas del siglo XX. Fundamentalmente, factores como la promoción por parte del Estado, la ubicación geográfica en la región, la relativa estabilidad económica y política así como la economía dolarizada la ha posicionado como uno de los más importantes centros financieros de América Latina. Este Centro Financiero Internacional cuenta con 87 bancos, de los cuales 54 son del Sistema Bancario Nacional, 24 de la Banca Internacional y 9 bancos de representación. El Sistema Bancario Nacional,

cuenta con 284 sucursales a lo largo del país, de las cuales 132 se localizan en el municipio de Panamá. Entre los bancos nacionales más importantes están los estatales Banco Nacional de Panamá y Caja de Ahorros, y los de capital privado son el Banco General y Banco del Istmo. También, la ciudad cuenta con un Centro Internacional de Seguro y Reaseguro y un Centro Bursátil. Este posicionamiento no lo tiene ninguna ciudad de Centroamérica.

La ciudad de San Pedro Sula se ha consolidado como la “capital industrial” de Honduras donde la actividad maquiladora ha encontrado condiciones favorables que trascienden los bajos salarios. El primer factor es el Aeropuerto Internacional Ramón Villeda Morales, el cual cuenta con dos terminales modernas. El segundo factor es la cercanía de la ciudad a Puerto Cortés (55 kms), siendo esta la ciudad portuaria más importante de Centroamérica. La ventaja del puerto es estar situado en una bahía protegida de aguas profundas en donde la variación de las mareas es insignificante. La infraestructura del muelle es una fortaleza. Este dispone de seis muelles, zonas de almacenamiento cerradas y abiertas para todo tipo de mercaderías, fácil acceso a zonas y ciudades industriales, instalaciones de cabotaje, servicios bancarios, almacén frigorífico y zona libre. Tiene el puesto 36 en términos de volumen entre los puertos marítimos que exportan a Estados Unidos gracias a su proximidad con este país. La combinación de estos factores ha conllevado a una concentración importante de la actividad manufacturera, evidenciándose en el funcionamiento de 18 parques industriales de un total de 24 que operan en todo el país.

La ciudad de Belén es un cantón de la provincia de Heredia perteneciente a Costa Rica. Es una ciudad que históricamente ha sido conducida por gobiernos locales evaluados satisfactoriamente. El índice de competitividad territorial así lo confirma, es decir, el avance en los servicios sociales como suministro de infraestructura educativa y de salud, adecuadas

carreteras y puentes y resguardo del medio ambiente ha hecho que la ciudad sea atractiva para la instalación de parques industriales. Estos parques son en su mayoría caracterizados por tener énfasis en la fabricación de componentes tecnológicos. La elaboración de este tipo de bienes ha exigido la modernización, eficiencia y calidad en el suministro local de agua potable, energía eléctrica, conectividad, seguridad, entre otros servicios de logística. Estas exigencias han sido suplidas por el gobierno local y por la empresa de servicios públicos de la ciudad (ESPH) la cual es de propiedad municipal. La valoración de la competitividad de la ciudad a través de los criterios socio-demográficos, económico empresarial, infraestructura, gobierno local y medio ambiente ha sido positivo en mucho años, posicionándose la ciudad por encima del restante que compone la provincia de Heredia.

### **3.2 El aporte de las ciudades a la economía**

El aporte de las ciudades a la economía tiene múltiples explicaciones y formas en lo cultural, ambiental, social y en lo político. Sin embargo, la generación de empleo, producción y exportación ha sido la contribución de las ciudades mayormente cuantificados en cada país.

*Determinantes de la competitividad de las ciudades en las cadenas...*

Centroamérica: Ciudades según aporte a la economía y posición competitiva.

CIUDADES	Aporte a la economía	Competitividad
San Pedro Sula	Aporte del 50% al Pib Aporte del 60% a las exportaciones Aporte del 31,2% a la PEA	Posición 131 de 138 en la posición de competitividad de "Doing bussines report" del Banco Mundial.
Ciudad de Panamá	55% Pib	Posición 93 mundial y la 6 de la región en las ciudades con mejor calidad de vida Posición 7 como ciudad más competitivas de América Latina.
San Antonio de Belén(Heredia, Costa Rica.	20% de las exportaciones totales.	Posición número uno en el índice de competitividad de la provincia de Heredia.

La contribución de las ciudades que sobresalen en cada uno de los países es evidente en la producción donde el aporte al producto interno bruto es cercano al 50%. El desarrollo de la producción amplía las posibilidades de empleo, las cuales son muy escasas en las ciudades.

La posición competitiva de estas ciudades es sobresaliente. Cada ciudad capitaliza los recursos disponibles y la especialización las ha conllevado avanzar en la posición conforme cada actividad mejora. Por ejemplo, ciudad de Panamá continúa fortaleciendo su centro financiero y es un referente en la región. La ciudad de Belén ha mostrado

condiciones para desarrollar la industria tecnológica a través de la fabricación de componentes electrónicos. Esta ciudad se ha modernizado con el apoyo constante del gobierno municipal.

#### **4. Determinantes de la competitividad de las ciudades y la cadena global de valor**

PAISES	CIUDADES	CARACTERISTICAS
Panamá	Ciudad de Panamá	Infraestructura: Aeropuerto, puertos, Canal internacional de Panamá Centros financieros
Costa Rica	San José	Estabilidad social y política Estabilidad macroeconómica Calificación en el recurso humano
Nicaragua	Managua	Mano de obra barata
Honduras	Tegucigalpa	Infraestructura: puertos y carreteras Mano de obra barata
El Salvador	San Salvador	Infraestructura: carreteras y aeropuerto. Mano de obra barata
Guatemala	Antigua Guatemala	Mano de obra barata

Fuente: Planes nacionales de desarrollo de cada país. 2011.

Cada país tiene características particulares en la cultura, organización social, economía y política. No obstante, cada país ha consolidado un factor productivo que ha impulsado determinada actividad económica. Durante la década de los setentas y ochentas muchos países de la región enfrentaron

fuertes conflictos sociales y políticos donde la alternativa del socialismo como forma de organización de la sociedad confrontaba a la clase económica en el poder (empresarios), rivalidad que se concretó en guerras civiles. Este conflicto social no ocurrió en Costa Rica donde la estabilidad social y política se fortaleció y esto incentivó a la inversión extranjera directa a desarrollar la industria.

Países como Honduras y El Salvador han tenido mayor crecimiento en la población que aunado a la falta de oportunidades económicas se causa una masa de desempleados que reduce el costo del factor trabajo, siendo atractivo para la industria la producción intensiva en trabajo con bajos salarios. Por lo tanto, se han consolidado industrias manufactureras en el textil, alimentos, maquinaria, entre otros.

Panamá es un país que la orientación en la producción no ha sido en base al uso intensivo del trabajo sino que se ha avanzado en la dotación de infraestructura financiera así como la de puertos y aeropuertos. La particularidad de Panamá radica en la apropiación del Canal de Panamá, actividad que le genera muchos recursos financieros al gobierno para financiar gasto público. Las ventajas de infraestructura son el atractivo a la inversión extranjera directa sumado a condiciones preferenciales ofrecidas por los entes promotores de la inversión nacional.

Cada país de Centroamérica tiene un desempeño económico diferente porque son economías que tienen recursos productivos con productividades distintas debido al nivel de calificación del recurso humano y dotación de los recursos naturales. El perfil general de cada país se muestra en seguida.

Centroamérica: Indicadores según país 2010.

*Latinidade*

VARIABLES/ PAIS	GUATEMALA	EL SALVADOR	HONDURAS
Moneda y tipo de cambio	Quetzal	Colón	Lempira
Superficie km <sup>2</sup>	108.889	21.041	112.492
Población	14.361.666	6.216.143	8.045.990
PIB Percapita (US\$)	2.867	3.413	1.914
Desempleo (%)	3,5	7,2	5,1
Exportación (Millones US\$)	8.466	4.472	5.742
Salarios mínimo en US\$	237	208	236

VARIABLES/ PAIS	NICARAGUA	COSTA RICA	PANAMA
Moneda y tipo de cambio	Córdoba	Colón 8,75 x un dólar	Dólar
Superficie km <sup>2</sup>	129.494	51.100	75.420
Población	5.815.524	4.563.538	3.516.820
PIB Percapita (US\$)	1.099	7.842	7.589
Desempleo (%)	7,8	7,3	6,5
Exportación (Millones US\$)	3.128	9.341	17.409
Salarios mínimo en US\$	148	614	416

Fuente: Consejo Monetario Centroamericano, Banco Mundial y Bancos Centrales de cada país.

Las monedas que los países utilizan para transar son diferentes pero todas tienen de referencia comparativa el dólar estadounidense. La paridad entre cada moneda y el dólar se mide a través del tipo de cambio real bilateral. Algunas veces

esta relación indica que cada moneda está devaluada o revaluada con respecto al dólar, generándose competitividad a favor o en contra del sector exportador. Por ejemplo, en Costa Rica a marzo del 2012 la relación era 512 colones por \$1, implicando un tipo de cambio real igual a 77,5 es decir, la moneda está apreciada en un 22,5%, encareciéndose las exportaciones en los mercados internacionales, recibiendo menos colones por dólar de venta realizada en el exterior. Contrariamente, los importadores están pagando menos por los bienes importados del exterior. Esta es una muestra del tipo de competitividad espuria que experimentan los países dado el manejo de la política cambiaria en cada economía.

En materia de distribución del ingreso generado por la producción puede indicarse que Costa Rica y Panamá son los que mayor producto interno bruto per cápita muestran anualmente comparativamente con el resto de países de la región. Lo anterior implica que el bienestar en países como Honduras y Nicaragua relativamente es muy inferior y otros países como Guatemala y El Salvador tienen mejores ingresos. Este nivel de ingreso per cápita es insuficiente para solventar las múltiples necesidades de salud, educación, vivienda y alimentación que los ciudadanos experimentan, lo cual se evidencia en los niveles de pobreza persistente en cada uno de los países.

Los países Centroamericanos tienen dimensiones geográficas y poblaciones que permiten diferenciarlos según su tamaño. Entre los países más pequeños están Costa Rica y Panamá donde la población es prácticamente la mitad con respecto al resto de los países solamente que tienen una capacidad adquisitiva mayor. Otros países como Guatemala y Honduras muestran mayor extensión geográfica y población, recursos que son integrados a la producción de bienes y servicios. En materia de desempleo, este se ha agudizado

producto de la crisis internacional. Costa Rica tiene serios problemas de empleabilidad con una tasa de desempleo abierto del 7,8% en el 2011 y en la región se estima un desempleo abierto entre el 7% y el 8% en el 2011 (BCCR 2011). Todos los países enfrentan dificultades en la generación de empleo y producción, el crecimiento mostrado ha sido insuficiente para absorber a un grupo de ciudadanos que no tienen empleo, quienes continuamente emigran de la zonas rurales a las ciudades en busca de empleos en la industria y en el peor de los casos se agrupan en cinturones de pobreza donde las condiciones sociales son de deterioro.

Las economías de Centroamérica históricamente han sido sumamente abiertas al comercio internacional. A partir de la década de los ochentas, la apertura comercial se aceleró a través de la negociación de tratados de libre comercio con muchos países. Prácticamente, la región tiene libre comercio con México, Estados Unidos y Europa, entre otros países y regiones. El comercio se ha incrementado significativamente medido como la suma de las importaciones y las exportaciones. No obstante, cada uno de los países muestra déficits comerciales producto de que la base exportable no ha logrado crecer proporcionalmente a las importaciones. Los países que mayores exportaciones muestran son Costa Rica y Panamá. En el caso de Costa Rica, el déficit comercial supera anualmente los cuatro mil dólares. El monto exportable de 9,3 mil millones resulta insuficiente para compensar las importaciones que fueron de 13,5 mil millones en el 2010. Países como Nicaragua y El Salvador son los que menor monto exportable muestran en la región, aunque mantienen vigentes múltiples tratados de libre comercio.

La inflación históricamente en Centroamérica ha sido superior a los dos dígitos. El control de los precios ha sido una tarea difícil debido a condiciones locales e internacionales

adversas como el acelerado aumento en el precio de los hidrocarburos. No obstante, la inflación de un dígito ha sido la tendencia entre el año 2000 y el 2010, los países han tendido a tener una inflación entre el 5 % y el 7% (Iraheta y granados 2011). Algunos han tenido mayor éxito que otros en el control de precios donde la estabilidad macroeconómica ha sido una condición pre establecida para alcanzar el crecimiento económico.

## **5. Conclusiones**

La orientación de la competitividad en cada país ha transitado por las definiciones programáticas impulsadas por los gobiernos. En Costa Rica los gobiernos han creado programas de competitividad que incluyen áreas estratégicas como la infraestructura, la tecnología, simplificar la regulación, entre otros. Las buenas intenciones de estos programas han sido insuficientes para mejorar el posicionamiento de las ciudades en la cadena global de valor. Por el contrario, son múltiples los factores que logran posicionar a cada ciudad en la producción, incluso superándose la tradicional afirmación que asocia inversamente los salarios con la competitividad. Para unas ciudades lo determinante en la competitividad ha sido la infraestructura pero para otras el desarrollo del mercado financiero.

La competitividad en las ciudades está muy influenciada por el clientelismo político impulsado en los gobiernos municipales. La asignación de recursos se realiza en base a prioridades políticas al margen en muchos casos de las necesidades de las empresas. Por lo tanto, las mejoras en parques públicos tienen prioridad sobre el suministro de servicios públicos con eficiencia y calidad, y se dificulta el dotar de infraestructura de soporte a las empresas locales debido a la falta de recursos financieros. Internamente, la gestión pública se muestra desarticulada y con pocos esfuerzos de cooperación,

alianzas estratégicas y colaboración inter institucional. Lo anterior dificulta hacer encadenamientos productivos por parte de las empresas para fortalecer el tejido productivo en cada ciudad.

Las ciudades en Centroamérica han sido evaluadas a través de índices de competitividad al igual que los países en general. Los resultados indican que la inseguridad en la región y en las ciudades afecta la competitividad de las empresas. La responsabilidad de solventar esta dificultad recae en el ámbito público, es decir, al marco institucional operante. No obstante, los gobiernos centrales enfrentan profundos déficit fiscales aun no resueltos, lo cual limita la ejecución y consecución de resultados positivos en éste campo.

Las ciudades sobresalen en cada país y en la región por la dotación de los factores productivos que históricamente se han ido consolidando según estrategias intencionales o por posiciones políticamente predefinidas. Por lo tanto, en San Pedro Sula el fortalecimiento de la infraestructura industrial ha consolidado la manufactura textilera. En Costa Rica el avance educativo y el desarrollo tecnológico ha contribuido a que la industria del software acoja satisfactoriamente a empresas de alta tecnología que son fabricantes de componentes electrónicos como Intel. También, en Panamá el desarrollo financiero y los servicios han dado paso a la constitución de un gran centro financiero que oferta recursos a tasas de interés inferiores comparativamente con lo ofertado por los bancos nacionales y privados en cada uno de los países. En síntesis cada ciudad económicamente sobresale por su ventaja comparativa en algún factor productivo, a saber: mano de obra, infraestructura, entre otros.

La competitividad de las ciudades es siempre vulnerable debido a los cambios que pueden ocurrir en el corto plazo en cada uno de los determinantes. Lo anterior hace que el posicionamiento de la inversión extranjera directa objetivada en una empresa multinacional pueda cambiar de posición

geográfica si las condiciones de producción no son óptimas. En el caso de Costa Rica muchas empresas textiles buscaron otros países y ciudades en América Latina y dejaron de producir en Costa Rica debido a los altos costos de producción. De igual manera puede ocurrir con las industrias tecnológicas existentes, las cuales pueden emigrar a otro país si las condiciones del contexto económico no son favorables relativamente. Por lo tanto, la competitividad es algo relativo, lo que hoy es bueno mañana podría ser no tan bueno y perjudicar la estabilidad de la producción, el empleo y la inversión en una ciudad o economía en desarrollo.

### **Bibliografica**

Iraheta J y Granados L. (2011). *Consejo Monetario Centroamericano. Secretaría Ejecutiva. Tercer informe de coyuntura macroeconómica. San José, Costa Rica. 2011.*

Gobierno de Costa Rica. 2006. Agenda Nacional de competitividad 2006-2016. Consejo Nacional de la Competitividad. San José, Costa Rica.

Banco Central de Costa Rica. 2011. *Programa macroeconómico 2011-2012.* San José, Costa Rica.

Procomer. *Promotora de Comercio Exterior. Estadísticas de comercio exterior 2010-2011.* San José, Costa Rica.

Kochan, T. Harry K., McKersie R. 1994. *The transformation of american industrial relations.* 2ed. Cornell University. NY.

Pérez W. 1997. *Políticas de competitividad industrial: América Latina y el Caribe en los años noventa.* Editorial Siglo Veintiuno. Madrid, España.

Messner Dirk, Meyer-Stamer Jorg (1994). *Competitividad Sistémica. Pautas de Gobierno y Desarrollo.* Revista Nueva Sociedad, No.133. Setiembre-Octubre. Pp.72-87.

Parada M. 2009. *La fuerza motriz en el desarrollo económico de las Micros, Pequeñas y Medianas Empresas (Mipymes) en la Cadena*

## *Latinidade*

Global de Ropa. Revista Iberoamericana de Economía Ecológica. Vol, 10: 15-28.

Buitelaar, R.(2000) “¿Cómo crear competitividad colectiva: marco para la investigación de políticas de cluster?”. CEPAL, Unidad de Industria. División de Desarrollo Productivo. Enero, Chile.

Condo Arturo, Figueroa Luís y otros (2004). *El Sector Textil Exportador Latinoamericano ante la Liberalización del Comercio*. INCAE. San José. Costa Rica.

Roberts, B y Stimson Robert. 1998. *Multi-sectoral qualitative analysis: a tool for assesing the competitiveness of regions and formulating strategies for economic development*. The Annals of Regional Science. 32: 469-494.

Gereffi and Miguel Korzeniewicz (1994). *Commodity Chain and Global Capitalism*. Praeger. Westport, Connecticut. London.

Esser, k (1996). *Systemic competitiveness*. New governance patterns for industrial development. FRANK CASS and German Development Institute of Berlin. London. 1-172

Banco Mundial. *Doing Bussines Report 2010*.

Parada, M. y Meneses C. 2006. *Las Capacidades Competitivas de la Micro y Pequeña Empresa de Ropa y su Relación con las Empresas Comercializadoras en Costa Rica*. Conferencia. II Semana Facultad de Ciencias Sociales. UNA. Heredia, Costa Rica.

Benavides Ch. 2010. *Innovación, tecnología y desarrollo regional*. EUNA. Universidad Nacional de Costa Rica. Heredia, Costa Rica.

Balkyte, Audrone; Tvaronaviciene, Manuela. 2010. *Perception of competitiveness in the context of sustainable development*. facets of “sustainable competitiveness”. Journal of Business Economics and Management.

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.

# Novas abordagens geopolíticas em tempos de globalização: considerações sobre a gestão do petróleo no Brasil.

Ciro Marques Reis<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## Resumo

Este artigo tem como objetivo construir uma discussão teórica sobre o conceito de geopolítica, desde suas concepções iniciais, em especial a Escola Alemã, até as suas novas abordagens conceituais, passando por sua íntima relação com o Estado e o território como categorias analíticas fundamentais. Com especial atenção ao conceito de território nacional, como base espacial da ação política e de projeção de poder do Estado. Tal empreitada foi desenvolvida a partir das relações de poder estabelecidas na geopolítica do petróleo mundial e do Brasil, e sua complexa rede de poder com atuação de novos atores geopolíticos contemporâneos. Conclui-se que apesar dos processos globais que pressionam constantemente o território, o Estado permanece como ator privilegiado na geopolítica contemporânea, embora sua atuação esteja cada vez mais atrelada a uma lógica capitalista, empresarial e corporativa, descolada dos interesses e necessidades locais.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo construir una discusión teórica sobre el concepto de geopolítica, desde sus concepciones iniciales, especialmente la Escuela Alemana, hasta sus nuevos

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia PPGEO UERJ. Mestre em História PPGH UERJ. Cientista Social UERJ.

enfoques conceptuales, pasando por su relación íntima con el Estado y el territorio como categorías analíticas fundamentales. Con especial atención al concepto de territorio nacional, como base espacial para la acción política y la proyección del poder del Estado. Tal empresa se desarrolló en base a las relaciones de poder establecidas en la geopolítica del petróleo mundial y Brasil, y su compleja red de poder con el desempeño de nuevos actores geopolíticos contemporáneos. Se concluye que a pesar de los procesos globales que presionan constantemente el territorio, el Estado sigue siendo un actor privilegiado en la geopolítica contemporánea, aunque su desempeño está cada vez más vinculado a una lógica capitalista, empresarial y corporativa, separada de los intereses y necesidades locales.

### **Abstract**

This article aims to build a theoretical discussion on the concept of geopolitics, from its initial conceptions, especially the German school, to its new conceptual approaches, going through its intimate relationship with the State and the territory as fundamental analytical categories. With special attention to the concept of national territory, as a spatial basis for political action and the projection of state power. Such an undertaking was developed based on the power relations established in the geopolitics of world oil and Brazil, and its complex power network with the performance of new contemporary geopolitical actors. It is concluded that despite the global processes that constantly pressure the territory, the State remains a privileged actor in contemporary geopolitics, although its performance is increasingly tied to a capitalist, business and corporate logic, detached from local interests and needs.

## **Introdução**

A geopolítica sempre se caracterizou pela presença de pressões de todo tipo, intervenções no cenário internacional desde as mais brandas até guerras e conquistas de territórios. Inicialmente, essas ações tinham como sujeito fundamental o Estado, pois ele era entendido como a única fonte de poder, a única representação da política, e as disputas eram analisadas apenas entre os Estados. Hoje, esta geopolítica atua, sobretudo, por meio do poder de influir na tomada de decisão dos Estados sobre o uso do território, uma vez que a conquista de territórios e as colônias tornaram-se muito caras. (BECKER, 2005, p. 71)

Em conferência do mês do Instituto de Estudos Avançados da USP, realizada em abril de 2004<sup>2</sup>, Bertha Becker sintetizou de forma precisa as transformações nas abordagens analíticas da geopolítica, desde o seu nascimento, na virada do XIX para o XX, até a atualidade, quanto ao papel ocupado pelo Estado nas teorias de análise nessa área de estudo. E este artigo tem esta finalidade, construir uma discussão teórica sobre o conceito de geopolítica, desde suas concepções iniciais, em especial a escola alemã, até as suas novas abordagens conceituais, passando por sua íntima relação com o território como um dos conceitos-chave da Geografia, e particularmente, com o conceito de território nacional, como base espacial da ação política e de projeção de poder do Estado.

Tal empreitada se faz necessária no presente trabalho, pois as relações de poder estabelecidas na geopolítica do petróleo mundial amalgamam agentes diversos e interesses específicos e conflitantes. As tensões entre os Estados-nacionais na busca por recursos energéticos no que tange ao acesso, controle e

---

<sup>2</sup>Publicado em 2005 na Revista de Estudos Avançados em 2005, com o título Geopolítica da Amazônia.

comércio de petróleo são o maior exemplo, mas não o único. O que dizer sobre o papel histórico desempenhado pelas grandes empresas privadas internacionais do setor petrolífero e sua relação conflituosa com países produtores e possuidores de grandes reservas de petróleo? Ou das ações políticas de grupos em defesa do meio ambiente na atualidade, em oposição às atividades exploratórias de petróleo em regiões como o Ártico? Agentes tradicionais e novos compondo um novo quadro de forças global em torno da gestão do petróleo.

Desta forma, evidenciasse que a esta complexa rede de poder pertence também toda uma gama de agentes sociais, políticos, culturais e econômicos, atuantes em variadas escalas espaciais, que geram e sofrem impactos sobre, e advindos, da geopolítica do setor petrolífero. Organizações internacionais e intergovernamentais, sindicatos de trabalhadores e patronais, gestores de políticas públicas de todas as esferas do poder, universidades, sistema financeiro, cidades, regiões, populações indígenas e tradicionais, organizações setoriais da economia, associações civis, consórcios intergovernamentais, organizações não governamentais ligadas à cultura, religião, ao trabalho, ao desenvolvimento social e às preocupações com meio ambiente, isoladamente, como partes conflitantes, ou sob uma mesma agenda, são atores geopolíticos contemporâneos atuantes, como agentes influenciadores na densa rede política da indústria do petróleo mundial.

As interfaces entre a indústria do petróleo e esses agentes geopolíticos são diversas, pois a primeira gera impactos igualmente variados, e intensos: no processo de (des)regulação, nas relações de trabalho, no comportamento da oferta de emprego, na indicação do nível da qualidade da mão-de-obra, nas formas do uso da terra, na estruturação fundiária, na especulação imobiliária, no crescimento acelerado e desordenado das cidades, nos fluxos migratórios, na

refuncionalização dos espaços rurais e urbanos, nos setores de atividade econômica, no meio ambiente, entre outros. E tais impactos estão atualmente conectados a uma lógica global, e fortemente influenciados por uma commodity energética altamente estratégica e vital para a maioria dos países.

Na escala global o petróleo tem sido o pivô de guerras, sanções comerciais, acordos bilaterais, ingerência política estrangeira e guerra de preços, que atuam verticalmente, atravessando escalas espaciais e níveis de gestão territorial até chegar ao espaço local, gerando os impactos supracitados. O aumento ou a queda do preço do petróleo, resultante da guerra de preços, instrumento clássico da geopolítica do petróleo, que tem como uma de suas origens principais a tensão macro entre países produtores e países consumidores, é um perfeito exemplo da conexão entre as esferas global e local, e de como estratégias geopolíticas voltadas para o embate internacional entre atores de peso podem afetar a mais diminuta região do planeta dependente direta ou indiretamente da cadeia produtiva do petróleo<sup>3</sup>.

Revela-se assim, que o conceito tradicional de território na geopolítica, intimamente ligado à figura do Estado-nação (expressão política e espacial, de um momento histórico de afirmação e conformação do próprio Estado, das suas fronteiras, e de políticas de expansão de seus limites espaciais) não traduz a capilaridade contemporânea das relações de poder estabelecidas entre agentes diversos, através de fluxos multidirecionais que inter cruzam escalas espaciais variadas,

---

<sup>3</sup>Macaé, no Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro tem sido uma das cidades mais analisadas em estudos sobre os impactos socioespaciais da indústria do petróleo no Brasil por ser a principal base territorial da indústria de petróleo que se instalou na Bacia de Campos, RJ na década de 1970.

ignorando fronteiras e desafiando o controle territorial do Estado.

Ocorre, como consequência direta, a própria revisitação e ressignificação do conceito de geopolítica, na medida em que o território, como unidade política, antes base sólida de projeção da ação geopolítica do Estado, fragmentou-se, tornou-se plural, assumiu múltiplas dimensões expressas em variadas territorialidades. O solo sob o qual repousou e floresceu a geopolítica clássica, localizado temporalmente no final do século XIX e na primeira metade do século XX, onde o Estado era visto como ator fundamental e o controle territorial a materialização de seu poder geopolítico, profundamente vinculada a uma lógica imperialista, tornou-se movediço em tempos de globalização.

Assumisse aqui a superação de uma “concepção unidimensional do poder” (Estado = Poder), na qual, segundo Claude Reffestin (1993), o Estado, compreendido como ator privilegiado e principal ordenador do território, acaba por sublimar uma intensa teia de relações de poder. É oportuno ressaltar, que em tempos de pressões econômicas de caráter liberal na economia, cada vez mais intensas sobre os Estados, acompanhadas de leituras que apontam a “erosão do Estado como forma política” (Rangel, 2012), visto em obras de grande repercussão como em Huntington (1996) – *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial* - que desloca o protagonismo da política mundial para a esfera da cultura e das relações de poder entre civilizações, e Fukuyama (1992) – *O Fim da História e o Último Homem* – que aponta a supremacia (e a inexorabilidade) do liberalismo econômico sobre o político, e suas formas tradicionais de ordenamento do mundo, não há aqui nenhuma defesa ou abandono do Estado como importante objeto analítico da geopolítica, e da geografia política. Nem tão pouco negar o papel fundamental, ainda

desempenhado pelos Estados-nacionais, seja na organização doméstica do território, como também na disputa e organização do poder em escalas supranacionais. Seria um erro, não só pela força epistemológica do conceito nos estudos políticos e geográficos, mas também pela própria permanência (inércia ou maior duração), em escalas superiores e inferiores, de múltiplas formas de organização política do espaço, ou seja, de ordenação do território, advindas do exercício do poder estatal, que são particularmente sensíveis ao olhar geográfico. O próprio Huntington faz referências ao papel desempenhado pelos “Estados-núcleos” nas relações internacionais, e de como ainda exercem, ao estilo da tradição realista nas relações internacionais, suas pressões de ordem financeira, militar, econômica, cultural, e, para o nosso recorte específico, territorial<sup>4</sup> (Huntington, 1996, p.260).

Logo, deslocar o olhar da análise geopolítica para a esfera das relações de poder, não significa de forma alguma, retirar o Estado e suas estratégias de ordenamento e gestão do território desta equação.

Da escola geopolítica determinista alemã (*Geopolitik*) onde, segundo Shiguenoli Miyamoto (1981, p. 77), a geografia determinava os destinos da nação, e, que teve como alguns de seus grandes expoentes Friedrich Ratzel (1844-1904), Rudolf Kjellén (1864-1922) e Karl Haushofer (1869-1946), passando por um período de ostracismo pós-Segunda Grande Guerra Mundial, quando para Wanderley Messias da Costa (2008, p. 222) a geopolítica passa a assumir um papel de “instrumento pseudocientífico” quase que somente restrita a círculos

---

<sup>4</sup>Para Huntington há prevalência das questões culturais. O exercício do poder estatal é resultante das tensões entre civilizações. Só ocasionalmente, a questão territorial se impõe e por consequência o Estado.

militares<sup>5</sup>afastada da condição de ciência, e, após os anos 1970, com o resgate da perspectiva política como eixo de investigação geográfica com as abordagens geopolíticas de Yves Lacoste (1977 e 2003), Claude Raffestin (1980), a geopolítica percorreu uma trajetória oscilante, sendo suas teorias resultantes de seus contextos históricos, políticos, sociais e espaciais específicos. Desta forma, será apresentada uma breve recuperação dessa trajetória, ressaltando à circunscrição aos seus troncos principais, em especial a escola alemã, dado não ser possível, e nem ser o objetivo específico deste capítulo, cobrir a totalidade de teorias geopolíticas existentes, que são tantas quantas as interpretações dos mais variados intelectuais, da mais variadas áreas, nos mais variados períodos históricos, geraram.

Temporalmente optou-se por iniciar pelo período imediatamente anterior ao surgimento da geopolítica como disciplina, ao final do século XIX. Isso não significa o não reconhecimento e importância das obras de estrategistas e de teóricos de guerra e de Estado, em períodos anteriores e mesmo longínquos da história<sup>6</sup>,mas,sobretudo, a necessidade metodológica, e sempre frustrante (diante da riqueza de autores), de estabelecer um recorte temporal voltado ao interesse específico deste capítulo em questão, dentro do contexto geral desta tese.

---

<sup>5</sup>Para Costa, após o término da Segunda Guerra Mundial, com a derrota do nazi-fascismo, há também a derrocada das formulações geopolíticas que procuravam legitimar a política militar expansionista alemã.

<sup>6</sup>Autores como Clausewitz (1780-1831) e sua obra “Da Guerra” (1832-1837), Maquiavel (1469-1527) e o “O Príncipe” (1513), Sun Tzu com a “Arte da Guerra” (505-496 A.C.), e outros “proto-geopolíticos” que pensaram em estratégias de defesa, conquista e ordenação do território, refletiram, inclusive, sobre a importância de aspectos geográficos (tamanho e posição dos terrenos, aspectos dos relevos, recursos naturais), nessas questões. Seus nomes são recorrentemente citados em várias obras sobre geopolítica, como precursores da disciplina.

## Ascensão e queda da Geopolítica: o Estado como ator privilegiado

A literatura é praticamente unânime ao atribuir a criação do termo Geopolítica ao cientista político sueco Rudolf Kjellén. O termo *Geopolitik* surge uma única vez em “*Die Großmächte der Gegenwart*” (As Grandes Potências, 1905. p.39), quando o autor, no terceiro capítulo da obra, faz uma análise sobre a composição da nação francesa, e sua relação com o idioma:

Volk. Entsprechend der Anweisung der **Geopolitik** erwarten wir auf der östlichen front stärkere Ausnahmen von der Einheit der Nation und finden auch außerhalb der Grenze hier 4 Millionen französischsprachender (3 in Belgien, 0,2 in Lothringen, 0,8 in der Schweiz), also eine “Gallia irredenta” von 10% des Stammes, die aber im ganzen nicht stark nach dem Sprachpol gravitieren. Die fremden Elemente im Lande betragen, selbst wenn man die stark patriotischen Bretoner und die Ausländer in den Städten mitrechnet, nicht einmal 9% der staatlichen Bevölkerung. Alles in allem ist die französische Nationalität einer der konzentriertesten auf der Welt und hat im Reiche im vollsten Sinne des Wortes ein eigenes Heim.<sup>7</sup>(Grifo nosso)

Mas autores como Saul Bernard Cohen (Geopolitics of the World System, 2003, p.11), e Joan Nogué Font & Joan Vicent

---

<sup>7</sup>Tradução: Povo (Nação). Segundo os preceitos (instruções) da Geopolítica, esperamos no front oriental intensas exceções à unidade da Nação e encontramos também [aqui] fora dos limites das fronteiras 4 milhões de falantes da língua francesa (3 na Bélgica, 0,2 em Lorena e 0,8 na Suíça), ou seja, uma “Gallia irredenta” de 10% de um povo, a qual, no entanto, não gravita completamente segundo o polo linguístico. Os elementos estrangeiros no país não contabilizam, mesmo incluindo os bretões fortemente patriotas e os estrangeiros nas cidades, nem ao menos 9% da população. Somando tudo, a nacionalidade francesa é uma das mais concentradas do mundo e tem em seu reino, no sentido mais completo da palavra, sua própria casa.”.(Obra de 1905, disponível em versão digitalizada de 2015 no formato da original)

Rufí (Geopolítica, Identidade e Globalização, 2006, p.60) referenciam o uso do termo pela primeira vez em 1899 e 1898, respectivamente, sem, no entanto, fundamentar a informação. Berta Becker (2011, p. 277) não só lhe atribui à paternidade do termo como também a própria criação da Geopolítica como disciplina. Análise semelhante àquela desenvolvida por Wanderlei Messias da Costa (2008, pp.56-58), para quem Kjéllen “teve o mérito de ter operacionalizado” a herança teórica de Ratzel.

De fato, Kjellén deu forma, dinâmica e função às teorias deterministas e organicistas de Ratzel, ligando a Geopolítica às ações políticas e estratégicas de Estado, elevando-a, desta forma, à condição de “Ciência de Estado”. É preciso ressaltar que Ratzel produzira suas principais obras *Antropogeographie* (1882), *Politische Geographie* (1897), e *Der Lebensraum* (1901) e um contexto histórico e social fortemente influenciado pelo processo de unificação da Alemanha (1871), e pelo impacto científico de A Origem das Espécies de Charles Darwin (1859), e sua derivação na área do saber sociológico – o darwinismo social. Havia, portanto, um caldo de cultura da Europa do século XIX, a estimular teorias legitimadoras da expansão imperialista, de base territorial de suas potências, principalmente na Alemanha, retardatária na corrida neocolonialista.

Não é difícil associar a lei da sobrevivência do mais forte na seleção natural de Darwin (1809-1882), e do darwinismo social de Hebert Spencer (1820-1903), (que segundo Costa (2008, p.44) produzira uma ideia distorcida de interpretação do Estado como organismo biológico, porém importante para “introdução do meio nas teorias do Estado”), à interpretação ratzeliana do Estado como organismo vivo em *Politische Geographie* (1897), e da ideia de espaço vital em *Der Lebensraum* (1901).

É nesta linha de pensamento que Kjellén sentencia que “a geopolítica é a ciência do Estado enquanto organismo geográfico tal e como esse se manifesta no espaço”, em sua obra *Der Staat als Lebensform* (1916)<sup>8</sup>. A “metáfora orgânica do Estado” (Hepple, 2013, p. 136), da qual se apropriou Kjellen, se mostraria vigorosa, não só para o contexto alemão da primeira metade do século XX, mas também para fora dele, transformando-se na base da Geopolítica Clássica de cunho realista, sendo o Estado o ator principal das ações políticas, seja na sua conformação interna na construção da nação e sua íntima relação com o território, mas também na relação de forças entre Estados na arena global. Hepple também aponta como receptores desta forte discurso metafórico, as ditaduras latino-americanas na segunda metade do século XX<sup>9</sup>.

Ratzel inaugura a Geografia Política emprestando uma perspectiva geográfica às análises históricas e políticas do Estado, valorizando especialmente, como determinantes geográficos para consolidação e crescimento do Estado, os conceitos de espaço e posição. Espaço compreendido como o tamanho e unidade interna do Estado, e posição compreendida como a situação geográfica do Estado em relação aos seus pares. Tais escolhas são reveladoras da preocupação maior de Ratzel, que era a de solucionar, e ao mesmo tempo legitimar a expansão territorial alemã, potência capitalista emergente sedenta por novos espaços que lhe garantissem a ampliação do seu mercado, e o acesso a matérias primas, condições vitais para a reprodução ampliada capitalista. A expansão territorial é

---

<sup>8</sup>O Estado como forma de vida.

<sup>9</sup>Myamoto faz uma recuperação histórica das contribuições teóricas de geopolíticos brasileiros desde os pioneiros Everardo Backheuser e Mário Travassos, até Therezinha de Castro, Meira Mattos e Golbery do Couto e Silva, representantes de uma nova etapa do pensamento geopolítico brasileiro.

vista como consequência do progresso, e o espaço vital o produto da relação entre a população e o meio (recursos naturais, condições geográficas). Seria da natureza das potências capitalistas, ampliar o seu espaço vital, daí podermos considerar o imperialismo como resultado político, proporcionado pela ação dos Estados amalgamadores de territórios, do movimento expansivo do capitalismo industrial e financeiro, e do próprio processo de acumulação capitalista típico do período.

O espaço alemão pós-unificação fora construído, e foi mesmo pré-condição, para sua estratégia orgânica de sobrevivência pautada no crescimento, e esse só poderia se realizar (na perspectiva naturalizada de Ratzel e Kjellén) com a anexação de novos territórios, diante da lógica de acumulação capitalista. Tanto os postulados de Ratzel, quanto de Kjellén, em relação à inexorabilidade do crescimento como condição vital do Estado potência, respondem na esfera da política, a uma lógica econômica, que por sua vez está intimamente ligada a determinantes geográficas, como a posição geográfica do Estado em relação aos seus competidores internacionais, os recursos naturais de que dispõe, e sua demografia. Como anexar novos territórios se seus vizinhos são potências imperiais sedimentadas? Como alimentar o processo produtivo sem acesso às matérias primas? Como evitar a crise da superprodução (ou do subconsumo), ou ampliar a mais-valia sem novos mercados consumidores e reserva de mão-de-obra?<sup>10</sup>. Em resumo, a expansão territorial surgia como solução para o excedente de produção de mercadorias e de capital.

---

<sup>10</sup>A alegoria do Estado como organismo vivo, e do crescimento como estratégia vital inclui também a preocupação com o excedente populacional. Novos territórios também seriam a solução para esse problema.

Rosa Luxemburgo revela tal relação do econômico com o espaço e com a reprodução ampliada capitalista:

O Capital não pode existir sem contar com a presença dos meios de produção e da força de trabalho de toda parte; para o desenvolvimento pleno de seu movimento de acumulação ele necessita de todas as riquezas naturais e da força de trabalho de todas as regiões do globo. Uma vez que de fato e em sua maioria estas se encontram ligadas a formas de produção pré-capitalistas – que constituem o meio histórico de acumulação do capital – ,daí resulta a tendência incontida do capital de apossar-se de todas as terras e sociedades (SANTOS apud LUXEMBURGO, 2010, p. 5)

É durante a segunda metade do século XIX, com o adensamento das atividades industriais, que ocorre o surgimento do capitalismo de formato monopolista, com trustes e cartéis superando o ambiente concorrencial dentro dos Estados. Leo Huberman (1983) reafirma as preocupações teóricas de Rosa Luxemburgo com o problema do subconsumo e sua relação com a práxis imperialista das grandes potenciais industriais do período. Segundo Huberman, o capitalismo monopolista levou a produção industrial a uma escala tão elevada, que a produção de mercadorias se tornou superior à necessidade de consumo interno dos países. Como a forma de monopólio havia dominado a cena industrial, os industriais poderiam regular os preços, através da não utilização total de suas capacidades produtivas e da limitação da produção de mercadorias a um preço controlado, obtendo grandes lucros. As indústrias monopolistas europeias se viram com capacidade de produção industrial não utilizada, e, com os grandes lucros, com excesso de capital. Como o ambiente europeu do fim do século XIX era de crescente protecionismo comercial entre as nações ricas e industriais, esses excedentes encontraram nas colônias o lugar de suas realizações.

Antônio Carlos Robert Moraes (2003, p. 69) reforça essa ideia ao analisar o contexto histórico ao qual está inserida a produção intelectual de Ratzel. A Alemanha seria o elo mais fraco ou destoante da expansiva cadeia imperialista europeia da segunda metade do século XIX<sup>11</sup>. Possuía uma característica que lhe diferenciava das demais, e que lhe “obrigava” a investir num projeto de expansão territorial: não possuía colônias como as outras potências imperialistas do período. Para Moraes, Ratzel legitimava essa questão:

Ratzel vai ser um representante típico do intelectual engajado no projeto estatal; sua obra propõe uma legitimação do expansionismo bismarckiano. Assim a Geografia de Ratzel expressa diretamente um elogio do imperialismo, como ao dizer, por exemplo, “semelhante à luta pela vida, cuja finalidade básica é obter espaço, as lutas dos povos são quase sempre pelo mesmo objetivo. Na história moderna a recompensa da vitória foi sempre um proveito territorial (MORAES, 2003, p.69)

Entendimento semelhante ao de João Phelipe Santiago (2013, p.174), que considera, até mesmo, não haver em Ratzel uma preocupação maior com as questões econômicas e suas relações com o social. Para Santiago, a atenção de Ratzel estava voltada primordialmente no “*subsidiar estrategicamente as camadas dominantes com o que deve ser levado em conta para construir um Estado-nação forte e soberano, para a expansão dos interesses vitais que demandam o crescimento estatal*”.

Os postulados de Ratzel sobre o crescimento espacial dos Estados (Leis dos Espaços Crescentes) podem ser interpretados como uma espécie de tradução da práxis imperialista, de prevalência do mais forte sobre o mais fraco, e do uso político do conhecimento geográfico, sob uma perspectiva orgânica do

---

<sup>11</sup>Segundo Moraes o termo “cadeia imperialista” vem de Nico Poulantzas.

Estado. De um manifesto destino de superioridade das potências industriais europeias do período, expresso nas conquistas de novos espaços, novos territórios. O crescimento espacial é condicionante nos 7 (sete) pressupostos de Ratzel:

1º. A necessidade de espaço cresce com a cultura do Estado;

2º. O crescimento do Estado precede o crescimento do próprio povo;

3º. O crescimento do Estado manifesta-se pela adição de outros Estados menores, dentro do processo de amalgamação;

4º. A fronteira é órgão periférico do Estado, e aponta para o crescimento e remodelação do tamanho do Estado;

5º. Ao crescer o Estado luta pela absorção de regiões e seções politicamente importantes (estratégicas);

6º. O primeiro ímpeto para o crescimento vem de outra civilização superior;

7º. A tendência de anexação e assimilação de novos territórios é geral, e se mantém de Estado para Estado, se tornando cada vez mais intensa.

Vale mencionar que, ao Ratzel traduzir o Estado como organismo vivo, a questão das fronteiras acaba superando o determinismo geográfico que lhe poderia servir de demarcações interestatais, como rios ou cordilheiras. Para o crescimento do Estado as fronteiras devem ser entendidas como políticas, sendo assim, móveis, produtos do momento histórico e da situação geográfica na qual estão inseridos os atores estatais. As determinantes geográficas surgem de forma importante como objetivo de conquista para manutenção do crescimento do Estado. Regiões estratégicas e recursos naturais ocupam importância central neste debate, como as saídas para o mar, domínio de bacias hidrográficas, áreas para plantio de culturas, e recursos minerais.

Em um século XIX repleto de conflitos, que remodelavam constantemente as fronteiras, o saber geográfico se tornava importante instrumento estratégico, por detalhar a regiões, mapear seus recursos naturais, seus relevos, e demografia. Segundo Moraes (2003, p. 69), isso ocorreu de forma mais intensa na Alemanha imperial, onde a necessidade de pensar o espaço (primeiro o nacional com a “prussianização”<sup>12</sup> da Alemanha em detrimento do Reino da Áustria, e depois o europeu/mundial com as tensões geopolíticas entre a nascente Alemanha unificada, e suas pretensões imperiais perante Grã-Bretanha, França, e Rússia) levou à sistematização do pensamento geográfico, e criou as condições para seu uso estratégico voltado para a conquista de territórios e para a guerra, o que levou ao surgimento da Geopolítica como ciência geradora de informações/conhecimentos estratégicos para o Estado.

Se, como conclui Moraes, Ratzel “elogia o imperialismo”, pode-se dizer que Kjellen dá um passo além com a aplicação do conhecimento geográfico para fins específicos. Se em Ratzel a produção intelectual pode ser considerada fruto do tempo histórico e das condições geográficas da Alemanha, de caráter legitimador sim, mas como expressão dentro do processo de criação da geografia política, em Kjellen há mesmo o afastamento da geografia política, com a aproximação e consolidação da geopolítica como uma disciplina específica. Costa revela o caráter instrumental que Kjellen empresta à geopolítica:

---

<sup>12</sup>A Prússia vence a Áustria no embate pelo protagonismo no processo de unificação alemã. Com uma organização social de cunho militar, baseada numa aristocracia de proprietários de terra, numa combinação única entre capitalismo e um modelo com características feudais, a prussianização da Alemanha se deu primeiramente com Bismarck através da consolidação interna do Estado, e posteriormente através de uma política externa agressiva com Guilherme II.

Em nenhum momento Kjellén deixa dúvidas quanto ao caráter estreito, reducionista e expansionista de sua concepção de Estado e dos objetivos de sua “nova ciência”, intencionalmente dirigida aos “Estados-Maiores” dos impérios centrais da Europa, em especial a Alemanha. Daí a sua rejeição da geografia política tal como vinha de desenvolvendo, isto é, um campo de investigação acadêmica autônomo e apartado dos projetos estatais imediatos. Toma-a como base geral apenas naqueles seus aspectos passíveis de instrumentalização, submetendo-a aos requisitos das estratégias de conquista e domínio. Com isso, inaugura a mais controversa de suas vertentes, a *geografia política da guerra*, ou a geopolítica. (COSTA, 2008, p.56-57)

Mas nem Ratzel, pelas suas formulações teóricas primeiras, nem mesmo Kjellén pela criação da geopolítica como ciência, foram tão organicamente envolvidos, ou tão responsáveis, tanto para o apogeu quanto para “queda” da geopolítica como disciplina ou subárea do saber, quanto o general alemão Karl Ernst Nikolaus Haushofer (1869-1946). Influenciado pelas teorias de Ratzel, Kjellén, e pelas formulações do geógrafo inglês Halford John. MacKinder (e sua teoria do Heartland), Haushofer foi o grande impulsionador da geopolítica na Alemanha. Principal expoente da chamada escola alemã de geopolítica - a Geopolitik - e Fundador da Revista de Geopolítica (*Zeitschrift für Geopolitik*), publicada de 1924 a 1944, Haushofer, que havia lutado nas frentes ocidental e oriental da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ocuparia lugar de destaque no desenvolvimento da geopolítica alemã, “radicalizando”, segundo André Roberto Martin (1992, p.42), a ideia de limites e de “espaço vital” oriundas de Ratzel, “interessado em criar um “lebensraum” (espaço vital) de dimensões mundiais”.

Para Haushofer os limites ou fronteiras da Alemanha seguiriam o princípio da necessidade de expansão do Estado. Havia de fato, em Haushofer, como bem observado por Martin (1992), Font & Rufi (2006), White (2007), Binimelis (2008), Costa (2008), e Arcassa & Mourão (2011), uma geopolítica voltada para a retomada da expansão territorial alemã<sup>13</sup>, interrompida e debilitada após a derrota na Primeira Guerra Mundial e pelas perdas territoriais impostas à Alemanha em virtude do Tratado de Versalhes (1919).

Além da “linhagem” Ratzel-Kjellén, da qual Haushofer retira e amplia a noção do “espaço vital”, e da teoria do Heartland de Mackinder (*Geographical Pivot of History*, 1904), é perceptível, também, um diálogo das obras de Haushofer e de seus seguidores, com as ideias de Alfred Mahan (1840-1914), almirante e estrategista naval norte-americano, que publicara *The Influence of Sea Power upon History – 1600-1783* (1890), mesmo como um embate teórico entre o poder terrestre o poder marítimo, e pela própria influência das ideias de Mahan sobre Ratzel (Mattelard, 1994; Murphy, 1997; Hobson, 2002; Font & Rufi, 2006; Baranowski, 2011; e Penha, 2011). Em sua mais conhecida contribuição à geopolítica - as Pan Regiões - Haushofer une a organicidade expansiva de caráter inexorável e de base territorial do Estado alemão, às estratégias geopolíticas de Mackinder (*Teoria do Poder Terrestre*), projetando um novo ordenamento do poder internacional, que dividiria o mundo em 4 zonas de influência sob a tutela de 4 potências. Toda a massa continental americana seria a Pan-América, tutelada pelos EUA; a Europa ocidental e o continente africano formariam a Pan-Euráfrica, sob a tutela da Alemanha; Pan-Ásia, sob o domínio japonês, que abarcaria China, Coréia,

---

<sup>13</sup>Após a unificação alemã, o projeto imperialista de caráter tardio foi caracterizado pelo esforço alemão em anexar territórios também fora da Europa.

Sudeste asiático e Oceania; e uma espécie de “zona tampão” (Arcassa & Mourão, 2011, p.9), a Pan-Rússia, sob a tutela da antiga União Soviética englobando Rússia, Irã e Índia.

Durante a República de Weimar (1919-1933), Haushofer consolidou a geopolítica na Alemanha. Neste mesmo período, segundo a literatura<sup>14</sup>, parece estabelecer uma relação de proximidade com a política nazi, por intermédio de outro oficial alemão Rudolf Hess, figura muito próxima de Hitler. Neste ponto da História estabelecesse a associação mais íntima entre a geopolítica (já sistematizada e denominada como tal) e o Estado no preparo para a guerra, que Moraes (2003, p.73) define como uma geopolítica de “caráter diretamente bélico”, sendo parte de uma estratégia mesmo militar.

A associação entre a geopolítica e o nazismo está nessa aproximação. Após a derrota da Alemanha nazista, prevaleceu a conexão entre geopolítica, e numa escala mais abrangente da própria geografia política, com os horrores da Segunda-Guerra Mundial e em particular com as estratégias político-territoriais expansivas nazistas. Especialmente no meio acadêmico tanto a geopolítica quanto a geografia política caíram no ostracismo. Fechava-se após 1945, o ciclo que se iniciara com a geografia política de Ratzel, e seu “pecado original” (Castro, 2011, p.67) como uma “disciplina” legitimadora do imperialismo europeu do século XIX, e que se findara com Haushofer e o fracasso do expansionismo nazista.

Nos anos 30 uma série de autores, sob a direção de Karl Haushofer, elaboraram o pensamento geográfico do Estado nazista, utilizável por qualquer Estado totalitário. Desde então, a geopolítica aparece como uma espécie de geografia aplicada ao Estado [...] Golpeada assim, de forma tão vil, a

---

<sup>14</sup>Martin (1992), Diner (2000), Defarges (2003), Costa (2008), Gray & Sloan (2014), Blouet (2001), White (2007), Arcassa & Mourão (2011), Weinberg (2013), Padfield (2013), Livingstone (2013), e muitos outros.

geografia política permaneceu estacionária durante longo tempo. (Raffestin, 1993, p. 19)

De uma forma geral, como bem observado por Raffestin (1993, p.15), a geografia política iniciada por Ratzel, bem como a geopolítica que surgiria a seguir (que o Autor chama de “geografia do Estado totalitário”) foram produtos do pensamento do século XIX e início do século XX, “que racionaliza o Estado”. Mesmo as outras escolas de geografia política do período, como a francesa e seu viés possibilista, que nasce como resposta ao determinismo da escola alemã, não romperam com o objeto central da geografia política e da geopolítica, o Estado como ordenador do território e ator privilegiado das relações de poder no espaço mundial. Independente dos países de origem e dos enfoques deterministas ou possibilistas, essas escolas, até meados do século XX estão encerradas na geografia política clássica, que “é na verdade uma geografia do Estado” (Raffestin, 1993, p.7).

Embora Lacoste (1997) aponte a negação da geopolítica (e da reflexão política de uma forma mais ampla) pela geografia universitária francesa, como um processo anterior<sup>15</sup> à sua associação com as estratégias de expansão da Alemanha nazista, este último evento parece ter sido fundamental para seu “banimento” e para demora na retomada da geopolítica como tema acadêmico. Aqui, Costa (2008, p.249) adiciona uma hipótese, segundo ele, desprezada por Lacoste, que estaria correlacionada à aversão francesa à abordagem política nos estudos geográficos: o histórico de agressões sofridas pelo país, “*com três ocupações, destruições e humilhações sofridas pelo país entre 1870 e 1944*”. Para Costa, essa “consciência viva” tornou-se uma espécie de cultura nacional, sensível aos temas

---

<sup>15</sup> Lacoste (1997, p.131) denomina de “geografia fundamental” aquela realizada antes da geografia universitária.

da geopolítica, sobretudo àqueles que remetem ao arcabouço teórico da geopolítica alemã e sua materialização nas estratégias agressivas de expansão territorial que impuseram derrotas à França a partir da Guerra Franco-Prussiana (1870) até o período de domínio do território francês pelos alemães na II Guerra Mundial.

Para Fernandes (2010, p. 24), os geopolíticos norte-americanos desempenharam importante papel na “diabolização da Geopolitik”. Processo iniciado antes do fim da Segunda-Guerra Mundial e posteriormente a ela, com os trabalhos de Isaiah Bowman, Nicolas Spykman, Hans Weigter, Robert Strausz-Hupé, e Hans J. Morgenthau. Em *Geography vs. Geopolitics*, publicado no periódico *Geographical Review* em outubro de 1942, Bowman sustenta a desconstrução da geopolítica alemã:

A discussão atual dos escritos geopolíticos alemães envolve os nomes, perspectivas, e reputação de certos geógrafos americanos, incluindo o meu. Qual foi a nossa posição em relação à geopolítica antes do começo da condenação geral de Hitler e do programa nazista? Será que nós previmos as más consequências da perversão alemã da verdade na suposta nova ciência da geopolítica que fez uso coordenado dedados da história, da ciência política e da geografia? Recentemente, foi declarado que a geopolítica americana [norte americana] foi desenvolvida antes que esta fosse retomada na Alemanha. O efeito negativo dessa afirmação toca na reputação pessoal e profissional. [...]. A Geopolítica apresenta uma visão distorcida das relações históricas, políticas e geográficas do mundo e suas partes. Ela não está identificada com nenhuma força universal ou processo como a gravidade. Ela é relativa ao Estado para o qual ela é aplicada. Pelo menos assim dizem seus defensores. Seus argumentos desenvolvidos na Alemanha, apenas são feitos para atender o caso de agressão alemã. (BOWMAN, 1942, p. 646)

De fato, a Geografia só resgataria a discussão política do espaço na década de 1970, em meio ao processo de reestruturação capitalista em curso nos países desenvolvidos, com a gradual desconstrução do Estado de Bem-Estar Social, num contexto de aceleradas transformações no sistema produtivo, lastreadas por avanços na computação e nas tecnologias de informação, que significariam, de certa forma, a superação de uma divisão internacional do trabalho composta por redes de produção distribuídas globalmente, por outra, organizada globalmente em rede, onde passariam a atuar “novas fontes de poder” que não só o Estado, na ordenação do território.

### **Exorcizando velhos fantasmas: geopolítica e globalização**

Lacoste, com *A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra* (1976) é recorrentemente apontado como o autor que deu início ao processo de recuperação da geopolítica nos meios acadêmicos geográficos (BECKER, 2012; FONT&RUFU, 2006; COSTA, 2008) e na abordagem política do espaço nos estudos geográficos. Dentre as contribuições desta obra de Lacoste, que segundo Becker (2012, p.118) são potencialmente metodológicas, está o entendimento de que o conhecimento geopolítico (até então negligenciado) seria vital como estratégia espacial para os mais variados atores nas mais variadas escalas geográficas.

A guerra, explicitada por Lacoste no título do livro, teve o objetivo de alimentar o debate com a geografia escolar francesa, mas deve ser entendida, para além desta intenção primeira, tendo o significado de disputa, conflito, e concorrência entre atores em variadas dimensões espaciais, ou, melhor dizendo, territórios de dimensões variadas, dada a inerente disputa pelo poder.

Num quadro internacional caracterizado, por um lado, pela ascensão do poder de atores tais como grandes corporações transnacionais, e por outro lado, pelo surgimento de organizações sub e supranacionais, estava em processo um novo ordenamento do poder mundial onde os Estados-nacionais, embora ainda importantes, não se converteriam mais nas únicas fontes de poder político, passando, conseqüentemente, a dividir com outros atores (outros objetos e categorias de análise), a atenção dos analistas políticos das ciências humanas, inclusive os geógrafos.

O conflito de interesses (um dos significados da guerra de Lacoste) entre as grandes corporações internacionais do petróleo (empresas transnacionais), e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo é um importante exemplo, de uma esfera relacional, na qual o Estado, embora envolvido, não figura como contendor principal. Temos em oposição: representantes privados de um setor específico da indústria mundial - o setor petrolífero - e uma organização supranacional territorialmente descontínua de países, criada como resposta ao poder das próprias corporações petrolíferas. A OPEP pode ser, desta maneira, compreendida como uma estratégia geopolítica de atores estatais com agendas semelhantes, organizada com a finalidade de se contrapor ao poder econômico das companhias transnacionais privadas do setor do petróleo.

Não se pode perder de vista, que organizações supranacionais como a OPEP são resultantes do esforço coletivo de Estados, que isoladamente não teriam força diante do poderio econômico de grandes corporações privadas da indústria do petróleo. Há uma passagem consentida do protagonismo geopolítico de Estados isolados para um bloco representativo de seus interesses, poderoso o suficiente para barganhar melhores condições nos contratos com as empresas

petrolíferas, e, quando necessário, pelo potencial estratégico do petróleo, interferir em questões políticas de outras naturezas, como nos mostrou a história.

Mas é importante ressaltar que cada Estado participante da OPEP só transfere poder político a um corpo coletivo, por estarem lastreados pela condição de semelhança da posse de um recurso natural estratégico de grande valor geopolítico, o petróleo. Neste aspecto não há como não concordar com Raffestin (1993, p.259) para quem os recursos são “armas políticas”, verdadeiros “instrumentos de poder”. Embora seja necessário que o contexto favoreça o possuidor dos recursos, em sua estratégia de barganha, o que ocorreu na década de 1970, por ocasião da elevação do preço do petróleo como instrumento geopolítico.

Por outro lado, podemos passar de estratégias de organização espacial, política e econômica de escalas supranacionais (tais como a OPEP, os recentes avanços na consolidação de políticas comuns dos BRICs, o G20, blocos econômicos regionais, e outros), para aquelas subnacionais, e suas mais variadas expressões geopolíticas na complexa rede de disputa de poder. Pode-se pensar em mecanismos de atração de investimentos utilizados por entes, que chamaremos aqui de intermediários, como os estados e os municípios, tais como as isenções fiscais - arma clássica das guerras fiscais dentro do contexto da “guerra de lugares”. Pode-se ir ainda mais longe até atores não governamentais, onde se destacam as corporações e sua íntima relação com o capital financeiro, e seu poder de influência na gestão do território.

O que ocorre na atualidade é o aumento expressivo de *players* (jogadores), com poderes de influência diversos, com alcances distintos, e forças variadas, em um campo de disputa outrora fixo e dominado quase que totalmente pelo Estado, mas atualmente em constante transformação. Para Dejan

Mihailovic (2007), a tarefa de compreender essa nova realidade da organização espacial do poder no mundo pós-guerra fria está relacionada com um nova corrente teórica da geopolítica, distinta da geopolítica clássica: a neo-geopolítica ou geopolítica pós-moderna.

Los autores como Gearoid O´Tauthail, John Agnew o Simon Dalby cuestionam abiertamente el monopolio del el Estado en la definición de la seguridad nacional. Ellos buscan una síntesis entre la geopolítica tradicional y la geo-economía para crear una nueva comprensión de las configuraciones geográficas que cambian con el tempo, dependiendo de las alteraciones políticas, económicas y tecnológicas. **Su argumento parte de la idea que el espacio global no solamente está dividido entre Estados nacionales, sino que aparecen y actúan en él, um amplio y heterogéneo espectro de protagonistas que incluye las empresas transnacionales, grupo terroristas, movimientos pacifistas, activistas de derechos humanos u organizaciones ambientales.** Los teóricos de la geopolítica pós-moderna están concientes que las aproximaciones geopolíticas a la política mundial forman parte de un conjunto más amplio de presupuestos conceptuales y metodológicos sobre el mundo. Esta nueva geopolítica en las “prácticas espaciales reales”, pero también contempla las modalidades en las que estas prácticas son representadas y contestadas. A su vez, esto implica que los políticos, administradores o gestores de diversos perfiles, se vean involucrados en una red internacional de negociaciones y acuerdos sobre todo tipo de asuntos. El mundo de la publicidad, los negocios, y los discursos políticos demuestra que el espacio global actual carece de fronteras fijas.” (MIHAILOVIC, 2007, p.158) (Grifo nosso).

Por mais diversos que sejam os agentes que passaram a compor o quadro de atores geopolíticos no mundo globalizado

ou mundializado, são as empresas transnacionais que se destacam não só como integrantes, mas como agentes responsáveis pelas próprias transformações geoeconômicas que reestruturam constantemente o modo de produção capitalista. Pode-se mesmo dizer que muitos dos novos atores geopolíticos nascem em resposta (como ações reativas) ao alcance global das empresas transnacionais e suas pressões sobre o território. Seriam os casos dos movimentos ambientalistas, pacifistas, e pelos direitos humanos citados por Mihailovic, que seriam atores geopolíticos reativos à degradação do meio ambiente pelas atividades industriais sob o controle transnacional, às ações bélicas que procuram assegurar mercados para empresas transnacionais, e à exploração nefasta de mão-de-obra barata na atual divisão internacional do trabalho coordenada pelas empresas transnacionais, respectivamente.

A expressão dessas transformações advindas da ação das empresas transnacionais no espaço se revela com o surgimento daquilo que Milton Santos e Maria Laura Silveira (2012) denominaram como “privatização do território”. E é sobre esse “espaço corporativo” que a geopolítica na atualidade também se debruça. O modo corporativo de gestão do território entra em conflito com a antiga ordenação territorial via Estado.

Na medida em que essas grandes empresas arrastam, na sua lógica, outras empresas, industriais, agrícolas e de serviços, e **também influenciam fortemente o comportamento do poder público, na União, nos Estados e nos municípios, indicando-lhes formas de ação subordinadas**, não será exagero dizer que estamos diante de um verdadeiro comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial por um número limitado de empresas, assim, o território pode ser adjetivado como um território corporativo [...] Na medida em que essas firmas têm alcance global, preocupadas

principalmente com parâmetros planetários, é como se o uso das condições territoriais indispensáveis pudesse permitir que se fale de uma “exportação do território”.(SANTOS & SILVEIRA, 2012, p.291) (Grifo nosso).

E, em especial sobre o conflito entre a lógica global e nacional em países subdesenvolvidos:

“Todavia, a doutrina atual da economia internacional, no que se refere aos países subdesenvolvidos, considera o mercado interno praticamente “residual”, de modo que a lógica do mercado global acaba interferindo fortemente sobre o mercado interno, ou, em outras palavras, confere a este uma lógica global à qual se opõe francamente uma lógica nacional, tanto mais débil quanto o Estado não se mostra interessado por ela. (SANTOS & SILVEIRA, 2012, p.293)

Percebe-se que a ordenação econômica global testa constantemente o papel do Estado e seu controle sobre território. Por consequência, pela própria natureza dos recursos naturais como fatores indispensáveis à produção, agora ordenada “de fora para dentro”, a disputa pelo acesso e controle destes se revela como campo de tensões geopolíticas constantes.

Sobre as tensões existentes entre à lógica global das empresas transnacionais e à lógica local (e nos permitimos aqui ampliar para lógica regional, ou do Estado), em especial sobre a gestão dos recursos naturais, podemos recorrer a Berta Becker e seu trabalho sobre a Geopolítica da Amazônia. Becker (2005, p.53) chega a admitir a existência de geopolíticas particulares para cada agente, em virtude do surgimento de suas próprias territorialidades, mas também não exclui o Estado do jogo de poder, apenas revela, como já mencionado neste capítulo, a existência de agentes “acima e abaixo da escala do Estado”. A Autora revela o difícil equilíbrio entre crescimento econômico

## *Latinidade*

e preservação dos recursos naturais. Para tal, ressalta a necessidade de compreender “os projetos geopolíticos” dos agentes envolvidos no conflito, no caso específico, a região amazônica e as demandas externas.

É bem verdade que, como será mostrado a seguir, a interpretação da Autora se mostra aplicável a qualquer disputa entre um centro hegemônico em busca de recursos naturais e regiões periféricas ricas em recursos naturais, como o petróleo. Pode-se resumir desta forma a concepção de Becker em relação ao quadro geopolítico ao final do século XX (em seus conflitos) no Quadro 1:

Quadro 1 – Resumo esquemático do conflito geopolítico analisado por Berta Becker em Geopolítica da Amazônia (2005)

	Movimentos internacionais	
	Sistema financeiro	Internacionalismo dos movimentos sociais
Agentes	Potências e blocos hegemônicos, Agentes transnacionais	Agentes sociais organizados/ resistência regional/local
Instrumentos técnicos	Informação/tecnologia/poder econômico	Apropriação parcial ou integral do sistema de rede, Socialização das redes
Ponto de ruptura	Economia de fronteira (1960-1980)	Gestão responsável dos recursos naturais (1980 - ?)
Conflito macro	Demandas externas (globalização)	Interesses regionais (local)
Posição no sistema-mundo	Centro	Periferia
Recursos naturais	Consumidor/poucas reservas	Produtor/grandes reservas

Elaborado pelo Autor.

Tanto Becker quanto Mihailovic apontam para uma pluralidade de agentes que não podem ser ignorados pela nova geopolítica. No entanto Becker aponta para duas condições cruciais, especialmente para a geopolítica dos recursos naturais. Primeiro, a força geopolítica da região, do território ou do local, já que os recursos naturais estão fixados no solo, ou no subsolo. E, em segundo, o processo de apropriação das

tecnologias pela periferia e seu conseqüente uso geopolítico como resistência às demandas externas dos centros hegemônicos.

Ao optarmos por uma abordagem geopolítica contemporânea para compreender os impactos do petróleo do pré-sal na posição ocupada pelo Brasil no cenário mundial, o fazemos cientes do contexto mundial organizado em rede, de fronteiras mais políticas do que fixas. Mas no caso do petróleo, por uma questão de fatores geológicos, a realização da produção é em última instância territorial. Ou seja, por mais fluídas que sejam as forças das demandas externas, as reservas de petróleo pertencem naturalmente ao território, são fixas, e isso significa uma vantagem estratégica significativa para os países detentores de grandes reservas, diante do interesse das demandas externas dos países grandes consumidores. Condições fortalecidas ainda mais quando o país possui seu vetor de desenvolvimento, em grande medida, baseado na ação estatal.

No caso do Brasil, que é possuidor de grandes reservas de petróleo no pré-sal dentro de seu próprio território, e também detentor de tecnologia de ponta na exploração e produção de petróleo em águas profundas, evidenciam-se vantagens geopolíticas raras. O melhor dos dois mundos, proporcionado pela natureza por um lado, e pelo crescimento e desenvolvimento tecnológico da Petrobras, com forte suporte do Estado brasileiro.

Becker, embora tratasse da questão da Amazônia, extrapola esse conflito para os recursos naturais de uma forma geral:

Isso, conseqüentemente, trouxe uma disputa das potências pelos estoques das riquezas naturais, uma vez que a distribuição geográfica de tecnologia e de recursos está distribuída de maneira desigual. Enquanto as tecnologias

avançadas são desenvolvidas nos centros de poder, as reservas naturais estão localizadas nos países periféricos, ou em áreas não regulamentadas juridicamente. Esta é, pois, a base da disputa. (BECKER, 2005, p.77)

É nesse sentido que vale reforçar, que o papel do Estado permanece vital, mesmo sob pressões diversas, principalmente quando promotor de desenvolvimento. Mas se já admitimos que a nova geopolítica (seja ela chamada de relacional, crítica, anti-imperialista, sem fronteiras, ecológica ou pós-moderna) traduz a necessidade de compreender um mundo multiterritorial ou desterritorializado<sup>16</sup>, como entender o papel do Estado nesta trama complexa? Faz-se necessário um outro investigar, ligado às estratégias adotadas pelo Estado para atuar num mundo globalizado econômica, política e culturalmente.

Pedro Pinchas Geiger (2015) revela o estado atual dessa questão através de questionamento fundamental sobre o novo papel do Estado:

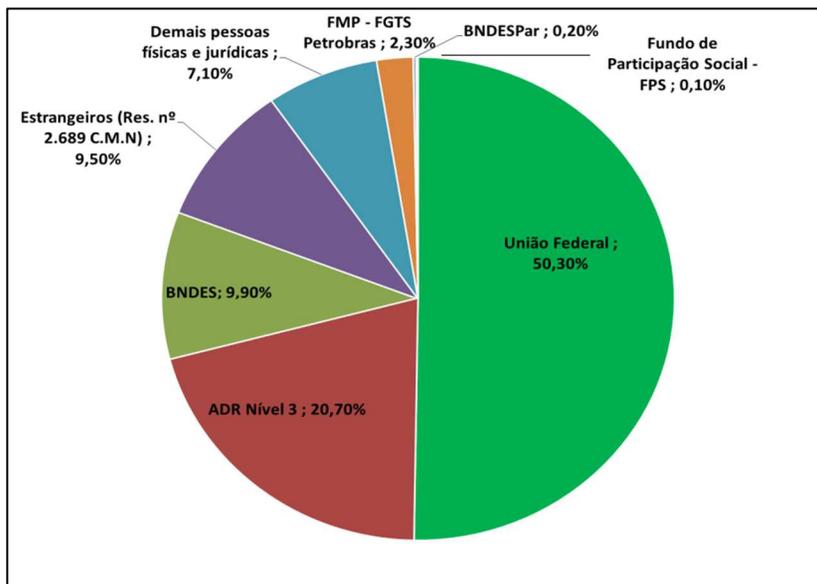
Em diversas instâncias a globalização vem diminuindo o poder do Estado, quando a Internet ignora as fronteiras internacionais. Porém, a aventura espacial que também ignora fronteiras nacionais é comandada pelo Estado. São os Estados que promovem os mercados comuns, que através de instituições como a do G-20 controlam a economia mundial. Sair-se-ão melhor as Nações que melhor entenderem o papel do Estado na fase histórica atual. Na verdade, estas são as grandes perguntas que hoje se apresentam nas encruzilhadas para o futuro. Quais os papéis a serem desempenhados pelo Estado? Onde e quando o capitalismo será realmente substituído por novo modo de produção? (GEIGER, 2015, p. 377)

---

<sup>16</sup>Desterritorialização como dinâmica, que implica na reterritorialização, não na ausência de territorialidade.

Um dos exemplos mais fortes desse ambiente novo tem sido a “relação esquizofrênica” entre Estado e sistema financeiro. O Estado acionista tem sido uma das estratégias adotadas por governos, na disputa pela manutenção de poder sobre empresas estatais poderosas. Este é caso da Petrobras. O Estado como acionista majoritário pode ser compreendido como estratégia de controle, no caso específico, de uma empresa com enorme importância do ponto de vista do desenvolvimento nacional, e mesmo subcontinental. A “esquizofrenia” se instala na contradição entre a necessidade de obtenção de lucro de uma companhia de capital aberto e o seu papel social como estatal. Dividendos ou desenvolvimento regional? Subserviência ao mercado internacional ou proteção à indústria nacional e afirmação de soberania? Contradições pouco visíveis em períodos de crescimento econômico, mas que se expressam fortemente em períodos de depressão econômica e escassez de recursos financeiros.

Figura 2 – Capital Social Petrobras: ações ordinárias, janeiro de 2016 (%)



Fonte: <http://www.investidorpetrobras.com.br/pt/governancacorporativa/capital-social>. Observações: considerando o Governo como um todo (FMP-FGTS, FPS, BNDPES, BNDPESPar): 62,80%

Ou seja, o conflito instalado na gestão do petróleo nacional, em especial daquele oriundo do pré-sal, se estabelece também no campo do mercado, na bolsa de valores, e depende do tamanho do governo na composição acionário da Petrobras<sup>17</sup>. Revelam-se então tensões entre investidores/acionistas não governamentais e gestores públicos que entendem que a Petrobras possui um papel social prioritário em detrimento de seus compromissos com o mercado. Ambos os lados exercem suas estratégias específicas de influência sobre os tomadores de decisão, em especial, os legisladores. Aliás, vale ressaltar que pressões globais sobre a

<sup>17</sup>Atualmente a União Federal possui 50,3% das ações ordinárias da Petrobrás. Posição que lhe garante controle acionário e poder de influir nas diretrizes da companhia

regulações locais são características do período de globalização desde as últimas décadas do século XX, o que Ricardo Mendes Antas Jr. (2004) chamou de “lex mercatória”, uma espécie de regulação econômica coordenada globalmente pelas grandes corporações que atuam verticalmente sobre as realidades e o sistemas jurídico locais.

Esse fenômeno[globalização] vem produzindo uma determinada pressão sobre os sistemas jurídicos nacionais e tem resultado em efeitos diversos sobre os modos de regulação das formações socioespaciais. Assim, esse novo pluralismo jurídico distingue-se bastante daquele observado antes da formação dos Estados territoriais [...] Conceber o Estado como detentor de toda a regulação social, econômica e política produz análises lógicas mas não proficientes. O território no Ocidente é regulado pelo Estado, pelas corporações e pelas instituições civis não-estatais, sobretudo aquelas de alcance planetário. (ANTAS JR, 2004, p.84)

Geiger, que aponta para um Estado à procura de um lugar em um novo mundo cada vez mais “líquido” (aqui recorremos à Bauman e sua *Modernidade Líquida* de 2001), e Antas Jr., que partilha a regulação do território ocidental entre vários atores, dentre eles os Estados, nos revelam que o advento da globalização definitivamente não significou a superação de velhos atores ou velhas formas de exercício do poder político, o que ocorre, são sobreposições de formas de ação política em constantes ajustes (conflitos), na busca por um equilíbrio intangível (pelo menos no discurso) ou de um desequilíbrio proposital (por parte das forças hegemônicas), que espacialmente se expressam em desenvolvimentos regionais desiguais.

Mas não há apenas sobreposições, há transformações e também permanências de certas raízes motoras, especialmente

ligadas ao sistema capitalista, que devem ser analisadas e reveladas pelos estudos geopolíticos e geográficos.

A geopolítica clássica nasceu como disciplina no início do século XX, de “braços dados” com as estratégias imperialistas de caráter territorial das potências europeias do período, como tradutora do quadro de poder interestatal, ou como instrumento a serviço do Estado, e da acumulação capitalista ascendente. A nova geopolítica rompe com qualquer acusação de anacronismo que poderia classificá-la como incapaz de traduzir os cenários de poder atuais ou de servir como disciplina para ação estratégica nas relações de poder, pois, a despeito ou mesmo em virtude da globalização, velhos elementos são apenas transmutados em novas formas, mas com programas básicos fieis as suas formas antigas. O capitalismo, e o(s) imperialismo(s) mudaram suas superfícies, mas a raiz principal de ambos – o processo de acumulação e sua necessidade de expansão – ainda norteiam suas sobrevivências. Zygmunt Bauman (2010) ilustra com clareza a capacidade transformadora, e a característica líquida do capitalismo, fazendo uma rica relação com a análise de Luxemburgo sobre a acumulação capitalista do início do século XX:

[...], Rosa Luxemburgo já havia escrito seu estudo sobre “a acumulação capitalista”, no qual sustentava que esse sistema não pode sobreviver sem as economias “não capitalistas”: ele só é capaz de avançar seguindo os próprios princípios enquanto existirem “terras virgens” abertas à expansão e à exploração – embora, ao conquistá-las ou explorá-las, ele as prive de sua virgindade pré-capitalista, exaurindo assim as fontes de sua própria alimentação”. [...] Escrevendo na época do capitalismo ascendente e da conquista territorial, Rosa Luxemburgo não previa nem podia prever que os territórios pré-modernos de continentes exóticos não eram os únicos “hospedeiros” potenciais, dos quais o capitalismo poderia se

nutrir para prolongar a própria existência e gerar uma série de períodos de prosperidade. Em tempos recentes, assistimos a outra demonstração concreta da “Lei de Rosa”, o famigerado *affaire* das “hipotecas *subprimes*”, [...] Hoje, quase um século depois de Rosa Luxemburgo ter divulgado sua intuição, sabemos que a força do capitalismo está na extraordinária engenhosidade com que busca e descobre novas espécies hospedeiras sempre que as espécies anteriormente exploradas se tornam escassas ou se extinguem.” (BAUMAN, 2010, pp.8-10)

Outra importante contribuição teórica que tenta emprestar mais clareza à complexidade das relações de poder no cenário mundial atual, foi dada por David Harvey (2004), apoiado nas concepções de Giovanni Arrighi (1994) sobre a natureza da acumulação capitalista na atualidade, e, mais especialmente, sobre a relação dialética entre Estado e o capital que se expressa como resultante do conflito entre uma “lógica territorial” e uma “lógica capitalista”. Sobre a lógica territorial já discorremos aqui, e já assinalamos sua íntima ligação com o Estado, o imperialismo expansivo de base territorial, e a acumulação ampliada capitalista anexadora de novos territórios - aquela analisada por Luxemburgo. E de como a geopolítica se amalgamou a ela, a ponto de ser “esquecida”, quando as bases daquilo que se convencionou genericamente chamar de globalização, passou a solapar os pilares de tudo que poderia ser um entrave ao livre fluxo de informações, transações financeiras, pessoas, recursos naturais, e mercadorias – em especial o Estado.

Já a “lógica capitalista”, pode-se dizer, está ligada à globalização. E encontra paralelo no mundo “líquido” de Bauman, na “lógica global” de Santos e Silveira, no “movimento internacional financeiro” de Becker, “no espaço global sem fronteiras fixas” de Mihailovic, ou na “lex

mercatória” de Antas Jr. “Privatização do território”, “espaços corporativos”, “capitalismo gestor de dinheiro<sup>18</sup>”, “instabilidade do território”, “lógica econômica”, “processos moleculares<sup>19</sup>”, “modelo de desenvolvimento orientado para o mercado<sup>20</sup>”, “lógica reticular”<sup>21</sup> são termos utilizados por vários intelectuais que exprimem de uma forma geral o processo de globalização e em alguns casos formas de ordenação espacial na globalização.

Harvey sustenta a existência de um novo imperialismo, denominado por ele de “imperialismo capitalista”, que implica em certa supremacia da “lógica capitalista”, sobre a “lógica de territorial”. Sistematizamos no Quadro 2, as concepções de Harvey/Arrighi, adicionando a questão em torno da gestão do petróleo do pré-sal brasileiro.

---

<sup>18</sup>Hindenburgo Francisco Pires em Desregulação financeira no capitalismo gestor de dinheiro: o endividamento dos EUA e das economias centrais (*Biblio 3w*, v.XVII, n<sup>o</sup> 963, 25/02/2012)

<sup>19</sup>O termo “processos moleculares” utilizado por Harvey guarda semelhança com a ideia do “líquido” de Bauman, e está ligado à lógica individual, à reconstrução permanente, à transformação, à processos dinâmicos e à noção de instabilidade. Segundo Dario Regazzini este significado vem de Gramsci: “Molecular é, para Gramsci, a característica de um processo de transformação. [...] molecular exprime algumas (não todas) modalidades de transformação e conexão entre personalidade individual-homem social-sociedade”. Entendemos de uma forma geral que os processos moleculares podem ser compreendidos como forças globalizantes de caráter silencioso.

<sup>20</sup>Boaventura de Souza Santos em A Globalização e as Ciências Sociais (2002, p.37).

<sup>21</sup>Rogério Haesbart em Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo (1998, p.31)

*Latinidade*

Quadro2 – Resumo esquemático geopolítico das diferenças entre a lógica capitalista e a lógica territorial adaptado à questão do pré-sal brasileiro

	Imperialismo capitalista (dialética/conflitos)	
	Lógica territorial	Lógica capitalista
Objetivo vital	Aumento do poder estatal	Lucro
Estratégia	Fortalecimento da posição do Estado em relação aos seus pares	Acumulação de capital
Objetivos secundários/ e seus limitadores	Vantagens coletivas, independência política, econômica e militar/sistema interestatal	Vantagens individuais/Regulação estatal
Espaço	Territorializado	Contínuo
Temporalidade	Eleitoral (democracias)	Contínua
Fronteiras	Fixas	Políticas
Origem do ordenamento	Tomadores de decisão, legisladores, corpopolítico	Menos suscetíveis às decisões políticas, difusas
Geopolítica (de inserção/ de resistência)	Vantagens competitivas/Estado gestor do território	Exploração das condições geográficas desiguais/ desregulação

Petróleo do pré-sal Brasileiro (Objetivo/Ação geopolítica)	Controle vertical sobre a gestão das reservas nacionais estratégicas (via Petrobras), visando maior controle sobre o recurso natural e como pré-condição para a implementação de políticas de desenvolvimento nacional/Novo Marco regulatório de 2010 – Sistema de Partilha <sup>22</sup> , regras de conteúdo nacional	Acesso às reservas estratégicas brasileiras via transnacionais do setor petrolífero, sob o modelo de concessão, e consequente posse do óleo/pressões via mercado, e corpo política nacional alinhado para abertura do setor, fim do Sistema de Partilha, e das regras de conteúdo nacional.
--	---	---

Elaborado pelo Autor.

As contradições do “imperialismo capitalista” são resultantes do conflito gerado pelo avançar da política econômica neoliberal (e também de um determinado padrão de estilo de vida) de caráter universal e globalizante, sobre as realidades locais, nacionais e regionais com identidades geográficas muito variadas. Daí os mecanismos de resistência às demandas externas gerarem suas geopolíticas particulares também muito variadas, criando estratégias altamente especializadas que visam, no caso específico dos Estados-nacionais, formas menos injustas de inserção no mercado global. Mercado este, que exige, por vezes, dos Estados economicamente mais frágeis, negociar temas caros às suas

---

<sup>22</sup> Lei nº 12.351/2010 Dispõe sobre a exploração e a produção de petróleo, de gás natural e de outros hidrocarbonetos fluidos, sob o regime de partilha de produção, em áreas do pré-sal e em áreas estratégicas; cria o Fundo Social - FS e dispõe sobre sua estrutura e fontes de recursos; altera dispositivos da Lei no 9.478, de 6 de agosto de 1997; e dá outras providências.

próprias soberanias. Relegando-os a no máximo um inserção periférica quase sempre ligada a exportação de matérias primas baratas, ou a à recepção de investimentos financeiros de risco e curto prazo.

Daí a geopolítica na atualidade permanecer tão vital como instrumento a serviço também do Estado, quanto aquela do início do século XX, só que agora em outro contexto (re)formatado pela capacidade do capitalismo de (re)criar novos espaços para acumulação. É por isso que Cláudio Antonio Gonçalves Egler & Margarida Maria C. L. Mattos (2012, p.86-87) definem a geopolítica na atualidade como “instrumento do Estado para aumentar seu poder estratégico diante da acirrada concorrência global por mercados”, e remetendo a termo caro à geopolítica clássica, definem que “em outras palavras, o mercado mundial é o “labensraum” (espaço vital) do grande conglomerado financeiro contemporâneo”.

Retornando ao exemplo da Petrobras, podemos dizer que, como grande empresa estatal transnacional de um país em desenvolvimento com orientação Estado desenvolvimentista com estratégias de inserção no mercado mundial, a petroleira brasileira carrega em suas engrenagens tanto a lógica territorial, quanto a lógica capitalista, o que implica que este conflito interno cria obstáculos aos projetos geopolíticos que envolvem a Petrobras como elemento chave. Projetos nacionais como garantir a segurança energética, ser a força motriz do desenvolvimento industrial, ou mesmo ser um instrumento de regulação macroeconômica, assim como, projetos de caráter regional, como a integração energética sul-americana, alcançar a condição de grande player petrolífero na condição de grande exportador mundial de petróleo líquido, e ocupar um lugar de liderança meridional no globo terrestre. Mas como esses conflitos se revelam?

Grande parte das críticas ao uso geopolítico da Petrobras, especialmente no controle de preços para fins de controle inflacionário, tem sua origem no mercado (visão unilateral sobre o lucro). Além da política de preços (o não alinhamento automático do preço nacional de combustíveis com o preço internacional), a política de conteúdo nacional tem sido o segundo grande alvo de críticas - demanda das empresas privadas internacionais interessadas em entrar no negócio (mais abertura do setor). Mais uma vez as contradições se estabelecem. De um lado o Estado criando estratégias para assegurar a geração de riqueza, a internalização de tecnologia, a criação de empregos, a geração de mão-de-obra qualificada, a criação de cadeias produtivas, e o desenvolvimento industrial nacional, e do outro lado a pressão de empresas internacionais clamando por mais espaço para participar do negócio. Novamente o pano de fundo apresenta a questão sobre o tamanho do Estado na economia.

Mas a despeito da resistência do Estado como forma política, de uma forma geral, a atual forma de organização da economia mundial pode ser caracterizada pelo protagonismo do capital financeiro internacional, com os centros decisórios de poder localizados nos países tecnológica e socioeconomicamente mais desenvolvidos<sup>23</sup> sem perder a perspectiva relacional de Raffestin (1993, p.7) de que a base do poder está nas relações de poder, que produzem, por fim, um tipo de território que se apresenta como um mosaico de disputa de poder.

Da mesma forma, Becker (2012) alerta para o perigo dos reducionismos, tanto geográfico, em relação às grandes

---

<sup>23</sup>Aqui podemos citar alguns rótulos largamente utilizados em versões simplificadas desta complexa ordenação econômica mundial, como as tensões entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, ou entre centro e periferia ou mesmo entre Norte e Sul.

divisões do mundo em blocos de poder antagônicos como modelo explicativo do ordenamento da economia mundial, quanto economicista/marxista que estabelece a soberania do econômico como fator gerador das relações sociopolíticas, nas análises geopolíticas. A geopolítica contemporânea, que tenta dar cabo de uma realidade mundial mais complexa no final do século XX e início do XXI é aquela que, segundo Penha (2011, p.13), superou:

[...] o momento em que as clivagens de natureza ideológica passam a ser substituídas por critérios mais pragmáticos de abordagem, a respeito das forças motrizes que comandam as decisões estratégicas. (PENHA, 2011, p. 13).

A partir dessa concepção, Penha afirma que *“nenhuma política exterior consistente pode, nesse sentido, prescindir dos aportes trazidos pela Geopolítica”* (PENHA, 2011, p.13). Fica evidenciada, e assumimos essa perspectiva nesta tese, que a geopolítica possui papel fundamental nas estratégias de controle territorial.

Por fim, vale mencionar que não são raros os estudos atuais que utilizam a abordagem geopolítica, integral ou parcialmente, tratando de temas específicos e altamente segmentados. São exemplos, aqueles baseados nos recursos naturais, que tratam da geopolítica do petróleo (MONIÉ&BINSZTOK, 2012; REIS, 2013), da geopolítica da água (RIBEIRO, 2008; GUIMARÃES, 2015), da geopolítica da biodiversidade (ALBAGLI, 1998), da geopolítica da soja (ANDRADE, 2005), como aqueles que tratam da geopolíticos dos meios de circulação, como a geopolítica dos gasodutos (GOSMANN, 2011), a geopolítica do Estreito de Ormuz (NAZEMROAYA, 2012), geopolítica do Atlântico Sul (PENHA, 2011), e a geopolítica dos oceanos mares e rios (OLIC, 2011). Há, inclusive, aquelas não menos importantes de ordem

cultural, como bem observado por Lacoste (2005) em “Por uma abordagem geopolítica da difusão do inglês”, e bem expressa na obra de Armand Mattelart (2002) “Geopolítica de la cultura”. O que revela a complexidade de cenários que se desdobram diante dos geopolíticos, e a ultra especialização do termo no meio acadêmico e corporativo.

### **Considerações finais**

Sendo assim, assumi-se que a geopolítica se apresentará como instrumento analítico possível onde houver relações de poder, mesmo quando a questão territorial e a presença do Estado estiverem sublimadas pelas novas formas de acumulação de poder<sup>24</sup> e de capital. A compreensão das relações de poder em todas as suas escalas, permeadas pelo *modus operandi* de um “novo imperialismo” de caráter universal (que anda em paralelo com o “capitalismo por espoliação”<sup>25</sup>) requer uma abordagem geopolítica atenta aos processos globais que pressionam constantemente o território e o Estado.

No entanto, por uma natural imposição do espaço físico para a realização da produção, as demandas externas caracterizadas atualmente pela fluidez de suas trocas, não podem prescindir do território. São necessários o terreno e o solo para o plantio, o subsolo para extração mineral, os rios, mares e oceanos com suas riquezas naturais e para servir de rotas comerciais. Ou seja, todo o substrato sobre qual são erguidas todas as formas de infraestrutura que servem à reprodução do modo de produção capitalista, é composto por espaço político, por território.

---

<sup>24</sup>Hannah Arendt: Origens do totalitarismo. Antisemitismo, imperialismo, totalitarismo (2013) “Somente o acúmulo ilimitado do poder podia levar ao acúmulo ilimitado de capital”.

<sup>25</sup> David Harvey – O Novo Imperialismo.

E o Estado, pela força histórica de sua formação como ente político e territorial, e por reunir em seu ceio, a despeito de ondas privatizantes, toda uma gama de instituições<sup>26</sup> reguladoras da vida política e social, e por ser a expressão política da unidade territorial, ainda permanece como ator de destaque na geopolítica atual. É bem verdade que há leituras que estabelecem um papel fronteiro do Estado na atualidade, podendo este adotar ações que servem ao imperialismo capitalista (HARVEY, 2011), ao mesmo tempo em que resiste à completa espoliação, dada sua responsabilidade social. Mas o que fica evidenciado, como bem ressaltado por José Luís Fiori (2015) é que a globalização não significou o fim das fronteiras e tão pouco determinou a falência política do Estado, e o fim da “velha geopolítica das nações”:

Em todo esse complicado xadrez mundial, chama à atenção a rapidez com que foi soterrada da utopia da globalização e do fim das fronteiras nacionais, que mobilizou tantas inteligências ao redor do mundo, na década de 90. E a rapidez ainda maior que o sistema mundial retornou à sua velha “geopolítica das nações”, com o fortalecimento das fronteiras nacionais. Pode-se ou não gostar do que está acontecendo mais convém reconhecer os fatos, para não fazer o papel de eterno bobo da corte. (FIORI, 2015, p.183)

O que observamos após a análise de todas as contribuições supracitadas é a existência de uma permanente tensão entre em movimento global, de caráter fortemente econômico e comercial, mas não só, e formas tradicionais de ordenamento político e espacial do mundo, que algumas vezes resistem, e outras vezes se adequam e até mesmo aceleram as transformações vindas de fora para dentro.

---

<sup>26</sup> Sistemas Judiciário, Legislativo e Executivo e toda máquina burocrática estatal, em todas as esferas do poder.

Nesta equação, os recursos naturais ocupam um lugar de destaque - principalmente o petróleo por: (1) ser o insumo energético mais estratégico do planeta, e apresentar distribuição geográfica desigual pelo globo, o que acabou por desenhar um quadro em que, de um lado figuram países ricos e desenvolvidos grandes consumidores e com poucas reservas, e do outro, países pobres e em desenvolvimento com grandes reservas ou grandes produtores; (2) também por estar ligado à segurança e à independência energética dos Estados e consequentemente às suas soberanias; (3) por ser um potencial instrumento geopolítico sem igual nas disputas econômicas e políticas em âmbito internacional; (4) e porque, em última instância, após falharem todos os mecanismos do “softpower”, ou todos os esforços da diplomacia, ainda será o petróleo que moverá as máquinas de guerra de forma mais eficiente.

Estão reunidos dessa forma todos os elementos que corroboram serem a Geográfica, e a Geopolítica, sempre contextualizadas pela História, as disciplinas mais propícias para tratar da temática das relações de poder em torno do petróleo, por estarem ambas teórica e conceitualmente instrumentalizadas para traduzir as relações de poder no espaço em tempos de globalização. Como também reforçar a importância e resistência do território, como categoria analítica chave da Geografia e da Geopolítica, mesmo submetido a uma lógica global. E no caso brasileiro, com o advento do pré-sal, as Ciências Humanas não podem ficar à margem de tema tão fundamental para o desenvolvimento econômico nacional, para a independência e a segurança energética, para a soberania nacional, e para uma almejada posição de destaque do Brasil no cenário mundial que se converta em melhoria de qualidade de vida para os brasileiros.

## Referências Bibliográficas

ABAGLI, S. *Geopolítica da biodiversidade*. Brasília: Edições Ibama, 1998.

ANDRADE, M. I. C. de. *A plataforma continental brasileira*. Belo Horizonte: Del Rey, 1994

ANTAS JR, R. M. Elementos para uma discussão epistemológica sobre a regulação do território. *GEOUSP – Espaço Tempo*, n. 16, p. 81-86. 2004.

ARCASSA, W. de S.; MOURÃO, P. F. C. Karl Haushofer: *a geopolitik alemã e o III Reich*. *Geografia em Atos (on-line)*, v. 1. n. 11, 2011, p. 1-14.

ARENDT, H. *Origens do totalitarismo: antisemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2013.

ARRIGHI, G. *The long twentieth century: money, power, and the origins of our times*. London; New York: Verso, 1994.

BARANOWSKI, S.: *Nazi empire: german colonialism and imperialism from Bismarck to Hitler*. New York: Cambridge University Press, 2011.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Capitalismo parasitário: e outros tempos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BECKER, B. A geografia e o resgate da geopolítica. *Revista Brasileira de Geografia*, 1988, n.50 (1-2), p.99-125

\_\_\_\_\_. A geografia e o resgate da geopolítica. *Espaço Aberto*, PPGG-UFRJ, v.2, n.1, p.117-150, 2012.

\_\_\_\_\_. A Geopolítica na virada do milênio: *logística e desenvolvimento sustentável*. In: CASTRO, Iná; COSTA GOMES, Paulo; CORREA, Roberto. (Org.).-14ª ed - *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 271-307

\_\_\_\_\_. Geopolítica da Amazônia. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 53, p. 71-86, 2005.

BINIMELIS, C. Q. Sobre as origens da geopolítica alemã. In: PENNAFORTE, C. (Org.). *Panorama contemporâneo: geopolítica e relações internacionais*. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2008. p. 13-39.

BLOUET, B. W. *Geopolitics and globalization in the twentieth century*. London: Reaktion Books Ltd, 2001.

BOWMAN, I. Geography vs. Geopolitics. *Geographical Review*. v.32, n. 4, out., 1942, p. 646-658. Disponível em :<[https://www.jstor.org/stable/210002?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/210002?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 18 abr. 2016

CASTRO, I. E. de. *Geografia e Geopolítica: território, escalas de ação e instituições*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COHEN, S. B. *Geopolitics of the world system*. New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

COSTA, W. M. *Geografia política e geopolítica: discursos sobre o território e o poder*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

DEFARGES, P. M. *Introdução à geopolítica*. Lisboa: Gradiva, 2003.

DINER, D. *Beyond the conceivable: studies on Germany, nazism, and the holocaust*. Los Angeles: University of California Press, 2000.

EGLER, C. A. G.; MATTOS, M. M. C. L. Multinacionais do setor petrolífero, geoeconomia e integração regional na América do Sul. in: MONIÉ, F; BINSZTOK, J. (Org.). *Geografia e geopolítica do petróleo*. Rio de Janeiro: Mauá X, 2012. p. 81-104.

FERNANDES, J. P. F. Da geopolítica clássica à geopolítica moderna. In: PENNAFORTE, C.; LUIGI, R. (Org.). *Perspectivas geopolíticas: uma abordagem contemporânea*. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2010. p. 20-46

FIORI, J. L. *História, estratégia e desenvolvimento: para uma geopolítica do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2015.

FIORI, J. L. *O poder global e a nova geopolítica das nações*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

FONT, J. N.; RUFÍ, J. V. *Geopolítica, identidade e globalização*. São Paulo: Annablume, 2006.

FUKUYAMA, F. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

## Latinidade

GEIGER, P. P. Será o século XXI um século chinês? *Geo UERJ*, n.27, 2015, p. 362-377.

GRAY, C. S.; SLOAN, G. *Geopolitics, geography, and strategy*. London/New York: Routledge Taylor&Francis Group, 2014.

GOSMANN, H. L. *A integração gasífera na América do Sul: estudo dos casos dos gasodutos Bolívia-Brasil (GASBOL) e Lateral-Cuiabá no contexto das relações bilaterais Bolívia-Brasil*. Monografia (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília, DF, 2011.

HAESBAERT, R. Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo. In: \_\_\_\_\_. *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Niterói: EDUFF, 1998. p. 11-54.

HARVEY, D. *O enigma do capital as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *O neoliberalismo: história e implicações*. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola Jesuítas, 2011.

\_\_\_\_\_. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEPPLE, L. W. Metaphor, geopolitical discourse and the military in South América. In: Barnes, T. J; Duncan J. S (org.). *Writing worlds: discourse, text and metaphor in the representation of landscape*. London/New York: Routledge. 2013. p. 136-154.

HOBSON. R. *Imperialism at Sea: Naval Strategic Thought, the Ideology of Sea Power, and the Tirpitz Plan, 1875-1914*. Boston: Brill Academic Publishers, 2002.

HUBERMAN, L. *História da riqueza do homem*. 19. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

HUNTINGTON, S. P. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1996

KJELLÉN, R. *Die Großmächte der Gegenwart*. Paderborn: egypt, 2015.

LACOSTE, Y. *A Geografia Serve Antes de Mais Nada Para Fazer a Guerra*. São Paulo: Papirus, 1977.

\_\_\_\_\_. *De la Géopolitique aux Paysages: dictionnaire de la géographie*. Paris: Armand Colini, 2003.

LIVINGSTONE, D. Black terror, white soldiers: islam, facism & the new age. EUA: Sabilillah Publications, 2013.

MARTIN, A. R. O Meridionalismo Geopolítico. Auditório do Congresso Nacional, Brasília - DF, 27/11/2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-oABdxQGLG0>>. Acessado em 13 mai. 2015.

\_\_\_\_\_. *Fronteras e nações*. São Paulo: Contexto, 1992.

MATTELARD, A. *Mapping world communication: war, progress, culture*. Minneapolis: Minnesota Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Geopolítica de la cultura*. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2002.

MIHAILOVIC, D. Geopolítica y orden global: posibilidades para un nuevo meridionalism. *Maracanan*, v. 3. n. 3, 2007. p. 155-178.

MIYAMOTO, S. Os estudos geopolíticos no Brasil: uma contribuição para sua avaliação. *Perspectivas*, São Paulo, v. 4, p. 75-92, 1981.

MONIÉ, F; BINSZTOK, J. (orgs.). Geografia e geopolítica do petróleo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

MORAES, A. C. R. *Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no longo século XXI*. São Paulo: Annablume, 2011.

\_\_\_\_\_. *Geografia: pequena história crítica*. 20. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

MURPHY, D. T. *The heroic earth: geopolitical thought in Weimar Germany, 1918-1933*. Kent: The Kent State University Press, 1997.

NAZEMROAYA, M. D. A The Geo-Politics of the Strait of Hormuz: *Could the U.S. Navy be defeated by Iran in the Persian Gulf? Global Research*, 8 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/the-geo-politics-of-the-strait-of-hormuz-could-the-u-s-navy-be-defeated-by-iran-in-the-persian-gulf/28516>>. Acessado em: 18 abr. 2016

OLIC, N. B. Geopolítica- dos oceanos, mares e rios. \_\_\_\_\_: Moderna Editora, 2011.

PENHA, E. A. *Relações Brasil-África e relações do Atlântico Sul*. Salvador: EDUFBA, 2011.

PADFIELD, P. Hess, Hitler & Churchill: the real turning point of the second world war – a secret history. London: Icon Books, 2013.

PIQUET, R.; SERRA, R. (Org.). *Petróleo e região no Brasil: o desafio da abundância*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

PIRES, H. F. Desregulação financeira no capitalismo gestor de dinheiro: *o endividamento dos EUA e das economias centrais*. *Biblio3w*, v. XVII, n. 963, 2012.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. Ed Ática, 1980.

RANGEL, P. C. O estado do estado: *ensaio de política constitucional sobre justiça e democracia*. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2012.

REGAZZINI, D. *Teoria da personalidade na sociedade de massa: a contribuição de Gramsci*. Campinas: Autores Associados, 2005.

REIS, C. M. A nova geopolítica do petróleo: *será o Brasil um global player?* In: Encontros de Geógrafos da América Latina, 14., 2013, Lima. *Anais do XIV EGAL 2013*. Lima: IGU/UGI, 2013.

RIBEIRO, F. G. B. D. *A geografia militar no Brasil: a questão da defesa nacional*. 2015. 269 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SANTOS, B. de S. Os processos da globalização. In: \_\_\_\_\_. *A Globalização e as Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-94.

SANTOS, C. R. S. Territórios não-capitalistas e reprodução do capital: o papel de Rosa Luxemburgo. *Mercator*, v. 9, n. 18, 2010: jan./abr. p. 27-38

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. 16 ed., Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTIAGO, J. P. *Espaço geográfico e geografia do estado em Froedrich Ratzel*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2013.

VISENTINI, P. F. China, potência emergente: pivô da transformação mundial. In: (Visentini et al, (Org.). *BRICS as potências emergentes*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

WEINBERG, G. L. *Hitler's foreign policy 1933-1939: the road to World War II*. New York: Enigma Book, 2013.

WHITE, G. W. Nation, state and territory: origins, evolutions, and relationships, v. 1. New York: Rowman & Littlefield publishers, 2007.

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.



# Gestão escolar e a identidade negra: os desafios da implementação da Lei 10.639/2003 em tempos de incerteza

Isabela Regina Gonçalves<sup>1</sup>  
UNIGRANRIO

## Resumo

O presente estudo tem como finalidade dissertar a respeito de como a escola contribui para valorização e fortalecimento da identidade negra em tempos de incerteza. As recentes mudanças educacionais fomentam a discussão a respeito da inclusão da história e cultura africana e afro-brasileira para reconhecimento e valorização da cultura negra. O objetivo da pesquisa foi analisar o papel da gestão escolar no processo de construção da identidade negra considerando a lei 10.639/03. A pesquisa parte de um referencial teórico alicerçado em compreender as dimensões do processo de construção da identidade negra e identificar como as ações desenvolvidas pela gestão escolar contribuem para o fortalecimento identitário dos alunos negros da escola. Os trabalhos de vários autores, como Nilma Lino Gomes, Neusa Santos Souza e Kabengele Munanga foram usados como apoio. A metodologia se sustenta em pesquisa bibliográfica que será supramencionada ao longo do texto e por meio dos estudos sobre marcos legais, movimento negro e políticas educacionais voltadas para educação do negro. Resultados indicam a importância da Lei nº 10.639/03 na promoção de uma pedagogia para diversidade.

**Palavras-Chave:** Identidade Negra; Gestão Escolar; Lei 10.639/2003.

---

<sup>1</sup> Email: isabela.goncalves@unigranrio

## **Resumen**

El propósito de este estudio es hablar sobre cómo la escuela contribuye a valorar y fortalecer la identidad negra en tiempos de incertidumbre. Los recientes cambios educativos fomentan la discusión sobre la inclusión de la historia y la cultura africana y afrobrasileña para el reconocimiento y la apreciación de la cultura negra. El objetivo de la investigación fue analizar el papel de la gestión escolar en el proceso de construcción de la identidad negra considerando la ley 10.639 / 03. La investigación parte de un marco teórico basado en comprender las dimensiones del proceso de construcción de la identidad negra e identificar cómo las acciones desarrolladas por la dirección escolar contribuyen al fortalecimiento de la identidad de los estudiantes negros en la escuela. Se utilizaron como soporte las obras de varios autores, como Nilma Lino Gomes, Neusa Santos Souza y Kabengele Munanga. La metodología se sustenta en investigaciones bibliográficas que se mencionarán a lo largo del texto y en estudios sobre marcos legales, movimiento negro y políticas educativas orientadas a la educación negra. Los resultados indican la importancia de la Ley 10.639 / 03 en la promoción de una pedagogía de la diversidad.

**Palabras clave:** Identidad Negra; Gestión escolar; Ley 10.639 / 2003.

## **Abstract**

The purpose of this study is to discuss about the role of the school in contributing to the valorization and strengthening of black identity in times of uncertainty. Recent changes in education foster the discussion about the inclusion of African and Afro-Brazilian history and culture for recognition and appreciation of black culture. This research aimed to analyze the role of school management in

the process of building black identity considering the law 10639/03. The research starts from a theoretical framework based on understanding the dimensions of the construction process of black identity, and on identifying how the actions developed by school management contribute to the identity strengthening of black students at school. The works of several authors, such as Nilma Lino Gomes, Neusa Santos Souza and Kabengele Munanga have been used. The methodology is based on bibliographic research that will be mentioned through the text and studies on legal frameworks, black movement and educational policies focused on black education. Results indicate the importance of Law No. 10,639 / 03 in promoting a pedagogy for diversity.

**Keywords:** Black Identity - School Management - Law 10.639 / 2003

## **Introdução**

Este artigo tem por finalidade dissertar a respeito de como a escola contribui para a valorização e o fortalecimento da identidade negra. A Medida Provisória 746/2016, convertida na Lei N° 13. 415/17, estabelece mudanças para o Ensino Médio, alterando trechos importantes da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação). Esta MP causa impacto na Lei 10.639/03, trazendo tempos de incertezas acerca da discussão da obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas. Buscou-se compreender a importância desta lei para reconhecimento da cultura negra, a valorização da identidade negra em âmbito escolar e a necessidade de fomentar essa discussão no espaço educacional.

Nesse estudo, procuramos responder a seguinte questão: como a escola contribui para a valorização e o fortalecimento da identidade da negra? Para isso, exploramos as dimensões do processo de construção da identidade negra e a contribuição da gestão escolar no fortalecimento identitário dos alunos negros da escola.

A inclusão no currículo escolar da história e cultura africana e afro-brasileira através da Lei 10.639/03 é um importante passo para o reconhecimento e a valorização da cultura negra. Sendo assim, esta medida impacta os pequenos avanços adquiridos nas políticas educacionais voltadas para a educação do negro. A formação identitária não pode ser construída de forma isolada, ou seja, parte desse processo formativo acontece também na escola. De acordo com Gomes (2002, p.39):

A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

No campo acadêmico há poucas referências sobre o processo de construção, valorização e fortalecimento da identidade negra, e a escola é um espaço importante para este processo. Portanto, este estudo pode contribuir para que as escolas e os profissionais repensem suas práticas educativas e pedagógicas, além de gerar informações para a promoção de ações que valorizem a diversidade cultural, na perspectiva de minimizar práticas de discriminação racial no ambiente escolar.

Quanto ao referencial teórico, este estudo apoia-se no trabalho de vários autores, tais como Gomes (2002, 2016), Souza (1983) e Munanga (1994). Dentre as produções de Nilma

Lino Gomes, destacaram-se as seguintes: “Educação e identidade negra” (2002), “Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural” (2002), “Corpo e cabelo como símbolo da identidade negra” (2002) e “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão” (2016). Esses artigos apoiaram as reflexões sobre os elementos que contribuem para fortalecimento da identidade negra no espaço escolar.

A metodologia é de natureza qualitativa, atendendo aos pressupostos da pesquisa bibliográfica. Para coleta de dados foi utilizado levantamento bibliográfico. Quanto às etapas da pesquisa, a princípio, foi realizado um levantamento bibliográfico e pesquisa de diferentes artigos sobre a Lei 10.639/03. Em seguida, foram buscados marcos legais, como a Lei de Diretrizes e Bases da educação (LDB, 1996). Para a compreensão do processo de alteração na Lei 9.394/96, foi necessário pesquisar sobre o movimento negro e seu processo de luta e resistência referente às políticas educacionais voltadas para a educação. O quadro abaixo é um recorte do período de 1980 a 2003, que mostra o percurso da lei até sua aprovação.

Quadro 1 – Projetos de Lei com propostas para inserir nos currículos escolares o Ensino das Relações Étnico-Raciais, História da África e da Cultura Afro-brasileira

ANO	PODERES: Legislativo e Executivo	PROJETO DE LEI - PL	RESULTADO
1983/86	Abdias Nascimento - Deputado Federal/RJ	1.332/83	Aprovado de forma unânime e arquivado em 1989.
1987/90	Paulo Paim - Deputado Federal /RS	-----	Não aprovado e arquivado.
1993	Humberto Costa - Deputado Estadual/PE	-----	Vetado por ser considerado inconstitucional.
1995/98	Benedita da Silva - Senadora/RJ	18/95	Não aprovado e arquivado
1995/98	Humberto Costa - Deputado Estadual/PE	859/85	Aprovado na Comissão de Educação, Cultura e Desporto, em 1997.
1999/2002	Ben Hur - Deputado Federal/MS e Ester Grossi - Deputada Federal/RS	259/997	Aprovado. No PL constava “originalmente” projeto de Humberto Costa/PE.

2003	Executivo Federal	10.639/038	Sancionada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva.
------	-------------------	------------	---

Fonte: Santos (2009, p. 151); Moraes (2009, p. 74); Batista (2010, p. 313).

Essa linha do tempo foi importante para entender o processo de aprovação da Lei 10.639/03 que, no ano de 2008, foi alterada para 11.645/08, incluindo a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Também foram exploradas as leis complementares e políticas públicas, tais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004) e o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que foram importantes para compreender a necessidade de práticas de ensino voltadas para valorização e fortalecimento da história e cultura africana e afro-brasileira.

O texto deste artigo está dividido em dois aspectos: a apresentação do tema da pesquisa, com alguns conceitos sobre a identidade negra e como ela se constitui; e algumas reflexões sobre o papel da escola na formação identitária, apresentando elementos que podem contribuir para o fortalecimento étnico/racial ou reproduzir estereótipos. Em relação a este segundo aspecto, destaca-se o Colégio Estadual Guadalajara como exemplo de boa prática, pois esta é uma escola que apresenta, através da interdisciplinaridade, projetos que potencializam as diferentes culturas e a importância do povo negro na história brasileira. Além disso, destaca-se o impacto da reforma do ensino médio na Lei 10.636/2003, os marcos

legais e as políticas educacionais voltadas para educação do negro.

### **Elementos da construção da identidade negra**

Abordar a construção da identidade, seja ela negra ou não, não é tarefa fácil, visto que o tema possui diferentes conceitos e diversos autores apresentam variadas concepções acerca do tema. Para o antropólogo Munanga (1994: 177-178), a identidade é entendida da seguinte forma:

[...] é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc.

Munanga (1994) traz argumentações interessantes sobre as funções da identidade, que são corroboradas por Gomes (2002, p.39). Segundo ela:

[...] a identidade negra [é] uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

Gomes (2016, p.43) destaca que:

Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que historicamente ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros.

A psicanalista Neusa Santos Souza (1983) afirma que “ser negro não é uma condição dada a priori. No Brasil, ser negro é tornar-se negro”. Portanto, acreditamos que a escola tem um papel importante nesse processo de formação da identidade na constituição de subjetividades e na superação das desigualdades raciais.

Não é por acaso que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) usa “preto” como classificação no censo demográfico desde 1872. Segundo o IBGE, o conceito de cor ou raça é: “características declaradas pelas pessoas de acordo com as seguintes opções: branca, preta, parda ou indígena”. Dados recentes mostram que o número de pessoas que se autodeclararam negras e pardas aumentaram no país.

Segundo o Censo realizado pelo IBGE no ano de 2000, 38,5% das pessoas se declaravam pardas e 6,2% pretas, totalizando 44,7% de pretos e pardos. No ano de 2007, houve uma mudança, pois 42,5% se intitularam pardas e 7,5% pretas, totalizando 50% de pretos e pardos. Em 2014, os números aumentaram: a pesquisa nacional por amostra de domicílios (PNAD), realizada pelo IBGE, aponta que 53% dos brasileiros se autodeclararam pardos e negros e 45,5%, brancos.

Os dados supracitados são reflexos da luta dos movimentos sociais, bem como do avanço das políticas educacionais voltadas para a educação do negro. Dentre estas conquistas, é possível citar, por exemplo:

- A Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei 9.394/1996 e que, posteriormente, foi alterada pela Lei nº 11.645/2008, inclui, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

- As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.
- O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.
- O PROUNI (**Programa de Universidade para Todos**), que é um programa de bolsas de estudos, integrais ou parciais, em universidades particulares para população de baixa renda.
- O FIES (**Fundo de Financiamento Estudantil do Ensino Superior**), que tem o objetivo de financiar as mensalidades de cursos graduação para estudantes que estejam regularmente matriculados em instituições privadas de Educação Superior.
- A SEPPIR (**Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**), que foi um órgão do Poder Executivo do Brasil, com o objetivo de promover a igualdade e a proteção de grupos raciais e étnicos afetados por discriminação e demais formas de intolerância, com ênfase na população negra.
- O Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010), destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa de direitos étnicos individuais, coletivos e difusos, e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.
- A SECAD (**Secretaria de Educação a Distância, Alfabetização e Diversidade**), que é um órgão componente da estrutura administrativa do Ministério da

Educação (MEC) e foi criada no ano de 2004. Sua principal função é articular, junto às três secretarias do MEC, políticas públicas voltadas à ampliação do acesso à educação a todos os cidadãos, levando-se em conta especificidades de gênero, idade, raça, etnia etc.

- A Lei nº 12.711/2012, que garante a reserva de 50% das matrículas para ingresso nos cursos de graduação de alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos, aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salários-mínimos (um salário-mínimo e meio) per capita, aos alunos autodeclarados pretos, pardos e indígenas, e às pessoas com deficiência.

Essas conquistas contribuíram para o avanço do debate sobre a temática racial na política e no cotidiano do país. Contudo, percebe-se que a escola não é um campo neutro, e sim um espaço que interfere na construção social do indivíduo. Gomes (1996, p. 70), em seu artigo "Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade", afirma que, embora as teorias de branqueamento tenham sido desenvolvidas no século XX, ainda existem reflexos dentro do espaço escolar.

Percebe-se, na escola, a presença da ideologia do branqueamento, que se revela através de uma tentativa de "suavizar" o pertencimento racial dos alunos e professores negros, apelando para as nuances de cor como "moreninho", "chocolate", "marronzinho", "cor de jambo", ou até mesmo em expressões como "clarear a raça" (GOMES, 1996, p. 70).

Embora o número de educadores atentos a essa questão tenha aumentado significativamente, ainda é possível ver expressões racistas por parte dos professores, funcionários e

alunos. Deste modo, ainda de acordo com Gomes (1996), acredita-se que:

Essa ideologia racial não é formulada e desenvolvida pelos professores e alunos unicamente no dia-a-dia da escola. Ela está presente no desenvolvimento da carreira docente, desde o curso do magistério, passando pelos centros de formação, pelo curso de pedagogia, e até a licenciatura. (GOMES, 1996, p.69).

Gomes (1996, p.69) argumenta que, para que possamos desconstruir as teorias racistas que predominam em nossa sociedade (e, conseqüentemente, na escola), é necessário que os cursos de formação de professores, bem como a universidade, incluam a temática racial em seus currículos.

As instituições de ensino superior devem abordar o tema em seu currículo, principalmente nos cursos de pedagogia e formação de professores. Afinal, os profissionais da educação precisam de insumos, inclusive para que possam desconstruir seus preconceitos, para que, na sala de aula, o educador possa fazer intervenções em uma situação de discriminação racial, responder e até desenvolver atividades sobre o pertencimento étnico/racial de seus alunos, além de promover debates, apresentar a história do Brasil sob uma nova perspectiva, dentre outras ações referentes ao tema. Sendo assim, como fica essa discussão sem a obrigatoriedade do ensino da história? Como valorizar a contribuição do povo negro na formação identitária deste país?

No combate ao preconceito racial e ao racismo, é preciso ser eficaz. Não basta apenas ser eficiente, é preciso que os profissionais da educação tenham conhecimento e ferramentas para desenvolver o tema em sala de aula e, assim, colocar em prática a Lei 11.645/08. Gomes (2002), em seu artigo “Educação e Identidade Negra”, reforça que:

[...] os processos identitários precisam ser compreendidos e debatidos no interior das escolas, sobretudo em nossos cursos superiores – se criticamos o fato de que a escola básica ainda não conseguiu dar um trato pedagógico de qualidade à questão racial, o que diremos do ensino superior? Será que a experiência universitária tem sido capaz de quebrar preconceitos, romper com estereótipos sobre o negro e sua cultura, construir cidadãos e cidadãs menos etnocêntricos? Será que os alunos e as alunas que se formam nos cursos da UFMG e de tantas outras instituições de ensino superior, ao concluírem a graduação e a pós-graduação, compreendem melhor a complexidade da questão racial e suas implicações políticas, sociais, econômicas e culturais? Entendem a educação pública como direito que, enquanto tal, deve ser garantido aos cidadãos e às cidadãs de diferentes pertencimentos étnicos/raciais ou ainda a veem como mérito de alguns? (GOMES, 2002, p.44)

No entanto, a educação recebida por alguns profissionais da educação também foi impregnada de preconceitos, discriminação, estereótipos e racismo. Assim, é importante que esse “trato pedagógico de qualidade à questão racial” (GOMES, 2002, p.44) seja desenvolvido pela gestão escolar nos cursos de formação de professores, no cotidiano escolar da educação básica e na instituição de ensino superior. Só assim a promoção de uma pedagogia da diversidade será eficaz.

### **Gestão escolar: os desafios da implementação da lei 10.639/03**

A implementação da Lei n° 10.639/03, que visa obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas instituições de ensino público ou privado,

poderá ser uma contribuição para desconstruir a discriminação racial no espaço escolar. Além disso, também poderá auxiliar na construção de práticas pedagógicas alternativas que possibilitem entender que vários elementos influem na construção da identidade negra.

Um balanço divulgado pelo MEC (Ministério da Educação) mostra a necessidade de efetivação da lei. Mas, para isso são necessários professores qualificados para abordar a temática. Em 2004, foram distribuídos mais de 200 mil exemplares do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

Contudo, o acesso ao plano supracitado não dá as ferramentas necessárias para que professores e professoras tenham base para discutir a temática racial em sala de aula. É necessário que a gestão escolar busque ferramentas para desenvolver ações efetivas, tais como: cursos de formação, fóruns de discussão, grupos de trabalhos, e material didático atualizado e adequado.

À medida que a escola implementa e aplica a Lei 10.639/03 em seu cotidiano escolar, é valorizada a diversidade étnico-racial. Entretanto, existe uma resistência para que a lei, que já completou 15 anos desde sua promulgação e não teve uma grande adesão, seja colocada em prática. O Colégio Estadual Guadalajara, localizado no bairro Jardim Olavo Bilac, na cidade de Duque de Caxias, é referência nessa discussão, pois é uma escola conhecida nacional e internacionalmente. Também foi premiada pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) por ser uma escola inovadora.

Esse reconhecimento deve-se aos resultados que 14 escolas em todo Brasil apresentaram em relação à eliminação

da violência no espaço escolar. O Colégio Estadual Guadalajara, assim como os demais casos de sucesso, apresenta resultados como: melhoria no rendimento escolar; assiduidade; redução do índice de evasão; maior interesse pelos estudos; respeito e cuidado com o espaço educacional; e uma grande motivação de professores e alunos.

A escola supracitada é vista como referência, por ser uma experiência de sucesso acerca da educação para a diversidade cultural, pois é uma escola que desenvolvem temas como: história e cultura africana, afro-brasileira e indígena; miscigenação na sociedade brasileira; a situação do negro no Brasil; entre outros temas que contribuem na construção de uma consciência crítica dos alunos. Tudo isso é colocado em prática utilizando diferentes linguagens (projetos culturais, educativos e esportivos), que foram adotadas pela gestão e pelos professores para superar o racismo e o preconceito racial dentro da escola.

A temática racial precisa ser inserida no currículo escolar, mas não apenas de forma pontual através do dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra). É preciso buscar ações concretas para colocar a Lei 10.639/03 em prática, na perspectiva de valorizar as contribuições que diferentes grupos étnicos fizeram e fazem ao nosso país.

### **Considerações Finais**

A escola tem um papel fundamental na promoção da diversidade cultural, de forma a promover reflexões importantes sobre as várias culturas que compõem o cenário brasileiro. Cabe à escola, portanto, abordar a cultura afro-brasileira e africana dentro do espaço educacional, com o objetivo de mostrar que as culturas europeias, indígenas e

africanas são igualmente importantes na construção política, econômica, social e cultural de nosso país.

Logo, a pesquisa mostra que a escola tem uma enorme responsabilidade na valorização da diversidade cultural. Espera-se que a experiência do Colégio Estadual Guadalajara influencie outras escolas que estão no processo de implementação da Lei 10.639/03 para que tenham conhecimento deste estudo e percebam que uma escola implicada na promoção de práticas que valorizem a diversidade cultural é o caminho para acabar com a discriminação racial no ambiente escolar. Só assim estaremos caminhando em direção a uma pedagogia da diversidade.

### **Referências**

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n° 13.415 de 16 de fevereiro de 2017.

BRASIL. **Medida Provisória n° 746, de 22 de setembro de 2016.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 set. 2016.

BRASIL. Estatuto da igualdade racial, Lei n° 12.288, de 20 de julho de 2010.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala. Rio de Janeiro: Record, 1989.

GOMES, Nilma Lino, Corpo e capelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. São Paulo: UPS, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. In: Aletria – revista de estudos de literatura. Alteridades em questão. Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n.9, dez/2002, p.38-47.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: MEC, 2004.

Educação Anti-Racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

BRASIL. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. MEC, SECAD, Brasília, set. 2009.

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.



# A invenção das tradições: a nordestinidade e suas representações

José Severino da Silva<sup>1</sup>  
UNIGRANRIO / ACM RIO

Renato da Silva<sup>2</sup>  
UNIGRANRIO

## Resumo

O presente trabalho tem a finalidade de apresentar os resultados com a pesquisa realizada sobre a invenção das tradições nordestinas e a arte como fio condutor das Representações. O objetivo da pesquisa foi apresentar os aspectos identitários que a culinária representa enquanto parte integrante desse sujeito, indivíduo este de interfaces múltiplas culturalmente falando, seja através da música, da arte e da própria culinária. A pesquisa parte de um referencial teórico fundamentado na perspectiva dos estudos da cultura e propõe reflexão acerca da construção dos aspectos identitários a partir das práticas culturais do migrante. A metodologia se sustenta em pesquisa bibliográfica e observatória que será referenciada ao longo do texto. Através dos estudos sobre a importância das manifestações culturais e artísticas enquanto marca do migrante.

**Palavras-chave:** A invenção das tradições; Tradições nordestinas; Arte nordestina.

---

<sup>1</sup> cap.prof\_jose@yahoo.co.br

<sup>2</sup> redslv333@gmail.com

**Resumen:**

El presente trabajo tiene como objetivo presentar los resultados con la investigación realizada sobre la invención de las tradiciones y el arte del noreste como hilo conductor de las representaciones. El objetivo de esta investigación fue presentar los aspectos de identidad que representa la gastronomía como parte integral de este tema, individualizándolo de múltiples interfaces culturalmente hablando, ya sea a través de la música, el arte y la propia gastronomía. La investigación parte de un marco teórico basado en la perspectiva de los estudios culturales y propone una reflexión sobre la construcción de aspectos de identidad a partir de las prácticas culturales de los migrantes. La metodología se basa en investigaciones bibliográficas y observacionales a las que se hará referencia a lo largo del texto. A través de estudios sobre la importancia de las manifestaciones culturales y artísticas como marca del migrante.

**Palabras clave:** La invención de tradiciones; Tradiciones del noreste; Arte del noreste.

**Abstract:**

The present work aims to present the results with the research carried out on the invention of northeastern traditions and art as a guiding thread of Representations. The aim of this research was to present the identity aspects that culinary represents as an integral part of this subject, individuating him of multiple interfaces culturally speaking, either through music, art and culinary itself. The research departs from a theoretical framework based on the perspective of cultural studies and proposes reflection on the construction of identity aspects from the migrant's cultural practices. The methodology is based on bibliographic and

observational research that will be referenced throughout the text. Through studies on the importance of cultural and artistic manifestations as a mark of the migrant.

**Keywords:** The invention of traditions; Northeastern traditions; Northeastern art.

## **Introdução**

A invenção das tradições nordestinas tendo como fio condutor a arte, a música, a poesia e tantas outras manifestações. Temos a interpretação de Luiz Gonzaga e suas letras tratando das subáreas nordestinas e suas características, o artista trata da saudade, da angústia e dos sonhos, já Dorival Caymmé interpreta a partir de suas músicas e letras tratando da Bahia, da culinária e dos atos celebrativos sobre a cultura afro tecendo o culturalismo a partir do Nordeste.

Da literatura regional, Euclides da Cunha, com a sua análise do sertão da Bahia e o aspecto da religiosidade e da resistência e fortaleza do povo nordestino a partir da guerra de Canudos e da formação social do povo do sertão a partir do bandeirismo, e de Luís da Câmara Cascudo, conhecedor da cultura popular regional e da história da alimentação. Tarsila do Amaral traz em sua arte uma análise mais precisa da cultura nacional, da identidade de um povo múltiplo, das cores da bandeira, do sol e da vegetação natural da região Nordeste.

Versará também sobre as apropriações culturais materiais e imateriais por meio dos dos saberes e fazeres enquanto práticas culturais nordestinas, das celebrações litúrgicas e não litúrgicas, das diversas formas de expressões artísticas, musicais, literária e gastronômica e por fim, dos lugares, da geofricidade das subáreas do Nordeste e suas especificidades.

Para falar da invenção das tradições nordestinas, faz-se necessário analisar como se deu a invenção do Nordeste. Vale

ressaltar a importância de todas as derivações do termo “Nordeste” como por exemplo: nordestino, nordestinidade, nordestinização e por um curto período de tempo “nortista”. Antes de se reportar à geografia, a noção de região nordeste se refere a uma divisão territorial, fiscal e natural. Ou seja, além do recorte natural do espaço, representa um recorte econômico, político e cultural.

Segundo Albuquerque Jr. (2001, p. 25-26), “a região é produto de uma batalha, é uma segmentação surgida no espaço dos litigantes. As regiões são aproveitamentos estratégicos diferenciados do espaço.” E para melhor mapear e representar o nordeste apresento a arte da música e seus intérpretes, como precursores monumentais que atuaram de forma imagética traduzindo as representações nordestinas de forma corporal, expressiva e linguística descrevendo o espaço vivido e suas características naturais através da arte.

O autor segue afirmando, que “[...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado” (ALBUQUERQUE JR, 2001, p. 311). Nessa perspectiva, o autor apresenta uma crítica sobre a invenção do Nordeste e o distanciamento que ao longo da história o Nordeste se deparou diante do Sul, ou seja, o Nordeste enquanto espaço de negação.

Logo, destaco nessa tese, alguns personagens que mesmo diante de um contexto histórico negado, não só representam os precursores como também defensores da geografia nordestina. Parafraseando Durval Muniz de Albuquerque Jr. O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do Brasil, justamente por ser uma cristalização de estereótipos subjetivados, característicos do ser nordestino e da sua nordestinidade.

Vale ressaltar que foi durante o estado Novo, Governo Vargas, que o IBGE criou a primeira Divisão Regional do Brasil (DRB), dividindo em cinco regiões: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

O Nordeste como espaço territorial tem como data de nascimento o final da primeira metade do século XX. O que seria o “Nordeste e o nordestino senão a invenção das relações de poder e do saber,” (ALBUQUERQUE Jr. p.31). A própria mídia enquanto veículo comunicacional, e enquanto parte do sistema de poder terminou por contribuir para o distanciamento entre nordeste e sul.

O discurso enquanto parte do sistema de poder veiculado a mídia passou a representar ao longo do tempo um sistema de força de poder e saber. “O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido.” Durval Muniz de Albuquerque Jr. (1999, p.307).

Nesse contexto histórico, construído ao longo do tempo, enquanto o outro lado do sul, discriminado e explorado pelas forças midiáticas e econômicas, está o Nordeste e o nordestino, que transcende o imaginário construído, seja através da arte de modo geral, seja através da resistência dentro dessa rede de poder. A questão principal é: existe a identidade nordestina? O que o nordestino no translado, busca traduzir? O que seria a nordestinidade?

Nessa busca por respostas, partindo de uma abordagem discursiva e imagética, pode-se notar que uma das possibilidades da invenção da tradição nordestina está vinculada a um recorte espacial, as relações de poder ou espaço negado. São nesses discursos e práticas que se busca a origem dos aspectos identitários e a ideia de nordestinidade. Ao passo que prosseguimos o estudo, percebemos também que os grupos sociais têm tendências para diferenciar seu espaço

etnocentricamente. Colocando-se enquanto superior aos demais grupos, entretanto o meio ambiente é um construto humano, seja artificial, seja natural.

Dessa forma, o Nordeste e o nordestino podem até ter sido uma invenção midiática enquanto o outro lado do sul, na divisão do espaço geográfica e nas relações de poder, mas para o nordestino, a nordestinidade está intrinsecamente ligada ao sol escaldante, ao cheiro da terra, a pertença local. Dessa forma, abrem-se outros caminhos ainda pouco explorados para se discutir a invenção das tradições nordestinas.

Eric Hobsbawm (2008) em sua obra “A invenção das tradições” argumenta que as tradições são criadas pelas elites nacionais para justificar a importância de sua nação. Esta expressão inclui tanto as tradições institucionalizadas e inventadas, quanto àquelas que surgem de improviso e estabelecem-se, embora por tempo determinado.

Para Hobsbawm, (2008, p.18) “uma vez estabelecida a preponderância das tradições inventadas “comunitárias”, resta-nos investigar qual seria sua natureza.” Nessa perspectiva, com o auxílio da antropologia poderemos esclarecer as diferenças entre práticas inventadas e os costumes tradicionais.

O termo tradição “tradição inventada” é utilizado no sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo. [...] por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual e simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição (HOBSBAWM, 2008, p.9)

Dessa forma, a “tradição inventada” seria um conjunto de práticas, reguladas por regras abertamente aceitas sendo normalmente de natureza simbólica e por meios de ritos, quase sempre estabelecendo uma continuidade como passado histórico.

Embora as novas tradições ou invenções venham a romper com passado, o próprio passado serviu de base para a construção dos novos hábitos, normas e valores, logo a ideia do velho e do novo não se apresenta como um rompimento, pois o novo é parte velho e o velho do novo. Assim, as “tradições inventadas” se caracterizam por estabelecerem junto ao passado histórico uma continuidade, embora com uma nova roupagem. Assim, algumas tradições sejam diferenciadas dos costumes vigentes nas sociedades primitivas, pois os costumes nas sociedades ditas tradicionais não chegam a impedir as inovações, mas limitam até certo ponto as inovações, pois embora sofra uma mudança elas precisam parecer compatíveis com a precedente.

Assim sendo, parto da ideia de que a região Nordeste não seja apenas uma região inventada historicamente.

A compreensão do Nordeste ao longo da história do Brasil foi narrada por diversos autores, poetas, historiadores, sociólogos, literatos, antropólogos e outros pesquisadores, tais como: Raul Lody, Gilberto Freyre, Durval Muniz de Albuquerque Jr. João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz e tantos outros. Todos estes autores são representantes de diversas áreas do conhecimento, humanas e linguagens.

Estas diversas literaturas produzidas por diversos intelectuais da cultura, de épocas e de escolas diferentes descreveram o Nordeste brasileiro de forma ficcional, em forma de romance, de novelas, de poesias e até em cordel. No campo da arte, alguns artistas se destacaram, são eles: Luiz Gonzaga,

Dorival Caymmi, Luís da Câmara Cascudo, Euclides da Cunha e Tarsila do Amaral.

A partir da reeleitura do movimento regionalista de 1926, com sede em Recife – Pernambuco, que resultou na publicação de diversas obras literárias e nomes como por exemplo: “Vidas secas”, de Graciliano Ramos; “Morte e vida Severina: auto de natal pernambucano”, de João Cabral de Melo Neto; “Essa terra e O cachorro e o lobo”, de Antônio Torres; “A hora da estrela”, de Clarice Lispector; “As mulheres de Tijucoapo”, de Marilene Felinto.

### **1. A nordestinidade e suas representações.**

As tradições nem sempre perduram, apenas algumas, logo se pretende investigar como elas surgiram e estabeleceram-se ao longo da história. O processo de formalização e ritualização de algumas práticas terminam por firmar ao longo do tempo e estabelecer-se como tradição, embora determinadas tradições que parecem ser antigas são recentes ou inventadas, formalmente institucionalizadas.

No caso em tela, busco respostas sobre como as tradições nordestinas se estabeleceram e institucionalizaram-se enquanto tradições ou invenções e suas chances de sobrevivência. Neste sentido o passado remoto aqui analisado é referente ao Nordeste e suas práticas culturais que não ultrapassam cinco séculos, entretanto os europeus que aqui se aportaram trouxeram suas práticas e aqui as disseminaram, assim como os africanos que aqui também chegaram e os indígenas principais ocupantes deste território forjaram e reinventaram o que poderíamos chamar de tradição nordestina.

De maneira muito apropriada, Hobsbawm e Ranger nos falam de tradição inventada como:

## *A invenção das tradições: a nordestinidade e suas representações.*

Um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Hobsbawm e Ranger (HOBSBAWM e RANGER, 2008, p.9)

Nesse contraste entre a real tradição (passado) e a tradição inventada ou forjada a que elas se referem terminam por estabelecer práticas formalizadas. Nessa perspectiva, é natural que as práticas sociais repetitivas sejam mais eficientes e por conviniência gera uma rotina e e uma série de convenções.

Dessa forma, a construção social de uma região ou lugar é, ao mesmo tempo, a construção dos sujeitos a ela pertencente e nesse sentido podemos falar dos aspectos identitários que constituem esse sujeito, na medida em que ele pode ser considerado um ator, que difunde costumes, valores e práticas representativas de um determinado grupo social.

O Nordeste, que um dia foi o Brasil, o Brasil da Casa Grande e da Senzala, o Brasil da nobreza e da quase nobreza portuguesa, o Brasil das capitânicas hereditárias e das sesmarias, dos engenhos de açúcar e das roças, do gado e do algodão, tornou-se periferia desse mesmo Brasil, mas que já não é mais o mesmo... (Favero e Santos, 2000, p. 27)

O Nordeste tem inúmeras interfaces, subáreas, entrelaçamentos étnicos/culturais, geograficidades, e climas que se torna complexa definição do nordestino e suas apresentações sociais.

Por exemplo a população nordestina litorânea é composta pelo entrelaçamento étnico europeu, indígena e africano, enquanto parte do agreste e sertão é composto pelo desbravador paulista (bandeirante) e indígena (explorado) , logo suas condições de enfrentamentos e de forças são totalmente distintas.

O conflito entre Canudos e a República resultou, para Euclides, do choque entre dois processos de mestiçagem: a litorânea e a sertaneja. O mestiço do sertão apresentaria vantagem sobre o mulato do litoral, devido ao isolamento histórico e à ausência de componentes africanos, que tornariam mais estável sua evolução racial e cultural. "O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral." (Cunha, 1985:179).

Segundo Euclides da Cunha em sua obra "Os Sertões" a resistência do sertanejo assemelhava-se a resistências das planatas diante do sol escaldante, da falta d'água na região, homem que se mostra capaz sobreviver a inúmeras dificuldades ao longo dos séculos.

Para o autor durante a Guerra de Canudos, o enfrentamento, a resistência sertaneja, aos olhos da elite política e do poder central era inimaginável e incompreensível a força e a sagacidade do sertanejo pelas inúmeras vitórias sobre as forças militares durante a Guerra.

Conclui o escritor que a força do sertanejo não provinha apenas do misticismo, da fé e da crença, mas sobretudo das experiências vividas, do lugar vivido, da geograficidade, do clima, da alimentação, fatores que o tornavam resistentes e fortes, vale ressaltar que esta resistência tinha como elemento propulsor as dificuldades, a ausência do Estado, a fome, a sede e a falta de políticas públicas que atendessem os problemas sociais da época.

Diferente do homem do litoral, o sertanejo nordestino tem sua origem no entrelaçamento étnico/cultural de impulsos agressivos como parte da herança dos aborígenes 'indígenas' e do paulista 'bandeirante' responsáveis pelas expedições e ocupações das áreas interioranas.

O que seriam, os sertanejos, frutos ou resultados de um desbravamento feroz por parte dosbandeirantes vitoriosos e dos indígenas massacrados. Para ele, a rebeldia e a fortaleza do

sertanejo seriam desses entrelaçamentos étnicos, o que facilmente é percebido pela ausência no cruzamento étnico sertanejo. O nordestino e a geograficidade se confundem numa convivência que combinava doçialidade e brutalidade, religiosidade e místico.

Em sua obra *Abaporu* de Tarsila do Amaral, pintada a óleo em 1928, tornou-se um clássico do modernismo brasileiro, embora não tenha direcionado a sua tela para enfatizar o homem nordestino e o próprio Nordeste, assim ficou subentendido. A clássica pintura do modernismo brasileiro traz como crítica social o trabalho braçal visível na representação dos pés e mãos desproporcional aos demais membros, desvalorizando o trabalho intelectual e mental com a cabeça minúscula.

A tela traz uma discussão acerca da desvalorização da arte nacional e a retomada pelo valor cultural dos artistas e das respectivas obras do Brasil. Embora outros elementos presentes na tela nos convida a repensar e a reavaliar a obra. A presença do mandacaru e do sol escaldante não pode representar todas as regiões do Brasil, cada região tem suas características e geograficidades. Veja a obra a baixo:



**Xilogravura 5** - *Abaporu* (2018), de Cuca. (José Severino da Silva)

Tarsila do Amaral inaugurou o Movimento Modernista no Brasil, trouxe de volta os valores estéticos, a arte brasileira, o regionalismo e a cultura popular. Este movimento tornou possível o reconhecimento e a valorização da arte e da cultura brasileira, artistas nordestinos ganharam destaque nacionalmente, como por exemplo o Mestre Vitalino, Curuaruense, do bairro: Alto do Moura, pernambucano que se destacou com suas esculturas em barro e cerâmica e tantos outros, mas a obra *Abaporu*, embora tenha sido idealizada com intuito de representar a arte nacional, ela retratou de forma precisa o Nordeste, pois o sol escaldante e o mandacaru são características apenas da região Nordeste, o trabalho braçal e a desvalorização do trabalho intelectual também sempre foram direcionados ao migrante nordestino, embora equivocadamente.

Na Região Sudeste do Brasil ainda ouvi-se dizer “ele é nortista” se referindo a migrantes nordestinos, embora esse termo tenha se tornado popular por muito tempo por conta dos processos migratórios em direção ao Sudeste. Genuinamente o próprio Luiz Gonzaga se apresentava como nortista” presente na música “Baião de São Sebastião” composição de Humberto Teixeira. Veja:

### **Baião de São Sebastião**

Vim do Norte  
O quengo em brasa  
Fogo e sonho do sertão  
E entrei na Guanabara  
Com tremor e emoção  
Era um mundo todo novo  
Diferente meu irmão  
Mas o Rio abriu meu fole  
E me apertou em suas mãos

Ê Rio de Janeiro  
Do meu São Sebastião  
Pára o samba três minutos} bis  
Pra cantar o meu baião

**(TEIXEIRA, 1973).**

No início da primeira estrofe, o trecho “Vim do Norte” refere-se ao próprio Luiz Gonzaga, chegando do Nordeste no Rio de Janeiro sendo bem acolhido no campo musical e artístico. “O Baião como entendemos hoje não existia. Posso dizer que fui seu criador” (MARCELO; RODRIGUES, 2012 p.23).

Luiz Gonzaga assume sem delongas ou modéstia em explicação a Macksen Luiz do Jornal do Brasil, a paternidade do baião, embora o seu parceiro musical e amigo Humberto Teixeira, diria que eles apenas deram uma nova roupagem ao que poderia ser o novo ritmo, o “baião”.

A migração interna constitui eixo de expressões nas representações musicais de Luiz Gonzaga em constante trânsito em direção as grandes cidades e suas angústias distante do seu lugar de origem. O poeta e cantador, denunciava em suas músicas diversas questões socioculturais, principalmente os deslocamentos. São elas: “Asa Branca” (1947), “Légua tirana” (1949), “Paraíba” (1952), “Vozes da seca” (1953), “Triste partida” (1964).

Luiz Gonzaga, conhecia o Nordeste como ninguém, sua sensibilidade naturalizada é de uma grandeza imensurável.

O poeta, músico e cantador, soube captar como ninguém as angústias, dificuldades e sonhos de seus conterrâneos sertanejos do Nordeste e migrantes nordestino. Podemos verificar na letra da música “Asa Branca” um lamento desesperançoso, sobre a paisagem afetada pelo sol escaldante. Ressignificando o espaço vivido nordestino a partir de uma simbologia historicizada através da poética popular, a música.

### Asa Branca

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

[..]

Até mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

(Gonzaga e Teixeira 1947)

Os fluxos migratórios ao longo das últimas duas décadas tornaram-se mais contida. A região nordeste se desenvolveu, novos campos de trabalhos absorveram parte da população do agreste e sertão nordestino, evitando fluxos migratórios em direção a região Sudeste.

Outros fatores determinantes, que contribuíram para o estancamento de fluxos de migrantes para as cidades do Sudeste foram questões ligadas a exclusão e a segregação social. Embora musicalizada “A triste partida” interpretada por Luiz Gonzaga, também era um cordel do poeta popular, Patativa do Assaré, que ao expressar o dilema do sertanejo nordestino, que por fatores naturais, e ausência de políticas públicas decide abandonar a sua terra para tentar a vida nas terras Sul.

### Triste Partida

Setembro passou,  
outubro e novembro,  
já tamo em dezembro  
meu Deus, que é de nós?  
Meu Deus, meu Deus  
Assim fala o pobre,

do seco Nordeste,  
com medo da peste  
da fome feroz  
Ai, ai, ai, ai  
A treze do mês  
ele fez a experiência,  
perdeu sua crença  
Nas pedras de sá  
mas nôta experiência,  
com gosto se agarra  
pensando na barra  
do alegre Natá.  
Ai, ai, ai, ai [...]

**(Patativa do Assaré, 1964)**

Nessa perspectiva, Luiz Gonzaga é considerado pela ‘nação nordestina’ o rei do baião, personagem de grande representatividade da região Nordeste é também reconhecido em todo território nacional e internacional como uma marca representativa da nordestinidade através de suas leituras ambientais em suas composições e interpretações musicais.

Este músico e poeta foi fundamental na construção da invenção da nordestinidade e da própria identidade nordestina, na sua arte de compor de interpretar e tocar. Ultrapassou o aspecto musical, trouxe os hábitos do homem nordestino, suas crenças, vestimenta e tantos outros elementos da região, incluindo o Nordeste no imaginário brasileiro.

Sabe-se que até o terceiro quartel do século XX, não havia distinção para o povo brasileiro, entre a região Norte e Nordeste e de forma genérica todos eram chamados de nortistas, principalmente nas duas grandes capitais São Paulo e Rio de Janeiro.

Capitais em grande desenvolvimento industrial e econômico que terminavam por atrair migrantes das regiões Norte e Nordeste. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Luiz Gonzaga

transporta em seus discos e em suas apresentações nos palcos e rádios, características específicas do sertão nordestino, do povo nordestino, tornando o baião uma música nacionalmente tocada e ouvida por todos.

É justamente nesse momento quando o rei do baião se consagra e consagra o Nordeste, tornando visível e reconhecível a identidade nordestina. Veja o diz Albuquerque Jr. (1999):

O Nordeste foi construído como o espaço da saudade, do passado, não apenas por aqueles filhos de famílias tradicionais e seus descendentes que acabaram entrando em declínio com as transformações históricas, ocorridas neste espaço, desde o final do século passado. Ele também é o espaço da saudade para milhares de homens pobres, do campo, que foram obrigados a deixar o seu local de nascimento, suas terras, para migrar em direção ao sul, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro para onde iam em busca de empregos [...].(ALBUQUERQUE, 1999, p. 151).

O trabalho do artista é fundamental enquanto representação social. Luiz Gonzaga ao levar o baião e seus demais ritmos nordestinos consagrados, também leva a identidade cultural do Nordeste e do seu povo. Em suas canções nordestinizadas, recheadas das marcas identitárias de um povo múltiplo culturalmente e de uma região de paisagens diversificadas.



**Xilô-gravura** – *Luiz Gonzaga* (2018), de Cuca. (José Severino da Silva)

Luiz Gonzaga antes de apresentar de forma definitiva as tradições nordestinas através da música, precisou absorver as influências musicais europeias durante a década de 1940. A segunda Guerra Mundial trouxe influências musicais como: o jazz, blues, o bolero, o tango e tanta outras influências.

Nesse período, Luiz Gonzaga ainda não havia se encontrado identitariamente enquanto músico de tradições nordestinas, embora o período não fosse favorável, pois a moda era tocar o jazz e o blues.

Nesse período, a música popular não recebia um tratamento de igualdade e ou que condizia com a sua riqueza e tradição, entretanto a música estrangeira recebia um tratamento diferenciado e uma instrumentação requintada.

A partir da iniciativa da Rádio Nacional em valorizar o patrimônio musical do Brasil, Luiz Gonzaga, que por um período absorveu a influência norte americana e europeia musicalmente, retomou suas origens musicalmente falando e reescreve uma nova fase da sua carreira enquanto compositor, músico e intérprete.

O rei do baião tocou por muito tempo nas pensões do bairro da Lapa para estudantes cearenses na rua Rua Visconde de Paranaguá e a partir de de algumas reclamações por parte dos estudantes, frequentadores do bairro, Gonzaga retomou suas origens musicais.

Por que diabos Gonzaga não toca umas coisas lá da terra dele, do Nordeste?/ - Não, não dá. Já faz muito tempo que saí de lá, não sei mais nada. E lá eu só tocava aquelas coisas pé de serra./- Mais isso mesmo que nós queremos rapaz! (DREYFUS, 1996, p. 82).

Luiz Gonzaga do Nascimento, mais conhecido como ‘o rei do baião’, foi um dos precursores em divulgar os nordestes existente na Região Nordeste através da música, do xote,xaxado, arrasta-pé, pé de serra e baião e de suas composições que quase sempre evidenciavam as características da fauna e flora do semiárido nordestino, das injustiças sociais, da seca, da fome, do processo migratório, da culinária, quase sempre ecoando em forma de lamento as tristezas das perdas, dos amores que partiam, da memória latente e do regresso.

São nas letras e músicas de Luiz Gonzaga que o Nordeste se projeta para os migrantes que buscam nas representações da cultura nordestina, especialmente nas práticas relativas a migração e a comensalidade. Algumas músicas foram selecionadas com o intuito de destacar as representações culturais contempladas na alimentação e na migração como uma dimensão da hospitalidade no contexto das festas, feiras e comensalidades.

A música revela a memória, os sentimentos de pertença, as representações sociais e tantas outras questões, e Luiz Gonzaga se utiliza da música para abordar a comida nordestina refletindo as práticas alimentares do Nordeste.

O poeta, compositor, intérprete e músico do sertão, divulgador e considerado, também co-fundador da nordestinidade e dos aspectos identitários do Nordeste, Luiz

Gonzaga, divulga os feitos e o potencial da região Nordeste em diversos seguimentos.

O músico chamou a atenção da mídia e dos canais de telecomunicações na divulgação das novidades que a região oferece, destacando o desenvolvimento econômico através do comércio, da indústria automobilística, das interferências do mercado internacional, da chegada das universidades nos estados nordestinos, das riquezas minerais e finaliza com a fé, crença, característica do povo nordestino e a religiosidade.

O rei do baião, Luiz Gonzaga, em suas andanças pelo Brasil se utilizou da mídia e de sua influência para expor, apresentar a região Nordeste, suas produções culturais e importância no cenário econômico do país. A letra da música “Nordeste para frente” se inicia por meio de uma entrevista na qual ele reforça uma atenção voltada para o Nordeste tão esquecido.

Dessa forma, ao analisar as representações sociais e até mesmo as construções simbólicas da região Nordeste a partir dos versos cantados e tocados por Luiz Gonzaga, seja no cinema brasileiro, ou nas rádios e televisão, a estrutura imagética da representação passa a se tornar para um determinado grupo social um guia de leitura e referência identitária a ser seguido. Luiz Gonzaga foi um que representou e defendeu o Nordeste, cantou o sertão, encarnou o homem com suas vestimentas, valores e linguagem.



**Xilogravura**7 – *Dorival Caymmi*(2018), de Cuca (José Severino da Silva)

Objetivamos, neste trabalho, mostrar como os elementos discursivos da representação simbólica do Dorival Caymmi, contemporâneo de Luiz Gonzaga, também regionalista, praieiro e folclorista foi representante da música baiana, foi mais um intérprete e precursor na divulgação da cultura nordestina. No plano de compositor e intérprete, o referido poeta aparece entre os primeiros compositores nacionais, embora sempre voltado para as questões regionais e ao folclore popular brasileiro.

Foram vários os que criaram uma ideia do que seria o Nordeste, por exemplo Durval Muniz Jr. em seu livro “A invenção do Nordeste e outras artes”. Gilberto Freyre dá início ao discurso regionalista em suas obras, mas estes artistas chegaram com a música a rincões onde os livros não chegaram, redesenhando o Nordeste brasileiro. A culinária cantada é mais uma de tantas formas de retratar e de reinventar o Nordeste de sabores, cores, aromas e texturas diversas, como demonstra trecho da música a seguir:

## **E a invenção gastromusical do Nordeste**

Quem quiser vatapá, ô  
Que procure fazer Primeiro o fubá  
Depois o dendê

Procure uma nêga baiana, ô  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Procure uma nêga baiana, ô  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer  
Que saiba mexer.

Bota castanha de caju  
Um bocadinho mais  
Pimenta malagueta  
Um bocadinho mais  
Bota castanha de caju  
Um bocadinho mais  
Pimenta malagueta  
Um bocadinho mais.

**(Caymmi, 1940)**

E a culinária nordestina enquanto marca identitária está presente nas canções de épocas, na literatura de cordel, nas poesias e na própria arte. A música também enquanto arte e tantas outras manifestações contribuíram para a construção do imaginário de como seria a região Nordeste e o próprio nordestino.

A invenção do Nordeste não aconteceu do nada. Os artistas e a própria literatura contribuíram, nesse sentido, para a construção da nordestinidade. Durval Muniz Jr. tem um livro cujo nome é “A invenção do Nordeste e outras artes” e nesta obra o autor parte do ponto de vista cultural, tratando de

elementos importantes como, sal do mar, sol e o clima. Nessa invenção, a partir dos elementos citados, entende-se a cultura nordestina como uma construção simbólica/inventada usando elementos físicos e concretos do real.

O ponto de partida da divulgação da nordestinidade ocorreu por volta de 1926, momento em que a emergência de um discurso regionalista teve início pelas obras do culturalista Gilberto Freyre – um dos precursores dessa invenção, reforçado pelos romances de Jorge Amado e pela música de Dorival Caymmi e de Luiz Gonzaga.

Nessa perspectiva, a música e a literatura se apresentam como canais comunicacionais para as outras regiões o que seria o Nordeste. Esses intelectuais nordestinos e tantos outros na semana de arte moderna de 1922 se juntaram e colocaram em discussão a região Nordeste e suas produções culturais. Caymmi, conhecedor da cultura popular brasileira, de musicalidade fora do comum, de identidades múltiplas e ao longo das últimas décadas, passou a representar mais um de tantos precursores da construção imagética do que seria o Nordeste.

Dorival Caymmi era compositor, poeta, pintor, desenhista e escritor. Nordestino múltiplo artisticamente falando, embora repetitivo em suas produções, mas sempre rabiscando o seu imaginário. A letra da música e o desenho ‘imagem’ “A preta do acarajé” singularizam e representam as baianas e suas manifestações míticas e afro-religiosas muito presente no imaginário de dorival caymmi.

### **Referências bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

*A invenção das tradições: a nordestinidade e suas representações.*

ANDRIGHETTI, Yná. *Nordeste: mito e realidade*. São Paulo: Moderna, 2004.

AUGÉ, Marc. *Não-Lugares - Introdução a uma antropologia supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BHABHA, H. K. “*Como o novo entra no mundo. O espaço pós-moderno, os tempos pós-coloniais e as provocações da tradução cultural*”. IN: *O local da cultura*. BH: UFMG, 292-325. 2003.

BRILLAT-SAVARIN, J. A. *A fisiologia do gosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BUTTNER, A. *Aprendendo o dinamismo do mundo vivido*. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. *Perspectiva da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982.

\_\_\_\_\_. *Campo de Movimiento y sentido del lugar*. In: RAMÓN, M. D. G. (org.) *Teoria y Método em la Geografia Anglosajona*. Barcelona, Ariel, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore do Brasil: pesquisas e notas*. Brasil/Lisboa: Fundo de Cultura, 1969.

CAVALCANTI, M. L. M. *Gilberto Freyre e as Aventuras do Paladar*. Recife: FGV, 2011.

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. e MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*; Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 8ª edição - Petrópolis, RJ., Editora Vozes, 2008.

CHAMON, E. M. Q. O.; CHAMON, M. A. *Representação social do risco: uma abordagem psicossocial*. In: CHAMON, E.M.Q.O. (Org.). *Gestão de Organizações Públicas e Privadas: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1990.

DREYFUS, D. *Vida de Viajante: A saga de Luiz Goznaga*. São Paulo: Ed. 34, 1996.

DURKHEIM, Emile. 1985. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Paris, PUF, 7ème édition.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

## Latinidade

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos*. Lisboa: Editora Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANCO, Ariovaldo. *De caçador a gourmet*. 2ª ed. São Paulo: Senac, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 48 ed. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA. Canclini, N. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP. 1998, 17-66 e 284-372.

GEERTZ, Clifford James. *A Interpretação da Cultura*. In: Uma Descrição Densa: Por Uma Teoria Interpretativa da Cultura. Rio de Janeiro: Zahar editoriais, 1978, 13-41.

GOFFMAN, Erving. *A Representação do Eu na Vida Cotidiana*—Petrópolis, Vozes: 2011. (introdução, cap 1 e conclusão)

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs) *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. *Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais* In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HAESBAERT, Rogério. (1999). *Identidades Territoriais*. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: UERJ.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vertice, 1990.

HOBSBAWM, Eric. “Introdução” In: HOBSBAWM, Eric. RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LE BRETON, David. *Antropologia dos Sentidos*. Petrópolis: Vozes, 2016.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEITE, A. F. *O Lugar: Duas Acepções Geográficas*. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ, 21, p. 9-20,1998.

LEMOS, A. *Cibercultura e Identidade Cultural*. Em direção a uma cultura copyleft?. In: Contemporanea. Revista de Comunicação e

*A invenção das tradições: a nordestinidade e suas representações.*

Cultura., Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, Facom/UFBA, Salvador, vol. 2, n. 2, dezembro de 2004., pp. 09 - 22.

MAFFESOLI, Michel. *O imaginário é uma realidade*. Porto Alegre: Revista Famecos, 2001, Nº 15.

MARCELO, C.; RODRIGUES, R. *O fole roncou! Uma história do forró*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MOSCOVICI, S. & Duveen, G. (eds.) (2001) *Social Representations: Explorations in Social Psychology*, New York University Press: New York.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.291.

\_\_\_\_\_. *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 404 p.

NOITE de São João. *Poema de Sabino Campos*. Jornal A Cachoeira, n. 816. Cachoeira, 24 de novembro de 1957.

OLIVEIRA, D. C. *Representações sociais e saúde pública: a subjetividade como partícipe do cotidiano*. Revista de Ciências Humanas: temas do nosso século, Florianópolis: Ed. UFSC, 2000. Edição Temática: *Representações Sociais e Interdisciplinaridade*.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. São Paulo: Record, 1993.

Ricardo Ojima e Wilson Fusco. *Migrações Nordestinas no Século 21: Um Panorama Recente*. Editora Edgard Blücher Ltda. 2014

ROVEDO, Salomão. *Literatura de cordel* / Salomão Rovedo. Rio de Janeiro: [s.n., 1986?]. 1 v.

SAID, Edward. *Fora de Lugar: memórias*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. *A comida como lugar de história: as dimensões do gosto*. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 54, p. 103-124, 125 jan./jun. 2011.

SANTOS, C. R. A. *Uma viagem por sabores mestiços*. In: LODY, R. Brasil bom de

SANTOS, M. de F. de S. *A Teoria das Representações Sociais*. In: SANTOS, M. de F. de S.; ALMEIDA, L. M. de. (Org.). *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais*. Pernambuco: Ed Universitária da UFPE, 2005. p. 15-38.

SANTOS, Milton. *A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo*. In: Santos, M., Souza, M. A. A. de, Scarlato, F. C., Arroyo, M. *Fim de Século e Globalização*. Ed. Hucitec, São Paulo, 2002, p. 16.

SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006. p.103

SENAC. DN. *Culinária nordestina: encontro de mar e sertão* / Artur bosisio (Coura.) Raul Lody; Humberto Medeiros et al. Prefácio de Claude Troisgrois. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2001.152 p.II. (A Formação da Culinária Brasileira). Inclui bibliografia. Edição bilígue: português/inglês.

SILVA, Tomaz Tadeu. *A produção social da identidade e da diferença*. INIdentidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Stuart Hall e Kathryn Woodward. Tomaz Tadeu da Silva (org). Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. " *Introdução* ". In: *O regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional*. São Paulo: Ed. Moderna, 1984. pp. 15 – 58.

SPINK, J. M. *Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais*. In: GUARESCHI, P., JOVCHELOVITCH, S. (org.) *Textos em Representações Sociais*. Petrópolis:Vozes, 1995.

SQUIRRA, Sebastião. *Sociedade do Conhecimento*. Dossiê – Revista Comunicação e Sociedade 45. Disponibilizado pelo autor em seminário ministrado ao curso de Pós-Graduação em Comunicação Midiática da UNESP – Bauru em 10/11/2006.

STRONG, R. *Banquete: uma história ilustrada da culinária, dos costumes e da fatura à mesa*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

TUAN, Yi-fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. (Trad. Livia de Oliveira.) São Paulo: DIFEL, 1980.

*A invenção das tradições: a nordestinidade e suas representações.*

VASCONCELOS, Cláudia Pereira. *A construção da imagem do nordeste/sertanejo na constituição da identidade nacional*. II encontro de estudos e cultura, UFBA. 2006. 1 Regionalidade: 2 Decisões políticas: 3 realidade 4 escravo 5 nordestinidade

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.



# Continuidades y rupturas en los centros y periferias historiográficas desde los años 90

Juan Manuel Santana<sup>1</sup>

Universidad de Las Palmas de Gran Canaria

Israel Sanmartín<sup>2</sup>

Universidad de Santiago de Compostela

## Resumo

Neste trabalho, examinamos a redação da história após as mudanças ocorridas na disciplina no final do século XX, e que alguns especialistas consideraram como uma espécie de "sequestro" da disciplina. Essa situação se deve à circulação de algumas histórias importadas da ciência política, como a tese do "fim da história", discussões sobre o fim do marxismo ou os enterros da própria disciplina histórica. Essa situação fez os diferentes paradigmas historiográficos de 1597 fracassarem, com os quais muitos diagnosticaram a situação como um "destroço" da história como uma disciplina contra a ciência política ou a filosofia política. Com esse diagnóstico, analisaremos geograficamente como essas circunstâncias afetaram a prática historiográfica em centros historiográficos tradicionais, como a escola de Annales, o materialismo histórico e, genericamente, referido

---

<sup>1</sup> Español, Dr. en historia, historiador especialista en Teoría de la Historia e Historia de los siglos XVI-XVIII.

Catedrático de Historia Moderna de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria desde 2009 ORCID: 00000002-9505-9288  
juanmanuel.santana@ulpgc.es

<sup>2</sup> Español. Dr. en Historia. Especialista en historia medieval e historiografía. Líneas de investigación: a) Historia del milenarismo medieval b) historiografía y teoría de la historia; c) Historiografía latinoamericana d) Historia digital. Universidad de Santiago de Compostela  
israel.sanmartin@usc.es

como "pós-modernismo". Esses três paradigmas conformam amplamente o centro historiográfico pertencente França, Reino Unido e EUA e suas periferias dependentes e colonizadas. Uma vez estudados e sistematizados esses três grandes paradigmas historiográficos do século XX e do século XXI, e testado o diagnóstico da situação da história, voltaremos para outras realidades geográficas mais periféricas. Assim, pararemos na América Latina, Europa e África, onde compararemos como esses lugares evoluíram historicamente. A conclusão que tiraremos tem a ver com o diagnóstico de um certo "vigor" da disciplina da história nos últimos anos, podendo ser muito sólido contra os ataques recebidos de outras disciplinas. Poderíamos dizer que a história está "de volta", ou mesmo que nunca saiu. A verdade é que a disciplina caminha de novo com significado e mantém alguns de seus princípios clássicos, como rigor, racionalidade e comprometimento. Todos esses elementos expressam claramente que a renovação historiográfica passa por espaços periféricos, tanto dentro dos centros historiográficos quanto fora deles.

**Palavras-chave:** teoria da história, materialismo histórico, anais, história integral, marxismo do século XXI, historiografias periféricas

### **Resumen**

En este trabajo examinamos la escritura de la historia después de los cambios que tuvieron lugar en la disciplina a finales del siglo XX, y que algunos especialistas consideraron como una especie de "secuestro" de la disciplina. Esta situación se debió a la circulación de algunos relatos importados desde la ciencia política, como la tesis de "el fin de la Historia", las discusiones sobre el fin del marxismo, o los propios enterradores de la propia disciplina de la historia. Esta situación hizo tambalear los diferentes paradigmas

1597 historiográficos, con lo que muchos diagnosticaron la situación como de “arrumbamiento” de la historia como disciplina frente a la ciencia política o la filosofía política. Con este diagnóstico, analizaremos geográficamente cómo han afectado esas circunstancias a la práctica historiográfica en los centros historiográficos tradicionales, como la escuela de *Annales*, el materialismo histórico, y al denominado genéricamente como “posmodernismo”. Estos tres paradigmas conforman en gran parte el centro historiográfico perteneciente Francia, Reino Unido y EE.UU. y sus periferias dependientes y colonizadas. Una vez estudiados y sistematizados estos tres grandes paradigmas historiográficos del siglo XX y principios del XXI, y testeado el diagnóstico sobre la situación de la historia, nos dirigiremos a otras realidades geográficas más periféricas. Así, nos detendremos en América Latina, Europa y África, donde cotejaremos cómo han evolucionado historiográficamente esos lugares. La conclusión que plantearemos tiene que ver con un diagnóstico de cierto “vigor” de la disciplina de la historia en los últimos años, al ser capaz de mostrarse muy sólida frente a los ataques recibidos de otras disciplinas. Podríamos decir que la historia está “de vuelta”, o incluso que nunca se ha ido. Lo cierto, es que la disciplina vuelve a caminar con sentido y manteniendo algunos de sus principios clásicos, como el rigor, la racionalidad y el compromiso. Todos estos elementos expresan de forma clara que la renovación historiográfica pasa por espacios periféricos tanto dentro de los centros historiográficos como fuera de ellos.

**Palabras clave:** Teoría de la historia, Materialismo histórico, Annales, historia integral, Marxismo del siglo XXI, Historiografías periféricas

**Abstract**

We are examining the writing of history after the hijacking of the discipline at the end of the 20th century. The reports imported from political science on the end of history, of Marxism and of the historical discipline itself, have shaken historical paradigms. We are analyzing the continuities and the ruptures in the *Annales* and in historical materialism these changes. There has been a new way of making history that had not had much travel until the 90s, postmodernism. Once analyzed and systematized the three major historiographical paradigms of the twentieth century and early twenty-first, and certified the idea of "Clio's return" we find novelties and inheritances in different geographies. Latin America, Europe and Africa, will be some of the places we have chosen to test the new situation of history. You can observe methodologies and efforts that suggest that the "return" of history is a fact. The 1598 discipline again walks with vigor, with sense and maintaining some of its classic principles, such as rigor, rationality and commitment. All these elements clearly express that the historiographical renovation passes through peripheral spaces both within historiographical centers and outside of them.

**Keywords:** Theory of History, Historical Materialism, *Annales*, Integral History, Marxism of the 21th Century, Peripheral Historiographies

## **Introducción**

Los años 90 fueron muy confusos para el campo de la historia. La propia aceleración de la disciplina desde la caída del muro de Berlín y sus consecuencias abrieron el campo para la aparición e influencia de las tesis neoconservadoras, como la de "el fin de la Historia", la "brecha transatlántica" o "el choque de civilizaciones". Estas teorías hicieron que una parte de la profesión asumiera una importante crisis en la disciplina,

como muestran los libros de Fontana (*La Historia después del fin de la historia*) o Noiriel (*La crisis de la historia*).

Esta situación se vio agravada porque el debate sobre la disciplina de la historia se vio también salpicado por las complicaciones que sufría el materialismo histórico tras la caída del llamado “socialismo real” en 1989. Poco después de esa fecha, en 1993, el profesor Santana exponía en el Congreso Internacional Historia a Debate que “Clío había sido secuestrada” (Santana 1995: 249-259). Esa frase resumía una situación en la que una parte de historiadores compartía. Todo se debía al desborde de significado que había supuesto para la disciplina de la historia someterse a todos los debates “finalistas” (sobre la historia, el marxismo o el mismo materialismo histórico), y al stress que supuso para los historiadores convencionales el creciente peso de los presupuestos relativistas acunados por el llamado “postmodernismo” historiográfico (White, Ankersmit, etc.).

Históricamente, las condiciones sociales y políticas del presente siempre han condicionado el desenvolvimiento de la ciencia histórica. Y la teoría de la Historia siempre se ha visto influenciada por todos los acontecimientos políticos, económicos y sociales. En otro sentido, historiográficamente muchos historiadores han aceptado la fragmentación y el narrativismo, como correlato del hiperrelativismo postmoderno después de los años 90. En esta línea, volviendo a 1983, en el centenario de la muerte de Marx, Pierre Vilar concluía una conferencia inaugural diciendo que todo el mundo, excepto los historiadores, le tienen miedo a Marx. Sin embargo, décadas después, las cosas han cambiado mucho y creemos que ya no podemos excluir a algunos historiadores que se han visto cautivados por los cantos de sirena narrativistas.

Hemos asistido, por tanto, a un "desembarco" de algunos historiadores que se identificaron con el materialismo histórico años atrás. Hubo una huida foucaultiana de los "ismos" para llegar a una avalancha lyotardiana de los "post". Así, gran parte de aquella generación de historiadores formados en las interpretaciones socio-económicas, se autodenominaron postmodernos, postmarxistas o postestructuralistas para salir de las diferentes crisis (política, filosófica, epistemológica y disciplinar) de los años 90.

Pero en esta ocasión, los historiadores y la historia han salido lentamente de esa situación. El shock que supuso toda esa situación dio paso a una época de análisis, de estudio y de proposiciones durante la segunda parte de los años 90. Y así, aquel "secuestro" que certificaba el profesor Santana se volvió lentamente en liberación, en crítica y distancia con muchas teorías neoconservadoras y postmodernas. Se comprobó que las crisis afectaron tanto a las concepciones modernas como postmodernas y que la caída del sistema soviético no sólo supuso el presunto triunfo del capitalismo, sino que también tuvo un efecto liberalizador para los pensadores marxianos.

Con estas premisas debemos de tener en cuenta que buena parte de la historiografía del siglo XX se desarrolló bajo el desarrollo de la llamada Guerra Fría, que terminó formalmente en el año 1989. Ese año, sin embargo, puede ser considerado como la continuidad de parte de las esencias de la Guerra Fría en cuanto al control del pensamiento y en cuanto al desvío de recursos. El gran objetivo era continuar una forma de entender el mundo bipolar y dicotómica (Sanmartín 2007). Esa es una de las causas del éxito de las tesis neoconservadoras expuestas en párrafos anteriores. La presencia de la historia ha hecho que esto se matice considerablemente, puesto que la articulación de argumentos a partir de la racionalidad y de la dialéctica ha hecho que podamos entender de forma más compleja, donde

la interdisciplinaridad y la transdisciplinaridad (Jordana y Sanmartín 2015: 11-23) forman parte ya de la nueva historiografía de la que nos hacemos eco en este trabajo.

Tomando todo esto en consideración, nos proponemos en un primer instante hacer un balance de las permanencias y los cambios en la historiografía de los grandes centros historiográficos. A Continuación, rastreadremos esas mudanzas y continuidades en otros espacios periféricos. Para ello nos detendremos en la evolución de diferentes historiografías desde un punto de vista geográfico. Por último, constataremos esas permanencias y mutaciones historiográficas en cuestiones concretas, que están envueltas en ropajes interdisciplinares y alejadas de las lógicas bipolares del siglo pasado.

## 1. Permanencias y cambios en los centros historiográficos

La Historia que hacemos en el siglo XXI integra, se quiera o no, los aportes más importantes de los tres grandes paradigmas historiográficos del siglo XX: el historicismo positivismo, los *Annales* y el Materialismo Histórico, además se debe de tener en cuenta el postmodernismo (sobre todo, en lo relativo a los estudios sobre el discurso). Esta propuesta cuatripartita está edificada sin dogmatismos ni exclusiones, sin ataduras ni encasillamientos en dogmas; y con una actitud científica flexible y heterodoxa<sup>3</sup>. Desde esa perspectiva comenzamos el análisis.

---

<sup>3</sup> Barros (1995: 95-117) proponía reflexionar sobre qué historia se debe hacer, para ello expuso 16 tesis o proposiciones argumentadas para un posible consenso histórico que han tenido una importancia notable en nuestras reflexiones. Dentro de estas tesis destacamos en esta ocasión la 2ª que afirma que existe un paradigma común entre los historiadores y la 9ª que resalta la necesidad de pluralidad en la innovación metodológica, lo que implica la obligatoriedad de ser más global y transnacional.

### 1.1. La continuidad del historicismo-positivismo

Gracias al historicismo-positivismo la historia es una ciencia que se sustenta en la búsqueda y en la confirmación estricta de los hechos históricos. Esa forma de entender la disciplina de la historia supuso un gran avance no solo para la historia, sino también para todas las ciencias humanas y sociales. Con la aplicación de que todo hecho tiene que ser probado, se puso especial énfasis en la importancia de los datos, esto es, de la experiencia, a la hora de sostener cualquier teoría que nos acerque a la realidad. Es precisamente en este contexto en el que habría que situar los avances en la paleografía y las grandes ediciones de *corpus* documentales. Igualmente, la utilización de las ciencias auxiliares (sigilografía, paleografía, diplomática), ayudaron a establecer la autenticidad de los textos y conocer sus fechas<sup>4</sup>.

El positivismo se enfrentó al idealismo tradicional mediante la empiria. De tal forma, se empezó a dar importancia a los datos y acontecimientos, que comenzaron a ser tomados con seriedad y de forma sistemática. La crítica y denuncia que hicieron el propio Leopold von Ranke y la *Escuela Histórica Alemana* del teorismo sin base documental, y la apuesta por la sistematización de los datos, el empleo de las técnicas auxiliares, y el apoyo de la crítica histórica, nos hacen ser deudores, en gran medida, de sus planteamientos. Es muy meritoria la insistencia de Ranke en el estudio de las fuentes, como también lo es el empeño en manejar la documentación de forma escrupulosa. Ranke posibilitó un gran impulso a la investigación histórica, que favoreció, en muchos campos de

---

<sup>4</sup> A partir de ahí se desarrolla la crítica interna que se apoya sobre la interpretación del documento, y se evalúa la diferencia entre su testimonio y los hechos ya conocidos, que determina su grado de veracidad (Burguière 1991: 558).

estudio, la posibilidad de pensar las diferentes ciencias en base a problemas (Elias 1993: 14-15). Hoy en día esta escuela está plenamente vigente con los llamados retornos: de lo político con la nueva historia política, de la biografía con la nueva biografía o de la nueva historia social.

## **1.2. La ruptura hacia el pluralismo en la Escuela de los Annales**

En cuanto a la escuela francesa de los *Annales*, debemos darle, aún, más importancia que al Historicismo. En ella, la historia no es sólo política ni un mero estudio de las élites y grandes personajes, sino que ofrece la posibilidad de prestar atención a los factores socioeconómicos y a las acciones colectivas (acorde con los grandes movimientos de masas)<sup>5</sup>. Ello implica sustituir el relato factual por la síntesis y la generalización. Aquí radica lo esencial del salto cualitativo que experimenta la ciencia histórica en el transcurso de la reacción contra el historicismo-positivismo (Casanova 1991, 22). Se trata de hacer la reconstrucción de la Historia sobre nuevas bases científicas como la historia-problema o la idea de totalidad. La aportación de este paradigma francés a la historiografía ha sido inmensa, ya que logró avances en la metodología, en el planteamiento de hipótesis, en la

---

<sup>5</sup> En este sentido, es indispensable tener presente el trabajo del marxista británico George Rudé (2000) que consiguió revelar “los rostros entre la multitud”, ofreciendo un análisis de las acciones, la composición social, los liderazgos, los motivos y los legados de las multitudes de París y Londres. Rudé nunca trata a la multitud ni a sus integrantes de forma unidimensional; incluso sus estudios más tempranos revelan que las capas bajas también tenían intereses y aspiraciones que, si en ocasiones coincidían con los de los de arriba, había otras en que no. Rudé escribió que aprendió de Marx que las vidas y las acciones de la gente corriente son la esencia de la propia historia. Existe un magnífico trabajo sobre las concepciones historiográficas de Rudé (Kaye 2000: 1577).

ampliación del campo de estudio (temas), así como en la búsqueda de nuevas fuentes y el desarrollo de análisis más complejos.

*Annales* propuso ensanchar el horizonte de la historia que, al desertar del terreno político, condujo el interés de los historiadores hacia otros horizontes, bien sea la naturaleza, el paisaje, la población o la demografía. Con el concepto de materialidad convertido en central, se da un desplazamiento de las fuentes del historiador, quien ya no puede contentarse con la exégesis de los documentos provenientes de la esfera de la política. Así se amplía el número de fuentes y de métodos integrando la estadística, la demografía, la lingüística, la psicología o la numismática.

En otro sentido, la escuela de los Annales avanzó la cuestión de la concepción globalizadora de la Historia, la llamada “historia total”, interpretada a partir de *l’histoire a part entière* de Febvre, y que, nosotros preferimos traducir como “historia integral”. En palabras de Hobsbawm (2005: 483-492) se trata de una historia que es como una tela indivisible donde se interconectan todas las actividades humanas. Esto implica una apertura temática y una preocupación metodológica que impulsará la colaboración con otras ciencias sociales, especialmente la sociología y la geografía, pero también con la etnología, la psicología y, algo más tarde, la antropología. Por idénticas razones, la comparación es reclamada por M. Bloch como un instrumento esencial para el historiador, pues sólo a través de ella éste puede tener acceso a las causas generales de los fenómenos observados<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Sobre la comprensión de la historia de Marc Bloch tenemos destacadas obras, baste señalar Geremek (1994: 3-16) o Brito Figueroa (1996). Uno de los más destacados historiadores venezolanos, fallecido en el 2000. Igualmente, el

Las últimas obras producidas de historiadores franceses hacen referencia al “pluralismo interpretativo de los años 2000” (Delacroix, Dosse & García 2005: 633-678 y Delacroix, Dosse & García & Offenstadt 2010). También hay que hacer reseña de la enorme influencia en Francia del llamado paradigma postmoderno que incide en los estudios del discurso, especialmente con la destacada figura de Hayden White (2003; 2011 y 2012).

Actualmente la *École des Hautes Études des Sciences Sociales* de París continúa siendo un referente de la historiografía mundial, ya incrementada considerablemente en el número de miembros, con un centenar de investigadores que trabajan de forma interdisciplinar. Destacaremos en esta ocasión como ejemplo de doctores formados en ese centro, bajo la dirección de Jacques Le Goff, con gran proyección, a Jérôme Baschet (2010), profesor de Historia Intelectual del *Centre de Recherche Historique* de la *École*, con investigaciones sobre el feudalismo y sobre Chiapas y cómo ese movimiento indígena ha influido en la historia reciente con un diálogo desde la colonia hasta el siglo XXI, manteniendo el esfuerzo por estudiar la larga duración.

### **1.3. Los marxismos después de 1989**

Otra corriente importante en el siglo XX fue el materialismo histórico, que hoy en día es parte de la herencia de toda historiografía que pretenda tener una concepción teórica del pasado. Centrado en el funcionamiento y en el cambio de las sociedades humanas, el materialismo histórico representa un ejercicio ambicioso de formular una teoría integral de la Historia que contemple tanto a los diferentes elementos constitutivos y su articulación, como a los mecanismos mediante los cuales la sociedad modifica

permanentemente su fisonomía y estructuras, dando lugar a una sucesión temporal de formas diversas de organización social.

La teoría general del desarrollo histórico que propone el materialismo histórico parte del reconocimiento de la sociedad como una totalidad dialécticamente articulada y constituida básicamente por la esfera económica, la estructura social y el armazón político e ideológico. Al mismo tiempo, considera que los factores principales del dinamismo histórico no se localizan en el ámbito político-institucional sino en el de la producción y en el de las relaciones sociales entroncadas con ésta. O sea, que es la naturaleza y el grado de desarrollo de la producción los que determinan en última instancia el perfil de la sociedad, la organización política y las formas de conciencia. Por tanto, conforman el esqueleto del materialismo histórico: a) la totalidad social y la concordancia dialéctica de sus partes; y b) la determinación en un sentido estructural de las condiciones económicas

En este sentido, el marxismo después de 1999 estuvo inmerso en un gran debate, en el que destacaron libros como el de Jacques Derrida (1998), *Espectros de Marx* o el libro de Terrel Carver (1998) titulado *The Postmodern Marx*. La situación del marxismo evolucionó entre diferentes sensibilidades. Así, nos encontramos con los postmarxistas, que son autores con formación marxista cuya obra reciente ha trascendido la problemática marxista y que boletín de la Association Marc Bloch, que se publica desde 1994 y también se celebraron las *VII Jornadas Nacionales de Investigación y Docencia en la Ciencia de la Historia*, Barquisimeto, 23-26 de julio 1997, cuya edición fue en homenaje a Marc Bloch. Tenemos una buena biografía elaborada por Fink (2004), aunque quizás el trabajo más interesante sea el hecho por su hijo Étienne Bloch (2009: 105-113). no reivindican en público

un compromiso actual con el marxismo. Entre estos autores nos encontramos a Ernesto Laclau (2005) y su compañera, la politóloga belga Chantal Mouffe (Laclau & Mouffe 1985; 2001), a Jürgen Habermas (1991 y 2003), y también es postmarxista el actual sucesor de la escuela de Frankfurt, Axel Honneth (2009), así como André Gorz, Rudolf Bahro, Samule Bowles y Herbert Gintis. En el mismo grupo están Manuel Castells, Régis Debray o también a Zygmunt Bauman, aunque son marxistas más ligeros.

El postmarxismo hace hincapié en la autonomía de lo político y lo ideológico frente al reduccionismo economicista y de clase de un tipo de marxismo que fue mayoritario debido a la simpleza y al apoyo de la URSS. Como consecuencia nos hallamos en un proceso de disolución de la realidad social en el lenguaje o ante una elevación del lenguaje o del discurso como principio determinante de la realidad social, como vemos en los trabajos de Martínez & Valencia (1992: 123-128)<sup>7</sup>.

Además de los postmarxistas están los llamados neomarxistas, como Slavoj Žižek (1992 y 2001), que ha renovado la crítica cultural marxista y ha defendido enérgicamente un marxismo iconoclasta que lucha contra las ideas liberales. Se caracteriza por una vehemente defensa de la modernidad clásica y un apoyo del verdadero socialismo a partir de Lenin. Otros en esta línea, fueron Hardt y Negri (2000) con su libro *Imperio*, que también recurren al Lenin de *El Estado y la revolución* (1975) y han dinamizado los debates sobre la renovación del marxismo, lo mismo ocurre con Callinicos (2003). Todos abogan por una idea revolucionaria para el siglo XXI.

Otro de los grandes teóricos influyentes en la segunda mitad del siglo XX e inicios del siglo XXI fue André Gunder

---

<sup>7</sup> Para más información: McLennan (1996: 53-4).

Frank (2009: 125-130), desde el World History Center, Northeastern University de Boston, mantuvo análisis históricos materialistas y fue un ejemplo de lucidez. Creemos especialmente destacable como historiador a Inmanuel Wallerstein (2004) que ha seguido estudiando las tendencia a largo plazo de los sistemas económicos mundiales desde el Centro Fernand Braudel en la Universidad Estatal de Nueva York. Al analizar la crisis económica actual la pone en relación con las ocurridas en otros momentos históricos.

Junto a los neomarxistas y los postmarxistas, hay toda una serie de proyectos editoriales de resistencias de izquierdas, como pueden ser la *New Left Review* otras revistas destacadas del marxismo europeo: *Das Argument*, *Prokla* y *Sozialismus*, o como la revista *Capital and Class*. Incluso en una unión entre Rusia y Chile tenemos la *Revista Izquierdas* que analiza la historia desde la perspectiva de las izquierdas y el socialismo latinoamericano. También sobrevive la revista *Les Temps Modernes*, por el contrario, han cerrado las publicaciones *Marxism Today* y la *Rivista del manifesto*. Paralelamente, se han creado nuevas revistas como *Historical Materialism* (Brill) y *Rethinking Marxism* (Routledge, que también ha relanzado *Critique*), que es un foro de reflexión de las diversas corrientes marxianas en EE.UU. Los filósofos, economistas, politólogos e historiadores vinculados a esa publicación han mantenido reuniones en la Universidad de Massachussets desde la década de los noventa tratando de mejorar sus propuestas.

Tampoco nos podemos olvidar de la española *Viento Sur* (donde se han fraguado importantes artículos de los nuevos cambios tras el 15 M). Así mismo han sobrevivido la histórica *Montly Review* y *Science and Society*, que han conseguido superar los cambios después de 1989. La *Monthly Review Press* ha traducido al inglés algunos trabajos de autores como Louis Althusser, Samir Amin, Charles Bettelheim, Henri Lefebvre,

Ernest Mandel, etc. Y sigue existiendo *Socialist Register*, la francesa *Actuel Marx* (Therborn 2008: 184-187) y *Past and Present*, aparecida por primera vez en 1952, que en sus primeros años se tituló "Una revista de historia científica" y, posteriormente, "Una revista de estudios históricos", poniendo especial énfasis en las experiencias de resistencia y rebelión de las clases desposeídas (Santana 2013: 104). Después ha habido autores que han intentado la reconstrucción de la economía política de Marx con conceptos como el tiempo, el trabajo y la dominación social (Moishe Postone 2007 o Bertell Ollman 1993), la desigualdad (Piketty 2013) o desde una perspectiva global (Bidet & Kouvelakis 2008).

Junto a esto hay que recordar al denominado marxismo analítico. Se llaman también el "grupo de septiembre marxista" de decisión racional o marxistas subjetivos (Loone 1992: XIII-XVII). Algunos de los autores vinculados son John Roemer, Jon Elster, G. A. Cohen, Eirik Olin Wright, Adam Przeworski, Prabhan Pardhan, etc. Es un marxismo único, aunque es semejante al postmarxino en su determinación de trascender a las formulaciones rígidas del marxismo de Lenin, Stalin y Althusser. Las premisas de este pensamiento se encuentran en Elster y Roemer. Elster se concentra en la decisión individual y Roemer en la dotación no equitativa de recursos.

El marxismo analítico se concentra en cuatro áreas principales: decisión racional, dotación desigual de recursos, problemas de acción colectiva y teoría de la historia. Adoptaron algunas de las palabras clave del marxismo y transformaron su significado, especialmente los términos de "explotación" y "clase". La "explotación" es vista como una manifestación de relaciones desiguales de recursos y no como una extracción de una parte del día del trabajador. En otro sentido, la "clase" ya no caracteriza el proceso según el cual las personas se diferencian a través del proceso de trabajo sino en grupos de

personas o unidades colectivas con las mismas dotaciones de recursos (esto hace renovar el marxismo). El sistema adoptado por estos intelectuales se concentra en el comportamiento racional de los individuos. Para la elección racional no hay intereses de clase, sino que hay una coincidencia de intereses individuales, donde la clase es el agregado de individuos o un simple espejismo teórico. El marxismo es colectivista y la elección racional individualista. El marxismo quiere explicar la historia y la elección racional se conforma con explicar la acción social (Callincos 1989; Paramio 1990: 59-65; Sober 1992: 1-5; Mayer 1989: 416-441)<sup>8</sup>. En cierto sentido, esto podría entroncar con el pensamiento de Korsch (1980: 43-69) quien reaccionó contra los estudios de la división social que se habían basado durante mucho tiempo en una estratificación, caracterizada por análisis de clases estáticos y ahistóricos. El tratamiento de las clases como estratos estadísticos y jerárquicamente organizados, ignoraba las relaciones temporales y sociales. Pero como afirma E. P. Thompson, la clase en sí no es una cosa, sino un suceso<sup>9</sup>. Vendría a ser una formación social y cultural que con frecuencia encuentra una expresión institucional y que no puede ser definida en abstracto o aisladamente, sino únicamente en términos de las relaciones con las otras clases. Y, por tanto, la definición solamente es posible tomando el tiempo como medio, es decir, acción y reacción, cambio y conflicto (Abrams 1982: 12).

Al lado de estas corrientes, surgieron otras. Por ejemplo, los nuevos marxistas neoestructuralistas (Wright, Wolff, Resnick,

---

<sup>8</sup> Existen diferentes críticas respecto al marxismo analítico (Teira 1995: 21-32; Kirkpatrick 1994: 34-52; Carling 1995: 31-65).

<sup>9</sup> Para una profundización sobre el concepto thompsoniano de clase remitimos a Wood (1984: 47-86) Igualmente, imprescindible es Cainzos López (1989: 1-69). El propio E. P. Thompson (1989: 34-39) ha expuesto de manera sistemática su concepción de clase en el trabajo titulado.

Isaac, Burawoy, Samir Amin, Immanuel Wallerstein, Hirst o Hirst). Sus premisas se refieren a relecturas de las formulaciones clásicas del marxismo, como la de clase y los dilemas a ella asociados. Se centran en las propiedades estructurales de las clases y las condiciones de su formación y dinámica de sus luchas. También hay que notar la presencia de un pseudomarxismo surgido a raíz de las interpretaciones ortodoxas del pensamiento marxista que implica una concepción petrificada y fosilizada de los conceptos marxianos, que se han calificado como una forma de fetichismo reclamando la vuelta a una consideración histórica de los conceptos que es la propia de Marx (Fontana 1992: 10-16).

Por último, en EEUU, nos encontramos bajo la denominación de “historiadores de izquierdas” o “historiadores radicales”, a un grupo muy activo: Genovese, Gutman, Montgomery, Dawley, Wilentz, Stern, etc. (Kraditor 1972: 136-153). Ha sido muy importante la revista *Monthly Review* que es en sí misma una institución de la izquierda norteamericana, que era editada por Paul Sweezy y Paul Baran. Durante los últimos años ha publicado análisis de todo el mundo con una regularidad y calidad que la han convertido en una de las más influyentes publicaciones socialistas del mundo.

En Francia también destacó sobre manera Pierre Vilar con la economía como aspecto fundamental pero no único, abogando por una Historia global lejos de la ortodoxia marxista. Su libro *Introducción al vocabulario del análisis histórico*, significó un verdadero acontecimiento para los historiadores y otros científicos sociales en general, de tendencia marxista (Vilar 1982). Además, Guy Bois, Albert Soboul, Jean Cheneaux, Charles Parain, George Lefebvre, Michel Vovelle, e incluso, tal vez, podríamos incluir a Ernest

Labrousse centrado en la evolución de las relaciones de las clases y los mecanismos de esta evolución.

#### **1.4. El postmodernismo como ruptura hacia la crisis de la historia**

La evolución de los acontecimientos históricos e historiográficos desde los años setenta, introdujo nuevas sensibilidades a la hora de escribir la Historia. Lawrence Stone en su famoso artículo de 1979 “The revival of narrative: reflections on a new old history” (Stone 1979: 3-24) avisaba del resurgimiento de lo narrativo y del agotamiento de los modelos analíticos y estructurales característicos hasta ese momento. En este sentido, al argumento de Stone ayudó a la crisis de los modelos de la llamada “historia científica”, es decir, de los paradigmas ecológico-demográfico de la revista francesa *Annales* y del económico-social de inspiración marxista, así como de la metodología cliométrica de génesis estadounidense. Esta situación llevó a una cierta confusión, que lejos de crear alternativas a las escuelas en crisis en sentido global, ha dado lugar a soluciones parciales. Tal es el caso del llamado “giro lingüístico” (desde el mundo angloamericano), la “microhistoria” (con centro en Italia) o la llamada “nueva historia cultural” francesa.

Dentro de estas tres últimas tendencias nos detendremos en la microhistoria, que pretende un conocimiento histórico del mundo a través de los límites de la experiencia vivida por algún personaje. Tiene unas fronteras espaciales limitadas de conocimiento, pero busca elementos antes no encontrados. Realza la individualidad, la creatividad y la cultura. Tiene como su máximo representante a Carlo Ginzburg quien sostiene que su nacimiento y desarrollo hay que situarlos en el marco de oposición a la historia estructural funcionalista, en el rechazo

del etnocentrismo, y en el finalismo que dominaba la Historia en el momento de la quiebra del sistema intelectual de la modernidad (Ginzburg 1994, 13-42). Entre los representantes más destacados de la microhistoria junto a Ginzburg (1981) se encuentran Natalie Zemon Davis (1984), Giovanni Levi (1990), Robert Darnton (1987) y Richard L. Kagan (1991). Muchos de ellos tienen una cierta preocupación por una óptica de la historia desde abajo, es decir, “desde” y “de” las clases populares.

Todo lo desarrollado hasta aquí en este apartado lo podemos englobar dentro de lo que podemos denominar muy sucintamente como “posmodernismo”. Éste supone una ruptura epistémica con la modernidad. Defiende el abandono de la idea de progreso y de los grandes metarrelatos, dando paso a una visión compleja y poliédrica de la realidad. Filosóficamente el postmodernismo parte de las ideas contenidas en el libro de Jean François Lyotard (1979), *La condición postmoderna*.

En cuanto a las ideas historiográficas, en buena medida la problemática deriva del libro *Metahistoria*, de Hayden White (1973). Otros autores que son seminales en esta idea son Frank Ankersmit (1983) y los llamados postestructuralistas franceses, tales como Baudrillard, Barthes, Dumézil, Foucault, Derrida, Kristeva, Kellner, Spiegel o Deleuze. El mayor problema que tiene el posmodernismo es “sin duda, la falta de referentes en la práctica” (Aurell 2005: 116). El posmodernismo ha ido avanzando en varias fases que algunos han ido denominando a partir de la idea de “giro”: giro lingüístico, giro narrativo, giro antropológico o giro cultural.

Estas ideas han provocado una serie de discusiones sobre la pertinencia del posmodernismo tanto en sus relaciones con la derecha (Norris 1990 y Himmelfarb 1989: 661670) como con la izquierda (Palmer 1990 y Callinicos 1995). La situación de

indefinición y de duda favoreció la aparición de nuevos libros de reflexión historiográfica, como el texto coordinado por Peter Burke (1991), que contiene un sugerente capítulo escrito por él y titulado “Obertura: la nueva historia, su pasado y su futuro”. Otro libro, con cierta incidencia, fue editado por Juliet Gardiner, “*What is History today?*” donde diferentes especialistas analizan distintas esferas de interés de la historia, como la historia de las mujeres, la historia del arte, la historia intelectual o la historia de la cultura popular, entre otras. Además de estos libros, tenemos la aparición del libro de Giuseppe Galasso (2000), *Nada más que historia* y el de François Hartog (2003), *Regímenes de historicidad*. De tal forma, podemos hablar en los últimos años a partir de las ideas postmodernas de un importante impulso de los estudios de género, las propuestas poscoloniales o la historia de las emociones.

Por otro lado, es notoria la labor de Lawrence J. McCrank desde la Chicago State University, muy preocupado por los debates historiográficos y la historia crítica<sup>10</sup>, con aportaciones en cuanto a la incorporación de la computación a la historia e investigaciones empíricas sobre antiguas bibliotecas. También habría que destacar a Ronald W. Davis en la Western Michigan University con estudios sobre diversas áreas como la costa oeste de África y el mundo islámico, con una metodología etnohistórica que ofrece resultados muy destacados. Tampoco debemos olvidar la historiografía vinculadas a posturas postmodernas, vinculadas a la revista *History and Theory*, ni tampoco todo lo concerniente a la llamada “World history”, “Global history” (Woolf 2011 y Iggers & Wang 2008) o los estudios de género, “Gender studies”.

---

<sup>10</sup> Ha participado en la edición de un libro que recoge discusiones internacionales sobre teoría de la historia (Barros & McCrank 2004).

La historiografía canadiense ha dado también buenos ejemplos de pujanza académica con autores como Hubert Watelet (2004: 213-238) y sus estudios sobre historia de Europa desde la University of Ottawa, Donald Harman Akenson, o Jean-Paul Bernard<sup>11</sup>. En Montreal se celebró el XVIII Congreso Internacional de Ciencias Históricas, en 1995, allí a se pudo ver el quehacer de esos historiadores, tanto francófonos como anglófonos.

## **2. Las periferias como nuevos centros de producción historiográfica**

En este apartado trataremos de realizar una aproximación al estudio de la historiografía en diferentes realidades cartográficas que conforman la periferia historiográfica. Por un lado, tomaremos el polo latinoamericano y por otro, el europeo y africano. En cada continente nos detendremos en algunos países o historiadores en concreto que hayan aportado algo diferente.

### **2.1. De la periferia al centro. La historiografía latinoamericana**

Comenzaremos por la historiografía latinoamericana. Historiadores latinoamericanos que fueron referencia en otra época, continúan siendo claves en la historia del siglo XXI, como es el caso del fallecido Ciro F.S. Cardoso (2008: 105-128 y 2009: 39-56). Las nuevas perspectivas han penetrado extensamente en el continente latinoamericano y podríamos afirmar que un inventario de la producción histórica actual en América Latina permitiría observar el alto porcentaje de

---

<sup>11</sup> Hay un buen trabajo sobre la historiografía canadiense de Bernard (1995: 321-353).

trabajos sobre temas como el *tournant critique*, que fue el título del editorial de *Annales* (marzo-abril 1988: 291-293)<sup>12</sup>, lo que no quiere decir, de ningún modo, que se haya dejado de cultivar la siempre necesaria y fructífera historia económica y social<sup>13</sup>. Ahora, a diferencia de décadas anteriores, detectamos la paulatina desaparición de un cerrado dogmatismo sobre cómo hacer historia, y la aparición de un eclecticismo cuyos frutos veremos en algunos historiadores/as (Lima 1984)<sup>14</sup>. La lista se haría interminable en cada uno de los países de ese continente<sup>15</sup>, pero veamos algunas particularidades.

Uno de los debates globales más importantes ha girado en torno a la propia reflexión sobre qué es lo latinoamericano, no desde una dimensión cartográfica sino desde una perspectiva conceptual o historiográfica. En cuanto a lo historiográfico tenemos los trabajos de Sergio Guerra (2003) o los de Horacio Crespo (2016). También ha habido intentos más corales en torno a teoría historiográfica como el dossier coordinado por Sansón Corbo (2017). Sobre lo conceptual ha sido muy fértil toda la reflexión sobre la idea de Latinoamérica. En especial a

---

<sup>12</sup> Desde mediados de la década de los ochenta la historiografía francesa que se veía envuelta en la polémica de los caminos que debía seguir, ha ido abandonando los temas económico sociales en favor de lo mental, lo antropológico y lo cultural. Esto converge en la historia del imaginario, es decir, que las representaciones imaginarias (imágenes, símbolos y realidades inventadas) desplazan el interés anterior por otras funciones mentales.

<sup>13</sup> Sirva de ejemplo el trabajo de Reinaldo Rojas (1995), toda la primera parte del libro es un desarrollo teórico de la Historia desde una concepción social por definición que dedica la segunda parte de la obra a la exposición empírica de esa propuesta. Supone un estudio bien conceptualizado en Venezuela, con trascendencia internacional que se inserta en las líneas más renovadoras de la Historia del siglo XXI.

<sup>14</sup> Sugerente propuesta de estudio de historia cultural adaptado a la realidad brasileña, con influencias de las filosofías europeas, particularmente vemos la presencia foucaultiana en los primeros momentos que comienza historia y contexto político.

<sup>15</sup> Ya hemos desarrollado este tema con las referencias concretas en Santana Pérez (2003: 307-324).

partir de tres autores, Enrique Dussel (1973), Walter Mignolo (2005) o Claudio Canaparo (2009), quien ha definido el concepto de geoeistemología como el lugar académico donde se estudia cómo las ideas se injertan y desarrollan en espacios determinados.

En Argentina han surgido toda una serie de estudios sobre la memoria y el trauma, amagalmados bajo la idea de “historia reciente”<sup>16</sup>. Aunque también hay algunos textos más generales (Bragoni 2004), incluso con carácter generacional (Cibotti 1993: 7-20). También podemos encontrar trabajos conjuntos para todo el Río de la Plata, como algunos textos de uno de los grandes historiógrafos argentinos, Fernando Devoto (Devoto y Pagano 2004 y Devoto y Pagano 2009). Desde Montevideo también nos encontramos con los trabajos de Carlos Zubillaga (2002) y de Andrés Bresciano (2010 y 2015), quien se ha especializado en la historiografía digital.

En Brasil ha habido una serie de movimientos relativos al fomento de publicaciones periódicas sobre historiografía. Así nos encontramos con la revista *História da Historiografia*, que se fundó en el año 2008 en el ámbito de la Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia. Otra publicación periódica importante es la revista electrónica *Revista de Teoria da História*, lanzada en 2009 y editada gracias a la Faculdade de História y al Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG). Del mismo lugar es *Expedições: Teoria da História e Historiografia*. Una publicación online creada en el año 2010 por el Grupo de Pesquisa em Teoria da História e Historiografia (GPETH) y por el Grupo de Pesquisa em Imagens Técnicas (GPTEC) vinculados a la Universidade Estadual de Goiás.

---

<sup>16</sup> En este sentido es muy interesante el libro de Marina Franco y Florencia Levín (2007). Para un estudio posterior, Luciano Alonso (2018: 72-92).

En cuanto a otros países, tenemos algunos trabajos destacables, como los de Guillermo Zermeño (1990: 26-35 y 2011) en México, Liliana Regalado (2002; 2007 y 2010) en Perú o Luis G. Mussy y Miguel Valderrama (2010) en Chile.

## **2.2. ¿África como eterna periferia?**

Cambiando de tercio geográfico, en África sigue destacando el historiador y economista fallecido en 2018 Samir Amin, director del Foro del Tercer Mundo de Dakar y fundador de la red CODESRIA que aglutina a intelectuales africanos mayoritariamente residentes fuera de África. Sus propuestas desde la década de los setenta fueron de gran importancia, aunando el materialismo histórico con las influencias de las ideas de historiográficas de Braudel (Roffinelli y Kohan 2003).

El decano de la historiografía subsahariana Joseph Ki-Zerbo (1974-1987) coordinador de la Historia de África de la UNESCO, ha coordinado nueve volúmenes producidos a lo largo de treinta años en el que han colaborado más de trescientos cincuenta expertos. KiZerbo denunciaba la diversión estéril hacia la memoria, por lo que hace un llamamiento a combatir el “complejo museográfico” en relación al pasado, en vez de recogerse sobre sí mismo, y afirmaba que, en muchos frentes, África ha brillado por su ausencia o ha aparecido solamente encubierta (Devés 2017: 621-622)

También es destacable la obra del congoleño Mbuyi Kabunda (2007) que, desde las ciencias sociales, ha edificado análisis muy certeros que contribuyen a la reconstrucción y adaptación del materialismo histórico a las sociedades africanas, con su “teoría de la dimensión y de la dependencia”. También es reseñable la figura del senegalés Iba der Timaquien, que ha mantenido una importante militancia política, e

incluso estuvo en la cárcel por su actividad sindical. Timaquien ha trabajado de forma excelente las relaciones laborales en África Occidental. Igualmente, desde una línea crítica, ha abordado trabajos sobre la organización económica en el África Occidental Francesa y en Dakar. También podríamos resaltar los trabajos de Mor Ndao. Desde otra latitud, contamos con una historia del Congo muy bien argumentada por parte de Isidore Ndaywel È Nziem (2011). Los últimos temas en la historiografía africana han girado sobre la historia colonial, la situación económica o la subalternidad (Falola 1993; Falola 2011: 399-422; Howe 1998). Los mismos tópicos han sido objeto de la historiografía india (Mukherjee 1911: 515-539) y lateralmente de las historias escritas en Indonesia, China (Oncho Ng & Wang 2005), Japón y Corea (Schneider & Woolf 2011).

### 2.3 La periferia Europea

España, Portugal o Italia conforman las diferentes velocidades que existen en el desarrollo de las historiografías periféricas en Europa. En España en cuanto a teoría y metodología de la historia lo más destacado de las dos últimas décadas ha sido, sin dudas, la aparición de *Historia a Debate*<sup>17</sup>, coordinada por Carlos Barros desde la Universidad de Santiago de Compostela, con un primer congreso celebrado en 1993 hasta el cuarto de 2010, con un manifiesto que apareció en 2001 que sirvió como una propuesta de renovación metodológica, con sugerentes propuestas de nuevos retos. Historia a Debate considera que tanto en historia como en historiografía la descripción es necesaria pero no suficiente, pretendiendo profundizar en la explicación de la hegemonía y

---

<sup>17</sup> Ver Historia a Debate: [www.h-debate.com](http://www.h-debate.com) y los doce volúmenes de las actas que editó el profesor compostelano.

los cambios de las formas de escribir la historia. Además de este movimiento colectivo, existen otros autores como José Carlos Bermejo (2004; 2005; 2006; 2007 y 2009) o los múltiples trabajos del grupo de la Universidad de Zaragoza, en especial Julián Casanova (1991), Gonzalo Pasamar (2000; 2010 y 2014) e Ignacio Peiró (2006 y 2013). Además de otros autores como Hernández Sandoica (2004), Teresa Ortega (2007), Jaume Aurell (Aurell; Burke; Balmaceda y Soza 2013), Julio Aróstegui (1995 y 2004), Enrique Moradiellos (2001), Juan José Carreras (2000), Anacllet Pons (2013) o el director de la Asociación de Historia Actual y de la Revista Historia Actual, Julio Pérez Serrano (2014: 19-48).

Portugal también ha sido una de las periferias que más ha variado en su historiografía. Además de buscar una gran internacionalización en su publicística y de atraer investigadores de toda Europa para sus universidades, han renovado de forma ejemplar su historiografía. Así, ha reflexionado sobre las nuevas tecnologías, la historia local y regional, las relaciones entre historia y literatura, el patrimonio, o sobre la historia reciente (Encarnação 2002 y 2003). Esto no fue obstáculo para que grandes historiadores portugueses como José Mattoso, Fernando Catroga (2001 y 2003) o Luis Reis Torgal siguieran siendo referentes en sus ámbitos correspondientes.

En Italia, tras la segunda guerra mundial, siguiendo la teoría gramsciana, tenemos los trabajos de Procacci, Zangheri, Caracciolo, Mori, Rosario y Pasquale Villani, entre otros. Sus principales aportaciones continúan en la conceptualización de clase y dominación, así como en la transición del feudalismo al capitalismo de Giuliano Procacci (1987: 180-199). Publican algunos artículos en revistas como *Società* o *Studi Storici*, donde contribuyen al debate sobre diversos temas (Arago 2005).

### **3. El vigor de la disciplina de la historia en la nueva distribución de centros y periferias.**

Con todo lo desarrollado hasta aquí, nos encontramos como decíamos en la introducción con una cartografía historiográfica de continuidad y ruptura después de 1989. La caída del Muro de Berlín y la crisis de del marxismo hicieron que muchos de los conceptos que habían estado asentados durante años en los escritos históricos estuviesen bajo duda, al menos durante un tiempo. Las ideas liberales que dominaron la sociedad y la política durante los años 90 hicieron emerger un conjunto de relatos historiográficos teleológicos hacia la idea de estar en el mejor de los mundos posibles, que afectó a la historiografía. Solo a partir de mediados de los años 90, hay un renacer de los estudios a partir de conceptos como “revolución”, “clase” y sobre todo, de la idea de “subalternidad” asociada a estudios “decoloniales”, “postcoloniales” y de género. Con este nuevo impulso, los antiguos paradigmas continuaron siendo referentes.

El materialismo histórico y *Annales* pudieron ser de nuevo cobijo para albergar la identidad de muchos historiadores después de los años 90. Desde ese momento han tenido en el posmodernismo, que impulsó la fragmentación historiográfica, una competencia feroz. El posmodernismo se había extendido al abrigo de las ideas conservadoras y liberales en los años posteriores a la desintegración del mundo soviético. Esto supuso la atomización temática y epistémica de la disciplina de la historia. La vida cotidiana, los estudios culturales y la incidencia en anecdotarios, así como un ensanchamiento temático de la mayoría de los historiadores y sus publicaciones, hicieron que algunos considerasen la situación actual como de “anarquía epistémica”. Esta situación se puede entrever en el momento actual, donde el materialismo

histórico y los *Annales* han perdido gran parte de su hegemonía, aunque siguen teniendo a muchos historiadores en sus filas.

Por otro lado, la renovación historiográfica pasa cada vez más por las periferias, que han pasado de ser centros de recepción a lugares de producción. Parece que todo se ha vuelto del revés. Hay inquietudes y propuestas más allá de la colonización historiográfica bajo la que hemos vivido tantos años.

Con todo esto podemos concluir para la disciplina de la historia las siguientes continuidades:

a) La historia ha sido utilizada una vez más desde un punto de vista político desde la caída del Muro de Berlín;

b) Desde la crisis económica de 2007 la historia ha sido utilizada como coartada política por diferentes partidos a derecha e izquierda, tanto tradicionales como populistas;

c) La historia también ha sido víctima de las *cultural wars* entre diferentes facciones sociales, sobre todo, en países donde ha habido traumas o intentos de construcción de hegemonías sociales o culturales;

d) El materialismo histórico y *Annales* siguen siendo lugares de referencia historiográfica, aunque el posmodernismo ha alentado una pluralidad temática, metodológica e historiográfica que ha hecho que pierdan su carácter referencial;

e) La historia se ha visto enriquecida por enfoques subalternos tanto en su configuración política como social.

Y a la vez, hemos identificado algunas rupturas que se han detectado en los diferentes centros y periferias a partir de los años 90:

a) Defensa de la explicación y la interpretación, en una perspectiva globalizadora, sin perder la capacidad relativizante,

b) Predominio neto de la teoría sobre el instrumentalismo desde dentro del materialismo histórico, entendido este como una teoría en constante construcción y movimiento, pero sin que la teoría aniquile la práctica investigadora. Hay que recordar que el materialismo histórico dogmático deviene en catecismo doctrinal en cuyo seno -y ésta es la principal característica del dogmatismo- la teoría ocupa el lugar que corresponde a los resultados de la práctica investigadora. De esta forma, la teoría se ajusta al análisis y la práctica y no al revés, lo que lo convierte en mero formalismo. Así, la actividad investigadora queda reducida a la toma de la realidad de aquellos elementos que confirman unas conclusiones previamente existentes y extraídas de la teoría misma.

c) Actualmente proliferan en multitud de países, historiadores que hacen historia inspirada en el materialismo histórico y no sólo en los centros historiográficos clásicos (Francia, Reino Unido o Alemania).

d) La perspectiva histórica. Sólo desde ella se puede alcanzar la certeza de que la identidad colectiva de una sociedad, al igual que la personalidad de los individuos, se va definiendo progresivamente tanto por el conocimiento o reconocimiento de las características propias de la colectividad, como por la contrastación con el entorno físico y social externo a la misma.

e) Una historia que combine adecuadamente los elementos objetivos con las subjetividades, puede servir para analizar teorías explicativas globales para pensar el mundo. Por ejemplo, frente al discurso del “choque de civilizaciones” que conduce a un revisionismo histórico en esta clave, la historia nos muestra como las civilizaciones pueden superponerse como placas tectónicas sin necesidad de un choque. La historia resulta necesaria para manejar las claves explicativas que nos

guíen hacia el conocimiento y la proyección de futuros acontecimientos.

f) La historia sirve también para ordenar el tiempo. El pasado como referente se encuentra cuestionado por parte de los historiadores, que han reducido la realidad a textos (Jameson 1995: 46). Sin embargo, en este marco, no dejan de surgir preguntas sobre el futuro, que a su vez hacen resurgir el pasado. Esto hace que se creen museos, asociaciones por la memoria, polémicas sobre los “pasados incómodos” de los países, etc.

g) La historia política y la historia económica-social se han visto acompañas por la historia cultural y las diferentes historias subalternas;

h) La historia sigue ofreciendo un relato teleológico al servicio de diferentes argumentarios;

i) Es destacable el nuevo papel de América Latina, la India y otros espacios periféricos (por ejemplo, Portugal), así como el nuevo papel de universidades periféricas dentro de los antiguos centros historiográficos.

## **Bibliografía**

Abrams, Philip (1982) *Historical sociology*. Cornell University Press, New York

Alonso, Luciano (2018) “La Historia reciente argentina como forma de Historia actual: emergencia, logros, ¿bloques?”, *Historiografías*, n 15, 72-92, enero-Junio

Ankersmit, Frank (1983) *Narrative logic. A semantic analysis of the historian's language*, Den Haag, Nijhoff

Aragno, Giuseppe (2005) *Scritti di storia e politica*, La Città del Sole, Napoli, 2005

Aróstegui, Julio (1995) *La investigación histórica: Teoría y método*. Crítica, Barcelona

Aróstegui, Julio (2004) *La historia vivida. Sobre la historia del presente*, Alianza Editorial, Madrid

Aurell, Jaume (2005) *La escritura de la memoria. De los positivismos a los postmodernismos*, Universitat de Valencia, Valencia

Aurell, Jaume; Burke, Peter; Balmaceda, Catalina y Soza (2013) Felipe, *Comprender el pasado. Una historia de la escritura y el pensamiento histórico*, Akal, Madrid

Barros, Carlos (1995) “*La historia que viene*”, (95-117) en Barros, Carlos (Ed.): *Historia a Debate*, T. I, Xunta de Galicia-Historia a Debate, Santiago de Compostela

Barros, Carlos y McCrank, Lawrence J. (Eds.) (2004) *History Under Debate. International Reflection of the Discipline*. The Haworth Press, New York

Baschet, Jérôme (2010) *La civilización feudal. Europa del año mil a la colonización de América*, Fondo de Cultura Económica, México

Bermejo Barrera, José Carlos (2004) *¿Qué es la historia teórica?*, Akal, Madrid

Bermejo Barrera, José Carlos (2005) *Sobre la historia considerada como poesía*, Akal, Madrid

Bermejo Barrera, José Carlos (2006) *Ciencia, Ideología y Mercado*, Akal, Madrid

Bermejo Barrera, José Carlos (2007) *Moscas en una botella: cómo dominar a la gente con palabras*, Akal, Madrid

Bermejo Barrera, José Carlos (2009) *La Fábrica de la Ignorancia*, Akal, Madrid

Bernard, Jean-Paul (1995) “L’historiographie canadienne récent (1964-94) et l’histoire des peuples du Canada”. *The Canadian Historical Review*. Vol. 76, n 3, 321-353, septiembre Bidet, Jacques & Kouvelakis, Stathis (eds.) (2008) *Critical Companion to Contemporary Marxism*, Brill, Laiden

Bloch, Étienne (2009) “Mieux connaître Marc Bloch. Vuelques aspects de son oeuvre”, (105-113) en Barros, Carlos (ed.), *Historia a Debate. Actas del III Congreso Internacional Historia a debate*. T. I, Historia a Debate, Santiago de Compostela

## Latinidade

Bragoni, Beatriz (ed.) (2004) *Microanálisis: ensayos de historiografía argentina*, Prometeo, Buenos Aires

Bresciano, Juan Andrés (2010) *La historiografía en el amanecer de la cultura digital. Innovaciones metodológicas, discursivas e institucionales*, Cruz del Sur, Montevideo

Bresciano, Juan Andrés y Tiago Gil, Tiago (eds) (2015) *La historiografía ante el giro digital*.

*Reflexiones teóricas y prácticas metodológicas*, Cruz del Sur, Montevideo

Brito Figueroa Federico (1996) *La comprensión de la Historia en Marc Bloch*, Fundación Buría, Barquisimeto

Burguñe, André (1991) *Diccionario de Ciencias Históricas*, Akal, Madrid

Burke, Peter (ed.) (1991) *New Perspectives on Historical Writing*, Polity Press, Cambridge  
Cainzos López, Miguel Ángel (1989) "Clase, acción y estructura: de E. P. Thompson al posmarxismo". *Zona Abierta*. n 50, 1-69, enero-marzo

Callinicos, Alex (1989) *Marxist theory*, Oxford University Press, Oxford

Callinicos, Alex (1995) *Contra el postmodernismo*, Paidós, Barcelona

Canaparo, Claudio (2009) *Geo-epistemology. Latin American and the Location of Knowledge*, Peter Lang, Bern

Carreras Ares, Juan José (2000) *Razón de historia. Estudios sobre historiografía*, Prensas Universitarias, Zaragoza

Carver Terrell (1998) *The Postmodern Marx*, Penn State University Press, Pennsylvania  
Cardoso, Ciro F.S. (2008) "Combatiendo la arrogancia epistemológica: algunos caminos que se podrían recorrer", (105-128) *Edad Media. Revista de Historia*, n 9

Cardoso, Ciro F.S. (2009) "Sociedade e cultura: comparação e confronto", (39-56) en Barros, Carlos (ed.), *Historia a Debate. Actas del III Congreso Internacional Historia a debate*, T. III, Historia a Debate, Santiago de Compostela

Carling, Alan (1995) "Analytical marxism and historical materialism: the debate on social evolution", *Science & Society*, Vol. 57, n 1, 31-65, Spring

Continuidades y rupturas en los centros y periferias historiográficos...

Casanova, Julián (1991) *La historia social y los historiadores*, Crítica, Barcelona

Catroga, Fernando (2001) *Memória, História e Historiografia*, Quarteto, Coimbra

Catroga, Fernando (2003) *Caminhos do Fim da História*, Quarteto, Coimbra

Cibotti, Ema (1993) "El aporte en la historiografía argentina de una generación ausente, 1983-1993", *Entrepasados*, n 3:4-5, 7-2

Crespo, Horacio (2016) *En torno a la historiografía latinoamericana. Conceptos y ensayos críticos*, UAEM, Morelos

Darnton, Robert (1987) *La gran matanza de gatos y otros episodios de la cultura francesa*. Fondo de Cultura Económica, México

Davis, Natalie Zemon (1984) *El regreso de Martín Guerre*, Bosch, Barcelona

Delacroix, Christian, Dosse François & García Patrick (2005) *Les courants historiques en France. XIX-XX siècle*, Gallimard, París.

Delacroix, Christian, Dosse François & García Patrick & Offenstadt, Nicolas (2010) *Historiographies II. Concepts et débats*, Gallimard, París

Derrida, Jacques (1998), *Espectros de Marx. El estado de la deuda, el trabajo del duelo y la nueva internacional*, Trotta, Madrid

Devés-Valdés, Eduardo (2017) *Pensamiento periférico. Asia-África-América Latina-Eurasia y más. Una tesis interpretativa global*, Ariadna Ediciones, Santiago de Chile

Devoto, Fernando y Pagano, Nora (2004) *La historiografía académica y la historiografía militante en Argentina y Uruguay*, Biblos, Buenos Aires

Devoto, Fernando y Pagano, Nora (2009) *Historia de la historiografía argentina*, Sudamericana, Buenos Aires

Dussel, Enrique (1973) *América Latina dependencia y liberación*, García Cambeiro, Buenos Aires

Aires

Editorial (1988) "Histoire et Sciences Sociales. Un tournant critique?". (291-293) *Annales. Economies, Sociétés. Civilisations*, marzo-abril

## *Latinidade*

Elias, Norbert (1993) *La sociedad cortesana*, Madrid, Fondo de Cultura Económica, Madrid

Encarnação, José d' (ed) (2002) *As oficinas da História*, Edições Colibri, Lisboa

Encarnação, José d' (ed) (2003) *A História tal Qual se Faz*, Edições Colibri, Lisboa

Falola, Toyin (ed.) (1993) *African historiography: Essays in Honour of Ade Ajayi*, Longman, London

Falola, Toyin (2011) "African Historical Writing" (399-422) en Scheneider, Axel & Woolf,

Daniel (ed.), *The Oxford History of Historical Writing. Historical Writing since 1945*, Oxford University Press, Oxford

Fink, Carole (2004) *March Bloch. Una vida para la Historia*, Universidad de Valencia-Universidad de Granada, Valencia

Fontana, Josep (1992) *La historia después del fin de la historia. Reflexiones acerca de la situación actual de la ciencia histórica*, Crítica, Barcelona

Marina Franco, Marina y Levín, Florencia (eds) (2007) *Historia reciente. Perspectivas y desafíos para un campo en construcción*, Paidós, Buenos Aires  
Frank, André Gunder (2009), "ReOrient Global Historiography and Social Theory", (125-130) en Carlos Barros (ed.), *Historia a Debate. Actas del III Congreso Internacional Historia a debate*. T. I, Historia a Debate, Santiago de Compostela

Galasso, Giuseppe (2000) *Nient'altro che storia. Saggi di teoria e metodologia della storia*, Il Mulino, Bolonia

Geremek, Bronislaw (1994) "Marc Bloch, Historien et résistant". *Cahiers Marc Bloch*, n 1, 3-16

Ginzburg, Carlo (1981) *El queso y los gusanos. El cosmos, según un molinero del siglo XVI*, Muchnik, Barcelona

Ginzburg, Carlo (1994) "Microhistoria: dos o tres cosas que sé de ella", (13-42) *Manuscripts*, n 12

Gómez Jordana, Sonia y Sanmartín, Israel, *Temporalidad y contextos la interdiscipliniedad a partir de la historia, el arte y la lingüística*, Universidad de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2015

Continuidades y rupturas en los centros y periferias historiográficas...

Guerra, Sergio (2003) *Cinco siglos de historiografía latinoamericana*, Editorial Félix Varela, La Habana

Habermas, Jürgen (1991) *La necesidad de revisión de la izquierda*, Tecnos, Madrid

Habermas, Jürgen (2003) *Acción comunicativa y razón sin trascendencia*, Paidós, Barcelona

Hardt, Michael y Negri, Antonio (2000) *Empire*, Harvard University Press, Cambridge

Hartog, François (2003) *Régimes d'historicité. Présentisme et expériences du temps*, Éditions du Seuil, Paris

Hernández Sandoica, Elena (2004) *Tendencias historiográficas actuales*, Akal, Madrid

Hobsbawm, Eric (2005) "El desafío de la razón. Manifiesto para la renovación de la historia", (483-492) *Polis. Revista de la Universidad Bolivariana*, Vol. 4, n 11

Honneth, Axel (2009) *Patologías de la razón. Historia y actualidad de la Teoría Crítica*, Katz, Madrid

Howe, Stephen (1998) *Afrocentrism: Mythical Past and Imagined Homes*, Verso, London

Hayden V. White (1973) *Metahistory. The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*, Johns Hopkins University Baltimore, Baltimore

Jameson, Fredric (1995) *El posmodernismo o la lógica cultural del capitalismo avanzado*, Paidós, Barcelona

Himmelfarb, Gertrude (1989) "Some Reflections on the New History", *American Historical Review*, n 94, 3, 661-670

Iggers, Georges G. & Wang, Q. Edward (2008) *A Global History of Modern Historiography*, Pearson Education, London

Kabunda Badi, Mbuyi (2007) "Relaciones internacionales africanas y relaciones interafricanas en la era de la globalización", (74-109) en Echart Muñoz, Enara y Santamaría, Antonio (eds.) *África en el horizonte*. La Catarata, Madrid

Kagan, Richard L. (1991) *Los sueños de Lucrecia. Política y profecía en la España del siglo XVI*, Nerea, Madrid

## *Latinidade*

Kirkpatrick, Graeme (1994) "Philosophical foundations of analytical marxism", *Science & Society*, Vol. 58, n 1, 34-52, Spring

Ki-Zerbo, Joseph (1974-1987) *General History of Africa*, 9 Vols, UNESCO, New York

Korsch, Karl (1980) "La concepción materialista de la historia. Una controversia con Karl

Katsky". (5-150) En Korsch H, Karl: *La concepción materialista de la historia y otros ensayos*. Ariel, Barcelona

Kaye, Harvey, J. (2000) "George Rudé, historiador social", en Rudé, George, *El rostro de la multitud. Estudios sobre revolución, ideología y protesta popular*, Fundación Instituto de Historia Social, Valencia

Kraditor, Aileen S. (1972) "American radical historians on their heritage", *Past & Present*, n 56, August

Laclau, Ernesto & Mouffe, Chantal (1985) *Hegemonía y estrategia socialista*, FCE, Buenos Aires, 1985, y su reimpresión (2001) Siglo XXI, Madrid

Laclau, Ernesto (2005) *La Razón Populista*, FCE, Buenos Aires

Lenin, Vladimir Ilich (1975) *El Estado y la revolución*, Ariel, Barcelona

Levi, Giovanni (1990) *La herencia inmateral. La historia de un exorcista piamontés del siglo XVII*. Nerea, Madrid

Lima, Luiz Costa (1984) *O control do imaginário*, Brasiliense, Sao Paulo

Loone, Eero (1992) *Soviet marxism and analytical philosophies of history*, Verso, New York

Liotard, Jean-François (1979) *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*, Minuit, París Martínez, Miguel & Valencia, Ángel (1992) "Postmarxismo, ¿por qué no?", *Sistema*, n 92, septiembre

Mayer, Thomas F. (1989) "In defense of analytical marxism", *Science & Society*, Vol. 53, n 4, 416-441, Winter

McLennan, Gregor (1996) "Post-Marxism and the Four Sins of Modernist Theorizing", *New Left Review*, n 218, July/august

- Mignolo, Walter (2005) *The Idea of Latin America*, Blackwell, London
- Moradiellos, Enrique (2001) *Las caras de Clío. Una introducción a la historia*, Siglo XXI, Madrid
- Mukjerjee, Supriya (2011) "Indian Historical Writing since 1947" (515-539) en Schneider,
- Axel & Woolf, Daniel (ed.) *The Oxford History of Historical Writing. Historical Writing since 1945*, Oxford University Press, Oxford
- Mussy, Luis G. de y Valderrama, Miguel (2010) *Historiografía postmoderna. Conceptos, figuras, manifiestos*. Universidad Finis Terrae, Santiago de Chile
- Ndaywel È Nziem, Isidore (2011) *Historia del Congo*, Madrid, La Catarata
- Norris, Christopher (1990) *What 's Wrong with Postmodernism*, Harvester Wheatscheaf, Hemel Hempstead
- Ollman, Bertell (1993) *Dialectical Investigations*, Routledge, London
- On-cho Ng & Wang, Q. Edward (2005) *Mirroring the Past: the Writing and Use of History in Imperial China*, University of Hawai'i Press, Honolulu
- Ortega, Teresa María (2007) *Por una historia global. El debate historiográfico en los últimos tiempos*, Universidad de Granada, Granada
- Palmer, Bryan (1990) *Descent into Discourse*, Temple University Press, Philadelphia
- Paramio, Ludolfo (1990) "Marxismo analítico", *Claves*, n 7, 59-65, noviembre
- Pasamar, Gonzalo (2000) *La historia contemporánea. Aspectos teóricos e historiográficos*, Editorial Síntesis, Madrid
- Pasamar, Gonzalo (ed.) (2014) *Ha estallado la memoria. Las huellas de la Guerra Civil en la Transición a la democracia*, Biblioteca Nueva, Madrid
- Pasamar, Gonzalo (2010) *Apologia and criticism: historians and the history of Spain, 1500-2000*, Peter Lang, New York

## Latinidade

Peiró, Ignacio (2006) *Los Guardianes de la Historia. La Historiografía Académica de la Restauración*, Institución Fernando el Católico, Zaragoza

Peiró, Ignacio (2013) *Historiadores en España. Historia de la Historia y memoria de la profesión*, Prensas de la Universidad de Zaragoza, Zaragoza

Pérez Serrano, Julio, “La Historia Actual como tendencia historiográfica” (19-48) en Delgado Idarreta, José Miguel; Viguera Ruiz, Rebeca y Pérez Serrano, Julio (eds.) (2014) *Iglesia y Estado en la sociedad actual: política, cine y religión*, Instituto de Estudios Riojanos, Logroño

Piketty, Thomas (2013) *Le capital au XXIe siècle*, Seuil, Paris

Pons, Anacleto (2013) *El desorden digital. Guía para historiadores y humanistas*, Siglo XXI, Madrid

Postone, Moishe (2007) *Marx Reloaded. Repensar la teoría crítica del capitalismo*, Editorial

Traficantes de Sueños, Madrid Procacci, Giuliano (1987) “Perspectiva sobre el debate”, (180-199) en Hilton, Rodney (Ed) *La transición del feudalismo al capitalismo*, Crítica, Barcelona

Liliana Regalado, Liliana (2002) *El rostro actual de Clío. Historiografía contemporánea: Desarrollo, cuestiones y perspectivas*, PUCP, Lima

Liliana Regalado, Liliana (2007) *Clío y Mnemósine. Estudios sobre historia, memoria e historia del tiempo reciente*, PUCP, Lima

Liliana Regalado, Liliana (2010) *Historiografía occidental. Un tránsito por los predios de Clío*, PUCP, Lima

Roffinelli, Gabriela & Kohan, Néstor (2003) “Entrevista a Samir Amin He sido y sigo siendo un comunista”, *Rebelión*, 27 de septiembre

Rojas, Reinaldo (1995) *Historia social de la región Barquisimeto en el tiempo histórico colonial 1530-1810*, Academia Nacional de la Historia, Caracas

Rudé George, *El rostro de la multitud. Estudios sobre revolución, ideología y protesta popular*, Fundación Instituto de Historia Social, Valencia

Sansón Corbo, Tomás (2017) "La historiografía latinoamericana en la primera mitad del siglo XX. Conexiones, Problemas, Itinerarios", *Revista Expedições*, Morrinhos/GO, v. 8, n 1, jan./abr

Sanmartín, Israel, *Entre dos siglos: globalización y pensamiento único*, Akal, Madrid, 2007.

Santana Pérez, Juan Manuel (1995) "La historia en el fin de una época o el secuestro de Clío", (249-259) en Barros, Carlos (ed.): *Historia a Debate. Actas del I Congreso Internacional Historia a debate*, T. I, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela

Santana Pérez, Juan Manuel (2003) "La historiografía latinoamericana e Historia a Debate", (307-324) en Berenzon, Boris et al. (ed.), *Historiografía, herencia y nuevas aportaciones*, La Vasija, México

Santana Pérez, Juan Manuel (2013) *La historia contratada*, Fundación Buría, Barquisimeto

Schneider, Axel & Woolf Daniel (ed.) (2011) *The Oxford History of Historical Writing. Historical Writing since 1945*, Oxford University Press, Oxford

Sober Elliot (1992) *Reconstructing marxism. Essays on explanation and the theory of history*, Verso, New York

Stone, Lawrence (1979) "The revival of narrative: reflections on a new old history", *Past and Present*, n 85, 3-24, november

Teira, David (1995) "El marxismo analítico (I). Explicación e historia", *El Basilisco*, n 19, 21-32, Julio-Diciembre Therborn, Göran

(2008) *¿Del marxismo al postmarxismo?*, Akal, Madrid Thompson, Edward Palmer (1979) "La sociedad inglesa del siglo XVIII: ¿lucha de clases sin clases?" (34-39) en Thompson, Edward Palmer *Tradición, revuelta y conciencia de clase. Estudio sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Crítica, Barcelona

Vilar, Pierre (1982) *Introducción al vocabulario del análisis histórico*, Crítica, Barcelona

Wallerstein, Immanuel (2004) *Capitalismo histórico y movimientos antisistémicos. Un análisis de sistemas-mundo*, Akal, Madrid

Watelet, Hubert (2004) "Illusions About and Underestimation of Role of Sentiment in the Historian's Work" (213-238) en Barros, Carlos y McCrank, Lawrence J. (Eds.), *History Under Debate*.

## Latinidade

*International Reflection of the Discipline.*, The Haworth Press, New York

White, Hayden (2003) *El texto histórico como artefacto literario y otros escritos*, Paidós Ibérica, Barcelona

White, Hayden (2011) *Ficción histórica, historia ficcional y realidad histórica*, Prometeo Libros, Buenos Aires

White, Hayden (2012) *La ficción de la narrativa*, Eterna Cadencia, Buenos Aires

Wood, Ellen Meiksins (1984) "El concepto de clase en E. P. Thompson". *Zona Abierta*, n 32, 4786, julio-septiembre

Woolf, Daniel R. (2011) *A Global History of History*, Cambridge University Press, Cambridge, 2011

Zermeño, Guillermo (1990) "La historia ¿una ciencia en crisis? Teoría e historia en México

1968-1988: una primera aproximación" (26-35) *Memorias del Simposio de Historiografía Mexicanista*, Comité Mexicano de Ciencias Históricas, México

Zermeño, Guillermo (2011) *La cultura moderna de la historia: una aproximación teórica e historiográfica*, El Colegio de México, México

Žižek, Slavoj (1992) *El sublime objeto de la ideología*, Siglo XXI, México

Žižek, Slavoj (2001) *El espinoso sujeto. El centro ausente de la ontología política*, Paidós, Buenos Aires

Zubillaga, Carlos (2002) *Historia e Historiadores en el Uruguay del siglo XX*, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, Montevideo

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.

# A disputa pelo habitar na cidade do Rio de Janeiro pelo viés da interseccionalidade -PUC/R

Manuela de Carvalho Meireles<sup>1</sup>  
UERJ

Mariana Imbelloni Braga Albuquerque<sup>2</sup>  
PUC-Rio

Ana Carolina Brito Brandão<sup>3</sup>  
PUC-Rio

Élida de Oliveira Lauris dos Santos<sup>4</sup>  
Universidade de Coimbra

Carolina Câmara Pires Santos<sup>5</sup>  
UFF

Caroline Rocha dos Santos<sup>6</sup>  
UERJ

## Resumo

A proposta deste artigo é apreender as noções de direito à cidade e a disputa pelo habitar no último grande ciclo de remoções desencadeado a partir do anúncio da realização dos megaeventos esportivos, tendo como foco a cidade do Rio de Janeiro. Não é a simples realização dos megaeventos esportivos que desencadeiam o ciclo de remoções e outras violações de direitos humanos, mas sim um projeto de gestão das cidades que está em curso no Rio de Janeiro desde a década de 90. A injeção de técnicas empresariais e o direcionamento das políticas públicas urbanas a favor de uma maior rentabilidade e

---

<sup>1</sup> Email: manueladecarvalhomeireles@gmail.com

<sup>2</sup> Email: mariana.imbelloni@gmail.com

<sup>3</sup> Email: anacarolina.bbrandao@gmail.com

<sup>4</sup> Email: elidalauris@gmail.com

<sup>5</sup> Email: carolpiresproject@gmail.com

<sup>6</sup> Email: carolrocha.santos@gmail.com

eficiência ante o mercado de valores, através do modelo “cidade empresa”, altera substancialmente o papel do Estado e do Direito. Neste artigo, recorreremos às histórias e trajetórias de lutas de um sujeito político que, embora ainda pouco referenciado na literatura de estudos urbanos, é maioria na organização da resistência contra uma cidade excludente para a maior parte de seus habitantes e usuários: as mulheres negras habitantes de favelas. A partir dos processos de remoção de quatro comunidades situadas em diferentes regiões do Rio de Janeiro (Recreio II, Metro-Mangueira, Vila Autódromo e Estradinha), nosso objetivo é, por meio dos relatos das mulheres negras moradoras destas áreas, compreender os sentidos do habitar e do direito à cidade impressos nas lutas que elas protagonizam frente as políticas institucionais.

### **Resumen**

El propósito de este artículo es aprehender las nociones del derecho a la ciudad y la disputa por vivir en el último gran ciclo de desalojos desencadenado por el anuncio de los megaeventos deportivos, con foco en la ciudad de Río de Janeiro. No es la simple realización de los megaeventos deportivos lo que desencadena el ciclo de expulsiones y otras violaciones a los derechos humanos, sino un proyecto de gestión de la ciudad que se lleva a cabo en Río de Janeiro desde los años 90. La inyección de técnicas empresariales y la orientar las políticas públicas urbanas a favor de una mayor rentabilidad y eficiencia ante la Bolsa de Valores, a través del modelo “ciudad-ciudad” empresa”, altera sustancialmente el rol del Estado y de la Ley. En este artículo recurrimos a las historias y trayectorias de luchas de un sujeto político que, aunque todavía poco referenciado en la literatura de los estudios urbanos, es mayoritario en la organización de resistencia contra una ciudad exclusiva para la mayoría de sus habitantes y usuarios: las mujeres negras. barrios marginales. A partir de los procesos de desalojo de cuatro comunidades ubicadas en diferentes regiones de Río de Janeiro

(Recreio II, Metro-Mangureira, Vila Autódromo y Estradinha), nuestro objetivo es, a través de los relatos de las mujeres negras que viven en estas zonas, comprender los significados de habitan y el derecho a la ciudad se imprime en las luchas que desarrollan contra las políticas institucionales.

### **Abstract**

The purpose of this article is to apprehend the notions of the right to the city and the dispute for living in the last great cycle of evictions triggered by the announcement of the mega sports events, focusing on the city of Rio de Janeiro. It is not the simple realization of the mega sporting events that trigger the cycle of removals and other human rights violations, but a city management project that has been underway in Rio de Janeiro since the 90s. The injection of business techniques and the directing urban public policies in favor of greater profitability and efficiency before the stock market, through the “city-city” model company, substantially alters the role of the State and the Law. In this article, we resort to the histories and trajectories of struggles of a political subject who, although still little referenced in the literature of urban studies, is the majority in the organization of resistance against an exclusive city for most of its inhabitants and users: black women inhabitants slums. Based on the processes of removal of four communities located in different regions of Rio de Janeiro (Recreio II, Metro-Mangureira, Vila Autódromo and Estradinha), our objective is, through the reports of black women living in these areas, to understand the meanings of inhabit and the right to the city imprinted in the struggles they carry out against institutional policies.

## 1. Eixo temático

Esta pesquisa objetiva analisar as disputas em torno dos sentidos do *habitar* e, por conseguinte, apreender as noções de direito à cidade mobilizadas no ciclo mais recente de remoções na cidade do Rio de Janeiro, os últimos dez anos em que foram reatualizados discursos e práticas do “problema favela”<sup>7</sup>. É evidente que este tema mobilizou inúmeros atores. De um lado os movimentos sociais, diversas comunidades e favelas, laboratórios de pesquisa de universidades, coletivos, organizações não governamentais, fóruns, dentre outras entidades; e, de outro, aqueles que reverberaram as ações estatais como uma “intervenção necessária” haja vista a classificação das moradias como “impróprias” em razão de três argumentos principais, que oportunamente serão analisados nesse trabalho: “áreas de risco”, de “proteção ambiental” ou “não urbanizáveis”.

Ainda que possamos perceber a complexa teia de processos que envolvem essa trama, este trabalho se propõe a percorrer narrativas, trajetórias e o conjunto de ações levados a cabo por um sujeito político que, se cada vez mais tem recebido destaque nos espaços de resistência e mobilização contra remoção no contexto de algumas cidades brasileiras, ainda é pouco referido quando o tema é direito à cidade e direito à moradia: as mulheres, moradoras de favelas e comunidades, na sua grande maioria negras e pobres. Apesar de não sempre referenciadas nos processos de remoções, de fato, em números absolutos, são as mulheres negras as maiores vítimas do deslocamento forçado. Além disso, são elas que, na maioria das vezes, assumem o protagonismo da resistência contra a remoção, acionam as instituições – como a Defensoria Pública –, realizam assembleias em suas comunidades, organizam atos e

---

<sup>7</sup> (MAGALHÃES, 2013).

criam redes de apoio dentro e fora dos seus espaços de moradia<sup>8</sup>.

Neste trabalho, apresentaremos o descompasso entre o conceito de *habitar* enunciado e demandado em primeira pessoa por mulheres negras atingidas pelos citados processos de remoções nas comunidades do Recreio II, Metro-Mangureira, Vila Autódromo e Estradinha, todas elas situadas no Rio de Janeiro em contraposição ao conceito de *habitat* definido, via de regra, pelas políticas públicas.

A opção por tais comunidades se dá tanto por terem sido, todas elas, alvo da política recente de remoções empreendida no Rio de Janeiro, sendo assim ilustrativas quanto aos processos violentos associados a tal dinâmica, quanto por terem todas sido assistidas juridicamente pelo Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (NUTH). Desta maneira, representam igualmente a demanda de acesso à justiça a partir da afirmação e defesa de seu direito à moradia, da sua significação desta moradia e vida comunitária, frente à Defensoria estatal. Ainda, as comunidades citadas localizam-se em áreas diversas da cidade do Rio de Janeiro, permitindo um olhar mais amplo e abrangente das dinâmicas citadas. À guisa de referência, Vila Autódromo e Recreio II situam-se na Zona Oeste da cidade, Metrô Mangureira na Zona Norte e a Estradinha na Zona Sul. Por fim, as narrativas e o conceito de *habitar* aqui trazidos neste contraste provêm de entrevistas retiradas de trabalhos feitos no contexto de estudos sobre as remoções no Rio de Janeiro.

---

<sup>8</sup> (INSTITUTO PACS, 2016).

## 2. Considerações teórico-metodológicas

Um dos principais formuladores do conceito de “direito à cidade” é o filósofo francês Henri Lefebvre, que em 1968 publicou sua obra pioneira. O filósofo denuncia que os “ideólogos” do urbanismo, incorporados à estrutura estatal como “técnicos”, introduziam na cidade o conjunto de ordens e coações da fábrica, reduzindo a vida humana e a experiência urbana ao valor de troca<sup>9</sup>. Segundo o autor, a cidade não era apenas efeito do modo de produção capitalista, mas um elemento produtivo e produtor das relações econômicas e de poder<sup>10</sup>.

Conforme Lefebvre, o urbanismo funcionalista substituiu o *habitar* pelo *habitat*, ilustrado nos conjuntos habitacionais para onde foram deslocados os trabalhadores removidos das áreas objeto de intervenção urbanística. O *habitat* reduzia a complexidade da vida ao mínimo existencial, atribuindo aos espaços funções elementares e segregadas: moradia, circulação, trabalho e lazer. Segundo ele, “o *habitat* foi instaurado pelo alto: aplicação de um espaço global homogêneo e quantitativo obrigando o ‘vivido’ a encerrar-se em caixas, gaiolas ou ‘máquinas de habitar’<sup>11</sup>. O planejamento organizado em torno dessa ideia de *habitat* torna-se instrumental para o controle do Estado sobre a reprodução, como um mecanismo biopolítico<sup>12</sup> de gerência sobre a vida da população através da manutenção de certo equilíbrio e regularidade dos processos sociais e biológicos, em conformidade com os imperativos econômicos<sup>13</sup>.

---

<sup>9</sup> (LEFEBVRE, 2011)

<sup>10</sup> (LEFEBVRE, 2000)

<sup>11</sup> (LEFEBVRE, 2008)

<sup>12</sup> (FOUCAULT, 2012)

<sup>13</sup> (BRANDÃO, 2015)

Pensar a cidade enquanto obra é refletir sobre a complexa teia de relações, de trabalho coletivo, investimentos materiais, subjetivos e simbólicos que constituíram a sua história. Da mesma forma que os sujeitos que habitam a cidade produzem este espaço, o mesmo os constitui, orienta seus projetos individuais e interpela-os subjetivamente. O direito à cidade para Lefebvre não era um ideal normativo, o autor não o elaborou no sentido de regulamentá-lo em legislações, concessões do Estado ou um conjunto de direitos a que os cidadãos deveriam ter acesso. Para o filósofo, o direito à cidade estava intrinsecamente relacionado ao processo contínuo e renovado de produção da cidade, “o direito a não ser excluído da centralidade e de seu movimento”<sup>14</sup>. Isto significava a democratização da gestão da cidade através da possibilidade dos sujeitos poderem afirmar a condição de produtores do espaço, com um real poder de criação e apropriação sobre o mesmo. Por isso, importava-lhe partir da dimensão do “vivido” para analisar a organização espacial. E, em razão dessas considerações sobre a “experiência” e a “subjetividade”, este autor ainda é uma referência importante para os estudos do urbanismo e do direito à cidade de uma perspectiva de gênero, pois permite apreender as diferentes dimensões do “vivido” nas suas articulações com os marcadores de classe, raça e gênero<sup>15</sup>. Assim, compreendemos que as possibilidades de apropriação e circulação sobre o espaço serão atravessadas por estas questões, especialmente sobre a forma que este espaço nos interpela constitui a nossa subjetividade.

Já a opção teórica e metodológica da apresentação da narrativa das mulheres negras moradoras de tais comunidades, como *locus* da conceituação de *habitar* demandada pela

---

<sup>14</sup> (LEFEBVRE, 2008)

<sup>15</sup> (MONTROYA, 2012)

população, advém tanto da compreensão desta narrativa em primeira pessoa como essencial para a visibilização – tornar visíveis – das pautas por elas colocadas, quanto pela compreensão da importância social da sobreposição de discriminações por elas representada.

Nesse sentido, desde o final da década de 1980, os movimentos de mulheres negras têm destacado o fato de que a sobreposição das discriminações racial, de gênero e de classe cria experiências específicas de violência. Estas experiências, contudo, não consistem em uma simples “soma” das discriminações efetuadas por cada um destes modelos de dominação, e, por isto, não são compreensíveis – ou, normalmente, nem mesmo visíveis – dentro de somente uma destas categorias. Sendo resultado de uma sobreposição, e afetando direta e diferencialmente quem está no “entroncamento”, na intersecção, destas vias de dominação. Assim, elas só são apreensíveis quando olhadas separadamente e vistas em sua complexidade<sup>16</sup>.

De outra feita, como demonstra a metodologia crítica da raça, os paradigmas científicos forjados pelos grupos dominantes não permitem total acesso às experiências dos grupos dominados, e o uso de critérios de pesquisa aparentemente neutros do ponto de vista racial costuma reproduzir, epistemologicamente, uma invisibilização institucional. Por isto, para se chegar ao conceito de moradia expresso *pelas mulheres negras*, não poderíamos partir se não da voz das próprias com forma de superar as formas de reprodução do racismo epistemológico.

---

<sup>16</sup> (CRENSHAW, 1991)

Na interessante categorização de Scheurich e Young<sup>17</sup>, podemos diferenciar os racismos expressos em níveis individuais (seja ele aberto/declarado ou “encoberto”) daqueles expressos em níveis sociais: racismo institucional, societário ou, ainda e mais importante, civilizacional. O racismo institucional se expressa quando instituições ou organizações, inclusive educacionais, possuem modos de operação que desfavoreçam membros de grupos dominados em relação aos de grupos dominantes. O racismo societário, por sua vez, manifesta-se em uma escala ainda mais ampla, quando se privilegiam assunções, normas, conceitos e expectativas, sociais ou culturais, a favor de uma raça e não de outras. Por fim, o racismo civilizacional seria, justamente, o racismo incutido nas próprias concepções de mundo e de teoria, no que se considera conhecimento e como se o conhece. Se todo pensamento da civilização ocidental foi gerado por autores brancos, se toda a compreensão de o que é esta civilização se opera através dos conceitos destes autores, e se todo e qualquer pensador é influenciado pelo contexto histórico e social no qual foi criado, nossa compreensão de mundo e a forma como o operamos conceitualmente são racistas em si.

O racismo epistemológico, pois, insere-se ou coaduna-se a este nível civilizacional. Entendendo as categorias ontológicas, axiológicas e, aqui, de maneira destacada, epistemológicas, como social e historicamente construídas, elas somente podem dar conta do que a sociedade que as gera busca entender/pretende discutir. Não possuem, *a priori*, a possibilidade de acesso aos problemas que, para elas, simplesmente *não existem*. Não é uma falta deliberada de atenção ao racismo, mas uma efetiva falta de compreensão

---

<sup>17</sup> (SCHEURICH, YOUNG, 1997)

sobre como a raça é significativa como problema epistemológico.

Patricia Collins<sup>18</sup> destaca a importância de alocar o problema em um nível epistemológico, pois é igualmente um nível político, no qual se moldam as relações de poder. Dizendo de outra forma, é justamente no nível epistemológico que se definem quais questões merecem investigação, quais são as perguntas que se faz e o que se busca entender. Somente uma epistemologia que se pergunte sobre as experiências das mulheres negras, destaca a autora, será capaz de aproximar-se destas mulheres, de vê-las, e, para tanto, precisará de paradigmas e metodologia a ela vinculados. Deste modo a partir da escuta/leitura do conceito e demanda de cidade enunciada pelas mulheres negras atingidas pelas recentes remoções na cidade do Rio de Janeiro, propomos a discussão das políticas públicas habitacionais atuais e seu descompasso com tais demandas.

### **3. Políticas de Habitação, Legislação e atuação do Estado**

Temos como norte, conforme explicitado anteriormente, identificar e mapear a maneira pela qual a dinâmica do capital, conduzida pelo Estado, determina as formas tradicionais do habitar a cidade e exclui o que é identificado como diverso do padrão estabelecido, enquadrando-se aí os modos de vida da população mais pauperizada, em especial das mulheres negras que ocupam as periferias urbanas. Todavia, partimos da hipótese segundo a qual o direcionamento do Estado neste sentido não se daria pela ausência de políticas públicas supostamente voltadas à garantia da moradia digna e adequada, mas sim pela execução de projetos que, com este fim

---

<sup>18</sup> (COLLINS, 1990)

anunciado, normatizam a experiência do que é o habitar na cidade.

Importante, neste sentido, frisar a existência de um vasto arcabouço legal, cujo epicentro é a própria Constituição Federal que alça o direito à moradia à categoria de direito social fundamental, bem como o Estatuto das Cidades (Lei 10.257/2001) que estabelece uma política urbana de caráter nacional e reafirma a CRFB. Posteriormente, em 2005, a instituição do Sistema Nacional de Habitação e Interesse Social (SNHIS) pela Lei 11.124 apresentava como seus objetivos o acesso à terra em áreas urbanizadas para população de baixa renda. No plano estadual a Constituição do Rio de Janeiro reitera o dever do Estado de promover a moradia como parte do desenvolvimento urbano.<sup>19</sup>

No âmbito municipal, evidenciamos o Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro (Lei Complementar 111 de 2011) que enumera princípios que vão ao encontro do mandamento constitucional antes citado, tais como a função social da cidade e da propriedade urbana, bem como a universalização do acesso à terra e à moradia regular digna. Todavia, o momento em que se dá a aprovação deste plano diretor sucede a uma nova acomodação das forças econômicas e políticas na cidade que conduziram ao retorno da política de remoções de favelas, tema que será explorado mais a frente. Não por acaso há nesta lei a preocupação em limitar e frear a expansão das favelas tendo como justificativa o discurso da proteção ao meio ambiente.

---

<sup>19</sup>A Constituição Federal, por meio da emenda constitucional n.º.26 de 2000, foi alterada para fazer constar o seu art.6º com a seguinte redação: São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição

Voltando o nosso olhar para o entrelaçamento dos temas ligados a raça, gênero e habitação, destacamos que o I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres de 2004 (PNPM/2004) estipulou como objetivo a promoção da equidade de gênero, raça e etnia nas relações de trabalho, assim como do direito à vida na cidade com qualidade, acesso a bens e serviços públicos. Para alcançá-lo, firma como prioridade a ampliação do exercício da cidadania das mulheres e do acesso à terra e à moradia. Neste documento, a questão da habitação e moradia da mulher na cidade se restringiu ao apoio a programas destinados à urbanização de favelas com ênfase nas mulheres chefes de família, o que desembocou na preocupação em garantir a titularidade feminina das Habitações de Interesse Social produzidas no âmbito do Programa 1128– Urbanização, regularização fundiária e integração de assentamentos precários: Ação 0644 –Apoio à urbanização de assentamentos precários (Programa Habitar Brasil-BID – HBB), desenvolvido pelo Ministério das Cidades.

Neste quesito, a própria Lei 11.124/2005 já previa como um dos procedimentos a ser adotado pelo SNHIS o estabelecimento de quotas voltadas às mulheres chefes de família que percebessem menor renda (Art.2º, II, "h"), e também já determinava a preferência pela titulação da mulher quando da celebração do contrato ou da lavratura da escritura (Art.23,§1º, VI). Se no documento anterior a questão do habitar das mulheres na cidade ou no campo estava diluída no eixo/prioridade “contribuição para a ampliação do exercício da cidadania das mulheres e do acesso à terra e à moradia”, no II PNPM de 2008, apesar de ainda atrelado ao campo “Autonomia econômica, igualdade no mundo do trabalho com inclusão social”, ela ganha um capítulo próprio, aonde se reconhece que “as relações de gênero têm um elo cada vez mais forte com questões de cidadania, trabalho e com as políticas

urbanas, no sentido de promover a inclusão social, a redução das desigualdades entre mulheres e homens no território e contribuir para o processo de organização e emancipação das mulheres”. Há assim maior visibilidade para os problemas urbanos, dando mais detalhamento e destaque aos programas de urbanização e regularização fundiária voltados para as favelas<sup>20</sup>.

Nesta toada, o referido plano traça como um de seus objetivos gerais a promoção do direito das mulheres à vida com qualidade na cidade, no meio rural e nas comunidades tradicionais, respeitando suas especificidades e garantindo o acesso a bens, equipamentos e serviços públicos; e como objetivos específicos a realização do acesso das mulheres à moradia digna, construída em local apropriado, saudável e seguro, titulada, com qualidade, condições materiais e técnicas construtivas, dotada de energia elétrica convencional ou alternativa, infraestrutura e acesso a bens, serviços públicos e equipamentos sociais; e a articulação dos programas habitacionais nas periferias dos grandes centros urbanos ou grupamentos municipais nos territórios rurais com os programas de eficiência energética e de conservação de energia.

Outra diferença percebida em comparação com o primeiro PNPM é que no documento de 2008 a preocupação com a desigualdade racial ganha maior ênfase através da estruturação

---

<sup>20</sup>O Programa de Regularização Fundiária citado no I PNPM e desenvolvido pelo Ministério das Cidades é incluído novamente neste II plano, mas sem o Programa Habitar Brasil-BID, cujo convenio terminara em 2008. Este último documento reitera ainda os avanços feitos neste setor, citando a Instrução normativa do Ministério das Cidades que previa como uma de suas diretrizes o atendimento prioritário à mulher responsável pelo domicílio quando do desenvolvimento de propostas que prevejam a urbanização, regularização fundiária ou implantação de infra-estrutura básica e social em assentamentos precários. Cumpre também destacar que a maior atenção dada pelo II Plano à questão habitacional nas cidades esta relacionada ao advento do Programa de Aceleração do Crescimento

de um capítulo próprio para tratar do enfrentamento do racismo, sexismo e lesbofobia.

Já no III PNPM referente ao biênio 2013-2015 observamos que a questão da habitação nas cidades volta a se dissolver em um único eixo agora intitulado “desenvolvimento sustentável com igualdade econômica e social”. Neste trecho se elenca como um dos objetivos a promoção da ampliação da infraestrutura social nas áreas urbana e rural, garantindo o direito das mulheres à habitação e moradia digna, com acessibilidade, por meio, dentre outras ações, da facilitação de formas de financiamento, sem identificar, todavia, linhas de ações mais efetivas para o cumprimento deste intuito. Assim como o II PNPM, este de 2013 também vai expor a questão racial em capítulo dedicado ao combate ao racismo, sexismo e lesbofobia, estabelecendo inclusive metas e objetivos bastante similares, com o mesmo grau de generalidade.

No que tange às políticas públicas com um viés mais interventivo com impacto na alteração no modo de habitar a cidade pelas camadas mais pauperizadas, o Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) se destaca pela sua grandiosidade<sup>21</sup> e pela relação com os violentos processos de remoção aqui narrados. Criado pela lei 11.977 de 2009 foi concebido em

---

<sup>21</sup> O PMCMV foi responsável pela construção de 2,4 milhões de unidades habitacionais entre 2009 e 2015. Na sua primeira fase construiu um milhão de unidades habitacionais, sendo 40% destinadas a população de baixa renda. Já na segunda fase a meta passa a ser a construção de 2 milhões de unidades habitacionais, sendo 60% destinados as faixas de renda inferiores (AMORE, 2015). A terceira fase do programa foi lançada em março de 2016 com a promessa de contratação de mais de dois milhões de moradia até 2018, apresentando como novidade a criação de uma nova faixa de renda, a faixa 1,5, que incluiu as famílias com renda de até R\$ 2.350 (Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2016/03/minha-casa-minha-vida-chega-a-3a-fase-com-2-milhoes-de-novas-moradias-ate-2018>. Acesso em 10 Abr 2017). Ressaltasse que em abril do mesmo ano a ex Presidente Dilma Rousseff sofreu processo de impeachment que culminou com a perda do cargo.

diálogo com o setor imobiliário e da construção civil se constituindo como uma medida anticíclica que visava enfrentar a crise financeira mundial que naquele momento se instaurara (AMORE, 2015) <sup>22</sup>. Por outro lado, refletindo os debates já realizados no âmbito dos projetos nacionais de políticas para as mulheres e também no próprio Ministério das Cidades, bem como a mobilização dos movimentos sociais pautados pela questão da desigualdade de gênero, a referida lei 11.977/2009 prevê, em seu art.3º,IV, prioridade de atendimento às famílias com mulheres responsáveis pela unidade familiar para a indicação dos beneficiários do PMCMV, inovando também ao dar preferência à titulação da mulher, mesmo em famílias não chefiadas por ela (Art.35 e 35-A, *caput*).

Contudo, para além das críticas à baixa qualidade das unidades entregues e o não enfrentamento direto da periferização das cidades, o Programa Minha Casa Minha Vida desempenhou um complexo papel no contexto das remoções do Rio de Janeiro. Conforme será reiterado nas narrativas, tal programa foi utilizado pelo governo municipal como alternativa habitacional para as famílias que estavam sofrendo a expulsão de suas casas. Mais além, o governo municipal inúmeras vezes garantia aos moradores e moradoras o fornecimento de nova habitação sem custos, e somente após a mudança descobria-se que era um imóvel financiado pelo PMCMV, o que importava em evidente e contínua dívida para a família removida. Assim, o programa Minha Casa Minha Vida

---

<sup>22</sup> O autor afirma também que o Ministério das Cidades teve sua participação bastante minorada na construção do PMCMV, estando a secretaria de habitação a ele vinculada mais inserida no processo de implementação do Sistema Nacional de habitação de Interesse Social (SNHIS) e do Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS). O PMCMV seria assim um projeto de caráter eminentemente econômico, concebido pelos Ministérios da Fazenda e da Casa Civil (AMORE, 2015).

teve, pois, além dos problemas de sua própria formação, usos deletérios pela articulação da Prefeitura do Rio, sobretudo na vigência das obras para os grandes eventos esportivos.

#### **4. O Empreendedorismo Urbano e os Megaeventos**

A primeira vez que o Rio de Janeiro se candidatou a um megaevento esportivo foi em 2004, no governo César Maia, com o intuito de transpor para a cidade o modelo catalão, que ganhou adeptos depois que Barcelona sediou os Jogos Olímpicos de 1992 e foi tido como o exemplo de êxito no desenvolvimento de uma economia flexível, mais aderente às transformações das formas de acumulação, uma vez que a solução para a “saída” da crise econômica dos anos 1970 foi adotar uma fórmula flexível de planejamento, em que o mercado pudesse participar ativamente das soluções para a cidade, e o planejador se colocasse no lugar do “empreendedor”<sup>23</sup>.

A nova receita sugeria que os planejadores deveriam capacitar a cidade para atrair investimentos privados, nacionais e internacionais, através de estímulos e intervenções estratégicas para torná-la solvente, do ponto de vista do investidor. Aos poucos, foi se constituindo um mercado mundial de cidades em que as prefeituras passaram a oferecer facilidades e subsídios para atrair o interesse do setor privado. Os grandes eventos esportivos passam a adquirir, neste contexto, a atribuição de projetar a cidade para este mercado, construindo a sua imagem como espaço de consumo e capaz de atender às expectativas de grupos empresariais, grandes operadores imobiliários, seguros e bancos.

Na década de 90, os consultores catalães vieram ao Brasil ensinar a fórmula “exitosa” da cidade de Barcelona. Com o

---

<sup>23</sup>(HALL, 2013)

apoio dos órgãos multilaterais, como o Banco Mundial e o BID, foi se formando uma coalizão de atores sociais como bancos, instituições financeiras, capital imobiliário e governos locais para implementar esse projeto na cidade do Rio de Janeiro<sup>24</sup>. Em 2007, a cidade sediou os jogos pan-americanos. A partir de então, a cidade passou a ser palco de diversos eventos mundiais, como a Copa em 2014 e as Olimpíadas em 2016.

É também a partir de 2007 que se identifica o novo ciclo de remoções na cidade, quando o “problema favela” é reatualizado nos discursos e práticas institucionais<sup>25</sup>. O Rio de Janeiro passa a ser palco de diversos conflitos fundiários, em que estar no “traçado” das obras de infraestrutura dos megaeventos passa a ser uma justificativa recorrente para a retirada de comunidades inteiras, há muitos anos consolidadas em áreas estratégicas da cidade. Em 2010, o prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, divulgou no jornal de maior circulação da cidade a lista de 119 favelas que precisariam ser removidas até o final do seu mandato a fim de cumprir a meta de desadensamento prevista pelo Plano Estratégico 2009-2012. Em 2015, o dossiê do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas estimou, que entre 2009 e 2015, cerca de 22.059 famílias foram forçadas a sair de suas casas só na cidade do Rio de Janeiro<sup>26</sup>. Muitos tiveram que sair de bairros centrais que recebiam novos equipamentos e infraestrutura para abrigar os eventos internacionais e foram alocados para áreas da cidade a 40 quilômetros de distância, na zona oeste, onde há carência de serviços, estrutura e trabalho. O plano estratégico “Pós-2016” ainda estabeleceu a ampliação da meta de remoções, traçando o objetivo de reduzir em pelo menos 5% a áreas ocupadas por favelas até 2016.

---

<sup>24</sup>(VAINER, 2000)

<sup>25</sup>(MAGALHÃES, 2013)

<sup>26</sup>(COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS, 2015)

Assim, observa-se que o poder público passa a abandonar as políticas de regularização fundiária e de urbanização das comunidades, que foram formalizadas na legislação brasileira após longos processos de discussão pública sobre o direito à cidade, como demonstrado no tópico anterior. Formulando a cidade enquanto uma mercadoria à disposição de um público solvente<sup>27</sup>, a (o) cidadã (ão) é cada vez mais reduzida (o) a uma (um) espectadora (r) das mudanças substanciais de sua cidade e excluída (o) dos processos de decisão. Nos casos das (os) moradoras (es) das comunidades ameaçadas de remoção, elas não têm sequer o direito de permanecer no espaço em que construíram e que passa a ser alvo de pesados investimentos de infraestrutura, direcionados às parcerias público-privadas. É através da percepção destes antagonismos que precisamos recorrer às histórias que foram soterradas, os projetos que foram interrompidos ou encerrados, as narrativas em primeira pessoa das mulheres negras e pobres que foram expulsas dos seus locais de moradia para que se abrisse espaço para um novo modelo de cidade, norteado pela máxima do lucro e da competitividade.

## **5. Eixos de Desenvolvimento Urgente**

Um olhar atento aos violentos processos de remoção já descritos revela vários níveis de recorrência, tanto no descaso e agressão estatal quanto no protagonismo da articulação das mulheres negras para resistir e reiterar sua forma e direito a habitar a cidade. As histórias trazidas possuem um escopo comum: comunidades alvo de profundo descaso do poder estatal que se organizaram a partir do próprio trabalho e redes de solidariedade que passam a ser alvo de políticas de remoção do poder público a partir de interesses econômicos na área

---

<sup>27</sup>(VAINER, 2000)

habitada. Entre possibilidade de deslocamento para conjuntos habitacionais distantes e invasão diária em suas casas, quem protagoniza a resistência e (re)articula os laços comunitários frente a agressão das remoções são justamente elas.

### **5.1. Metrô Mangueira**

A comunidade do Metrô Mangueira surgiu há mais de 40 anos, sendo construído junto à linha do trem, nos entornos do Estádio Maracanã, destaque dos Megaeventos no Brasil. Nas palavras da moradora Evalda, no local *“eram casas do pessoal que trabalhava na linha do trem e aí quando saíram invadiram. E aí foi crescendo.”*<sup>28</sup> Estava localizada em uma área considerada central da cidade, com acesso razoável aos serviços públicos como transporte, escolas e hospitais. Na comunidade do Metrô Mangueira estavam situadas unidades residenciais, unidades comerciais e unidades mistas (moradia e comércio). Foi sendo expandida e no ano de 2010 viviam lá cerca de 700 famílias.

No já citado contexto de remoções ligadas aos projetos de Megaeventos, o Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública foi procurado por moradoras (es) da Comunidade do Metrô Mangueira, no primeiro semestre de 2010, devido à atuação do Município do Rio de Janeiro. Agentes da Prefeitura foram ao local e, sem qualquer informação prévia, marcaram as casas com “spray” e anunciaram a remoção da favela entregando, neste momento, para alguns moradores os autos de Interdição, sob o argumento de “existência de indícios de ameaça à integridade física de pessoas e bens”. Não apresentaram nenhum laudo técnico ou análise de risco que

---

<sup>28</sup> Entrevista com Evalda Bezerra Alves, ex-moradora da Comunidade do Metro Mangueira, realizada em 11/06/2012 por Manuela de Carvalho Meireles (MEIRELES, 2013)

corroborasse tal afirmação, simplesmente constrangeram as pessoas a assinarem.

Desorientadas, as (os) moradoras (es) buscaram informações junto à Subprefeitura, que comunicou a sua única opção: um apartamento em um Conjunto Habitacional que estava sendo construído em Cosmos, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro – bem distante da área da comunidade, que sequer poderia ser conhecido por eles antes da mudança forçada. Outrossim, o referido bairro não apresentava infraestrutura semelhantes aquelas ofertadas na antiga localidade, como escolas próximas, hospitais, meios de transporte, proximidade de seus locais de trabalho.

Existia uma queixa comum de muitas (os) moradoras (es) sobre a falta de condições de permanecer nos seus empregos com a mudança para o referido conjunto habitacional, devido à distância do local de trabalho. Além disso, o apartamento não seria adquirido a custo zero, pois teriam que pagar mensalidades durante 10 (dez) anos, mesmo que já tivessem gasto suas economias com a construção das suas residências no Metrô Mangueira. Neste contexto, muitas pessoas desesperadas e coagidas acabaram assinando os papéis de aceitação.

Para resistir a este processo, uma vez que a Associação de Moradores estava em parceria com a Prefeitura no processo de remoção, na aliança entre a comunidade e a Defensoria Pública foi formada uma comissão de moradores, composta em sua maioria por mulheres negras. Para tal resistência a orientação era a de que os moradores não saíssem do local e não aceitassem negociações sem que isso passasse por acordo de todos.

Como as intimidações eram constantes, mesmo após assembleia com as moradoras (es) e a Defensoria Pública, funcionários da Prefeitura voltaram ao local naquela semana.

Mas guiadas (os) pela comissão de moradores, sobretudo pelas mulheres negras, não permitiram a entrada desses agentes. Nas palavras delas, “colocaram a Prefeitura para correr”.

Evalda: Deu medo de perder tudo com os homens da prefeitura já derrubando. Mas ao mesmo tempo nós nos juntamos, nós da comissão e dissemos: tem pouco homens aqui e nós somos muitos. Nós aprendemos que podemos fazer uma corrente humana. E aí foi passando de um pro outro. E aí um dizia que era isso mesmo, que não precisava perder a casa, ir pra Cosmos. E foi passando. Tanto que quando a prefeitura veio aqui nós botamos pra correr.<sup>29</sup>

Por conta disto, as agentes da municipalidade intensificaram as ameaças, avisando que enviaria uma equipe do “Choque de Ordem” para a retirada das (os) moradoras (es) e o início das demolições das casas marcadas. Estes anúncios, em muitas situações, são meramente ameaças para criar um estado de tensão generalizada entre as (os) moradoras (es) e assim facilitar o processo de despejo. Mas as intervenções na comunidade continuaram, com funcionários medindo e fotografando várias unidades residenciais, com os agentes se recusando a prestar qualquer informação sobre a intervenção urbanística e as alternativas existentes para os afetados.

Foram inúmeras as interferências, e quanto maior a resistência das (os) moradores, mais se abria uma nova forma de diálogo com a Prefeitura. Os agentes do município passaram do discurso de “Cosmos, abrigo ou rua” para oferecer novas propostas de reassentamento, mais próximos da comunidade, na Rua Visconde de Niterói. A moradora Evalda relata esse processo de luta e resistência, falando sobre a sua experiência dentro da comissão de moradores:

---

<sup>29</sup> (Ibidem) Observação: Orlando era agente da Prefeitura

Evalda: Nós ficamos muito amigas, e tem hora que a gente para pra lembrar. Pensando como que tivemos tanta coragem, entrando em cada buraco que a gente nem sabia se ia voltar viva. Parecia que a gente era leoas que estavam brigando pelos filhos. A gente teve coragem pra muita coisa, jamais achava que ia lutar assim, que podia enfrentar a prefeitura, com marreta quebrando e tudo. E o Orlando falando que a gente tinha que sair de qualquer maneira. Como é que a gente passou por tudo isso. Isso porque a gente ficou com uma vitória. Porque imagine lutar, lutar e depois ir pra longe.<sup>30</sup>

Dois novos conjuntos habitacionais que estavam sendo construídos na Mangueira foram então disponibilizados como alternativa de reassentamento dos moradores. As informações são de que estes conjuntos eram inicialmente destinados aos moradores da própria Mangueira, que sofreram com um desabamento após as chuvas.

Com o oferecimento da nova possibilidade, o grupo de moradoras (es) acabou se desmobilizando, mesmo com algumas questões ainda sem resposta: haveria lugar para todas as famílias nos novos conjuntos habitacionais? Ou ainda questões práticas relacionadas à mudança (formas de financiamento, se seriam os donos das casas, se pagariam cotas condominiais, dentre outras).

Posteriormente, iniciou-se uma nova sequência de investidas da Prefeitura sem informar as (os) moradoras (es) seus propósitos. Estas, apesar da promessa de mudança, estavam completamente desorientadas sobre a documentação necessária e sem garantia de que seriam proprietárias (os) dos apartamentos. Logo descobriram que os conjuntos habitacionais da Mangueira (denominados Mangueira 1 e Mangueira 2) não comportariam todas as famílias, sendo

---

<sup>30</sup> (Ibidem)

ofertado pela Prefeitura um conjunto habitacional em Triagem, ainda por ser finalizado. Apesar de ser mais perto do que Cosmos, voltava a discussão sobre a mudança de rotina das famílias, de vizinhança, que constituiriam o direito à moradia digna.

Nessa fala, a moradora Evalda ressalta como a mudança para Triagem afetará a sua vida e de sua família:

Evalda: Não fui em Triagem ainda, pra ver se é tranquilo. Não quis nem conhecer lá. Sempre quis ir pro Mangueira 2 porque tudo é aqui: escola pros meus filhos, médico. Tudo. É aqui pra mim. Tanto que eu não vou pra lá. As duas quitinetes eu botei em nome de parente, e aí eles ganharam no Mangueira 2 e depois, quando sair Triagem eu vou trocar com eles.

Na prefeitura não aceita, essa troca. Mas eu vou fazer isso “ilegal”.

Faço tudo por aqui, meu filho faz fisioterapia aqui, fono aqui, ele tá com dois nódulos na garganta. Minha filha estuda na Maxwell, como que eu vou deixar uma menina de 14 anos ir sozinha, ou eu ir com ela de ônibus. Quanto vai dar isso por mês? As vizinhas que já foram lá (em Triagem) disseram que tem uma favela do lado e pra passar pelo condomínio tem que passar uma favela. Como vou deixar minha filha passar por uma favela que eu nem conheço? Quando ela chegar lá já vai ser umas seis e pouca. Tá doído. Não vai não.<sup>31</sup>

Neste momento, diante de tantas incertezas as (os) moradoras (es) já estavam desunidas (os) e sem organização suficiente para fazer qualquer pressão na Prefeitura. A desmobilização foi tanta que começaram a surgir problemas internos sérios dentro da organização de moradoras (es),

---

<sup>31</sup> (Ibidem)

causados também pela intensificação das estratégias da Prefeitura para facilitar o processo de remoção, como por exemplo o oferecimento de vantagens às lideranças locais, tais como as mulheres que participavam da comissão de moradores.

Quando se pensa sobre as conquistas que a pressão popular inicial gerou vemos que esta foi parcial, já que a demanda das (os) moradoras (es) pela reurbanização da região, uma vez que havia relações subjetivas e laços construídos com aquele território não fora realizada, destacando assim a violência do processo de remoção.

Evalda: O que a gente queria mesmo era a reurbanização e depois que eu fosse pelo menos proprietária da casa, mas a casa é da Caixa por 10 anos.<sup>32</sup>

Francicleide: O ideal mesmo seria não tirar a comunidade, devia melhorar a comunidade. O esgoto está entupido por causa das casa que eles derrubaram. O que eles deveriam fazer, melhorar. Olha, a gente vai colocar vocês em algum lugar por um tempo e aí reformava a comunidade, com brinquedo pras crianças, posto de saúde, porque isso é o ideal, melhorar a associação, coisas para os moradores. De vim coisas assim pros moradores ação social, que tira carteira de identidade, vem cabelereiro, dentista. Tem gente que não tem condições de cortar o cabelo.<sup>33</sup>

As falas das moradoras acabam por reforçar a ideia presente no conceito de habitar e as consequências da intervenção da Prefeitura nas relações existentes entre os

---

<sup>32</sup> (Ibidem)

<sup>33</sup> Entrevista de Francicleide da Costa Souza, ex-moradora da Comunidade do Metro Mangueira, realizada em 25/05/2012 por Manuela de Carvalho Meireles (Ibidem)

moradores do Metro Mangueira. Nesse sentido, a fala da moradora Evalda é bem ilustrativa:

Meus vizinhos eram maravilhosos. Tipo assim, um fazia um bolo e levava um pedaço pra mim, eu fazia e levava. A nossa relação era ótima. Festa junina era a única festa que a associação fazia. A não ser festa na Mangueira, que aí a gente ia pra lá. Depois do processo afastou muito. Tem vizinho que foi pra Cosmo, outro pra Mangueira 1. Se divide, porque aqui a gente era muito unido, um perto do outro.<sup>34</sup>

Francicleide: O Minha Casa Minha Vida é um projeto que dá uma luz pra muita gente que não tem seu próprio teto. Mas deixa muito a desejar porque a maioria foi para locais muito longe. Acha que pode parecer preconceito não querer ir pro subúrbio, mas está acostumada aqui. Quando mora de aluguel queria só se livrar daquela prestação logo. Quando comprou aqui e queria ter direito a essa moradia!<sup>35</sup>

Apesar dos problemas, com a simples visita aos conjuntos habitacionais Mangueira 1 e Mangueira 2 é possível notar a importância da luta ali travada, que trouxe evidentes conquistas quando comparada às outras comunidades: estavam praticamente todas(os) no mesmo local, conservando os vínculos feitos na comunidade Metrô Mangueira, sendo ainda um local ainda próximo da antiga morada, permitindo que continuassem praticamente com a mesma rotina.

Francicleide: Mesmo com tudo isso eu aprendi que é preciso sempre lutar e nunca desistir. Porque não fomos vitoriosos por completo, mas conseguimos muita coisa por conta disso. Eu fico satisfeita de ir no Mangueira 1 e muita gente ir falar comigo agradecendo.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Entrevista com Evalda Bezerra Alves (Ibidem)

<sup>35</sup> Entrevista de Francicleide da Costa Souza (ibidem)

<sup>36</sup> (Ibidem)

De qualquer jeito, compreendendo a mudança que a luta pela moradia provocou nessas pessoas e, principalmente nas mulheres negras aqui mencionadas, o que se percebe é que elas sabem que a luta não acaba, saindo mais conscientes de seus direitos e com a garra de sempre.

## **5.2. Vila Autódromo e Vila Recreio II**

A Vila Autódromo se localiza na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, no bairro da Barra da Tijuca. Sua formação remonta à década de 1960, a partir de uma colônia de pescadores que cresceu, tornando-se uma pequena favela. Conquanto possua mais de sessenta anos de existência já data de longo período a constância da ameaça de remoção<sup>37</sup>.

De maneira similar, Vila Recreio II, localizada no bairro do Recreio, também na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, possuía, no início das investidas remocionistas em 2010 uma ocupação consolidada, aonde viviam aproximadamente duzentas e trinta e oito famílias; e antiga, com mais de quarenta anos, composta por afrodescendentes e pessoas de baixa renda<sup>38</sup>.

As duas localidades encontravam-se na rota de expansão da Barra da Tijuca, região estratégica para o desenvolvimento do projeto olímpico, e o mecanismo operado pela máquina pública municipal para remove-las, seguindo igual protocolo utilizado em outras comunidades alvos da mesma política, não se furtou do uso da violência. Seja pela ausência de informações sobre o projeto, pelo reassentamento em zonas distantes, pela invasão física e simbólica por agentes da Prefeitura marcando

---

<sup>37</sup> (NABACK, 2015)

<sup>38</sup> Denúncia apresentada pelas comunidades Vila Recreio II, Vila Harmonia e Restinga a Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Documento disponível em <http://docplayer.com.br/3128691-Cara-comissao-interamericana-de-direitos-humanos.html>. Acesso em 11 de maio de 2017.

as casas que seriam inapelavelmente destruídas, pelas tentativas de cooptação de lideranças da comunidade visando acelerar este processo ou ainda pela oferta de uma realocação em conjuntos habitacionais em outras áreas da cidade.

As (os) moradoras (es) que foram levadas a aceitar o reassentamento tiveram que arcar ainda com o aumento do custo de vida devido ao pagamento de despesas que antes não haviam, tais como condomínio e iluminação pública, tornando-se também devedoras mensais do programa “Minha Casa, Minha Vida”. Além de jamais verem cumpridas as promessas de urbanização da área reassentada, com o deslocamento forçado, o Poder Público desfez as redes de solidariedade e afeto ali existentes. Toda a violência que caracterizou o processo de remoção pode ser percebida de modo eloquente nas falas de resistência e denúncia das mulheres da Vila Autódromo e Vila Recreio II, se buscamos lê-las a partir do já trazido conceito de *habitar*.<sup>39</sup>

Já de partida, é fundamental destacar a importância constitutiva da ameaça constante da remoção – violenta e ilegítima – para a subjetividade da moradora e a relação com o espaço. Várias das entrevistadas destacaram a ausência de incentivo para investir na própria casa por sempre viver sob risco de uma injustificada intervenção. Fátima, moradora da Vila Autódromo há 21 anos, quando da entrevista, destacou:

Fátima: Então é assustador, você fica sempre apreensivo, sempre com alguma impressão de que alguém nos quer tirar

---

<sup>39</sup> As falas de Fátima, Maria, Ana e Lúcia são frutos de entrevistas concedidas à pesquisadora Clarissa Naback no curso da sua pesquisa de mestrado quanto a entrevista de Suely foi coletada a partir de seu depoimento sobre o processo de remoção Olímpica organizado por Thiago Mendes. Fátima, Maria, Ana e Lúcia, quando das entrevistas, seguiam resistindo na Vila Autódromo. Já Suely, tivera a casa destruída e espera pela entrega do apartamento prometido pelo poder público.

da nossa casa. Isso mexe com todo o ser da gente. Porque está falando da nossa moradia, da nossa história. Todos que estão aqui construíram, e isso mexe. Porque, aonde é que nós vamos morar? Eu estou com dois filhos acostumados a morar aqui, Como é que vai ser isso?.

Já no desenrolar do próprio processo de remoção, podemos verificar que o marcador de gênero é acionado para que, estando as mulheres em condição de maior vulnerabilidade, a Prefeitura pudesse, de forma mais célere, levar este projeto adiante. Isto é percebido quando, por exemplo, no caso de Vila Recreio II agentes da Prefeitura davam maior preferência às mulheres, principalmente em horários em que seus companheiros, filhos ou irmãos estavam ausentes, para realizar sua abordagem na qual visavam pressioná-las buscando que rapidamente aceitassem as condições estabelecidas para a sua retirada<sup>40</sup>.

Não obstante esta constante ameaça que já data mesmo antes da remoção que aqui descrevemos, a relação das moradoras com o espaço da comunidade é de uma profunda identificação, por terem sido elas que, em grande parte, o constituíram enquanto comunidade, tanto tecendo os laços relacionais, quanto atuando na construção física no que o poder público faltava. Maria, há 30 anos na Vila Autódromo, explica:

Maria: As ruas, todas elas, foram construídas por nós. 80% trabalho feminino. 10% trabalho infantil e 10% ou menos de trabalho masculino. Aqui era uma lagoa, era brejo, Fomos nós que aterramos, nós que construímos as ruas, nós que plantamos as árvores! Essas árvores aqui tinham

---

<sup>40</sup> Denúncia apresentada pelas comunidades Vila Recreio II, Vila Harmonia e Restinga a Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Documento disponível em <http://docplayer.com.br/3128691-Cara-comissao-interamericana-de-direitos-humanos.html>. Acesso em 11 de maio de 2017.

aproximadamente 30 anos e a maioria era árvore frutífera. Aí eles vieram e tiraram as árvores..

Assim, não por acaso, a destruição do vínculo com o espaço constituído terá para estas mulheres um impacto diferenciado, pois as mulheres ao cumprirem por excelência o papel destinado ao cuidado dos filhos sofrem, além dos desgastes próprios de um reassentamento forçado, com as consequências desastrosas que interferem no cotidiano das crianças.

Neste sentido, há a destruição não só da comunidade construída pelas mãos dessas mulheres, mas principalmente destacamos a ruptura, realizada pelo poder estatal, com as redes de relações comunitárias, fragilizadas pelo processo de remoções. Ana, moradora da Vila Autódromo há vinte e cinco anos quando das remoções olímpicas, destaca a importância da rede familiar existente na favela, não reproduzível no reassentamento no conjunto habitacional. Ao falar sobre a reação de famílias reassentadas, destaca:

Ana: Tristeza, tristeza. Porque eu estou aqui vai fazer 25 anos. No início minha casa era em Curicica. Eu troquei para vir para cá, para ficar perto da minha irmã; Eu sou muito família. Meu sobrinho morava aqui com ela e tinha uma casa aqui também. Tem outro sobrinho que mora aqui na outra rua. Eu queria ficar perto da minha família.

Maria: E a pior parte foi que a minha família toda foi contra mim, porque eles aceitaram sair, e ninguém fala mais comigo. Eu tenho um irmão que não fala mais comigo. Uma irmã que não fala mais comigo. E minha mãe não fala mais comigo.

Considerando que em 2012, 90% das mulheres brasileiras maiores de 16 anos afirmavam realizar algum tipo de trabalho doméstico e dedicavam mais de 25% do seu tempo a estas

atividades<sup>41</sup>, concluímos também que a maior duração no deslocamento casa-trabalho causado pelo reassentamento forçado em áreas distantes do local de prestação do serviço, representou para as mulheres, tendo em vista a dupla jornada realizada no âmbito privado, a intensificação da exploração do seu trabalho. É o que Maria Edna Felipe, ex-moradora de Vila Recreio II, deixa claro em seu depoimento ao comparar seu deslocamento para o trabalho antes e depois das remoções:

Maria Edna: Era andando tipo daqui até ali na rua. Agora não, porque agora eu tenho que sair daqui cinco horas da manhã para pegar um ônibus. Ai tem que parar pegar o outro pra chegar no trabalho<sup>42</sup>.

Desta forma, o rompimento das redes de relação afetou de maneira especial a vida das mulheres destas comunidades, uma vez que a clivagem entre os que foram e os que ficaram separou famílias e rompeu redes de solidariedade. Como coloca Lúcia, sobre tais partidas: *“Primeiro que a comunidade ficou, como posso dizer, ficou meio em luto. Perdeu pessoas que faziam parte. A gente conhecia todo mundo. Uma família”*.

Logo, ainda que a política de remoções não pretenda gerar manifestamente maiores impactos para o grupo formado por mulheres negras periféricas, ela acaba por gerar tais efeitos por se amalgamar com outras estruturas invisibilizadas de subordinação, como o patriarcado e o racismo.

---

<sup>41</sup> Comunicado do IPEA n.º.149. Trabalho para o mercado e trabalho para a casa. Persistentes as desigualdades de gênero. Disponível em [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120523\\_comunicadoipea0149.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/comunicado/120523_comunicadoipea0149.pdf). Acesso em 11 de maio de 2017.

<sup>42</sup> Depoimento dado no documentário *Vila Recreio II: sonhos removidos*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WM2iW6mIPWY>. Acesso em 11 de maio de 2017.

### **5.3. Estradinha 1014: A resistência feminina negra presente nas remoções.**

Ao analisar o protagonismo das mulheres, no que se refere à defesa do direito à moradia, destacamos a Comunidade da Estradinha, localizada na Ladeira dos Tabajaras, nº 1014, acima do Cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, que corresponde a uma das áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro. A participação ativa das mulheres se manifesta tanto ao buscar assistência jurídica no Núcleo de Terras e Habitação da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro (NUTH) quanto ao integrarem organizações de direitos humanos e movimentos populares que enfrentam a questão das remoções.

A Estradinha 1014, como é conhecida por seus habitantes por ser o nome da rua que dá acesso à comunidade teve seus primeiros ocupantes como 19 famílias que chegaram em 1952. Nunca houve regularização de posse àquela época, porém, a favela começou a se expandir mais tarde, no ano de 1976. Em 1987 foi realizado o assentamento de 42 famílias, com o suporte da associação de moradores. À época houve um estudo técnico da região, realizado pela Geo-Rio<sup>43</sup>, constatando a segurança do solo para a construção das casas.

Em dezembro de 2009, os jornais locais publicaram notícias sobre as remoções de diversas favelas na cidade do Rio de Janeiro, dentre elas a área pertencente à Estradinha. O interessante é perceber que após a divulgação das remoções na mídia, os agentes da Secretaria Municipal de Habitação (SMH) deram início ao cadastramento das residências, inclusive fotografando o interior e o exterior das casas, sem informar o que se pretendia com tal ação. Diante do questionamento dos moradores sobre o cadastramento ou da proibição da entrada nos domicílios, os representantes da Prefeitura alegaram que se

---

<sup>43</sup> Instituto de Geotécnica do Município do Rio de Janeiro (GEO-RIO).

tratava de parte do Censo Nacional de 2010. Este cadastramento foi realizado antes do período das fortes chuvas que assolaram a cidade do Rio de Janeiro em abril de 2010, estas ocasionaram um pequeno deslizamento próximo às casas, devido a um corte irregular feito pela Santa Casa de Misericórdia, mas que não afetou nenhuma das habitações da Estradinha.

Logo após, a Prefeitura continuou assediando a comunidade até que no dia 24 de abril, a SMH promoveu uma reunião com a participação de representantes da Prefeitura e das (os) moradoras (es). Nesta ocasião, a Secretaria Municipal de Habitação as (os) atemorizou, ameaçando-as (os) de remoção, sob a alegação de que toda a comunidade estava condenada e que, afim de evitar maiores danos, deveriam negociar com a Prefeitura. Os agentes do Município citaram a tragédia ocorrida no Morro do Bumba<sup>44</sup>, em Niterói, para sensibilizar as (os) moradoras (es) e convencê-las (os) a aceitar a proposta oferecida pelo órgão munícipe. Atemorizadas (os) com a possibilidade de ocorrer uma tragédia similar, algumas (uns) negociaram suas casas no mesmo instante. O impacto desta reunião foi tão intenso que, no dia seguinte, metade da comunidade já havia negociado suas habitações e posteriormente deu-se início à remoção no local.

---

<sup>44</sup> No dia 07 de abril de 2010, o Morro do Bumba, localizado no bairro do Cubango, em Niterói, foi atingido continuamente pelas chuvas, de maneira que ocorreu um deslizamento de terra, soterrando centenas de casas. É importante destacar que a área na qual as casas foram construídas era, anteriormente, um lixão, cujos resíduos ainda estavam em decomposição, tornando o solo frágil devido à explosão do gás metano. Deste modo, com o advento das chuvas do mês de abril, o solo se tornou mais vulnerável, fato este que acarretou no deslizamento de terra. Mais de três mil famílias ficaram desabrigadas e cerca de quarenta e oito pessoas morreram soterradas.

É nesse contexto de desespero que surgem mulheres determinadas a tranquilizar a vizinhança e organizar um incrível processo de resistência contra a remoção. Elas são em sua maioria donas de casa e idosas, que ao ver o desespero do restante da população local, decidiram fazer algo para defender seu território e impedir a remoção. Uma das figuras centrais nesse processo de resistência é a Maria de Fátima Amorim, conhecida pela comunidade como “Irmã Fátima”. Ela relatou em entrevista como foi a sua transformação de moradora em vice-presidente da associação de moradores:

Irmã Fátima: Antes das remoções eu era apenas uma dona de casa, não me envolvia com as questões da comunidade. Eu era meio alienada. Mas, quando eu vi o desespero do meu povo, por causa da remoção, quando vi o sofrimento de todos, eu pensei que tinha que fazer alguma coisa para ajudar os meus vizinhos.

A Irmã Fátima começou a participar das reuniões junto à Associação de Moradores e durante o processo de resistência acabou assumindo a posição de vice-presidente. Ela demonstra sua alta capacidade de liderança e sabedoria na condução de sua função, seja na participação ativa junto aos movimentos sociais e órgãos de defesa do direito à moradia, como por exemplo o Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN), a Defensoria Pública e o Ministério Público, ou na articulação de ações estratégicas dentro da sua comunidade, cuja contribuição é bastante significativa para a união do grupo.

Irmã Fátima: Nós buscamos a assistência jurídica junto à Defensoria Pública, ao Ministério Público e até mesmo a Anistia Internacional visitou a comunidade para averiguar o que estava acontecendo aqui. E também os professores e

estudantes universitários também estão contribuindo conosco.

Desse modo, a Irmã Fátima conseguiu mobilizar outras mulheres que, por sua vez, impulsionaram suas famílias a recusar a oferta da Prefeitura e permanecer no local. Elas se tornaram companheiras de luta e constroem de forma coletiva as estratégias de permanência.

Carminha: Quando a Fátima aciona, nós vamos para representar a nossa Estradinha. O lugar que a gente mais vai é na Defensoria Pública. Marcou a reunião nós vamos. Quando não pode ir todo mundo, vão seis, três ou quatro, mas a gente está sempre representando a nossa Estradinha.

Bené: Tivemos aqui o apoio do Dr. Maurício (engenheiro), do Dr. Marcos (arquiteto), da Dra. Maria Lúcia (defensora pública) e da Dra. Adriana (defensora pública), o Dr. Leonardo Chaves (procurador do Ministério Público) também esteve aqui no socorro da gente! Teve aqui também o Marcelo Itagiba (político), e foi com ele que conseguimos os documentos da posse registrada, não é o definitivo, mas já demos entrada no cartório.

Anita: Eu deixava as crianças no colégio e ficava com a tarde livre, então acompanhava os moradores nas reuniões. Eu já fui com outras pessoas em várias reuniões, na Câmara dos Vereadores, Câmara dos Deputados (leia-se Assembleia Legislativa), OAB, em tudo o que você puder imaginar nós fomos.

Por conseguinte, elas fortaleceram a comunidade nesse processo de resistência e ainda encontraram forças para apoiar outras lideranças comunitárias de favelas que estavam vivenciando a mesma experiência da ameaça de remoção. Além de contarem sobre as suas experiências, elas aprendem com os

exemplos das outras comunidades e retornam para a Estradinha com outra perspectiva.

Bené: Eu fui lá na Favela do Metrô com uma comissão daqui. Fomos dar um reforço, porque lá o trabalho deles é diferente do nosso. E lá, querem tirar pra fazer garagem pro Maracanã. A irmã Fátima não pôde ir e eu fui representando o Tabajaras. Fomos também ao Laboriaux, na Rocinha!

Carminha: Nós fomos lá e achamos muito parados... Por mais que nós falássemos pra eles que tinham que lutar, se unir. Mas, eu achei muito parado e também muito distantes um do outro. Eles não têm aquela harmonia e união como a gente tem aqui.

Bené: (...) Nós fizemos manifestações no fórum, duas vezes. Levamos, para representar o desespero, os saquinho com os entulhos... e lá tivemos um pouco de apoio. Vamos continuar lutando!

Irmã Fátima: A principal arma desta comunidade é a união. O fato de nós permanecermos unidos é que nos mantém na resistência. Quando ocorre qualquer ameaça, toda a comunidade se mobiliza para enfrentar o problema. Já fizemos manifestações no centro da cidade e também quando os agentes da prefeitura aparecem. A nossa união é a melhor defesa.

Tal iniciativa permite a reflexão dessas mulheres sobre suas ações e estratégias utilizadas nos conflitos com a Prefeitura e até mesmo estabelecer uma comparação com o modo de proceder das outras lideranças de favelas. Assim, o diálogo com experiências diversas enriquece suas concepções e, por conseguinte, sua atuação política, contribuindo para o fortalecimento da resistência. Paralelamente a todos esses esforços, caminham a informação e a conscientização sobre seus direitos. Esse fator constitui uma importante estratégia

para as (os) habitantes da Estradinha, pois quanto mais esclarecimentos possuírem sobre o direito à moradia adequada, não aceitam as propostas apresentadas, sem antes questionar o Município. Desta maneira, o conhecimento jurídico transmitido através do NUTH, por exemplo, orienta a comunidade no processo de remoção:

Anita: Eu acho que a gente não saiu daqui até hoje por casa da Defensoria Pública, que interferiu e está trabalhando muito em cima disso. Inclusive a gente ganhou aquela questão da retirada dos entulhos e que ia gerar multa. Vieram (agentes da Prefeitura), fingiram que estavam limpando, não tiraram quase nada e ficou por isso mesmo! Mas, a Defensoria Pública nos ajudou muito e continua nos ajudando! E também a comunidade... O Reinaldo, presidente da associação de moradores e a Irmã Fátima, a vice-presidente, que vão às reuniões, correm atrás, as pessoas vem ver as coisas que aconteceram aqui, os engenheiros, por causa do conhecimento deles!

Bené: O meu pensamento é positivo, agora eu sou consciente de que não temos nenhum político para nos apoiar. Se não fosse esse grupo de resistência não estaríamos todos aqui enfrentando essa situação. Aqui é um laço onde nós temos tudo! A nossa criação toda foi aqui! Só que por mais forte que você seja, tem hora que você fracassa. Eu ainda não entreguei os pontos... Nós vamos lutar! Meus filhos às vezes me perguntam, quando tem reunião: “o que a senhora vai fazer lá”? Eu digo: “eu vou porque palavras o vento leva, mas só vale o que está escrito”! Mesmo que eu não entenda o que está acontecendo, mas eu estou ouvindo! Toda vez que tem reunião com a irmã Fátima e os defensores, eu largo tudo que estou fazendo e vou pra reunião! O coração e a cabeça estão firmes! Tudo que está vindo de bom pra gente, a gente aceita! Quando começou isso (remoção) aqui pra gente, foi um desespero muito grande! Mas, eu não fraquejei, não!

Portanto, é possível compreender que a consciência de direitos é fundamental para mobilizar a comunidade. Mesmo com todas as ameaças de despejo forçado, o conhecimento afasta o medo e enfatiza a percepção dessas mulheres enquanto sujeito político, contribuindo de forma crucial para o seu empoderamento, enquanto membros da comunidade.

De simples donas de casa, elas se transformaram em militantes, ativistas, dialogando com autoridades e exigindo que as suas demandas sejam ouvidas e respeitadas. A luta por direitos, através da resistência, retira essas mulheres do campo da invisibilidade e realiza uma migração do status de vitimizada para protagonista de sua própria história.

Para além da vivência proporcionada pela ameaça de remoção, existe outra experiência comum entre elas: as lideranças da Estradinha são todas mulheres negras. É importante destacar que a maioria da população que vive na comunidade da Estradinha é majoritariamente negra e feminina, de acordo com o CENSO 2010 do IBGE<sup>45</sup>. O racismo junto à discriminação de gênero aprofunda o processo de vulnerabilidade. A racialidade gerada dos espaços urbanos, termo utilizado pela autora Keisha-Khan Perry para tratar da racialização do gênero, que tem sido silenciada nos discursos sobre terra e localização espacial (PERRY, 2012, p.170), tende à invisibilização das mulheres negras.

---

<sup>45</sup> Conforme as informações coletadas no referido censo, os brancos constituem 27,9% dos habitantes da região, enquanto os amarelos correspondem a apenas 0,9% da população residente na comunidade da comunidade. Considerando que a população preta (13%) e parda (58,3%) configuram o contingente de negros, somando um total de 71,3%, identifica-se um importante recorte racial, tendo em vista que se constituem como maioria da população. Outro dado importante demonstrado no gráfico do Censo 2010 é que as mulheres constituem a maioria da população da Estradinha. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/>:

Desta maneira, é muito importante que militantes e ativistas se atentem para essa diversidade de discriminações que interagem no âmbito das remoções, e que, por sua vez, atinge mulheres negras, de forma direta e violenta, afetando o seu direito à moradia. Nesse sentido, é interessante destacar as observações realizadas por Keisha-Khan Perry:

A liderança de mulheres negras nas lutas urbanas por terra constitui um aspecto crucial na mobilização afro-brasileira contra o racismo e pelo acesso coletivo a recursos. O estudo de James Holston (1991, p. 696) sobre usurpação de terra na periferia urbana de São Paulo embasa a noção da terra como ferramenta usada estrategicamente por grupos urbanos na promoção de unidade política. Holston argumenta que os direitos territoriais para as(os) pobres urbanos estão enraizados nas fundações históricas do colonialismo, pelas quais elites econômicas têm mantido privilégio legal e extralegal para aquisição de terra. Recentemente, movimentos sociais de base que se opõem a essa forma de “hegemonia local” expandem “a ideia do direito de ter direitos legais” dentro do sistema jurídico brasileiro. (p. 722). Embora o trabalho de Holston ausente uma análise racial da resistência nos domínios públicos dos direitos, especialmente os direitos de propriedade, ele nos lembra do relacionamento histórico entre colonialismo e racismo, e das reivindicações atuais por terra que fazem as pessoas negras urbanas. Além disso, esse debate sobre disputas territoriais, coesão política e resistência exemplifica uma estratégia fundamental na luta por poder, justiça e ampliação de acesso a recursos materiais empreendidas pelas comunidades negras urbanas<sup>46</sup>.

Portanto, segundo a autora, “os espaços urbanos, criados por atos locais de eliminação de favelas e segregação forçada,

---

<sup>46</sup> (PERRY, 2012, p.171)

são as manifestações espacialmente marcadas da marginalização de raça, gênero e classe”<sup>47</sup>. Em vista disso, o debate acerca das remoções não pode continuar ignorando a discriminação racial e de gênero presente nesta política exercida pelo Estado, pois este silenciamento significa, sobretudo, a perpetuação do racismo e da marginalização das questões de gênero.

Desse modo, a percepção de uma identidade e resistência feminina negra, espelhada pelas moradoras da Estradinha, ajuda a compreender os outros fatores que estão sub inseridos no contexto da remoção. Assim, é possível enxergar com mais nitidez que não se trata apenas de um processo discriminatório em relação a classe social. Mas, também de uma prática racista e sexista difundida nas bases do poder local, que utiliza um argumento falso, como o da área de risco, para remover a população negra das áreas privilegiadas da cidade e realocar em zonas sem infraestrutura e serviços públicos que atendam ao conceito de moradia adequada.

## **6. Conclusão**

Diante das contradições entre a previsão de direitos e a ação concreta do Estado, optamos por discutir como a luta das mulheres negras desafia a lógica de reprodução das políticas públicas, desvelando que as alternativas oferecidas pelo Estado não só invisibilizam como reproduzem as condições de privação dos direitos. As redes de solidariedade e resistência opõem-se assim um processo sistemático de violações concentrado em franjas de exceção jurídica, cujas fronteiras acentuam o isolamento e a vulnerabilidade da mulher negra.

---

<sup>47</sup> (Ibidem, p.170)

Os espaços de violência, apropriação e dano sistemático que marginalizam as mulheres negras também as isolam de experiências de reprodução da justiça como igualdade e o acesso efetivo a direitos. Como demonstramos no texto, tanto o enquadramento geral das políticas públicas de habitar quanto as soluções apresentadas pela Prefeitura para as remoções não dão conta do sentido de habitar desenvolvido e praticado pelas mulheres negras em suas comunidades. Nesse sentido, o exercício da soberania do Estado enquanto técnica de sujeição política não se dirige apenas a uma segregação racial e sexista dos corpos nos territórios, ataca também as redes de solidariedade e afetos construídas contra a violência e na ausência e ineficiência do próprio Estado.

Os sentidos epistemológicos e políticos que a experiência das mulheres negras confere à categoria habitar demonstram que a ação do Estado nas remoções está sustentada numa lógica de ação necropolítica<sup>48</sup>. A ação soberana do Estado distribuindo a qualidade e a efetividade da política pública é necropolítica na medida em que exerce um veto sobre as condições de vida de populações determinadas. É importante ressaltar que não se trata apenas de uma distribuição excludente e desigual dos recursos políticos e econômicos, mas igualmente de uma promoção intencional do isolamento da comunidade através da vulnerabilização da luta política de suas moradoras. Trata-se de uma forma de exercício de poder que a existência de políticas públicas de habitação e de promoção da igualdade de gênero não é capaz de interromper, tampouco as estruturas oficiais de assistência jurídica.

Os casos de remoção demonstram que a experiência de acesso à Defensoria Pública não dá conta de fazer cessar ou transformar o estado de não acesso ao(s) direito(s) vivido pelas

---

<sup>48</sup> (MBEMBE, 2003)

comunidades. O acesso à Defensoria Pública não corresponde a um movimento de avanço a um futuro de inclusão, pelo contrário, representa uma concepção débil de democracia que equipara igualdade jurídica à existência de um espaço de reclamação e apoio mantido pelo Estado ou por programas de inclusão. É nesse quadro de manutenção de uma democracia débil que a política pública, para afirmar o seu compromisso com a igualdade, mais facilmente concede na construção de alternativas igualmente débeis que não se equiparam às soluções coletivas e de resistência avançadas pela liderança das mulheres negras.

Nesse sentido, a força da atuação da Defensoria Pública está diretamente relacionada à sua capacidade de integrar uma rede de ação e resistência social mais ampla a partir dos territórios afetados pela violência e dano sistemático. A política pública é ineficaz em face dos processos de violência do Estado senão está conectada com ação e luta social e com os modos de vida digna construídos nas comunidades. A defesa do conceito de habitar que fazemos nesse texto dirige-se a substituir a afirmação única da política pública promovida pelo Estado pelo reconhecimento duplo e recíproco dos regimes epistêmicos de violência e vida digna que o dia-a-dia das mulheres negras tem enfrentado (a violência) e ampliado (a vida digna).

### **Referencias bibliográfias**

AMORE, Caio Santo. *Minha Casa Minha Vida para Iniciantes*. In: *Minha casa... e a cidade? Avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros*. Org: AMORE, Caio Santo; RUFINO, Maria Beatriz Cruz; SHIMBO, Lúcia Zanin. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

BRANDÃO, Ana Carolina Brito. *A Expulsão das Prostitutas do “Prédio da Caixa” na Cidade de Niterói: um estudo sobre a produção*

## Latinidade

*do espaço urbano e das relações de gênero e sexualidade*. Dissertação (Mestrado em Direito). Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2015.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*, de 5 de outubro de 1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001. Estatuto da Cidade.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.124, de 16 de junho de 2005. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social – SNHIS.

\_\_\_\_\_. Constituição do Estado do Rio de Janeiro, de 05 de outubro de 1989.

\_\_\_\_\_. Lei Complementar nº 111\*, de 1º de fevereiro de 2011. Dispõe sobre a Política Urbana e Ambiental do Município, institui o Plano Diretor no Rio de Janeiro e dá outras providências. Rio de Janeiro: Prefeitura do Município do Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. Lei nº 11.977, de 7 de julho de 2009. Dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas; altera o Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941, as Leis nºs 4.380, de 21 de agosto de 1964, 6.015, de 31 de dezembro de 1973, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 10.257, de 10 de julho de 2001, e a Medida Provisória nº 2.197-43, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

CARDOSO, Adauto Lucio; JAENISCH, Samuel Thomas; MELLO, Irene de Queiroz e. *A implementação do Programa Minha Casa Minha Vida na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: agentes, processos e contradições*. In: . In: Minha casa... e a cidade? Avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros. Org: AMORE, Caio Santo; RUFINO, Maria Beatriz Cruz; SHIMBO, Lúcia Zanin. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. *Aglomerados Subnormais – Primeiros Resultados*. IBGE, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd\\_2010\\_a\\_aglomerados\\_subnormais.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/92/cd_2010_a_aglomerados_subnormais.pdf). Acesso em: 25/04/2013.

CHANT, Sylvia. *Gender, Cities, and The Millennium Development Goals in The Global South*. Londres: Gender Institute Working Paper Series, 2007.

COLLINS, P. H. *Black feminist thought: Knowledge, consciousness, and the politics of empowerment*. NY: Routledge, 1990.

COMITÊ POPULAR DA COPA E DAS OLIMPÍADAS. “*Olimpíadas Rio 2016, os jogos da exclusão*”. Dossiê Megaeventos e Violações de Direitos Humanos, 2015. Ver [http://www.childrenwin.org/wpcontent/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015\\_low.pdf](http://www.childrenwin.org/wpcontent/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015_low.pdf) Último acesso: 22/07/2016

CRENSHAW, K. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence against Women of Color*. Stanford Law Review. Vol. 43, No. 6. 1991, pp. 1241-1299

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade Vol.1 – A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2012.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GONÇALVES, Rafael Soares. *L’informalité comme une ressource urbaine ? Le cas des favelas de Rio de Janeiro*. EchoGéo [Online], 39, 2017.

GOUVEIA, Taciana (org) e FERREIRA, (colab.). *Ser, fazer e acontecer: mulheres e o direito à cidade*. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para a Democracia, 2008.

HALL, Peter. *Cidades do amanhã*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

HARVEY, David. *O enigma do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2006.

INSTITUTO PACS. *Atingidas: Histórias da vida de mulheres na cidade olímpica. Rio de Janeiro*: Instituto Pacs, 2016.

LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.

\_\_\_\_\_. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 4ª edição, 2006.

## Latinidade

MAGALHÃES, Alexandre. *Transformações no “problema favela” e a reatualização da remoção no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2013.

MBEMBE, Achille. Necropolitics. *Public Culture*, 15, 2003, p. 11-40

MEIRELES, Manuela de Carvalho. *Megaeventos e direito à moradia adequada: obstáculos enfrentados hoje na efetividade deste direito humano fundamental*. UERJ: Faculdade de Direito, 2013.

MENDES, Thiago. “O céu de incertezas de Sueli” in *Atingidas: História de Vida de Mulheres na Cidade Olímpica*. Instituto Pacs, 2016.

MONTOYA, Ana Milena. *Mujeres, derecho y ciudad: apuntes para la construcción de un estado del arte desde el pensamiento y la teoría feminista*. *Revista Territorios* 27, Bogotá, 2012, p.105-143.

NABACK, Clarissa Pires de Almeida. *Remoções biopolíticas: o habitar e a resistência da Vila Autódromo*. Dissertação apresentada ao programa de pós do Departamento de Direito da PUC-Rio; Orientadora: Thula Rafaela de Oliveira Pires. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Direito, 2015.

PÉREZ SANZ, Paula. *Reformulando la noción de ‘Derecho a la Ciudad’ desde una perspectiva feminista*. ENCRUCIJADAS. *Revista Crítica de Ciencias Sociales*. Salamanca (Espanha), N°5, 2013, p.92-105.

PERRY, Keisha-Khan Y. *Espaço urbano e memória coletiva: O conhecimento de mulheres negras em lutas políticas*. IN: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). *Questões Urbanas e Racismo*. Petrópolis-RJ, 2012. Ed. De Petrus e Alii Editora. p. 170. 110 Ibid. p. 170.

Presidência da república- I Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres- 2004

Presidência da república- II Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres- 2008

Presidência da república- III Plano Nacional de Políticas Públicas para Mulheres- 2013

SANTOS, Carolina Câmara Pires dos. *A Raça do Gênero? As Guerreiras da Estradinha e a Luta pelo Direito à Moradia Adequada*.

Monografia de graduação. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22480/22480.PDF>. Acesso em 05.10.2017.

SCHEURICH, J. J., & YOUNG, M. *Coloring epistemologies: Are our research epistemologies racially biased?* Educational Researcher. Vol 26, No 4, 1997, pp. 4-16

SCHMID, Christian. *A Teoria da Produção do Espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional*. GEOUSP - espaço e tempo, São Paulo, N° 32, pp. 89- 109, 2012.

VAINER, Carlos. Pátria, Empresa e Mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. *In: A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes 2000.

\_\_\_\_\_. Os liberais também fazem planejamento urbano? *In: A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes 2000.

YOUNG, Iris. *O ideal da Imparcialidade e o público cívico*. Revista Brasileira de Ciência Política, n°9. Brasília, setembro - dezembro de 2012.

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.



# Autonomia na gestão escolar da rede pública municipal de ensino de São Mateus/ES

Sebastião Pimentel Franco<sup>1</sup>  
UFES

Roseli dos Santos Celestino<sup>2</sup>  
FVC

## Resumo

A presente investigação realizou uma compreensão da autonomia na gestão escolar na dimensão pedagógica, administrativa e financeira, tendo como base a atuação de diretores da rede pública municipal de São Mateus no Estado do Espírito Santo. Para melhor entendimento da pesquisa, abordou-se o tema da autonomia na gestão escolar à luz de autores, como: Paro (2012), Lück (2012) e Barroso (1996), Neves (1995) e Veiga (1995). Trata-se de uma pesquisa do tipo etnográfica, com abordagem qualitativa, realizada com sete diretores de Ensino Fundamental da rede municipal de ensino, trata-se de um recorte de uma dissertação. Os instrumentos de coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas. Os resultados analisados mostraram que, no âmbito das escolas pesquisadas, há uma deficiência significativa nos mecanismos que garantem a autonomia como as associações escolas comunidades e o projeto político-pedagógico. O repasse de recursos financeiros, por parte do município, configura-se como o principal entrave no trabalho dos diretores. Apesar das dificuldades para o exercício da função, os sujeitos da pesquisa consideraram relevante assegurar a autonomia na gestão escolar voltada para a democratização de escola.

---

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em História (UFES) e Professor do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciência Tecnologia e Educação (FVC)

Email: sp.franco@uol.com.br

<sup>2</sup> - Mestre em Ciência Tecnologia e Educação (FVC) e Professora da Rede Municipal de São Mateus/ES

**Palavras-Chave:** Autonomia, direção, gestão democrática.

### **Resumen**

La presente investigación hizo un entendimiento de la autonomía en la gestión escolar en la dimensión pedagógica, administrativa y financiera, basada en el desempeño de los directores de la red pública municipal de São Mateus en el Estado de Espírito Santo. Para una mejor comprensión de la investigación, el tema de la autonomía en la gestión escolar se abordó a la luz de autores, tales como: Paro (2012), Lück (2012) y Barroso (1996), Neves (1995) y Veiga (1995). Esta es una investigación etnográfica, con un enfoque cualitativo, llevada a cabo con siete directores de Educación Primaria del sistema escolar municipal, es un extracto de una disertación. El instrumento de recolección de datos fue entrevistas semiestructuradas. Los resultados analizados mostraron que, en el ámbito de las escuelas encuestadas, existe una deficiencia significativa en los mecanismos que garantizan la autonomía, como las asociaciones de la comunidad escolar y el proyecto político-pedagógico. La transferencia de recursos financieros por parte del municipio se configura como el principal obstáculo en el trabajo de los directores. A pesar de las dificultades para ejercer la función, los sujetos de investigación consideraron relevante garantizar la autonomía en la gestión escolar dirigida a democratizar la escuela.

**Palabras-clave:** Autonomía, dirección, gestión democrática.

### **Abstract**

The present investigation carried out an understanding of autonomy in school management in the pedagogical, administrative and financial dimension, based on the performance of directors of the municipal public network of São Mateus in the State of Espírito Santo. For a better understanding of the research, the theme of autonomy in school management was approached in the light of authors, such as:

Paro (2012), Lück (2012) and Barroso (1996), Neves (1995) and Veiga (1995). This is an ethnographic research, with a qualitative approach, carried out with seven directors of Elementary Education from the municipal school system, it is an excerpt from a dissertation. The data collection instrument was semi-structured interviews. The results analyzed showed that, within the scope of the schools surveyed, there is a significant deficiency in the mechanisms that guarantee autonomy, such as the school community associations and the political-pedagogical project. The transfer of financial resources by the municipality is configured as the main obstacle in the work of the directors. Despite the difficulties in exercising this function, the research subjects considered it relevant to ensure autonomy in school management aimed at democratizing schools.

**Keywords:** Autonomy, direction, democratic management

## **Introdução**

As transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo passaram a exigir uma sociedade gerida por princípios democráticos. Desde o movimento dos Pioneiros em 1932<sup>3</sup> até a Declaração de

Jomtien<sup>4</sup> de 1990, houve o fortalecimento para que a educação fosse um direito de todos, inclusive de pobres e

---

<sup>3</sup> O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi escrito em 1932. O documento, além de apresentar um diagnóstico da educação brasileira, propunha um modelo revolucionário para a educação do país, em que a escola fosse pública, laica, obrigatória e gratuita. São seus signatários: Antônio Carneiro de Arruda Leão, José Quirino Ribeiro, Manoel Bergstrom Lourenço Filho, Anísio Spíndola Teixeira entre outros. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1\\_22e.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf)>. Acesso em 05 de agosto de 2019.

<sup>4</sup> A declaração de Jomtien é um documento elaborado na Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada, em 1990, com a participação de 157 países. Recebeu esse nome devido a conferência ter sido realizada na cidade de Jomtien, na Tailândia, cujo principal objetivo “é satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem” de qualquer pessoa seja criança, jovem ou adulto. Constitui um dos principais documentos do mundo na

portadores de necessidade especiais. Entre os anos 80 e 90 do século XX, a globalização e o avanço tecnológico fizeram com que a educação se tornasse um caminho para que os países alcançassem êxito econômico. Para que a escola fosse eficiente e eficaz, movimentos de descentralização passaram a fazer parte das políticas educacionais, reivindicando a participação coletiva e a autonomia na gestão escolar.

Os novos paradigmas tanto para a educação quando da gestão escolar podem ser percebidas na Conferência Mundial de Educação para Todos que reuniu quatro grandes organizações internacionais: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Banco Mundial. Como resultado dessa conferência, foi elaborada a Declaração de Jomtien (1990). No Brasil, após a Declaração de Jomtien, originou-se o Plano Decenal de Educação, que estabeleceu diversas diretrizes para a educação brasileira, incluindo a gestão escolar com autonomia administrativa, pedagógica e financeira para a elaboração do projeto político-pedagógico, além de contribuir para que se projetasse a participação da comunidade local nos processos decisórios da escola.

Nesse contexto, a autonomia da gestão escolar é caracterizada como a capacidade de a escola construir sua própria identidade com fins voltados para democratização do ensino. Para que a autonomia aconteça, é relevante que em sua atividade, o diretor de escola possa discutir e decidir sobre proposta pedagógica, currículo, avaliação, calendário escolar, aplicação de recursos financeiros, formação docente, temas pertinentes para alunos, professores e família. Dessa forma,

---

área educacional. Disponível em:  
<<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre-educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>>. Acesso em 05 de agosto de 2019.

passa a direção da escola a trabalhar numa perspectiva de gestão compartilhada com caráter descentralizador, com fins voltados para a qualidade do ensino.

As reflexões sobre a autonomia na gestão escolar, no Brasil, tornaram-se evidentes com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, em que no Art. 206 definiu o ensino norteado por “gestão democrática do ensino público”. Para tanto, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, no seu Art. 15, assegurou às unidades de ensino “progressivos graus de autonomia pedagógica e administrativa e financeira”. Por conseguinte, estabeleceu-se o entendimento de que a autonomia na gestão escolar não deva ser algo dado ou imposto e sim, como afirma Barroso (1996), construída por todos os elementos da comunidade escolar.

A autonomia na gestão escolar tornou-se essencial para garantir a gestão democrática. Embora autonomia na gestão e gestão democrática não sejam e não tenham o mesmo significado, os objetivos de ambas são análogos. A primeira exige que a escola descentralize suas funções numa relação de corresponsabilidade de toda a comunidade escolar, cuja finalidade, em última instância, seria obter bons resultados e assim a possibilidade da gestão democrática. A segunda encontra-se centrada em atividades em que se pratiquem ações coletivas, objetivando uma maior participação de todos os atores do processo da educação, e consequentemente garantindo a aprendizagem dos alunos.

A LDB (1996) tratou, pela primeira vez, dos temas “gestão democrática e a autonomia”, prevendo as seguintes atribuições aos estabelecimentos de ensino:

Elaborar e executar sua proposta pedagógica; administrar seu pessoal e seus recursos materiais e financeiros; assegurar o cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas; velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente; prover meios para a recuperação de alunos de menor rendimento; articular-se com as famílias e a comunidade,

criando processos de integração da sociedade com a escola; informar os pais e responsáveis sobre a frequência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica” (BRASIL, Art. 12, Incisos I a VII).

Portanto, foi definido que cabe ao diretor escolar zelar pelo trabalho dos profissionais, as ideias e a filosofia da instituição de ensino. Compete, ainda, gerir recursos como salas de aula, laboratórios, equipamentos, livros, entre outros. Para Vieira (2009), a principal tarefa da escola é zelar pela aprendizagem dos alunos, sendo essa a razão da sua existência. De acordo com a LDB (1996), entre as atribuições de um diretor de escola, estaria a incumbência de “velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente” (Insc. III), “cumprimento dos dias letivos e horas-aula estabelecidas” (Insc. IV) e “prover meios de recuperação para alunos de menor rendimento” (Insc. V), sendo essas atividades a essência da proposta pedagógica.

Para a conquista da autonomia, o perfil do diretor é essencial, já que esse profissional será líder dessa complexa atividade. Diretores autoritários, que não sabem ouvir os anseios de sua comunidade, que se isolam em salas envolvidas apenas em atividades administrativas e financeiras, perdem apoio da comunidade escolar e da comunidade geral. Paro (2012) sinaliza os esforços para garantir autonomia na escola, sendo necessário descentralizar, delegar funções e dividir poder.

Para a concretização da autonomia, de acordo com Lück (2011, p. 107), “[...] é importante o entendimento pelos participantes da escola dos vários desdobramentos e conceitos e significados relacionados ao processo”. Alguns princípios auxiliam nos bons processos de gestão: a) a visão proativa e otimista é essencial para alcançar os objetivos e ela deve estar presente no coração da equipe, mesmo nas maiores adversidades; b) a transparência administrativa, pedagógica e financeira deve ser algo natural no cotidiano escolar; c) a

liderança do gestor serve para mobilizar pessoas na construção do projeto político-pedagógico. Defronta-se o tempo todo com opiniões divergentes e caso esse profissional não saiba conduzir as ideias para que atinjam as metas, o clima escolar ficará comprometido e desestabilizará a gestão. Um clima ruim, com conversas paralelas e fofocas fragilizam o ambiente escolar e a gestão democrática.

Para adquirir credibilidade da comunidade, é necessário que a escola atenda aos anseios daqueles que desfrutam dos serviços educacionais. O colegiado deve reunir-se e colocar em prática as ideias discutidas. As sugestões não podem ficar apenas no papel. Uma gestão participativa torna-se instrumento de resistência à exclusão social. Nesse contexto, crianças e jovens são seres humanos dotados de sonhos e projetos e não mercadoria para o mundo do trabalho.

Essa pesquisa busca evidenciar a realidade vivenciada pelos diretores escolares de São Mateus no que tange ao exercício da autonomia pedagógica, administrativa e financeira, uma vez que essa autonomia é imprescindível para o processo de democratização da escola, concordando com Barroso (1996, p. 17), quando este atribui um conceito relacional de autonomia. Segundo o referido autor, “Somos sempre autônomos de alguém ou de alguma coisa”. Autonomia não é a liberdade de se fazer o que quer. Como diz o ditado popular: “Liberdade sem responsabilidade é libertinagem”.

A autonomia ocorre quando a comunidade escolar consegue construir políticas educacionais no chão da escola. Com isso, edificará a sua própria identidade como instituição escolar. Essa prática pode ser verificada nas propostas pedagógicas, regimento interno, plano de trabalho e atuação do Conselho Escolar.

Nesse contexto, significa delegar ao diretor e demais profissionais da escola a possibilidade de dar respostas ao aluno e sua família, em vez de encaminhá-lo para uma secretaria de educação (VEIGA, 1995). A autonomia permite a

formação de sujeitos críticos e participativos da sociedade. Gadotti (1995) destaca que a “[...] luta pela autonomia da escola insere-se numa luta maior pela autonomia no seio da própria sociedade”. Não é fácil a escola se autogovernar e resolver seus problemas. É “[...] uma luta dentro do instituído, contra o instituído, para instituir outra coisa” (GADOTTI, 1995, p. 202).

O diretor que atua com princípios democráticos desempenha sua liderança para a democratização da escola. Responsável, descentraliza as atividades e trabalha em rede, desenvolvendo na equipe o sentimento de pertencimento e a responsabilidade com a aprendizagem do aluno. Esse profissional da educação opera com compromisso e equilíbrio a gestão pedagógica, administrativa, financeira, política e comunitária. Tem iniciativa e visão de futuro. Convergindo, Paro (2012) explica que o diretor deve ter uma visão crítica do processo de administração escolar, além disso, conhecimento da sociedade capitalista. “A gestão escolar precisa ser entendida no âmbito da sociedade política comprometida com a própria transformação social” (PARO, 2012, p. 149).

Dalmas (1994), ao abordar o clima na escola, evidencia que o diretor de escola deve liderar para manter a harmonia do ambiente escolar e respeito pelo outro. Sem isso, não é possível a construção de nenhum projeto pedagógico. Segundo Lück, numa entrevista dada ao Portal do Professor em 2008, “a escola tem a cara do diretor”, o diretor escolar, é ele “[...] o responsável pela liderança, organização, monitoramento e avaliação de tudo que acontece na escola” (BRASIL, 2008).

O papel do Gestor escolar é relevante para garantir uma escola eficaz. Ao longo dos anos, o antigo diretor de escola, que tinha como função atividades meramente administrativas, na modernidade, é exigido desse profissional inúmeras competências. Ele deve ter a capacidade de se relacionar com todos os segmentos da escola, numa gestão colaborativa, baseada em metas a serem alcançadas por todos

os integrantes da comunidade escolar. Nessa perspectiva, pais, alunos e funcionários participam dos processos democráticos da escola. Cabe ao diretor liderar esses processos e garantir a aprendizagem dos alunos.

Objetivou-se com esta pesquisa compreender a autonomia na gestão escolar da rede pública municipal de ensino de São Mateus-ES, na atualidade. Participaram da investigação sete diretores voluntários de diferentes regiões do município de São Mateus-ES. Para preservarem sua identidade, as escolas receberam nome dos seguintes pássaros: Bem-te-vi, Canarinho, Andorinha, Colibri, Uirapuru, Sabiá e Araçari.

### **Apresentação e discussão dos dados**

Durante o período de realização da pesquisa nas unidades foi possível verificar o cotidiano escolar e como o diretor organiza os espaços, o tempo e as pessoas para garantir uma autonomia construída, aproximando-se do que preconizam alguns teóricos como Barroso (1996) e Gadotti (1995).

As reflexões da análise dos resultados sustentam que a autonomia na gestão escolar é criada a partir da interação entre os diferentes sujeitos que compõem a escola. A participação e a partilha de poder são necessárias para uma gestão que atua com princípios democráticos e tem como prioridade o ensino-aprendizagem dos alunos.

De acordo com Barroso (1996), há uma autonomia decretada e uma autonomia construída. A decretada refere-se aos órgãos centrais que concedem menor ou maior grau de autonomia à escola, enquanto a construída é tecida nas relações do cotidiano escolar através da participação coletiva da comunidade no processo de construção da gestão democrática. Todos os entrevistados compreendem os dois tipos de autonomia e entendem que a autonomia construída é ideal para o processo de democratização da escola.

Portanto, para melhor compreensão do leitor, descreveu-se os relatos de diretores, registrados no desenvolvimento da pesquisa:

Autonomia é você poder gerenciar não só a parte financeira da escola, mas você juntamente com sua equipe tomar decisões pedagógicas junto com a comunidade. Autonomia é você traçar metas e você saber como alcançá-las, qual é seu papel dentro do processo. Na autonomia, não se pode esquecer a parte política que envolve também o nosso cargo. Autonomia é ampla demais, e o diretor tem esse papel de articulador, dentro da comunidade, e isso por si só já é muita coisa para melhoria e avanço da educação (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

Isso apenas reforça o conceito de Lück (2012) sobre autonomia. A escola não é autossuficiente que não necessite de um governo. Ela, como instituição social, é organizada por uma sociedade e orientada por organismos sociais “[...] que detêm esse estatuto, ao mesmo tempo em que se articula com sua comunidade local, de modo a desempenhar sua missão adequadamente” (Lück, 2012, p. 21). Uma forma para que isso ocorra é a descentralização, em que a Secretaria de Educação se torna menos presente nas resoluções diárias e se torna um órgão de apoio às escolas. É possível identificar, no relato dos diretores, preocupação com a Secretaria de Educação no sentido de apoio e também de participação:

Autonomia dá uma sensação de liberdade, lembrando que o que você fizer, você assume. A gente tem esse trabalho na direção. Apesar, que, às vezes acho que a gente está sempre só, com a secretaria de educação por trás. Na verdade, a autonomia acontece aqui mesmo, no chão da escola (DIRETORA DA ESCOLA ARAÇARI).

[...] em relação à secretaria de educação temos algumas dificuldades sobre autonomia como, por exemplo, o calendário escolar que não podemos mudar um dia e pronto!

Não adianta questionar! (DIRETORA DA ESCOLA UIRAPURU).

Quanto à questão das normas e decretos advindos da Secretaria de Educação, as opiniões são diferentes entre os entrevistados. Alguns entendem ser esse o papel do órgão educacional, que por ser um sistema de ensino, encontra suporte no Conselho Municipal de Educação. Outros compreendem que esses decretos interferem na autonomia da escola, visto que alguns são de “cima para baixo”, em que o diretor apenas aceita e não participa do processo de construção.

Tudo que é organizado existe normas. As regras são necessárias para organização da escola. Não acho que atrapalha até mesmo que a maioria dos decretos é discutida no Conselho de Educação que tem representante de cada segmento da educação (DIRETORA DA ESCOLA BEM-TE-VI).

Eu acredito que dependendo do Decreto dificulta sim porque não há uma discussão com a base juntamente com os gestores. Por exemplo, sai um decreto reduzindo a carga horária de um professor. É uma lei de cima para baixo. Não temos autonomia para reivindicar a necessidade pedagógica para essa atividade e temos que obedecer a secretaria de educação e a administração (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

Ainda sobre a concepção de autonomia, Lück (2012) esclarece que ela amplia os espaços de decisão para fortalecer a escola como organização social que se preocupa com a sociedade e a aprendizagem significativa<sup>5</sup>, portanto um decreto

---

<sup>5</sup> Aprendizagem significativa aqui pode ser compreendida como aquela na qual o aluno tenha eficácia na aprendizagem ofertada pela escola, ou melhor, que os objetivos traçados inicialmente sejam efetivamente

vindo de cima para baixo somente dificultará o exercício da autonomia quando a decisão não for coletiva. A autonomia assim como a democracia não é estabelecida por decreto, mas sim por participação e vontade de uma comunidade escolar. As leis e os decretos auxiliam a autonomia na gestão escolar, eles não podem ser entraves ou até instrumentos de constrangimento para o diretor.

A autonomia tem que ser garantida no dia a dia no trabalho do diretor, caso contrário esse profissional será apenas um guardião, um gerente de operações de órgãos centrais, com o papel de repassar informações, controlar e dirigir a rotina da escola segundo as normas da entidade mantenedora. Gadotti (1995, p. 40) frisa que “[...] a autonomia não pode estar apenas atrelada à situação de mando de órgãos superiores”.

Os diretores, ao serem questionados sobre as dificuldades cotidianas no exercício da autonomia, grande parte ancoraram os problemas tendo origem na Secretaria de Educação, como burocracia com a prestação de contas, a aceitação de decretos para garantir o funcionamento da escola e a falta de profissionais que pudessem atender à necessidade da escola:

A prestação de contas é um entrave no meu dia-a-dia. É onde mais me desgasto. Não vejo sentido em muita coisa. Primeiro não temos um contador para nos orientar. Depois vêm as questões meramente burocráticas que você precisa cumprir e não prova nada e só dificulta o seu cotidiano em que você emprega muito tempo. Por exemplo, temos que ter foto de cada item. Eu não sei em que decreto está escrito isso, só sei que me vejo atolada em coisas da prestação de contas que a meu ver não tem sentido e não existem em escolas do estado (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

---

alcançados. Nessa perspectiva, o professor deve ter um olhar atento para sua *práxis* pedagógica. Nesta ótica, a escola é vista como espaço no desenvolvimento de competências e habilidades.

No caso o gestor, como não existe a função de gestor, ele é um cargo de confiança, a gente tem que ter um pouco de bom senso e de política e entendemos que temos uma hierarquia. Podemos ter até opinião contrária e tentamos dialogar, mas acabamos por aceitar decretos e imposições de cargos superiores pela preocupação, a responsabilidade que temos com a gestão escolar e garantir na base o funcionamento da escola (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

É importante destacar que as entidades mantenedoras devem empregar energia para acompanhar os movimentos da educação que, independente de nomeação do cargo de diretor, a modernidade exige diretores que valorizem o ser humano, o exercício da democracia e a participação coletiva. Lück (2012) esclarece que tanto as escolas como os sistemas de ensino têm que acompanhar as mudanças sociais, e as escolas devem ter condições de funcionamento. Segundo Paro, o diretor (2012, p. 12) deve ficar atento no sentido que a gestão da escola não busque “[...] os interesses dos dominantes em oposição dos interesses dos dominados; e confere uma aparência de poder ao diretor que em nada corresponde à realidade concreta”.

Por exemplo, numa das escolas, o problema era a quantidade de serventes insuficiente para a limpeza, visto que a diretora não tinha autonomia de contratação e havia sete meses que aguardava providências do município. Noutra instituição, havia uma única servidora para limpar dez salas de aula, área administrativa, banheiros e pátio em três turnos de funcionamento. Ambas as diretoras afirmaram que fizeram o possível, como solicitação por ofício e conversa com os órgãos competentes, sem surtir efeito.

Hoje a minha dificuldade é com o funcionário de apoio escolar. Hoje eu não tenho problema com professor, não tenho problema com pai, mas essa falta de estrutura! Você não tem uma ASG para limpar a sala. Eu tenho 19 turmas de manhã, 19 turmas a tarde e 6 turmas à noite e não tem merendeira à noite. Você fica numa faca de dois gumes, o

aluno te encontra e pergunta “cadê nossa merenda?”. Eu tenho merenda e não tenho merendeira para fazer. Eu tenho material de limpeza e não tenho quem limpar. Por mais que você convide os pais, à estrutura tem que oferecer. (...) tenho 6 ASG´s e 2 pessoas na cozinha. A escola já teve 16 ASG's. (...) esse é meu maior entrave para ter uma boa autonomia para que tudo funcione. ASG hoje é ouro! (DIRETORA DA ESCOLA COLIBRI).

Autonomia também é isso, você ser o diretor da escola, você não pode ser democrático em tudo porque aí não acaba atingido o que precisa. Você não vai impor, mas tem coisa que tem que fazer (DIRETORA DA ESCOLA COLIBRI).

Nas dimensões das autonomias pedagógica, financeira e administrativa, todos os diretores demonstram algum conhecimento sobre o assunto. Paro (2012) esclarece que numa comunidade escolar, o diretor é visto como o responsável último pela escola. A diretora da Escola Canarinho ilustra como desenvolve suas atividades nas três dimensões. Elas não se separam, mas se complementam, embora o diretor se identifique com uma especificamente. Teixeira (1968, p. 14) elucida: “[...] alguns, em casos raros, serão excelentes nas três funções”. Corroborando com a discussão, a diretora da Escola Canarinho salienta que:

Eu sou muito pedagógica. Se eu tivesse que dizer das três qual o mais me destaco, eu acho que é o pedagógico.[...] Eu acho que o segredo da coisa é a gente está junto mesmo. A gente precisa passar olho em tudo (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

Ao relatarem sobre a maior dificuldade no exercício da autonomia, dos sete diretores entrevistados, cinco responderam financeira, uma administrativa e uma, pedagógica. Na autonomia financeira, explicaram que a falta de recurso, desde ano de 2015, não é suficiente para garantir às necessidades da escola. Comumente precisam completar as despesas com recursos oriundos de cantina, festa e rifas. A

diretora da Escola Sabiá questiona a função do diretor em gerir recursos para manter a escola, criando uma empresa dentro de uma instituição pública, e considera essa prática irregular, no entanto necessária:

Em cada autonomia você tem um pouco de dificuldade. Na financeira, os recursos estão muito escassos, a escola quase que entende como uma empresa. Nós temos os recursos federais e municipais. Eles não chegam em tempo hábil. Talvez seja um grande desafio. Quando chega, há muitas demandas que precisam ser sanadas. Hoje se quebra um cano, eu preciso traçar uma estratégia para consertar aquele cano porque a previsão do recurso é no final de setembro. Essa autonomia financeira, dentro da EMEF, nós temos outra coisa que é cantina. Aí você tem que gerar uma empresa dentro de uma instituição pública, é um caixa 2 que tem que ser muito transparente com os pais, professores e associação (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

A burocracia também é um entrave para o exercício da autonomia, e ela pode servir de controle da Secretaria de Educação. São mapas de carga-horária, mapa de merenda, prestações de contas detalhadas, informações repetidas que consomem tempo do diretor e o faz desviar da autonomia pedagógica. O trabalho fica exaustivo e muito tempo é dedicado a atividades de controle da Secretaria de Educação com documentação a ser entregue com prazos definidos. Além das atividades administrativas que lhe sugam o tempo, tem que gerenciar os poucos recursos financeiros disponíveis:

Eu não consigo entender na minha santa ignorância o mapa de carga horária. [...] você perde um tempão fazendo mapa de carga horária, as regras mudam conforme o ano e as pessoas que fazem a correção (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

Apenas uma entrevistada relatou dificuldade na parte pedagógica, destacando ser essa a principal função do diretor:

Alguns momentos, a gente apresenta mais dificuldade com a pedagógica porque aqui na escola a gente costuma dizer que o pedagógico, é o que dá nome para gente (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

Os depoimentos dos diretores também evidenciam a prática de tomar suas decisões através de consulta principalmente a servidores.

Eu gosto muito disso, geralmente quando volto de uma reunião de diretores, eu converso sobre assuntos de interesse da categoria. Eu sou muito de conversar e falar o que estou fazendo (...) teve um dia que o Secretário disse que tinha um dinheiro para gastar na escola. Os funcionários decidiram pelas janelas e agora todas as janelas serão trocadas porque está precisando mesmo (DIRETORA DA ESCOLA BEM-TE-VI).

Quanto à participação dos pais nos processos decisórios da escola, a fala dos entrevistados releva um desafio para a maior parte das instituições, em que as famílias não participam dos processos decisórios da escola: “Aqui os pais não são muito acostumados a participar de reunião, estamos fazendo esse resgate” (DIRETORA DA ESCOLA COLIBRI). Os diretores sentem dificuldade em trazer os pais para as reuniões de rotina para tratar de assuntos de interesse da maioria.

Marquei uma reunião de pais [...], de 250 apareceram em torno de 50, isso à noite. Numa da bolsa família que pensei que ia bombar, de 100 apareceram 40 (DIRETORA DA ESCOLA ARAÇARI).

Apenas na fala de duas diretoras, percebemos a participação dos pais. Na escola Andorinha, a família é essencial para construção tanto da filosofia da escola quanto para concretização das autonomias.

Nós temos uma relação escola, família e comunidade uma colheita perfeita. Por exemplo, nesse fim de semana, haverá um leilão em benefício a um morador que está doente. As

lideranças perguntam o que a escola pode contribuir. [...] em compensação quando fazemos um evento ganhamos tudo, é um ajudando o outro (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

De acordo com Libâneo (2004, p. 102), a participação é o meio fundamental para garantir a gestão democrática da escola, a participação dos pais favorece que a escola conheça seus alunos e os mais próximos a eles. “Como a autonomia, opõe-se às formas autoritárias de tomada de decisão, sua realização concreta nas instituições é a participação”.

Na Escola Sabiá, a participação da família perpassa para comunidade. Há um grupo de *WhatsApp* com lideranças que discutem projetos tanto para escola quanto da comunidade.

Aqui temos um grupo de *WhatsApp* de lideranças do bairro. Embora eu não more aqui, estou no grupo. Buscamos melhorias para a toda a comunidade, não apenas para a escola (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

O diretor ter conhecimento de sua comunidade também é importante para a garantia da autonomia na gestão escolar, principalmente que muitos profissionais da escola residem em outras comunidades com realidade completamente diferente da escola. O fato de conhecer essa comunidade e trazê-la para a escola já é um grande avanço. Quanto à participação efetiva do diretor na busca de melhorias de condições de vida para a população em torno da escola, significa obter respeito que vai além da função do cargo, como o caso da diretora da Escola Sabiá, mesmo não sendo da comunidade, consegue adentrar-se no bairro, inclusive nos locais de alto risco de vida, devido a criminalidade.

A autonomia do diretor em buscar a participação da comunidade contribui para a gestão democrática e melhoria da qualidade do ensino. Dessa forma, não apenas as famílias como toda a comunidade escolar pode entender como funciona melhor a escola e “[...] conhecer com mais

profundidade todos os que nela estudam e trabalham, intensificar seu envolvimento com ela e, assim, acompanhar melhor a educação ali oferecida” (GADOTTI, 1995, p. 16).

Ao serem questionados sobre a influência de partidos políticos na gestão, até mesmo por serem cargos comissionados, todos responderam que não permitem políticos usarem do espaço escolar para se promoverem, embora alguns recorram a políticos para indicação em projetos de obras de infraestrutura para a escola:

A política é uma coisa que não tem como você não está. (...) aqui na escola já vivemos muitas situações políticas, querendo ou não, você tem um envolvimento político na comunidade. Já tive situações que recorri a políticos para indicação de obras de infraestrutura para escola. (...). Penso que eles existem para pensar no bem-estar da população. Agora usar da escola para promoção política, isso não condiz com a proposta da escola e eu não permito (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

Não me envolvo. Não permito. Isso está bem claro para os políticos e existe um distanciamento deles da escola (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

Desde a Ação de Inconstitucionalidade que julgou ilegal a eleição de diretor em São Mateus, o cargo tem sido de livre nomeação e exoneração do executivo. À luz de autores como Paro (2012) e Almeida (2001), há uma preocupação nos cargos indicados visto que pode comprometer a participação coletiva e a autonomia da escola, em que os diretores não passam de representantes do executivo. “A indicação pura e simples do diretor escolar encerra uma dimensão antidemocrática, trata-se de uma restrição da participação [...]” (Paro apud ALMEIDA, 2001, p. 110). Gadotti (2000, p. 51) entende que

“[...] o tipo de vínculo com a comunidade escolar se altera, dependendo da forma como ele é escolhido”. Paro (2001) defende a eleição para o cargo como melhor forma para o processo de democratização da gestão escolar. Entretanto, todos os diretores entrevistados afirmaram que não sofreram influências de partidos políticos, incluindo o executivo, e têm autonomia para promover uma gestão participativa.

A autonomia é um instrumento para as relações com a comunidade e as famílias. Em duas escolas localizadas em periferia com alto risco de vulnerabilidade social, numa a participação das famílias faz parte do cotidiano da escola, na outra, eles encaminham seus filhos à instituição apenas para obter frequência para receber o Bolsa-Família. Trazer os pais para a escola com compromisso de ajudar nas ações é papel preponderante do diretor escolar que deve decidir com seus professores qual o melhor caminho a ser trilhado para garantir a participação dos pais.

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola, e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente (BRASIL, 2004, apud, FREIRE, p. 9).

Nessa perspectiva, o exercício da autonomia para garantir a participação democrática não se dá espontaneamente, é uma conquista da escola que tem como principal líder o diretor, que deve apoderar-se de mecanismos institucionais que incentivem práticas participativas na escola. Isso reflete também nas relações com a própria comunidade escolar

Agora estou com problema com a quadra comunitária que não tem entrada (...) o portão não pode ser fechado que eles derrubam (...). Aqui à noite, eles usam o espaço da quadra para fumar, para usar *crack* e até para relações sexuais. Fora

isso, eles respeitam o espaço da escola (DIRETORA DA ESCOLA ARAÇARI).

É responsabilidade da escola incentivar e criar oportunidades para que as famílias participem da gestão, embora seja uma atividade desafiadora para o diretor. Paro (2001, p. 4) explica que isso não quer dizer apenas os pais comparecerem à escola para prestar algum tipo de ajuda. “É claro que a realização desse trabalho deverá implicar a ida dos pais à escola e seu envolvimento em atividades com as quais eles não estão costumeiramente comprometidos”. Isso significa também a participação nos processos decisórios da escola, incluindo participação nos colegiados, no regimento interno e no projeto político-pedagógico.

No contexto da escola, a concretização da autonomia financeira, pedagógica e administrativa permite que os diversos segmentos da comunidade escolar direcionem o seu projeto político-pedagógico. Veiga (1995, p. 12) elucida que é fundamental que a escola “[...] assuma suas responsabilidades, sem esperar que as esferas administrativas superiores tomem essa iniciativa [...]”

### **O Projeto político-pedagógico**

Para a construção de emancipação da escola, faz-se indispensável a elaboração do projeto político-pedagógico, “[...] a produção de um grande documento, fruto de discussão e do consenso entre todos os trabalhadores da escola acerca do futuro pretendido para a instituição e seus atores” (JÚNIOR, 2002, p. 206). É essencial que o diretor escolar lidere a construção desse documento tão importante que imprime a identidade da escola e viabilize a maior participação possível nos processos de decisão da escola. É ele “[...] que propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania” (VEIGA, 1995, p. 13).

Considerando o depoimento dos diretores da rede municipal de São Mateus, percebe-se que poucas escolas têm dado relevância à importância na construção e na revisão constante desse documento que organiza a escola como um todo que, além de conceder autonomia, identifica uma gestão democrática comprometida com a classe trabalhadora, como preceitua Paro (2017). A maior parte dos projetos político-pedagógicos estão na parte inicial.

O projeto político pedagógico existe, está incompleto, teve início em 2007. Há vários registros da escola de iniciação do documento. São reuniões registradas em ata que inclusive apontam as teorias que a escola segue. Estamos tentando alavancar com diagnóstico, passamos um dia de estudo conversando com os professores sobre o diagnóstico. Agora estamos na fase de tabulação de dados. Acredito que até o fim do ano, a gente consiga fazer pelo menos o diagnóstico do PPP (DIRETORA DA ESCOLA UIRAPURU).

É através do projeto político-pedagógico que a comunidade escolar consegue se organizar diante de sua realidade. “Nesta caminhada, será importante ressaltar que o projeto político-pedagógico busca a organização do trabalho pedagógico da escola em sua globalidade” (VEIGA, 1995, p. 14). Na prática, o diretor liderar para uma gestão autônoma e democrática é um grande desafio. Paro (2012, p. 25) diz que: “Não pode haver democracia plena sem pessoas democráticas para exercê-las”.

Se o projeto político-pedagógico se caracteriza como a identidade da escola (VEIGA, 1995), nas entrevistas, percebemos projetos descontextualizados que não condizem com a realidade da escola, nem é fruto de decisões coletivas:

Nós não tínhamos um diagnóstico e ficamos perguntando assim: como um PPP não tem um diagnóstico da escola e não aponta nenhum tipo de problema, como se não existisse um desafio aqui dentro? (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

A autonomia abre caminho para uma gestão transparente, e o papel do diretor é mediar a participação coletiva da comunidade na construção do projeto político-pedagógico. Veiga (1995) explica que ele não é apenas um documento burocrático que é encaminhado às autoridades competentes, e depois arquivado, muito menos pode ser copiado de outra instituição: “O PPP, na leitura por várias vezes, aparecia o nome de outra escola” (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO). A elaboração desse instrumento indica “[...] resgatar a escola como espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva” (VEIGA, 1995, p. 14). Esse documento pode ser um instrumento de luta em que a escola tem autonomia para organizar o trabalho pedagógico, contrapondo-se aos efeitos do poder autoritário de governo (VEIGA, 1995).

Vivenciar a autonomia através da construção do projeto político-pedagógico é uma ação relevante para qualquer escola pública, pois possibilita que as atividades sejam planejadas numa visão coletiva, em vez de a escola ser submissa aos órgãos educacionais superiores, mesmo dependente das normatizações e leis educacionais. Não obstante, há escolas que não reconhecem em suas ações o importante instrumento de autonomia na gestão escolar, como releva o depoimento da diretora da Escola Araçari:

Nós temos um PPP de 2015, na época, foi feito por uma antiga diretora, acredito que ela fez com os professores (...). Esse ano, ficamos muito atentos à missão, a visão e os valores. Se realmente era aquilo e se atendemos a nossa clientela. Agora estamos reestruturando e fazendo toda mudança necessária (DIRETORA DA ESCOLA ARAÇARI).

A partir da entrevista com a diretora, verificou-se que ela tem pouco conhecimento da construção do projeto político-pedagógico, visto que não sabe se ele é fruto de uma participação coletiva. A revisão também se encontra comprometida, a equipe não conseguiu avançar visto que se

encontra na parte inicial. Se o projeto político-pedagógico indica todo o trabalho pedagógico e de que maneira chegar a resultados para garantir a aprendizagem do aluno, podemos dizer que uma escola sem esse documento se encontra com sua identidade comprometida. Também é necessária a relação contratual: “[...] o projeto deve ser aceito por todos os envolvidos, daí a importância de que seja elaborado participativa e democraticamente” (NEVES, 1995, p. 110).

Nas entrevistas, apenas dois diretores indicaram que lideraram a construção desses instrumentos, aproximando-se de teóricos como Paro (2017), Veiga (1995) e Neves (1995):

A escola tem uma proposta pedagógica desde 2007 e a cada dois anos, ela é atualizada. Esse ano nós estamos atualizando novamente. Já tivemos dois encontros e começamos pela leitura da proposta nos três turnos. Estamos reestruturando a parte administrativa do histórico da escola acrescentando a atualidade. Estamos elaborando o perfil do nosso alunado, quem é esse aluno? Em que bairro reside? Procurando entender um pouco as razões de termos alunos da comunidade e em torno da comunidade. A gente tenta trazer um pouco dessa diversidade da realidade que chegou até nós. Temos famílias que conseguiram uma casa lá no bairro Village e optaram em não retirar o filho da escola. Procuramos através do diagnóstico, entender a realidade de nosso público. Alguns dados, retiramos do censo e do questionário do Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo - PAEBES. Para concluir, encaminhamos um questionário sociocultural e político para as famílias. Já foram devolvidos e estão sendo tabulados. Dentro da proposta, percebemos duas outras situações. Fizemos uma avaliação do currículo e percebemos que tem que ser adaptado à BNCC e a proposta da Secretaria de Educação (...). Verificamos que os 3º, 6º e 7º anos são os nossos maiores desafios. Aqui os pais saem para a colheita de pimenta e café em abril, depois retornam, mas o trabalho já quebrou. Os alunos de 3º ano faltam muito e os pais deixam

os filhos por qualquer coisa em casa (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

O projeto político-pedagógico exige que a escola tenha uma definição da qualidade de ensino que se pretende alcançar. Nesse sentido, é necessário o conhecimento da realidade escolar, sendo o ponto de partida para as demais ações, como explica a diretora da Escola Sabiá, que através do diagnóstico está se traçando um perfil da comunidade, pois mesmo as famílias mudando de bairro, os filhos permanecem estudando na escola. A gestora, também, identifica os desafios da escola e as turmas críticas que exigem maior cuidado para alcançar a aprendizagem do aluno. Ratificando, Veiga (1995) evidencia que o projeto político-pedagógico delinea a identidade da escola, e ela deve ser construída no chão da escola, ou seja, considerando a sua realidade e seu contexto.

Essa identidade que o projeto político-pedagógico imprime na escola, é possível verificar na Escola Andorinha. Ao adentrar a instituição, percebemos a atuação coletiva, presente nos murais, nas reuniões com os professores, na sala de aula e na entrevista com a diretora:

A escola tem um projeto político-pedagógico em construção e esse ano já fizemos a revisão. Na nossa metodologia todo ano ele é reformulado porque o plano de estudo do tema gerador é de acordo com as necessidades da comunidade e da escola. Sempre há uma mudança de um ano para o outro (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

A construção do projeto político-pedagógico, de acordo com Veiga (1995), necessita de continuidade de ações e, para tal, é preciso uma revisão constante num processo de avaliação do cotidiano, para que venha atender à realidade da escola. Lück (2012, p. 128) acrescenta que “[...] pela construção da autonomia, os profissionais da escola desenvolvem maior sentido de competência, e leva o seu valor profissional e ganha

uma dimensão de maior importância social”. São características do projeto político-pedagógico da Escola Andorinha, considerando a observação e a entrevista da diretora, a participação coletiva, a divisão de tarefas, o planejamento e a avaliação das ações:

O nosso PPP dentro da metodologia de alternância, temos a auto-organização com uma diversidade de comissões que permitem a participação coletiva. A comissão de mística é a essência do sentimento do valor da comunidade do campo e da solidariedade (...). Temos a comissão de decoração, a comissão de disciplina que permite a participação dos alunos (...). A indisciplina da escola é muito baixa porque existe um trabalho internamente de responsabilidade com aluno e o nosso e ele é visto ainda como aluno quando sai da escola pois a vida dele dá continuidade na família (...). Temos 9 comissões que se reúnem a cada 15 dias em plenária para avaliação da realidade da escola (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

São sete princípios básicos de acordo com Veiga (1995) que devem fazer parte do projeto político-pedagógico: as finalidades da escola, a estrutura organizacional, o currículo, o tempo escolar, o processo de decisão, as relações de trabalho e avaliação. Esses princípios fazem parte do cotidiano da Escola Andorinha, numa perspectiva de uma proposta pedagógica vivenciada pela escola:

Na nossa proposta a escola é dividida em três setores: agropesca, pedagógico e o administrativo. Cada setor tem a presença de professores e um integrante da AEC. O setor pedagógico é coordenado pelas pedagogas (...). Já é prevista no nosso PPP uma reunião semanal dos setores, geralmente ocorre na sexta-feira a tarde. Cada setor faz uma pauta para discutir e planejar a semana (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

O diretor escolar, como líder na construção do projeto político-pedagógico, pode fazer uso de instrumento para

construção de uma escola autônoma com identidade própria, considerando suas especificidades, mobilizando toda a comunidade na participação e entendimento da importância desse documento ou cruzar os braços, aceitar que a gestão seja de cima para baixo. Paro (2012) alerta que o diretor não deve abrir mão de sua função transformadora e emancipadora para servir aos interesses da classe dominante.

Uma gestão autônoma fundada numa concepção pedagógica possui um Regimento Escolar fruto de participação coletiva, documento que é uma extensão do projeto político-pedagógico e normatiza a organização administrativa, didático pedagógico e disciplinar da escola. Neves (1995), explica que o projeto político-pedagógico deve contemplar três eixos: administrativo, pedagógico e financeiro. O regimento interno faz parte do eixo administrativo, refere-se ao controle normativo-burocrático. [...] esses controles podem ser internos ou a própria escola estabelecê-los ou externos vindo do sistema (NEVES, 1995, p. 102). Ao serem questionados sobre o regimento interno, apenas uma escola respondeu ter esse documento:

As escolas comunitárias além de ter o regimento interno do município, tem o regimento específico das escolas comunitárias. Ele tem quase 10 anos e já levamos esse ano uma proposta de alteração para a Secretaria de Educação. Fazemos sempre a revisão. São três assembleias durante o ano que as famílias participam: um no início do ano, outra no meio e uma no final. Todas as propostas passam por essas assembleias que podem ser ou não aprovadas (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

A maioria das escolas abre mão do regimento interno e prefere seguir Regimento da Rede Municipal de São Mateus, optando pelas normas de convivência, registradas num documento específico, com aprovação da Associação Escola

Comunidade – AEC ou apenas vivenciada pela comunidade escolar sem registro formal:

Aqui não temos nada escrito, mas temos normas de convivência sim. Toda vez que decidimos algumas regras converso sempre com a equipe e os professores (DIRETORA DA ESCOLA BEM-TE-VI).

Para a democratização da escola pública, é importante ressaltar que o poder de decisão não pode ser apenas do diretor, porque o que deve prevalecer são as decisões coletivas. Gadotti (1995) explica que essa luta para garantir a autonomia depende muito da ousadia de cada escola “[...] na capacidade dela resolver seus problemas por ela mesma, confiança na capacidade de autogovernar-se” (GADOTTI, 1995, p. 202). É preciso coragem para lidar com as ideias coletivas da comunidade escolar para que dependa cada vez menos da Secretaria de Educação. Os sujeitos, no interior da escola, não devem esperar “[...] que as decisões venham de ‘cima’, mesmo porque esta tem sido a prática das elites políticas e econômicas dominantes” (LIBÂNEO, 2004, p.102).

Mais do que tempo no calendário para horas de estudo, os profissionais da escola têm que ser convencidos dos instrumentos que garantem a autonomia da escola e a gestão democrática. Como líder, cabe ao diretor motivar e despertar na comunidade escolar o desejo de participação, deixando de ser um sujeito dependente de órgãos centrais para um sujeito atuante que decide aonde a escola quer chegar. Como mostra Paro:

O envolvimento das pessoas como sujeitos na condução das ações é apenas uma possibilidade, não uma garantia. Especialmente em sociedades com fortes marcas tradicionalistas, sem uma cultura desenvolvida de participação social, é muito difícil conseguir que os indivíduos não deleguem a outros aquilo que faz parte de sua obrigação como sujeito partícipe da ação coletiva (PARO, 2001, p. 67).

## **A Associação Escola Comunidade**

Em 2004, O MEC lançou um Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares por entender a necessidade da participação coletiva na escola. Nessa pesquisa, esse órgão colegiado é representado pela Associação Escola Comunidade (AEC), composta por representantes das comunidades escolar e local, “[...] que têm como atribuição deliberar sobre questões políticas, pedagógicas, administrativas, financeiras, no âmbito da escola” (BRASIL, 2004, p. 34).

A AEC se caracteriza por ser um instrumento para tomada de decisão em todas as dimensões da autonomia na gestão escolar: administrativa, pedagógica e financeira. Lück (2012, p. 66) explica que esse importante mecanismo de autonomia na gestão possibilita “[...] a participação de modo interativo de pais, professores, funcionários”. Na rede municipal de ensino de São Mateus, todas as escolas possuem uma AEC, e que se reúnem com regularidade, entretanto a pauta é principalmente financeira:

AEC a gente tenta se encontrar pelo menos uma vez por mês, mas geralmente está dando de dois em dois meses. Dessa forma, a gente está conseguindo sentar. Não vou negar a pauta ainda é financeira (DIRETORA DA ESCOLA ARAÇARI).

A nossa AEC é assim... hoje eu tenho dificuldade em fazer reunião com a AEC. Aliás deixa eu mudar a minha frase, eu não tenho dificuldade de fazer reunião com a AEC, mas eu tenho dificuldade com a frequência dos membros. Eu já fiz reunião com quatro membros, sendo que são 13 representantes. A participação deles é mínima e isso me incomoda porque precisamos de uma AEC atuante (DIRETORA DA ESCOLA CANARINHO).

A nossa AEC se reúne com frequência. A pauta geralmente é financeira, o que entrou e que vamos gastar (DIRETORA DA ESCOLA BEM-TE-VI).

As AEC's são mecanismos de autonomia e apoio ao trabalho do diretor. Em São Mateus, são reunidas basicamente para tratar de questões financeiras e aprovação de prestação de contas. Paro (2000, p. 10) menciona que “[...] a escola é reprodutora de ideologia dominante e sua transformação passa por sua apropriação por parte das camadas trabalhadoras”. Um instrumento para quebra desse paradigma são as associações escolas comunidades, desde que tenha seu funcionamento contemplando as três dimensões da autonomia. Alguns depoimentos revelam, mesmo que timidamente, que outros assuntos são inseridos na pauta:

A gente decide na AEC se vamos encaminhar aluno para Conselho Tutelar. Encaminhamos também pedido de professores. Por exemplo, os professores sugeriram que adotássemos calça no uniforme. Fiz reunião com a AEC que aprovou. Os pais, no começo, vinham reclamar, mas avisava que era decisão da AEC, com o tempo se acostumaram (DIRETORA DA ESCOLA COLIBRI).

O Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos (BRASIL, 2004, p. 37) avulta ser o colegiado um instrumento que representa os anseios da comunidade, “[...] não de legitimação da voz da direção”. Numa decisão coletiva, não apenas professores devem ser ouvidos, e sim toda a comunidade escolar, visto que nas AEC's há representantes de cada seguimento, como explica a diretora da Escola Uirapuru:

Normalmente aqui quem participa dos processos decisórios é AEC que tem um representante de cada segmento. Tem assuntos complexos que só decido com a AEC. E assuntos pequenos como, por exemplo, o uniforme da banda marcial. Fizemos uma reunião com a AEC e também com os pais dos alunos da banda. Agora na revisão do projeto político-pedagógico, vou dar um questionário para eles responderem (DIRETORA DA ESCOLA UIRAPURU).

Em consonância, Paro (2000, p. 34) alude que, o “[...] conselho de escola, instituído presumivelmente para esse fim, mostra-se, na maioria das vezes, totalmente inoperante, mergulhado numa estrutura avessa à participação e ao exercício da cidadania”. Isso significa que para tenha legitimidade tem que representar o interesse da maioria. Uma das principais tarefas da AEC, tendo como referência o Programa de fortalecimento dos conselhos escolares (BRASIL, 2004, p. 36), é “[...] ser a voz e o voto dos diferentes atores da escola, internos e externos, desde os diferentes pontos de vista, deliberando sobre a construção e a gestão de seu projeto político-pedagógico”.

Em duas escolas, o depoimento da diretora revela uma participação da AEC, envolvendo as três dimensões da autonomia pedagógica, financeira e administrativa:

Nossa AEC é bem presente. Nós tentamos manter com regularidade os encontros de pelo menos um mensal. A AEC se reúne com diversas finalidades. Há encontros que se destina analisar a chegada de recurso e levantamento de necessidades. Já teve ocasião que reunimos AEC mesmo sem chegada de recursos apenas para fazermos um planejamento quando o recurso chegasse. A gente reúne a equipe para pensar propostas da escola, festa junina, parcerias que a gente necessita. Reunimos AEC para alguma demanda da comunidade, por exemplo, quando pedem a escola para um evento. Vamos ter um evento agora de troca de cordões da capoeira. Ele vai acontecer na quadra na última semana de setembro, no final de semana e virá muita gente de outras cidades. Decido o empréstimo com a AEC para não ser a decisão da diretora e sim da escola. Às vezes, damos apoio também, como é um evento que envolve nossos alunos ajudamos na AEC, entrando em contato com as famílias que poderão hospedar os visitantes e ajudando de alguma forma (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

A nossa AEC é muito atuante. A gente tem um calendário de reunião mensal e caso seja preciso eles são convocados à

pauta para reuniões extraordinárias. Aqui participa de tudo, inclusive dos eixos do nosso projeto político-pedagógico. Independente de reunião a AEC tem voz atuante no dia a dia da escola [...]. Ela dá sustentação a todo trabalho que é feito pela escola (DIRETORA DA ESCOLA ANDORINHA).

As duas escolas em que os conselhos são mais atuantes, também apresentam maior avanço na construção e revisão do projeto político-pedagógico, até mesmo para a edificação desse documento, é preciso uma AEC atuante, já que ela se situa [...] “no espaço da defesa dos interesses coletivos, do projeto político-pedagógico da escola, que requer uma visão do todo, construída desde os diferentes pontos de vista das categorias que o constituem” (BRASIL, 2004, p. 58).

Ao conceber a autonomia na gestão escolar, a atuação do diretor é fundamental para construção e revisão do projeto político-pedagógico, regimento interno e atuação das AEC's. Para isso, é preciso que ele tenha uma gestão voltada para espaços abertos de debates e deliberações coletivas. Paro (2012) aponta como uma das vantagens de uma gestão escolar participativa, em que as decisões são no coletivo, mas apenas a democratização da escola, o fortalecimento dela diante da comunidade e de órgãos externos. E se a responsabilidade maior cair sobre a figura do diretor, cabe a ele ser comprometido com o poder de transformação social da classe trabalhadora pelo simples fato de ser um diretor de escola. O comprometimento é fundamental para a escolha dos caminhos que a escola irá trilhar, marcada por erros e acertos. Paro (2012, p. 219) acrescenta que o “[...] fundamental é a sua segurança quanto ao acerto na escolha do caminho, que é o mesmo trilhado pela classe trabalhadora em luta pela eliminação da dominação e das desigualdades sociais”.

## **A descentralização dos recursos financeiros**

A autonomia na gestão escolar também ocorre com a descentralização dos recursos financeiros. Lück (2012) explica que essa autonomia tem sido facilitada pelos sistemas de ensino que dotam as escolas de recursos financeiros para atender as necessidades do cotidiano. São considerados recursos aqueles repassados pelo Governo Federal, conforme a entidade mantenedora da esfera estadual ou municipal e aqueles arrecadados pelas AEC's, resultado de contribuições comunitárias, convênios ou outras formas de arrecadação.

Essa autonomia financeira se dá com a coparticipação do diretor com a AEC quanto à aplicação dos recursos recebidos que possuem autonomia para destinar os valores em conformidade com as necessidades da escola e do projeto político-pedagógico.

Embora a Lei do Proaufe preconize o repasse de recursos financeiros para as escolas em três parcelas, durante o ano, para compra de material de consumo e pequenos reparos, desde o ano de 2015, a municipalidade não cumpre na integralidade com o repasse dos recursos.

De acordo com os diretores entrevistados, as escolas, nos últimos quatro anos, receberam menos de 40% dos recursos da municipalidade necessários para a sua manutenção. A Constituição Federal (1988), no Artigo 213, assegura a descentralização de recursos públicos: “Os recursos públicos serão destinados às escolas públicas, podendo ser dirigidos às escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas definidos em lei”. No entanto, há falta de leis que regulamentem e obriguem as entidades mantenedoras a cumprir com os convênios firmados, permitindo o abandono financeiro às escolas, prejudicando a autonomia na gestão escolar nas três dimensões e exigindo do diretor habilidade de empreendedorismo para gerar recursos. “Você gera uma empresa dentro de uma instituição pública” (DIRETORA DA

ESCOLA SABIÁ). A situação chega a ser constrangedora para os diretores que, em vez decidir com sua comunidade escolar onde serão empregados os recursos, tem que gerar renda para manter o mínimo de funcionamento da escola pública, incluindo pagamento de serviço de contabilidade, sendo essa atribuição exclusiva da entidade mantenedora.

A gente tem uma cantina aqui, mas é o mínimo é uma ajuda que a gente tem. Os bingos que a gente realiza com as crianças. A financeira castiga mais a gente que não tem de onde tirar para atender a demanda da escola (DIRETORA DA ESCOLA ARAÇARI).

Embora a Lei Municipal 761/2009, no Art. 2º, autorize o executivo a repassar, por trimestre civil, recursos financeiros para as escolas da rede municipal, esse recurso não tem chegado a sua totalidade nas escolas, sobrecarregando as AEC's e os diretores, que devem gerar renda para manter a escola nas suas necessidades mínimas com papel, recarga de toner, produtos de limpeza e outros materiais de custeio indispensáveis para o funcionamento da escola:

A gente tem cantina vai tapando um buraco e um buraco ali. O poder aquisitivo das pessoas caiu muito principalmente a tarde que os alunos são mais carentes. O ano passado só veio uma parcela do Proaufe (DIRETORA DA ESCOLA COLIBRI).

A falta de repasse do recurso Proaufe tem prejudicado a autonomia na gestão escolar, problema constado inclusive na estrutura do prédio das escolas visitadas com a tinta muito desbotada e falta de cadeiras para os alunos sentarem. Na Escola Uirapuru, que tem o melhor Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da rede, não há um computador para uso do aluno. As escolas com uma estrutura física mais adequada tiveram que apelar para a comunidade, mantêm um calendário exaustivo de festas e rifas para angariar recursos:

É necessário junto com a AEC pensar como conseguir dinheiro. Precisávamos em 2014 sair do mimeógrafo. O recurso não dava para comprar uma máquina xerox (...). Fizemos uma festa junina para comprar uma copiadora (...). A gente faz cantina, rifa, festa, feijoada, festival de sorvete (...). Tudo para juntar dinheiro para a escola (DIRETORA DA ESCOLA SABIÁ).

O olhar do diretor está sempre na parte financeira, na preocupação de como pagará as contas da escola e de que fonte irá ter origem esse recurso. Ao mesmo tempo em que se cobra competência técnica do diretor para a correta administração dos recursos para que não responda processo administrativo, a precariedade das condições da escola reflete a ausência de autonomia financeira nas escolas: “[...] o problema da escola pública no país não é, na verdade, o da administração de recursos, mas o da falta de recursos” (PARO, 2012, p. 10). O endividamento das escolas é uma preocupação constante, percebemos em todas as entrevistas, exceto na Escola Bem-te-vi, que as contas estão em dia, mas com auxílio de outras fontes, como festas, rifas e cantina para controlar o financeiro da escola

“Aqui não devemos nada. Compro material tudo a vista quando chega o recurso, mas completo com cantina, rifa e festas. Fazemos prestação de contas de tudo” (DIRETORA DA ESCOLA BEM-TE-VI).

Não há como falar em autonomia financeira na gestão escolar sem a parceria entre a escola e a entidade mantenedora, porque sem recursos fica inviável manter as necessidades da escola, inclusive o financiamento do projeto político-pedagógico. As falas das diretoras apontam escolas em que boa parte dos recursos que entram na escola tem origem de rifas, bingos, cantina e festas.

## **Considerações finais**

Propiciar que toda a comunidade escolar decida os caminhos pelos quais a escola irá percorrer em que todos assumem a responsabilidade pelos erros e acertos é um desafio para o diretor de escola. Primeiro que os órgãos externos, funcionários, alunos e pais o veem como o detentor de poder, dono da última palavra, numa visão de hierarquia que tem seus fundamentos no modelo empresarial da sociedade capitalista. Autonomia não implica apenas delegar funções, e sim dividir poder, e nesse processo, democratizar a escola e promover uma gestão democrática.

Essa participação não é algo que o diretor conquista da “noite para o dia”, ela advém da intenção de profissional que assume a direção da escola. Como líder, mobiliza toda a escola para atuar com fins mais democráticos na construção do projeto político-pedagógico, o regimento interno e atuação dos colegiados. Por mais complexos que sejam esses instrumentos de autonomia, cabe ao diretor criar condições concretas que permitam a participação, numa relação de afetividade, tolerância, ética e bom clima escolar no interior da escola.

A finalidade maior de um diretor buscar autonomia para o seu trabalho ocorre para que a escola seja um instrumento de transformação social, oportunizando a todos, incluindo os mais pobres, promovendo o acesso à aprendizagem. Isso significa um comprometimento intencional pela eliminação das desigualdades sociais.

Analisando as entrevistas dos diretores da rede pública municipal de ensino fundamental em São Mateus, é preponderante afirmar que esses servidores são a sustentação da escola, com muitas atribuições, sendo eles responsáveis em gerar recursos financeiros para manterem as instituições por meios de rifas, bingos e festas, sendo uma prática considerada ilegal por muitas cidades brasileiras. Sendo o ensino público e gratuito, essas atividades de geração de renda fazem com que

as famílias contribuam financeiramente com as escolas de São Mateus, como se o ensino fosse privado, com mensalidades populares, sendo obrigação dos órgãos mantenedores o repasse correto de verbas para manutenção do ensino público, gratuito e obrigatório.

O fator tempo no calendário caracteriza-se como outro elemento que dificulta a construção do projeto político-pedagógico e do regimento interno. As escolas não têm autonomia para elaborar o calendário, ele segue um padrão aprovado pelo Conselho Municipal de Educação, e os diretores apresentam dificuldades para organizar o tempo para discussão, elaboração e revisão desse documento, que além da participação coletiva, exige competência técnica, estudo e planejamento.

Toda escola necessita de uma estrutura organizacional prevista no regimento e no projeto político-pedagógico. Abrir mãos desses documentos significa atuar sem uma visão de futuro, sem metas a serem alcançadas e problemas a serem resolvidos em curto, médio e longo prazo. Nesse sentido, o diretor escolar estaria mais na função de “apagar incêndios” do dia a dia a ter uma gestão planejada na coletividade.

Os colegiados, representados nessa pesquisa pela AEC, têm pouca atuação. As reuniões demonstram uma pauta voltada principalmente para o financeiro, até mesmo que a prestação de contas do município exige fotos que comprovem as reuniões. A autonomia e a gestão democrática ficam comprometidas nessas escolas, pois elas só ocorrerão na elaboração do projeto político-pedagógico e a implementação das associações para garantia da autonomia administrativa, pedagógica e financeira da escola. A participação da AEC não deve ser limitada com atuação de alguns membros que dão anuência de decisões já tomadas pelo diretor, sem qualquer participação coletiva.

O diretor de escola, quando tem sua gestão voltada para a participação, torna-se fortalecido, e conseqüentemente

fortalece a própria comunidade escolar, que poderá ser instrumento de luta para conquistas das unidades de ensino. Percebe-se que muitos avanços foram realizados nas escolas que optaram por uma gestão mais democrática.

Para garantia de uma gestão com mais autonomia, é relevante a participação de todos os integrantes dos segmentos da comunidade escolar, sentindo-se valorizados e sendo a base dos diretores na tomada de decisões. O diretor deve primar pelas relações horizontais de cooperação com interesses voltados para a aprendizagem dos alunos.

Espera-se que o resultado dessa pesquisa tenha permitido uma compreensão da autonomia na gestão escolar do município de São Mateus, na medida em que elucida os pontos fracos na conquista da gestão democrática. É preciso entender que o papel do diretor é importante para garantia dos mecanismos que asseguram a autonomia, em que o caminho deve ser traçado e trilhado por todos que almejam uma sociedade mais justa, humana e com equidade social.

Numa compreensão como ocorre a autonomia na gestão escolar, é evidente a mobilização coletiva, em que a comunidade escolar tenha o sentimento de pertencimento e venha se apoderar de mecanismos para democratização da escola, norteando as responsabilidades dos sujeitos no compromisso social da escola como lugar público e de excelência na construção do conhecimento.

## **Referências**

ALMEIDA, M. *Cultura, educação e imagens*. Campinas, Faculdade de Educação, da Unicamp, 2001 (notas de aula).

BARROSO, J. *O estudo da autonomia da escola: da autonomia decretada à autonomia construída*. In: BARROSO, João. *O estudo da Escola*. Porto: Porto Ed., 1996.

BRASIL. Lei Federal Nº 9.394 de 1996. *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.394%2C%20DE%2020%20DE%20DEZEMBRO%20DE%201996,e%20bases%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20nacional.&text=%C2%A7%201%C2%BA%20Esta%20Lei%20disciplina,trabalho%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20social>> . Acesso em 26 novembro 2018.

\_\_\_\_\_. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em 26 novembro 2018.

\_\_\_\_\_. *Conselhos escolares: democratização da escola e construção da cidadania*. MEC, Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. *Conselhos escolares: uma estratégia de gestão democrática na gestão pública*. MEC, Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. *Conselhos escolares: gestão democrática e escolha do diretor*. MEC, Brasília, 2004.

\_\_\_\_\_. Heloísa Lück. *A escola tem a cara de seu diretor*. 2008. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/conteudoJornal.html?idConteudo=93>>. Acesso em 12 dezembro 2018.

\_\_\_\_\_. *Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares*. MEC, Brasília, 2004. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce\\_gen.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_gen.pdf)>. Acesso em 12 dezembro 2018.

DALMAS, A. *Planejamento participativo na escola: elaboração e avaliação*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

DECLARAÇÃO DE JOMTIEN. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Satisfação das necessidades básicas da aprendizagem*, Jomtien – Tailândia. 1990.

GADOTTI, M. *A autonomia como estratégia da qualidade de ensino e a nova organização do trabalho na escola*. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CELESTINO JUNIOR, A. da S. *O espaço da administração no tempo da gestão*. In: MACHADO, Lourdes Marcelino; FERREIRA, Naura

*Autonomia na gestão escolar da rede pública municipal de ensino...*

Syria (org.). *Política e Gestão da Educação: Dois Olhares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora Alternativa, 2004.

LÜCK, H. *Concepções e processos democráticos de gestão educacional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *A gestão participativa na escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Gestão escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Liderança em gestão escolar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

*MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA DE 1932*. In: Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos. Brasília, vol. 65 (159), maio/ago, 1984, p. 407-425.

NEVES, C. M. de C. *Autonomia da escola pública: um enfoque operacional*. In: VEIGA, Ilma Passos A (Org.). *Projeto Político-Pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas, SP: Papirus, 1995. p, 102-107.

PARO, V. H. *Gestão democrática da escola pública*. São Paulo, SP: Ática, 2001.

\_\_\_\_\_. *Administração escolar. Introdução Crítica*. São Paulo, SP, Cortez Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. *Crítica à estrutura da escola*. São Paulo, SP, Cortez, 2017.

\_\_\_\_\_. *Educação para a democracia: o elemento que falta na discussão da qualidade do ensino*. Revista Portuguesa de Educação, vol. 13, 2000.

SÃO MATEUS. *Lei 761/2009*. São Mateus-ES, 2009.

TEIXEIRA, A. S. *Natureza e Função da Administração Escolar*. In: *CADERNOS de Administração Escolar* (I, II, III e IV) – I Simpósio Interamericano de Administração Escolar. Bahia, Salvador: ANPAE, 1968.

UNICEF. *Declaração Mundial sobre Educação para Todos* (Conferência de Jomtien - 1990). Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-mundial-sobre->

## *Latinidade*

educacao-para-todos-conferencia-de-jomtien-1990>. Acesso em 05 agosto 2019.

VEIGA, I. P. A (Org.). *Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível*. Campinas: Papirus, 1995.

VIEIRA, S. L. *Educação básica política e gestão da escola*. Brasília: Liber livro, 2009.

Recebido em: Janeiro 2020

Aceito para publicar em: Junho de 2020.





## Normas Editoriais

→ O autor do trabalho deve indicar seu nome completo, título acadêmico, vinculação institucional, bem como endereço completo para correspondência.

→ Os trabalhos devem ser enviados em disquete, Cd, pendrive, acompanhado de cópia impressa em papel.

→ O resumo e o abstract devem ter no máximo 10 linhas e vir acompanhados de 3 palavras = chaves/keywords.

→ Os artigos devem ter extensão máxima de 65 mil caracteres, digitados na fonte Times New Roman 12, com espaço 1,5 e margens de 2,5 cm.

→ Os destaques feitos no corpo do texto deverão ser feitos com aspas simples.

→ As palavras e expressões escritas em língua diferente daquela escolhida pelo

autor deverão aparecer em itálico, bem como os títulos de livros, revistas, jornais, instituições etc.

→ As citações até três (3) linhas deverão ser feitas no corpo do texto, com aspas duplas. As citações que ultrapassarem três (3) linhas deverão ser transcritas com recuo no texto, sem aspas.

→ Os destaques feitos pelo autor nas citações deverão ser indicados em negrito.

→ Os artigos devem ser acompanhados de resumos (em português, espanhol e inglês), com, aproximadamente, dez linhas e de cinco (5) palavras-chave (em português, espanhol e inglês).

→ Os originais podem ser remetidos em português, inglês, francês, espanhol ou italiano.

→ As resenhas críticas devem ter extensão máxima de 10 mil caracteres, digitados na fonte Times New Roman 12, com

espaço 1,5 e margens de 2,5 cm. As notas devem ser colocadas ao final da resenha. Latinidade\_2018\_2\_desbastado.indd 287  
11/06/2019 08:41:53

→ Todas as notas devem ser devidamente numeradas e colocadas ao final do texto, antes da bibliografia.

→ A bibliografia deve ter a seguinte apresentação:

Nome e SOBRENOME. Título do livro em itálico: subtítulo. Tradução, edição, cidade: Editora, ano, p. ou pp.

Nome e SOBRENOME. Título do capítulo ou parte do livro. In: Título do livro em itálico. Tradução, edição, cidade: Editora, ano, p. ou pp.

Nome e SOBRENOME. Título do Artigo entre aspas. Título do Periódico em itálico. Cidade: Editora, vol., fascículo, ano, p. ou pp.

→ Admitem-se as referências Id.ibidem e Op. cit., segundo as normas em utilização.

→ Todos os trabalhos serão submetidos a dois pareceristas. Os autores serão notificados da aceitação ou não dos respectivos trabalhos. O material remetido não será devolvido pela revista. Os trabalhos não aceitos estarão à disposição dos autores pelo prazo de seis meses, a contar da emissão do parecer.

→ Todos os artigos encaminhados fora destas normas serão enviados ao autor para as adaptações necessárias.

→ São automaticamente cedidos à revista os direitos autorais sobre os originais e traduções por ela publicados. Os dados e conceitos abordados nos artigos e resenhas são da exclusiva responsabilidade do autor.

→ Cada autor receberá, gratuitamente, cinco exemplares do número da revista que contenha seu artigo.